Ovídio



Metamorfoses

Seleta bilíngüe traduzida por Bocage com comentários e glossário



CONCRETA

COLEÇÃO CLÁSSICA

Ovídio

Metamorfoses
Seleta bilíngüe traduzida por Bocage

Apresentação e comentários:
Rafael Falcón



CONCRETA

COLEÇÃO CLÁSSICA

Metamorfoses de Ovídio (seleta)
Bocage

Título original do poema: *Metamorphoses*
Título original da tradução: *Das Metamorphoses, poema de P. Ovídio Nasão*

Os direitos desta edição pertencem à

EDITORA CONCRETA
Rua Barão do Gravataí, 342, portaria – Bairro Menino Deus – CEP: 90050-330
Porto Alegre – RS – Telefone: (51) 9916-1877 – e-mail: contato@editoraconcreta.com.br

EDITOR:
Renan Martins dos Santos

COORDENAÇÃO, APRESENTAÇÃO E COMENTÁRIOS:
Rafael Falcón

REVISÃO:
Emílio Costaguá

CAPA & EDITORAÇÃO:
Hugo de Santa Cruz

PINTURA DE CAPA:
A Abdução de Europa (1726-7),
de Noël-Nicolas Coypel (1690-1734)

DESENVOLVIMENTO DE EBOOK
Loope – design e publicações digitais
www.loope.com.br

FICHA CATALOGRÁFICA

Ovídio, Públio Naso, 43 a.C.-17? d.C.

O969m Metamorfoses [livro eletrônico] / tradução de Manuel Bocage, comentários de Rafael Falcón, edição de Renan Santos. – Porto Alegre, RS: Concreta, 2016.

ISBN 978-85-68962-11-4

1. Ficção. 2. Literatura latina. 3. Poesia. 4. Mitologia greco-romana. I. Título.

CDD-871.1


CONCRETA

www.editoraconcreta.com.br

COLEÇÃO CLÁSSICA

Para Italo Calvino, um clássico é aquele livro que, a cada releitura, oferece a mesma sensação de descoberta da primeira leitura. Isso equivale a dizer que os clássicos possuem muitas camadas de sentido, que são penetradas e absorvidas conforme a consciência do leitor amadurece – e, dialeticamente, favorecem o amadurecimento dessa mesma consciência. Livros assim constituem uma fonte sempre renovada de idéias, de inspirações, de perspectivas sobre os mais variados problemas da existência. Por isso, são o fundamento intelectual de toda sociedade: por meio deles, os cidadãos preparam suas próprias inteligências para avaliar o mundo ao redor, as circunstâncias sempre cambiantes, os casos particulares que não se submetem à fácil generalização.

A definição de Calvino abrange, sem dúvida, algum número de autores modernos e (por incrível que possa parecer nas atuais circunstâncias) até de contemporâneos. Não obstante, um punhado de gregos e romanos mereceu ser nomeado, por antonomásia, os *clássicos*. São obras como as de Homero, Sófocles, Horácio, Virgílio; Heródoto, Tito Lívio, Cícero, Demóstenes; Platão e Aristóteles. Luzes do mundo, faróis do intelecto, guias de almas nesta *selva selvaggia* que é a vida terrena. Os grandes homens de todo o Ocidente, desde a Floresta Negra até as Colunas de Hércules, e depois na América e na África, nutriram suas inteligências com esse vigoroso alimento durante mais de mil anos. Mesmo os orientais – indianos, russos, árabes, chineses – têm aprendido a admirá-los.

Mas nós nos esquecemos deles. "Não é preciso tamanha complicação", dissemos; "bastam-nos os resultados, as conseqüências – a vida prática não tolera tanta concentração, tanta espera, tanto treinamento". O mundo ocidental vem, há mais de um século, substituindo gradualmente os autores antigos por manuais mais adaptados ao gosto moderno; menos necessitados de explicações; mais claros ao nosso entendimento destreinado e, por isso mesmo, *menos clássicos*.

A antiga ciência da moral, com suas profundidades filosóficas, enfada nossos espíritos inclinados à ação política rápida e eficiente (jamais refletida); preferimos os panfletos de ideólogos, que não perdem nosso tempo em discussões abstratas e nos dizem concretamente o que fazer. Não por acaso o século XX, tempo de triunfo das ideologias, foi palco dos maiores genocídios da História. Hoje não damos mais Platão a nossos universitários, pois lhes é incompreensível, mas já não podemos substituí-lo por Marx, já que mesmo isto parece estar muito acima de suas forças; restam-lhes os almanaques, *blockbusters*, gesticular e grunhir.

O contexto é este: trevas e ranger de dentes. Sendo assim, a proposta desta coleção não é apenas republicar, pela milionésima vez, os livros imortais que devem ser republicados dez milhões de vezes; é também oferecer o aparato necessário para que os clássicos cumpram sua função de ser mais que livros. Queremos ressuscitá-los, pô-los diante do leitor, convidá-los a falar a língua de seus novos alunos. Por isso eles vêm traduzidos no português mais vivo, mais brasileiro, mais límpido e elegante, e não no dialeto pseudo-acadêmico em que escrevem hoje os tradutores – uma espécie de *Frankenstein* feito com peças mal costuradas de vários idiomas. Por isso também são acompanhados de notas, comentários, introduções e o que mais for necessário para reconstruir a ponte entre nós – mais precisamente, para permitir que eles nos eduquem.

O objetivo da Coleção Clássica, numa palavra, é trazer os clássicos de volta à vida. É integrá-los na consciência do brasileiro moderno, na expectativa – ou melhor, na certeza – de que darão agora os mesmos frutos que deram sempre, aprimorando o intelecto, a moralidade, as intenções e a eficácia das ações, a sociedade como um todo, enfim. Em última instância, pela educação nos clássicos se produzem novos clássicos, pois a genética não engana. Sêneca dizia que, embora não possamos escolher nossa família segundo a carne, podemos escolhê-la segundo o espírito. Sejamos, portanto, filhos dos nossos melhores pais.

RAFAEL FALCÓN
Coordenador da Coleção Clássica

AGRADECIMENTOS AOS COLABORADORES

Através de campanha no *website* da Concreta para financiar as *Metamorfoses*, 341 pessoas fizeram sua parte para que este livro se tornasse realidade, um gesto pelo qual lhes seremos eternamente gratos. A seguir, listamos aquelas que colaboraram para ter seus nomes divulgados nesta seção:

Aderson Rubim Ribeiro Jr.
Alberto de Lima Renzo
Allan Marcatti
Amantino de Moura
André Arthur Costa
André Bender Granemann
André Betzler de Oliveira Machado
André de Oliveira da Cruz
Anselmo Luís Ceregatto
Antonio Marcos Valim Sauna
Arno Alcântara Jr.
Augusto Carlos Pola Jr.
Bernardo Jordão Nogueira de Sá
Bruce Oliveira Carneiro
Bruno Diniz
Bruno José Queiroz Ceretta
Bruno Vallini
Caio Abdallah
Carlos Alberto Leite de Moura
Carlos Alexander de Souza Castro
Carlos Crusius
Carlos Nigro
Christopher Stimamilio
Cláudia Makia
Clotilde Grosskopf
Cristiano Gomes
Cristina Garabini
Dan de Azevedo
Daniel Aveline
Daniel Solano de Oliveira

Davide Lanfranchi
Deoclécio Filho
Diego Gonçalves de Araújo
Diego Ivo
Diego Pessi
Edinho Lima
Edmundo Santos Jr.
Eduardo dos Santos Silveira
Eduardo Fernandes
Eduardo Mohallem
Elpídio Fonseca
Emerson Silva
Everson Veras
Ewerton José Wantroba
Fábio Cavalcante
Fabio Dias
Fabio Florence
Fabio Furtado Pereira
Fabio Kurokawa
Fábio R. P. da Silva
Fábio Salgado de Carvalho
Felipe Aguiar
Felipe Corte Lima
Felipe Dal Prá de Franceschi
Ferdinando Costa
Fernando Lima Lopes
Francisco Rocha
Gabriel Henrique Knüpfer
Gabriela Kralik
Genesio da Silva Pereira
Genésio Saraiva
Gio Fabiano Voltolini Jr.
Giulia Lócio Mallmann Sampaio
Giuliano Carvalho
Grazielli Pozzi
Guilherme Batista Afonso Ferreira
Gustavo Alves Sousa
Gustavo Bertoche Guimaraes
Gustavo Costa

Henrique Montagner Fernandes
Humberto Campolina França Jr.
Ismael Alberto Schonhorst
Ivanor Bochi
Jardel de Souza da Silva
Jeanderson Oliveira
Jefferson Nascimento
Jefferson Zorzi Costa
Jefther Vieira
João Alberto de Pádua Bueno
João Castro
João Marcelo Silva Zigurate
João Marcos Costa
João Pedro Mello
João Pedro Souza Matos
João Romeiro
Jorge Donizetti Pereira
José Augusto Neto
Juliano Figueiredo de Mattos
Julio Belmonte
Julius Lima
Konrad Scorciapino
Leonardo Brito Arrais
Leonardo Gonçalves
Leonardo Valles Bento
Lucas Cardoso da Silva
Lucas Fischer Zapelini
Lucas Monachesi Rodrigues
Luciana Cristina Oliveira Costa Silva
Lucio Medeiros
Luiz Hamilton Soares
Lysandro Sandoval
Marcelo Assiz Ricci
Márcio André Martins Teixeira
Marcos Rangel Caetano
Marcus Michiles
Maria Rita de Aguiar
Mariana Hoffmann Junckes
Mário Jorge de Sousa Freire

Markian Kalinoski
Mateus Cruz
Mateus Mota Lima de Oliveira
Mateus Rauber Du Bois
Natanael Pereira Barros
Nei Afonso Ribeiro
Nicholas Augusto Gauto
Oacy Campelo
Orlando Tosetto
Ovidio Rovella
Paulo Henrique Brasil Ribeiro
Pedro Lopes
Pedro Teixeira
Rafael Lopes
Rafael Zorzi
Rafaella Ramos
Raul Lemos
Reginaldo Magro
Renan de Souza Paula
Renato Guimaraes
Rinaldo Oliveira Araújo de Faria
Rodolfo Melchior Lopes
Rodrigo Domenico
Rodrigo Dubal
Ronaldo Valentim
Rosele Martins dos Santos
Samuel da Silva Marcondes
Sérgio Eduardo
Silmar José Spinardi Franchi
Silvio José de Oliveira
Telma Manor
Thaislane Nascimento
Thiago Abras Cunha
Thiago Mafra de Oliveira
Thiago Rabelo
Tiago Cabral Barreira
Ugo Barberi Gnecco
Ullysses Josué Siqueira
Vanúsia Araújo

Vicente do Prado Tolezano
Victor Hugo Barboza
Victor Hugo Rubens
Vitor Colivati
Vitor Fonseca de Melo
Walter Andrade
Warly Alves de Souza Sobrinho
Wellington Hubner
William Abud Filho
William Bottazzini Rezende
Wilson Junior

EMPRESA COLABORADORA

TOLEZANO
ADVOGADOS

SUMÁRIO

Como usar este livro

RAFAEL FALCÓN

Os poemas neste volume foram escritos por um clássico da literatura latina, e traduzidos por um outro, da portuguesa. Trata-se, portanto, dum clássico elevado ao quadrado. E vendo tantas vezes a palavra "clássico", o leitor talvez se espante ao saber que esta edição não se destina a eruditos necrófilos, às traças de alguma biblioteca pública ou ao movimentado mercado dos "sebos" – donde saem e para onde voltam tantas vezes os mesmos volumes. O livro em tuas mãos, leitor, foi publicado para crianças e adultos, com ou sem curso superior, saudáveis ou doentes, com uma única condição: que tenham dentro de si o desejo sincero de estudar e aprender, de tornar-se cidadãos cultos, de absorver e retransmitir aos seus próximos a tradição cultural de que Ovídio e Bocage são representantes.

Não é segredo, exceto para os que se beneficiam do segredo, que o Brasil sofreu nas últimas décadas uma catástrofe cultural de dimensões espantosas, talvez mesmo inéditas – embora o *establishment* acadêmico e jornalístico, movido não sei por que interesses, insista em ignorá-las e fingir que tudo corre na mais perfeita normalidade. Segundo a minha experiência e a de muitos conhecidos, pode-se dizer que *não existe mais educação no Brasil*. Mais da metade dos estudantes universitários sofre de analfabetismo funcional, isto é, são *scholars* incapazes de ler e compreender um texto simples; boa parte dos professores universitários que conheci (todos doutores) tinham dificuldade de entender um parágrafo escrito em moldes tradicionais; no entanto, não são eles, os "intelectuais", a lutar contra o problema, pois estão ocupados com suas investigações específicas e cada vez mais irrelevantes. Por incrível que pareça, são as pessoas comuns, das mais variadas classes, que começam a perceber-se vítimas desse crime horrendo que é o abuso intelectual, não digo apenas por parte das escolas, mas também dos pais, dos opinadores, da indústria editorial. São elas que agora penam para saber como recuperar o tempo

perdido, como impedir que a praga da incultura se espalhe para seus filhos e netos. Para essas pessoas, principalmente, foi pensado este livro.

O mais importante, evidentemente, é o texto clássico, bilíngüe. Desnecessário dizer que o livro pode assim ser utilizado em duas disciplinas importantes da educação tradicional: o português e o latim. Acompanha-o amplo material auxiliar, que se concentra sobre o texto vernáculo, referindo-se ao latim somente quando assim se iluminam de algum modo o sentido e as virtudes da tradução. Portanto, este livro visa, em primeiro lugar, aos estudos de língua portuguesa.

Engana-se o leitor, no entanto, se supõe que aqui só aprenderá português. O assunto destes poemas é a mitologia greco-romana, contada por um grande poeta antigo e traduzida por um grande moderno. Além dos mitos em si mesmos (cujo valor para a imaginação e para a inteligência tem sido lembrado por muitos e bons autores), aprenderá com esses poetas lições morais, métodos de narração, técnicas de estilo, máximas de grande utilidade. A matéria (*res*) e o estilo (*verba*) são componentes da poesia; aqui a matéria são deuses e heróis, e o estilo é de Ovídio e Bocage – que talvez fosse exagero dizer serem, em suas respectivas literaturas, deuses; mas todos admitirão, ao menos, serem heróis, pois modelos atemporais. Aprenderá o leitor, portanto, a antiga disciplina da *grammatica*, com toda a abrangência que a torna uma antecâmara dos estudos filosóficos, já que inclui o estudo de língua, estilo, expressão, compreensão, exemplos morais e imaginação.

O material de apoio consiste, primeiro, de extensos comentários ao poema, esclarecendo cada um dos elementos já apontados: fraseado obscuro, inversões sintáticas, referências históricas, mitológicas ou literárias, técnicas de estilo, questões de decoro poético, cuidados e sutilezas que sugerem ou forçam alguma mudança na interpretação e na apreciação do poema. Em segundo lugar, um glossário cobrindo todos os mitos foi projetado, não só para consulta durante a leitura, mas também para auxiliar o leitor que deseje aumentar seu vocabulário. Ao fim da leitura de um poema, basta consultar o

glossário e verificar se ainda se lembra do sentido de todas as palavras ali presentes. As palavras escolhidas foram aquelas que pareceram raras no uso coloquial do português brasileiro, mas o leitor pode livremente adicionar outras no espaço restante da folha, usando-a como material de estudo. Em terceiro lugar, os mitos mais complexos são antecedidos por um parágrafo em prosa, que resume a narrativa em linguagem direta e sintaxe comum. Esses parágrafos, utilizados por pedagogos medievais e renascentistas, costumavam chamar-se "argumentos" do texto, por mostrarem apenas a medula da narrativa, despida de toda sofisticação. Recomendo ler o argumento atentamente antes de dirigir-se ao poema, pois de posse do contexto será mais fácil compreender os versos de Bocage, observando inclusive com mais admiração a sua maneira própria de contar a estória.

O ensaio introdutório sobre a obra destina-se àqueles que tenham mais profundo interesse em suas características literárias, e supõe certa familiaridade com o assunto. Ao público geral, recomendo que, se achar difícil compreendê-lo, simplesmente o ignore, dirigindo-se logo ao texto de Bocage. Depois de lida a obra, o ensaio certamente parecerá mais inteligível. A seção "Sobre estes Comentários" também tem interesse mais específico, visando àqueles que desejem saber mais sobre os critérios e a tradição que orientaram meu trabalho neste livro. Pode ser serenamente ignorada pelos que prefiram ir diretamente ao poema.

É sumamente importante observar que este livro *não deve ser lido aos galopes*, como se seu objetivo fosse chegar ao fim. Nenhum texto bem-escrito, como nenhum convidado ilustre, deve jamais ser recebido com pressa, mas esta regra nunca é tão verdadeira quanto na poesia – o mais ilustre e elegante dos convidados. O leitor não ganhará nada por apressar-se; se seu objetivo for apenas conhecer a trama dos mitos aqui narrados, poderá lê-la nos resumos do material auxiliar, sem necessidade da poesia de Bocage. Se, porém, pretende usar o livro para estudo sério, a quantidade excessiva de leitura obstará à absorção das muitas lições que se tiram do texto. O melhor é ler pouco, repetidamente e em profundidade. Se possível, até saber cada verso de cor. Lembre-se que está lendo um clássico,

e não uma notícia ou romance policial. Ele lhe oferecerá prêmios únicos, mas precisa ser absorvido lentamente: não se bebe um bom vinho do mesmo modo que um suco de laranja, nem se comem as comidas finas como os pratos-feitos.

NOTA PARA OS *HOMESCHOOLERS* E (QUEIRA DEUS) UNS PROFESSORES

Os *homeschoolers*, isto é, aqueles pais que lutam contra o abuso intelectual praticado nas escolas do país, assumindo total responsabilidade pela educação de seus filhos, merecem um comentário especial. Este livro pode e deve ser usado para a educação das crianças, e digo ainda que deveria ser um dos primeiros a serem usados depois da alfabetização. Boa parte da literatura portuguesa (e estrangeira) depende do conhecimento da mitologia antiga, e não há melhor modo de conhecê-la do que pela pena de um autor clássico. Além disso, os pequenos devem ser instruídos em todas as minúcias da língua, do estilo, da interpretação de textos; para tanto, os pais têm à sua disposição o material auxiliar, que devem estudar com antecedência para esclarecer bem as dúvidas dos filhos. As *Metamorfoses* foram por muitos séculos a leitura favorita de crianças e adolescentes, o que faz delas um excelente começo para a educação literária, e o rico estilo de Bocage garantirá que, quando esses jovens leitores chegarem a Camões, não sintam qualquer estranheza.

Mais uma vez, chamo a atenção para o estatuto clássico destes textos. Não deve a criança "lê-los", e sim estudá-los; não devem os pais obrigá-la a ler mais que uns poucos versos – o número exato depende, naturalmente, do treinamento literário que ela já tenha a essa altura – e sempre com profundidade. Pode-se evitar, a princípio, a leitura propriamente literária, ignorando os comentários sobre estilo e estrutura, limitando-se talvez à simples gramática e ao vocabulário. Sem dúvida, estes aspectos já darão algum trabalho para os leitores de primeira viagem. Contudo, insisto que planejem, dentro de algum prazo, revelar à criança também as maravilhas da expressão poética e da interpretação aprofundada, para que ela compreenda que um texto é muito mais do que sua superfície. Insisto, igualmente, e mais ainda

do que no caso dos adultos, que as crianças memorizem e declamem alguns trechos seletos – quiçá escolhidos por elas mesmas. O esforço de eleger seus versos favoritos não deixa de ser um exercício de senso crítico, que ajuda muito a criar o autêntico gosto literário.

Dada a situação educacional do país, muitos adultos sentirão dificuldade de ler os versos com correção. Indico-lhes, portanto, que se trata de versos *decassílabos*, que devem sempre contar dez sílabas poéticas. Fazem uso freqüente da *sinérese*, isto é, pedem que pronunciemos alguns hiatos como se fossem ditongos (por exemplo, em vez de *pi-a-no*, *piá-no*). Uma boa gramática portuguesa tirará suas dúvidas sobre contagem de sílabas poéticas. O mais importante é que todos os versos sejam sempre pronunciados com aproximadamente a mesma duração total, e que as tônicas das palavras não sejam deslocadas.

Por fim, noto que, se a moralidade desses mitos pagãos pode soar estranha aos nossos ouvidos, não devemos ignorar que ela formou a imaginação de cristãos muito mais devotos que nós, tendo sido leitura favorita das escolas medievais. O período entre os séculos XII e XIII, em que viveram Dante e S. Tomás de Aquino, foi chamado recentemente de Idade Ovidiana, devido à imensa popularidade de que nosso poeta desfrutava então. Não faz mal algum a uma criança ouvir que Júpiter traía sua esposa rotineiramente, ou que Mercúrio enganou o próprio irmão no seu primeiro dia de nascido. Lembre-se de que nenhum de nós adora Júpiter e Mercúrio, e seus defeitos, portanto, não ofendem nossas religiões.

Pode-se considerar que alguns atos não devam ser nem mencionados perto de uma criança; que ela deva ser preservada até de imaginar a possibilidade de cometê-los. É uma teoria moral muito inovadora, esta que põe a culpa dos crimes humanos nas histórias infantis. Se não contássemos a nossos filhos que é possível roubar e matar, eles porventura seriam incapazes de fazer essas coisas, que o homem faz desde que o mundo é mundo? E por que com o adultério seria diferente? Aliás, se vamos mesmo poupar os ouvidos juvenis de toda maldade, que comecemos com as histórias mais escabrosas que lhes contamos. A pior de todas é esta: que Deus

encarnou e foi crucificado. Pois se alguém é capaz de narrar tal horror aos filhos, por que tem medo de falar-lhes dos pecados da mitologia antiga, todos bem menores que esse?

Não obstante, algumas cenas e ações podem ser difíceis demais de discutir com crianças de pouca idade. Toda criança entende o que é morte, o que é procriação, o que é dor. Mas um incesto, por exemplo, envolve conceitos sociais complexos, que talvez sejam mais apropriados à discussão com um adolescente. Recomendo efusivamente que os pais leiam os mitos antes de estudá-los com os filhos, para não terem de responder a perguntas que prefeririam adiar. Mas recordo-lhes, como professor e como pai, que as mais monstruosas tentações humanas, como todas as coisas importantes da vida, devem ser discutidas com os filhos. A literatura é uma maravilhosa oportunidade de vê-las em sua inteireza, com todas as suas conseqüências terríveis e seu simbolismo trágico. Nestes tempos tão ideológicos, é melhor que esses temas sejam examinados em casa, do que fora dela.

Essas mesmas observações poderiam ser direcionadas a professores que desejassem utilizar o livro em sala de aula; mas são pequenas minhas esperanças de que essa corporação iletrada e petulante abrigue ainda um número significativo de almas boas e humildes, dispostas a voltar aos estudos, para o bem de seus alunos. É mais fácil empurrar-lhes as últimas bobagens do mercado infanto-juvenil, fazê-las dançar *funk* e restringir sua imaginação a politicagens prosaicas como distribuição de lixo, racismo e não sei que outras preocupações de vereadores com as quais se violentam as criancinhas hoje. Oxalá meus (dói-me dizê-lo) colegas de profissão provem que estou errado, e ensinem suas crianças a recitar, interpretar e imitar um dos maiores escritores da língua pátria.

O POETA E SEU TRADUTOR

Sabe-se que os quinze tomos d'*As Metamorfoses* já haviam sido completados no ano 8 d. C., quando Ovídio foi exilado por ordem direta do *princeps* romano – Otávio Augusto. Nosso poeta era um versejador elegante, talentoso nas declamações escolares, mas de temperamento suscetível e vaidoso. Suas

obras elegíacas mostram experiência abundante da existência vagabunda que levavam os jovens endinheirados na Urbe, bem como de seu passatempo favorito: mulheres. As prostitutas estavam longe de ser as opções mais criminosas da juventude romana. O desafio verdadeiro era conquistar uma dama da nobreza, muitas vezes casada e mãe. Até um homem austero como Catão, segundo se contava, tinha elogiado um jovem ao vê-lo saindo do prostíbulo: "ao menos", observou o velho censor, "não mexe com as senhoras".

Talvez Ovídio tenha sido exilado por não escutar o conselho de Catão. Nota-se que Júlia, filha do imperador, sofreu a mesma pena, e na mesma época. Teria o poeta ousado tocar na família de Augusto? Seria um corruptor de donzelas? A imaginação popular fez dele esse juízo, transformando-o em pecador contrito: reconhecia-se em suas obras posteriores, as *Tristia* ("Tristezas") e as *Epistulae ex Ponto* ("Cartas do Mar"), o arrependimento e a penitência que, narrados após uma vida dissoluta, como que duplicam seu interesse. O que aconteceu de fato, ninguém o sabe: nas *Tristia*, Ovídio atribui sua pena a *carmen et crimen*, um poema e um crime, o que faz pensar que suas obras licenciosas possam ter servido ao menos de justificativa para um irado Augusto bani-lo de Roma para sempre.

Dezoito séculos depois, certo português, de família francesa, também levava uma vida romanesca – definiu-se num soneto como "devoto incensador de mil deidades (digo, de moças mil)". Famoso em Portugal pelas improvisações e modinhas, fora dotado de um talento tão espontâneo que (se acreditamos em seu testemunho um tanto estilizado) já se via desde a tenra infância:

> Das faixas infantis despido apenas,
> sentia o sacro fogo arder na mente;
> meu tenro coração 'inda inocente,
> iam ganhando as plácidas Camenas.
>
> Faces gentis, angélicas, serenas,
> de olhos suaves o volver fulgente,
> da idéia me extraíam de repente
> mil simples, maviosas cantilenas.

O mesmo gênero de verso se encontra em Ovídio, aliás, que nos conta, no livro IV das *Tristia*, como a Musa lhe forçava seus ofícios desde criança, e como suas frases infantis saíam naturalmente metrificadas, por força do ouvido talentoso. Há outras semelhanças entre os dois: para não mencionar as muitas alusões literárias do poeta recente ao mais antigo, lembro que, já adulto e expatriado em Goa, Bocage não hesitou em comparar seus sofrimentos aos do Sulmonense exilado entre os bárbaros do Mar Negro.

Esse gênero de testemunho poético, no entanto, pode ser facilmente desprezado sob o nome de *lugares comuns* – aquelas imagens e argumentos que aparecem em diversos textos ao longo da história humana, e que têm mais um papel expressivo, convencional, do que o de descrever fidedignamente uma experiência verdadeira. Mas não há como ignorar a semelhança entre os temperamentos dos poetas e – por que não dizê-lo? – entre suas características literárias. Estas são plenamente observáveis nos textos, e não podem ser totalmente explicadas pelo uso de lugares comuns. Afinal, fosse esse o caso, muitos contemporâneos de Bocage (e outros muitos de outros tempos) compartilhariam das semelhanças estilísticas com Ovídio; isso não ocorre de modo algum. Aliás, se falamos de contemporâneos, os gênios eram ali tão parecidos, que José Agostinho de Macedo comentou, sobre a tradução d'*As Metamorfoses*:

> Tu falaras assim, se Ovídio foras,
> ele falara assim, se o Tejo o vira.

Sucesso que não tocou a muitos outros tradutores de boa estirpe e grande talento, porque não possuíam a mesma comunhão de inclinações e talentos com o autor traduzido.

Bocage era, além de grande poeta (Olavo Bilac quis colocá-lo depois somente de Camões), tradutor inspirado. Não aceitaria o modo de traduzir que impera no mundo editorial hoje: servil, temeroso de erros pequenos e cego para as piores omissões. Que importa um Homero perfeitamente literal, sem o impacto, a luminosidade, o espírito do Homero grego? De que nos vale um Virgílio sem melancolia, sem doçura, sem o sabor espiritual e apocalíptico do latino? A tradução medíocre, mesmo que correta, não vale a pena. Vale-a o texto profundo,

vivo, luminoso, ainda que reflita algo mais que o original, ou até omita às vezes o que nele havia. A nulidade perfeita é menos perfeita que nula; o gênio defeituoso é menos defeituoso que gênio. O ideal poético de Bocage é o seguinte:

> Verter com melodia, ardor, pureza,
> o metro peregrino em luso metro,
> dos idiotismos aplanando o estorvo,
> d'um, d'outro idioma discernindo os gênios,
> o caráter do texto expor na glosa,
> próprio tornando, e natural o alheio.

Testemunho, com a pouca autoridade que me atribuírem, que não idealizou o que já fizera, mas fez o que antes idealizara. Sua tradução é, ela mesma, um clássico da literatura de língua portuguesa, que merece integralmente a atenção a ela dedicada nesta edição.

OVÍDIO E AS METAMORFOSES

Para aproveitar ao máximo a leitura de um poema, é preciso saber: 1) qual é seu objetivo; 2) quais são as convenções em que se apóia; 3) que vícios ele tem, para os evitarmos, e quais virtudes, para que as imitemos. Todos os itens exigem que compreendamos o poema como um todo, e cada um deles pode influenciar na investigação dos outros, mas a ordem de exposição mais conveniente é essa, com o objetivo do poema em primeiro lugar. Ora, se quisermos descobrir para que alguém escreveu o que quer que seja, devemos primeiro confiar no seu próprio testemunho, que se dá por meios implícitos e explícitos; dentre os implícitos, o mais significativo é a divisão da obra, que ora examinaremos.

Os quinze livros das *Metamorfoses* já foram divididos de muitos modos. Alguns dizem que são três seções de cinco livros cada: 1) Deuses; 2) Heróis; 3) Homens. Outros preferem ir de três em três, formando cinco conjuntos, em que o primeiro é chamado de "Divina Comédia" e o último é "Roma". Todas essas divisões, porém, desapontam-nos rapidamente quando olhamos para o poema. Há nos críticos acadêmicos excessivo desejo de analisar Ovídio nos mesmos moldes da geração que o precedeu: Horácio, Virgílio, Propércio, Tibulo, todos adotaram o padrão de qualidade da

poesia grega helenística, que exigia planejamento estrutural e cuidado nos detalhes. Mas o Sulmonense é de outra geração; e se é verdade que conhecia os preceitos helenísticos, nem por isso deixava de desprezá-los quando julgava conveniente.

Embora as *Metamorfoses* não possuam divisões claras, certamente há nelas alguma ordem geral. Os primeiros livros dizem respeito aos mitos primordiais, como a criação do mundo e o grande dilúvio; os últimos envolvem cada vez mais a história e a religião de Roma. No miolo, temos dezenas de narrativas que conectam os dois extremos, não só temporalmente, mas também por semelhança de temas e pelas ligações entre personagens. Para chegar a Roma, passa-se por Enéias; para chegar a Enéias, por Tróia; etc. Esse princípio já estava dado no início do poema, que diz, num misto de invocação e proposição:

> di (...), primaque ab origine mundi
> Ad mea perpetuum deducite tempora carmen.[1]

Prima mundi origo é, justamente, o começo da obra, que trata da Criação; os *mea tempora* não são outros, senão a construção da sociedade romana, incluindo mitos recentes como a transformação de Júlio César em cometa. Pode parecer absurdo que o princípio de unidade do livro seja a história inteira, *desde a criação do mundo até meus tempos*; certamente é, e certamente foi essa a intenção de Ovídio. Tendo sofrido, desde a juventude, a influência opressiva de teóricos consagrados como (neste caso, talvez só indiretamente, por intermédio dos intelectuais alexandrinos) Aristóteles – que exigia pertinência de cada parte do poema ao todo – não deixa de ser inteligente libertar-se dessa mesma influência, não com gritos de rebeldia, mas por meio duma piada. “Se o bom poema deve ter unidade”, diz Ovídio, “aí está a minha: a unidade de tudo o que existe”.

Entretanto, não nos deixemos enganar pela superfície cômica. Apesar da multiplicidade quase inabarcável de personagens e histórias, as *Metamorfoses* não são sobre *tudo*; não compõem um Caos como aquele em que, segundo o poeta, o universo começara, com todos os elementos misturados, sem que nenhum se distinguisse dos outros. Mesmo que não tivesse unidade temática, possuiria destino e começo definidos;

entretanto, a verdade é que seu assunto também não é completamente aberto. Retornemos à proposição, e desta vez aos primeiríssimos versos:

In nova fert animus mutatas dicere formas
Corpora.

Dicere formas in nova corpora mutatas, "falar de figuras que se mudaram em novos corpos", é o propósito das *Metamorfoses*; e seu assunto receberá limites formais de começo e fim, respectivamente, na origem do mundo e na evolução de Roma. O tema, então, como o título já indicava, são as *transformações* ao longo da *história universal*, que abrange uma etapa cósmica, e outra, humana. Para a crítica literária, a significância dessa proposta é enorme, porque ela consiste em virar do avesso a noção aristotélica de unidade, sem no entanto abandoná-la nominalmente. Senão vejamos: enquanto Aristóteles falava de *ação una* e *unidade de personagem* – como, por exemplo, na Odisséia temos um herói, Ulisses, e sua ação, retornar ao lar – admitindo, no desenvolvimento dessa narrativa, mudanças de lugar e de contexto, contanto que sejam orientadas pela ação principal; Ovídio propõe, bem ao contrário, que as personagens e ações sejam alteradas sem parar, e o que permaneça como força organizadora seja a mudança *ela mesma*: a mudança como forma. O acidente é colocado no lugar da substância, e vice-versa. E para isso não lhe falta nem mesmo a justificativa filosófica, que é de Heráclito, mas vem, ao fim do poema, pela boca de Pitágoras: *cuncta fluunt*, tudo flui. "Todo o mundo é composto de mudanças", como lembrou Camões, e a inconstância é a essência da História, segundo impressão de Boécio.

Não elevemos, porém, as *Metamorfoses* a alturas filosóficas, que não lhes pertencem; a doutrina do eterno fluxo não passa, aqui, de uma desculpa, ou melhor ainda, uma variação, entre outras, na forma escolhida por Ovídio. As doutrinas também se transformam. Nosso poema não é defesa de tese alguma, mas um experimento poético; e seu objetivo (que não se deve confundir com a *proposta* discutida anteriormente) não é apresentar "transformações", mas "variações" – mais precisamente, histórias variadas, segundo o gosto do poeta e

de sua época. Em outras palavras, a *forma mentis* de Virgílio e Horácio, que exigia dos poemas certa transcendência, certa (vamos chamá-la assim) *metafísica*, não encontra eco neste filho de Sulmona. O assunto dos poemas é meio, instrumento; os poemas em si mesmos são o fim. E o que são poemas? Expressões lingüísticas; comunicação. Ovídio escreve porque precisa falar, e é lido porque outros querem ouvir. Se a *Eneida* será sempre respeitada e admirada, porque seu tema é importante e o tratamento dado a ele é genial, as *Metamorfoses* sempre fascinarão, porque seu tema é interessante, e o narrador também.

Para compreender melhor o espírito de Ovídio, pode-se olhar para os muitos admiradores que angariou em tempos recentes. Alguns chegam a dizer que estamos numa segunda *aetas Ovidiana*, por causa do renovado interesse de escritores e artistas na obra do Nasão; e mesmo na universidade, que poderia parecer uma instituição desligada das modas culturais, nenhum poeta antigo é mais elogiado.

Não obstante, as muitas defesas que se têm feito de sua poesia carecem sempre de qualquer menção a *finalidade*. Para que escreveu Ovídio? Que riqueza seus versos nos trazem? As respostas são oblíquas: fala-se de *fascínio*, *interesse*, *engenho*. São termos que, isolados de noções mais profundas, soam como floreios. Sinto a tentação de replicar: então vocês o consideram *entretenimento*? E não tenho dúvidas de que boa parte do auditório responderia um sonoro "sim". De fato, a admiração de muitos de seus seguidores parece reduzir-se ao prazer que sentem ao lê-lo, assim, quase como passatempo.

Há, sem dúvida, uma camada de interesse aparentemente mais profunda. Aqui se discute a *narratologia* ovidiana, os *jogos de linguagem*, e, pasmem – não cito nomes porque não quero estimular que os leiam –, fala-se dele como poeta *pós-moderno*. Ovídio está interessado na arte de contar histórias, dizem esses estudiosos, *e não na realidade* (juro por Deus: li num livro acadêmico, exatamente nesses termos). Além disso, continuam, seus poemas estão repletos de *auto-ironia* e *metalinguagem*.

Referem-se eles, por exemplo, à conclusão das *Metamorfoses*, em que nosso poeta profetiza: *ore legar populi perque omnia*

saecula fama vivam, “serei lido pela boca do povo, e viverei, em minha fama, por todos os séculos”. Um professor americano muito respeitável gastou algumas páginas para explicar, extasiado, que essa passagem é metalingüística, e se atualiza como verdade no momento mesmo em que o leitor a recita. Ele a considera uma brincadeira engenhosa; mas a “brincadeira” em questão é mortalmente séria. Ao ler esses versos, estou *mesmo* confirmando a permanência da obra: a consciência humana está se atualizando e rejuvenescendo com a arte. A seriedade dessa experiência é atestada pela sua condensação em lugar-comum, que o nada “pós-moderno” Horácio usara antes nas *Odes*, e Shakespeare usaria depois em seus *Sonetos*. Aparentemente, só Ovídio tem o privilégio de ser lido sempre como um comediante de *stand-up* que deseja impressionar seu auditório.

Não se trata, é claro, de negar o freqüente uso do humor em seus versos. Para retornar à proposição das *Metamorfoses*, ali mesmo já se podem encontrar exemplos de piadas e metalinguagem. Quando o poeta diz: *in nova fert animus mutatas dicere formas*, constrói o que parece ser já um período completo, que se poderia traduzir assim: “tenho ganas de novidades: falar sobre formas que foram trocadas”. A expressão *animus fert* tem algo de vulgar, como a nossa “deu-me vontade”; é imprópria para a poesia épica, e mais ainda para o primeiro verso do poema, que deveria ser uma espécie de símbolo da obra inteira. O uso de *nova*, aqui entendida como “novidades”, amplifica essa quebra de decoro, pois novidades, em meios tradicionais, são vistas com desconfiança, e nada pode ser mais tradicional que uma epopéia.

A situação piora quando passamos ao segundo verso e vemos a palavra *corpora* a invadir o verso anterior, forçando-nos a reinterpretá-lo. Embora já parecesse completo em si mesmo, recebe agora um elemento novo que só faz sentido se nele inserido retroativamente. O novo período é *animus fert dicere formas in nova corpora mutatas*. *Nova* deixou de ser um adjetivo neutro solitário, com sentido substantivado de “novidades”, e passou a qualificar o substantivo *corpora*. “Tenho ganas de falar de formas mudadas em corpos novos”,

lemos agora, e compreendemos qual é o tema do livro. Não obstante, a brincadeira é inequívoca: Ovídio *quis* criar essa confusãozinha na mente do leitor, que mesmo no século XXI ainda ouve ecos do seu riso. Ao ser lido pela boca do povo, o humor do poeta volta à vida junto com ele.

Somadas essas características, fica muito claro que o Sulmonense não queria escrever o que seus contemporâneos chamavam de poesia épica. Ele se recusa a aceitar o tom e as limitações do gênero. No entanto, escolheu o hexâmetro dactílico, que é próprio da épica; seu poema é narrativo, e a epopéia é o gênero narrativo por excelência; os personagens são heróis e deuses; etc. De fato, essa é uma das principais discussões acadêmicas sobre as *Metamorfoses*: se pertencem ou não ao gênero épico. Digo logo que a resposta, categórica, é *não*. Trata-se de outro gênero, inconcebível para a mentalidade romana tradicional; seu parente próximo são as *Fábulas* de Esopo e Fedro.

Os gêneros poéticos tradicionais são ritualísticos: o drama, como notou Aristóteles, surgiu para homenagear os deuses em seus festivais; a épica, para celebrar os feitos de reis e, neles, de suas nações; a lírica tinha lugar nos banquetes e encontros em geral, como festejo da vida e do amor. As *Metamorfoses* não possuem lugar tão definido, mas se eu tivesse de escolher um, seria em volta da lareira, com toda a família sentada, ouvindo o patriarca contar histórias fantásticas. Assim, dentre os grandes gêneros, o que lhe é mais semelhante é a lírica, apta às reuniões festivas. De fato, basta ler os poemas de Píndaro, e principalmente os hinos órficos ou homéricos, para perceber que, desde tempos imemoriais, cantar histórias de deuses e heróis era próprio da lira. E no entanto as *Metamorfoses* não são líricas. Fazem questão de não ser identificadas com gênero algum. No começo, parecem-se a um poema didático; depois lembram os hinos, quando começam as aventuras dos heróis; rapidamente se assemelham a tragédias, em mitos como o de Píramo e Tisbe; não obstante, ao aproximar-se dos tempos recentes, a épica assoma, sendo particularmente conspícua a "pequena *Eneida*" dos últimos livros.

Como fica claro nos seus primeiros dois versos, as *Metamorfoses* não admitem qualquer ambiente ritual. São

irreverentes como o próprio autor; variadas demais para lhes estabelecermos um contexto social que seja sempre apropriado; oscilam da leveza ridícula ao monstruoso e trágico. Podem ser lidas numa festa por amigos bêbados; por adolescentes enamorados sob uma árvore; pelo pai para os filhos, depois do jantar. Em todos os casos, lágrimas darão lugar a risos, e vice-versa; deve-se estar preparado para tudo, inclusive para o tédio (não raro criado intencionalmente pelo autor). Seu objetivo não é celebrar um deus, ou herói, ou valores mundanos; é contar histórias. Este é um poema que se compraz apenas em ser poema, em comunicar-se, em dar continuidade à confusa narrativa do mundo.

Dito isso, convém questionar a função dos mitos para Ovídio. Com o desenvolvimento da religião comparada, e mesmo de uma monumental *Filosofia da Mitologia* (Schelling), parecemos ter recuperado, intelectualmente, algo da experiência mitológica originária. O mito, segundo hoje entendemos, não é uma tentativa tosca de explicar fenômenos naturais, nem uma alegoria de acontecimentos históricos ou doutrinas filosóficas. É um grau de verdade, um tipo de expressão que não pode ser totalmente traduzida em termos prosaicos. Com efeito, sua origem se confunde com a da poesia. Assim, quando Júpiter se transforma em touro para raptar Europa, o touro é mais que um animal: é o poder mesmo do Rei dos Deuses que fecunda a humanidade em Creta, concedendo-lhe força e estabilidade para governar a Grécia. Os amores entre deuses e homens, para além de seu significado regional, adquirem estatuto simbólico: o touro é fixado como constelação, lembrando a todos que a realeza autêntica é filha do poder divino e sua representante no mundo sublunar.

Mas nosso poeta está aquém disso tudo. Para ele, o touro é só uma besta, e Júpiter, ao assumir essa forma, rebaixou-se – sua explicação é que o deus estava apaixonado demais para preocupar-se com sua própria dignidade...

Não obstante, deve-se reconhecer que, ao narrar os mitos, Ovídio mostra sensibilidade para o decoro: cada personagem fala em tom apropriado à sua posição no mundo e ao interlocutor do momento. Tampouco lhe falta preocupação

com a verossimilhança; e, de modo especial, tem ele grande habilidade nas análises psicológicas. Tudo isso demonstra que o mito não lhe interessava
como mistério, mas como narrativa. Os deuses, para ele, são "humanos superpoderosos", seres fantásticos, no sentido etimológico: produzidos pela imaginação. Mesmo os afetos divinos são de uma banalidade tediosa, em nada diferentes dos nossos. Basta comparar a ira de Júpiter, quando anuncia o dilúvio, com a de Juno na *Eneida*: apesar das insistentes descrições da terrível face irada, do assombro dos deuses restantes, etc., Ovídio não consegue (ou não quer) fazer a cólera divina parecer menos patética. A Juno virgiliana, por sua vez, apavora desde o primeiro contato, porque seu ódio não é definido, não é compreensível. É algo que provém muito menos dos pobres troianos que da própria Juno. É, em suma, sobrenatural.

Entretanto, o tratamento banalizante que Ovídio dá aos mitos não elimina sua essência, por assim dizer, *mitológica*, e muitas interpretações alegóricas e simbólicas foram feitas a partir das *Metamorfoses*. Cabe, então, reconhecer que o poeta não tirou nada dos mitos, e – bem ao contrário – enriqueceu-os com virtudes, que vão desde o estilo luminoso e variado até a requintada psicologia.

Em defesa de sua inteligência incomum, aliás, o Nasão merece que destaquemos seu enorme interesse pelas monstruosidades psicológicas. Geralmente as encontramos nas personagens femininas, pelas quais ele tem especial paixão: o desejo criminoso de Mirra, o colapso espiritual de Hécuba, a vingança terrível de Progne e Filomela. De algum modo, porém, a estupidez inexplicável e trágica de Orfeu e a perversidade irracional de Licáon apontam para o mesmo sentido, que é, *grosso modo*, o potencial humano para o absurdo; a experiência do inexplicável.

Creio, aliás, que esclarecerei bastante a relação de Ovídio com a mitologia, se analisar brevemente o tratamento dado por um acadêmico famoso ao caso de Licáon – que, segundo nosso poeta, foi transformado em lobo por causa da sua crueldade desumana. Em suma, como era lobo humano, Licáon tornou-se de humano em lobo. Cito e traduzo a leitura

que faz o acadêmico desse episódio: “esta metamorfose não é outra coisa senão uma metáfora tornada realidade, o que faz do mundo das *Metamorfoses* um reino onde a linguagem ganha vida”.

A metáfora pode ser vista como recurso de linguagem, sem dúvida. Ela consistiria, por exemplo, na aplicação de alguma espécie de complemento a um objeto que não o aceita literalmente: *Aquiles rugiu*, *o sol nasceu*, etc. Mas essa seria uma visão muito superficial do fenômeno. Caberia perguntar: *qual é o fundamento desse recurso da linguagem? O que permite sua inteligibilidade?* E a resposta inevitável é que a metáfora é mais que um fenômeno lingüístico – é uma analogia simbólica, um modo de pensar que unifica objetos aparentemente diversos, que descobre os princípios ocultos do cosmos, por meio da imaginação.

Portanto, se Licáon foi transformado em lobo, isso não é “uma metáfora tornada realidade”, já que a metáfora *sempre foi realidade*; é a manifestação *física* de uma característica que, antes, era apenas espiritual. O corpo reflete a alma, como a solução química do Dr. Jekyll traz à tona Mr. Hyde. A metáfora *deixou* de existir, precisamente porque chegou à sua forma mais plena de existência, que é o símbolo. Licáon já era um lobo antes da transformação, e isso não era um “jogo de linguagem”: era a verdade nua e crua. Mas agora a verdade possui forma visível. Não foi a linguagem, pois, que ganhou vida; foi a vida oculta que se revelou em linguagem. Ovídio não é um sofista cínico, brincando com palavras vazias, mas um poeta que chama, das profundezas da realidade, os segredos que merecem figurar em sua arte. Isso mostra que, não obstante quaisquer vícios que possamos encontrar em seus versos, há neles virtude bastante para justificar uma leitura atenta; mostra também quanto poder analítico e expressivo eles manifestam quando sua matéria é a psicologia humana.

Uma questão relacionada é a da pesada “retórica” ovidiana, que é igualmente admitida por admiradores e críticos acadêmicos. Os primeiros se referem a ela como “desconstrução do real”: exposição de vários pontos de vista e de camadas lingüísticas que parecem impossibilitar a chamada *leitura única*. Os segundos, cada dia mais raros, usam esse

termo para referir-se a procedimentos escolares que, ocasionalmente, empobrecem o realismo das personagens por recorrerem a estereótipos literários, ou ocupam versos demais com variações do mesmo tópico.

Ora, a suposta "desconstrução retórica do real" nada tem de retórica ou desconstrução; às vezes consiste em experimentos psicológicos, mas em geral não passa de simples brincadeira. Desconstrucionistas não sabem rir, e acham que todo grande escritor odeia a realidade tanto quanto eles, ao ponto de escrever quinze tomos de versos para destruí-la (por uma feliz e misteriosa lei da vida, desconstrucionistas não conseguem escrever poesia). Quanto ao "academicismo" de Ovídio, ele existe, mas não é tão freqüente que mereça as severas críticas que às vezes lhe fazem.

Há ainda um conceito próximo de "retórica" que merece menção: o artificialismo pedante, não raro misturado ao humor. Ovídio costuma brincar com convenções literárias e com o fluxo de leitura, como aliás já vimos, e também se entrega, por exemplo, a frases de efeito ou símiles grotescos – amiúde faz as duas coisas ao mesmo tempo. A esse respeito, Quintiliano estava certo ao sentenciar, em tom benévolo, mas severo, que Ovídio "carecia de seriedade mesmo nos versos heróicos, e se comprazia demais no seu próprio talento". Nesse breve período, o grande retor sintetizou os vícios mais relevantes da forma ovidiana, sem misturá-los com as recaídas escolares que confundem tão freqüentemente os críticos modernos (cuja tendência é chamar tudo, vagamente, de "retórica"). E ambos os defeitos são facilmente explicáveis como características de uma alma juvenil, inclinada à variedade, superficial, narcisista; um poeta elegíaco que já não conseguia perceber, por trás do conceptualismo properciano, os fundamentos simbólicos da elegia; um mitógrafo que não via sentido nos mitos; um desenhista a registrar coisas bonitas, as quais no entanto nunca pôde compreender.

A ênfase em conceitos como *auto-ironia*, *metalinguagem* e *narratologia* não passa, portanto, do velho modo acadêmico de sobrevalorizar suas próprias atividades, atribuindo a Ovídio o valor filosófico, muito superestimado no meio universitário, dum Jacques Derrida. Mais uma vez, alerto aos incautos que

não estou exagerando: há livros inteiros, lidos neste exato momento em cursos universitários de elevada reputação, que interpretam as ironias ovidianas como expressões duma teoria desconstrucionista da linguagem. Se meus colegas amam Derrida, pensam esses pretensos estudiosos, direi que o poeta é seu precursor; mas nem aquele vale coisa alguma, nem este merece o opróbrio de ser-lhe comparado.

Os mitos das *Metamorfoses* são, para Ovídio, uma oportunidade de contar histórias; mais que isso, de usá-las para explicar o mundo ao redor dos leitores, concedendo-lhe mais vida, mais música, melhores contornos. Daí, por exemplo, o uso das *etiologias* – narrativas que explicam a origem de algum dado presente, como o nome de um lugar, ou as cores de uma planta. Se o rouxinol era, primeiro, uma virgem violentada e coberta de sangue, suas cores ficam mais claras, e seu canto ganha uma significação mais rica. O estilo sofisticado e ousado serve perfeitamente a esse propósito, tornando o poema, de fato, a cara-metade do poeta que o escreveu.

Ovídio é um autor jovem, eternamente jovem, com defeitos e qualidades que são próprios da juventude. Nas *Metamorfoses*, descobriu uma matéria que lhe daria toda a variedade que desejava, e criou uma proposta formal que permitiu a liberdade necessária, sem por isso deixá-lo entregue a seus próprios caprichos. Ali suas potências encontraram perfeita expressão: conectando os mais de duzentos mitos que compõem a obra, foi tecendo para si a tapeçaria da imortalidade, e não deixará jamais de ser lido e amado por jovens e velhos de todas as culturas. Se Virgílio, com sua profundidade e reverência, sempre será o poeta favorito nas igrejas e escolas, Ovídio há-de ser eternamente *the people's choice*, como ele mesmo bem sabia: *legar*, profetizou no fim do poema, *ore populi*.

Sobre estes Comentários

Há algo de inovador, ou melhor, de renovador neste livro. Esta não é uma edição *anotada*, tampouco uma edição *crítica*. É uma edição *comentada*.

Atualmente, segundo pude verificar, as edições ditas

comentadas se destinam a discutir filologia, história e geografia. A maior parte dos comentários é elenco de hipóteses científicas, nem sempre seguido de alguma conclusão do comentador, e quase nunca útil à compreensão do texto literário. Supõe-se, porventura, que interpretar o texto é desnecessário? Eis o mistério: como podem esses comentadores, que são sempre professores universitários, ignorar que seus alunos (e não raro colegas) estão despreparados para interpretar um clássico? Talvez, por outro lado, os próprios comentadores não entendam ou não saibam explicar a obra que estudam. Minha imaginação não comporta muito mais, e temo que me concentrar num problema tão tosco por mais tempo possa reduzir minhas já limitadas capacidades mentais.

Talvez tenha sido a educação jesuíta a adiar a morte completa dos comentários escolares no Brasil: até a década de 50, ainda se viam edições didáticas dos clássicos latinos, com explicações moderadamente extensas, e amplo alcance editorial. Hoje, desconheço quem os faça. Não se fala do assunto, não se republicam as edições antigas. Há nas universidades um ar pesado em torno da coisa, um eco vago e anônimo de risadas ressentidas e acusações de diletantismo. Fala-se de fazer "um trabalho sério", e daí deduzimos, confusos, que Élio Donato não parece, a nossos professores, um exemplo a seguir nesse quesito. De Bernardo Silvestre, nem se fala. Ambos estavam aquém da seriedade científica atual.

Tenho enorme dificuldade de olhar para um professor universitário brasileiro e imaginar que ele tenha grau maior de consciência acadêmica do que Donato ou Bernardo Silvestre. Para ser absolutamente franco, acho que ambos (ou Plutarco, ou Crisipo) o olhariam com desprezo enquanto disserta, perante alunos pretensiosos e semi-analfabetos, sobre seriedade científica; sobre como as obras clássicas, hoje tão desatualizadas, devem ser vistas "em seu contexto", *e não* como modelos para as futuras. Sabendo o que sei sobre ambos os lados da disputa, imagino que, depois de ouvi-lo criticar seus trabalhos *ultrapassados*, os autores antigos apresentariam uma resposta devastadora que faria o coitado esconder-se

debaixo da cama por meses.

Não se trata de negar os grandes avanços da filologia ou de muitas outras técnicas importantes para as humanidades. Creio que os antigos assentiriam de bom grado a tais sucessos e, de posse do novo instrumental, reconheceriam haver muitos pequenos erros em suas obras publicadas. Mas nem por isso as repudiariam integralmente; nem por isso entenderiam por que hoje não se escrevem mais livros semelhantes. Diriam: "é verdade que errei na etimologia desta palavra enquanto explicava o sentido alegórico do texto, mas como exatamente é que aquele erro interfere essencialmente nesta explicação?". Ou: "de fato minha fonte sobre a localização do templo de Apolo estava errada, mas como isso invalida meus comentários ao estilo de Virgílio?". E, por fim: "o que tem mais valor: saber com exatidão alguma referência geográfica, ou descobrir os segredos literários e filosóficos de um poeta?".

Os acadêmicos farão pouco caso desses "segredos poéticos". Dirão que as análises são erradas, cientificamente desatualizadas. Que a alegoria indicada só existe na imaginação do comentador. Que o poema verdadeiro, em si mesmo e independentemente dessas explicações demasiado criativas, não passa duma coleção mesquinha de conhecimentos eruditos perfeitamente inócuos e desinteressantes.

Mas se Donato tivesse acreditado nisso por um só momento, nunca teria lido Terêncio. Se Bernardo Silvestre aceitasse essa tese, teria comprado qualquer livro, exceto a *Eneida*. A existência dos seus comentários é um dado, mais que bibliográfico, biográfico: significa que eles acreditavam que esses poemas valiam a pena de serem lidos por todos os homens – e não só por acadêmicos. Na verdade, por que pagaríamos um salário a algum especialista para melhorar a qualidade do texto, se não quiséssemos lê-lo por algum motivo superior aos do especialista? O estudo acadêmico dos clássicos, ele mesmo, perde a razão de ser, tão logo seja considerado o sentido supremo da leitura dos clássicos. Infelizmente, não sou bastante otimista para esperar que universitários entendam isso. Creio que ficariam perigosamente transtornados se suspeitassem que sua profissão

tem algum propósito.

Está claro, portanto, que ocorreu um distanciamento catastrófico entre os estudiosos dos clássicos e o público leitor ao qual, originalmente, eles deveriam servir. Esta é a explicação para o desaparecimento completo dos comentários didáticos. Não existe mais a menor pretensão de orientar um estudante dentro dos textos, de inspirar-lhe novas interpretações, de chamar sua atenção para este ou aquele elemento do estilo. O leitor é agora considerado, ou aspirante a erudito inculto, ou inculto sem aspiração a coisa alguma. Ocorre que eu não me sinto pertencente a nenhuma das duas categorias. A cultura não é, para mim, uma ficção, nem coisa inútil e meramente decorativa, nem sinônimo de diletantismo. Cultura é o adubo da inteligência, muito útil a todos os homens, dentro ou fora das universidades. Cultura é, também, o objetivo dos comentários em seu sentido tradicional.

Comentários, segundo entendo o termo, são diferentes de escólios e notas. São extensos, ocupando às vezes mais da metade das páginas; variam imensamente em escopo e profundidade; vão desde a reformulação de períodos sintaticamente complexos até as alturas da crítica literária e, não raro, da filosofia. Podem chegar mesmo à interpretação alegórica, embora eu, pessoalmente, tenha me eximido dessa prática, que julgo mais adaptada a filósofos do que a meros professores de literatura. O gênero dos comentários didáticos, em suma, conforme os pratiquei aqui, abrange todas as atividades da antiga arte chamada *grammatica*, que visava a dominar a estrutura completa da linguagem, e não prescindia, para esse fim, de nenhum conhecimento.

Como o gênero é ousado e muito livre, podem-se comparar os comentários a pequenos ensaios, escritos à margem das páginas. Não têm compromisso de provar o que dizem, porque se o tivessem, não diriam quase nada: basta um pouco de experiência acadêmica para saber quão pouco se aprende numa tese de doutorado, cuja obrigação é provar tudo o que diz – e, não obstante, quem as leu pode testemunhar quão raramente conseguem cumprir essa obrigação que, tomada em seu rigor total, é sobre-humana e absurda.

Opino também que tais comentários não têm sequer

pretensão de estarem totalmente certos, ou de serem a única resposta possível a alguma dúvida. Basta observar quantas vezes, nos autores clássicos do gênero, uma mesma pergunta é respondida com várias alternativas, dentre as quais nem sempre o comentador elege uma de sua preferência. Claramente, o pressuposto é que a mera consideração de várias possibilidades já auxilia na compreensão do trecho comentado, podendo o leitor escolher e desenvolver a interpretação que julgar mais provável. O critério que orienta as explicações é sempre o da utilidade.

E assim determino qual seja, segundo me parece, a principal função do gênero: sugerir interpretações mais profundas e variadas, espalhar sobre a inteligência do leitor sementes de novas leituras, sempre razoáveis e coerentes, que lhe mostrem como os autores clássicos podem revelar muito mais do que a superfície de seus textos prometia. Como tais autores não podem ser esgotados em tão pouco espaço, nenhum comentário se pretende definitivo; antes visa a despertar a inteligência, que com esse estímulo e treinamento saberá encontrar muitas outras coisas no que lê. Em última instância, a função de cada comentário é inspirar ao leitor outros comentários, novos, imprevisíveis, ilimitados.

O modelo que segui mais de perto foi Sérvio Honorato, célebre comentador da *Eneida*. Professor de literatura (ou melhor, de *grammatica*), publicou sua obra como coroamento da carreira, e obteve com ela a gratidão de muitos estudantes ao longo de mil anos. Não tenho, porém, nem a experiência nem a erudição de Sérvio. Por isso mesmo, não quis imitá-lo integralmente, já que a simples tentativa certamente equivaleria a fracasso. Em vez disso, concentrei-me naquela parte que nosso tempo mais sacrificou (para não dizer *eliminou completamente*), e deixei que outros estudiosos me guiassem, sem espírito de debate, no esclarecimento das referências históricas e geográficas.

Meus comentários incidiram primariamente sobre o texto português, o que talvez reduza sua utilidade para estudantes de latim, mas pareceu-me justo e urgente fazê-lo. Justo, porque muitos têm reconhecido o valor dessa tradução como literatura lusa, mas ninguém parece tê-la estudado como tal;

urgente, porque a língua portuguesa, tão vilipendiada, não pode desprezar a chance de conhecer uma obra importante da literatura clássica por intermédio duma forma ao mesmo tempo tão acessível e elegante. Assim, aprovo e estimulo que se imitem meus esforços em ambas as línguas; não obstante, tendo de escolher uma, preferi a última filha do Lácio, e não a sua mãe. De todo modo, o espírito ovidiano permanece no texto, e foi ele o objeto primário de minhas análises.

Embora tenha procurado esclarecer as referências literárias, dispensei-me de apontar alusões, que já eram abundantes no original e, na tradução, atingem até a literatura de língua portuguesa. Esse seria um enorme peso para acrescentar à minha já onerosa carga, e multiplicaria o volume do livro até ser necessário dividi-lo em dois. Também não acrescentei, a respeito de cada verso, referências posteriores feitas por clássicos da literatura, porque seria outro trabalho hercúleo – Shakespeare e Camões são apenas dois exemplos ilustres de autores que aludem metodicamente às *Metamorfoses*. O leitor não deve esquecer que este é um dos livros mais influentes de todos os tempos.

E como minha contribuição mais pessoal foram as análises literárias, digo também sobre elas algumas palavras. Julguei mais importante dar *alguma* explicação do que obter uma que parecesse inquestionável. Sempre que vi um trecho dúbio, impus a mim mesmo a obrigação de explicá-lo de algum modo razoável; e considerei que fazer vista grossa a qualquer passagem difícil seria covardia intelectual. Portanto, se errei, terá sido muito previsível; reivindico, nesse caso, o mérito de haver tentado onde outros se omitiram, e meu mérito será tanto maior, porque os omissos eram melhores e mais experientes que eu, e no entanto mais covardes. Assim, falhar onde outros acertaram é, talvez, perdoável; mas as expedições a terras virgens, mesmo quando fracassadas, são sempre meritórias.

De fato, meu objetivo secundário ao revitalizar o gênero foi inspirar outros, mais educados e disciplinados que eu, a emular meus esforços, corrigindo onde errei, acrescentando o que omiti, desenvolvendo onde comprimi. É da natureza mesma dos empreendimentos intelectuais que eles tenham

sempre de começar numa forma rude, barroca, que não se eterniza por sua perfeição, mas pelo mérito de ter sido a primeira, ou a mais inspiradora; de ter dado, enfim, origem ao novo movimento, cujas obras finais e mais perfeitas não poderiam prescindir de seu tosco começo. Assim, convido desde já os jovens lobos a destroçarem o líder da recém-iniciada alcatéia, tomando seu lugar. Mas se quiserem vencê-lo, aprendam antes com ele, e o derrubem com respeito, dando continuidade às suas lições, aperfeiçoando e não destruindo. Ele ficará feliz em ceder o posto.

Algo deve ser dito sobre o grau de confiabilidade acadêmica desta edição. Se há nela qualquer coisa do agrado de universitários profissionais, não estou ciente; encontrando-se alguma, clamo inocência. Se uma banca de doutores aprovar este livro, fique desde já estabelecido que o faz à minha revelia. Não lhes submeti coisa alguma e, com poucas exceções, não tenho o menor interesse em saber o que pensam, se é que ainda detêm um resquício dessa nobre faculdade. Se algum deles tiver a infelicidade de abrir este volume, deixo-lhe um útil aviso: não verá aqui nada que lhe interesse. Sofrerá muitos desgostos e irritações durante a leitura. Nada do que eu disser será acompanhado de demonstração – que é como seu clã pensa que todo escrito sério deve ser. Meu propósito neste livro é oferecer luzes à inteligência do leitor; não há nele espaço, nem em mim paciência, para convencer técnicos das letras, cuja mente já foi permanentemente blindada contra tudo o que se pareça a uma inspiração. Faça, portanto, um favor a si mesmo, e volte ao estudo das teses sempre idênticas de seus colegas; das suas demonstrações perfeitamente circulares; de sua clareza artificial; de suas verdades falsas.

1 "Ó deuses (...), conduzi este poema contínuo, desde a primeira origem do mundo até os meus próprios tempos". Esses estão entre os primeiros versos das *Metamorfoses*, os quais Bocage não traduziu. Ocorre que ele não parece ter-se proposto traduzir o poema inteiro: escolhia episódios e os vertia individualmente, não raro modificando o original para eliminar alusões aos trechos não traduzidos.

Os versos numerados que possuem comentários estão com links em seus números para os comentários localizados no final de cada capítulo. Os versos em português não numerados que possuem links para os comentários estão assinalados com um asterisco.

Entre ferros cantei, desfeito em pranto;
Valha a desculpa, se não vale o canto.
— O Tradutor

De Mvndi Origine (I, 5-162)

O mundo antes da intervenção divina era o Caos, uma massa informe dentro da qual lutavam os quatro elementos, sem que um conseguisse distinguir-se dos outros. Um deus desconhecido separa os elementos e assim ordena o universo. Em seguida, cria os seres vivos, que vão desde os deuses e estrelas até os menores animais e plantas. Para coroar a vida terrestre, inventa a partir de uma fagulha divina o homem, e se inicia a Era de Ouro. Porém, Saturno é desbancado por Júpiter, que destrói a primavera eterna, criando quatro estações. Seguem-se as demais Eras do mundo, com diversas raças de homens. A raça de ferro parecia a pior, pois com sua ambição e infidelidade corrompera a natureza e levara os deuses a abandonarem a Terra, mas do sangue de gigantes nasce uma raça ainda mais feroz.

ARTE: (a seguir) “A Criação do Mundo”, Ivan Aivazovsky, 1864



Ante mare et terras et quod tegit omnia caelum
unus erat toto naturae vultus in orbe,
quem dixere chaos: rudis indigestaque moles
nec quicquam nisi pondus iners congestaque eodem
non bene iunctarum discordia semina rerum.
nullus adhuc mundo praebebat lumina Titan,
nec nova crescendo reparabat cornua Phoebe,
nec circumfuso pendebat in aere tellus
ponderibus librata suis, nec bracchia longo
margine terrarum porrexerat Amphitrite;
utque erat et tellus illic et pontus et aer,
sic erat instabilis tellus, innabilis unda,
lucis egens aer; nulli sua forma manebat,
obstabatque aliis aliud, quia corpore in uno
frigida pugnabant calidis, umentia siccis,
mollia cum duris, sine pondere, habentia pondus.
Hanc deus et melior litem natura diremit.
nam caelo terras et terris abscidit undas
et liquidum spisso secrevit ab aere caelum.
quae postquam evolvit caecoque exemit acervo,
dissociata locis concordi pace ligavit:
ignea convexi vis et sine pondere caeli
emicuit summaque locum sibi fecit in arce;
proximus est aer illi levitate locoque;
densior his tellus elementaque grandia traxit
et pressa est gravitate sua; circumfluus umor
ultima possedit solidumque coercuit orbem.
Sic ubi dispositam quisquis fuit ille deorum
congeriem secuit sectamque in membra coegit,
principio terram, ne non aequalis ab omni
parte foret, magni speciem glomeravit in orbis.
tum freta diffundi rapidisque tumescere ventis
iussit et ambitae circumdare litora terrae;
addidit et fontes et stagna inmensa lacusque
fluminaque obliquis cinxit declivia ripis,
quae, diversa locis, partim sorbentur ab ipsa,
in mare perveniunt partim campoque recepta
liberioris aquae pro ripis litora pulsant.

iussit et extendi campos, subsidere valles,
fronde tegi silvas, lapidosos surgere montes,
utque duae dextra caelum totidemque sinistra
parte secant zonae, quinta est ardentior illis,
sic onus inclusum numero distinxit eodem
cura dei, totidemque plagae tellure premuntur.
quarum quae media est, non est habitabilis aestu;
nix tegit alta duas; totidem inter utramque locavit
temperiemque dedit mixta cum frigore flamma.

Inminet his aer, qui, quanto est pondere terrae
pondus aquae levius, tanto est onerosior igni.
illic et nebulas, illic consistere nubes
iussit et humanas motura tonitrua mentes
et cum fulminibus facientes fulgura ventos.

His quoque non passim mundi fabricator habendum
aera permisit; vix nunc obsistitur illis,
cum sua quisque regat diverso flamina tractu,
quin lanient mundum; tanta est discordia fratrum.
Eurus ad Auroram Nabataeaque regna recessit
Persidaque et radiis iuga subdita matutinis;
vesper et occiduo quae litora sole tepescunt,
proxima sunt Zephyro; Scythiam septemque triones
horrifer invasit Boreas; contraria tellus
nubibus adsiduis pluviaque madescit ab Austro.
haec super inposuit liquidum et gravitate carentem
aethera nec quicquam terrenae faecis habentem.

Vix ita limitibus dissaepserat omnia certis,
cum, quae pressa diu fuerant caligine caeca,
sidera coeperunt toto effervescere caelo;
neu regio foret ulla suis animalibus orba,
astra tenent caeleste solum formaeque deorum,
cesserunt nitidis habitandae piscibus undae,
terra feras cepit, volucres agitabilis aer.

Sanctius his animal mentisque capacius altae
deerat adhuc et quod dominari in cetera posset:
natus homo est, sive hunc divino semine fecit
ille opifex rerum, mundi melioris origo,
sive recens tellus seductaque nuper ab alto
aethere cognati retinebat semina caeli.

quam satus Iapeto, mixtam pluvialibus undis,
finxit in effigiem moderantum cuncta deorum,
pronaque cum spectent animalia cetera terram,
os homini sublime dedit caelumque videre
iussit et erectos ad sidera tollere vultus:
sic, modo quae fuerat rudis et sine imagine, tellus
induit ignotas hominum conversa figuras.
Aurea prima sata est aetas, quae vindice nullo,
sponte sua, sine lege fidem rectumque colebat.
poena metusque aberant, nec verba minantia fixo
aere legebantur, nec supplex turba timebat
iudicis ora sui, sed erant sine vindice tuti.
nondum caesa suis, peregrinum ut viseret orbem,
montibus in liquidas pinus descenderat undas,
nullaque mortales praeter sua litora norant;
nondum praecipites cingebant oppida fossae;
non tuba derecti, non aeris cornua flexi,
non galeae, non ensis erat: sine militis usu
mollia securae peragebant otia gentes.
ipsa quoque inmunis rastroque intacta nec ullis
saucia vomeribus per se dabat omnia tellus,
contentique cibis nullo cogente creatis
arbuteos fetus montanaque fraga legebant
cornaque et in duris haerentia mora rubetis
et quae deciderant patula Iovis arbore glandes.
ver erat aeternum, placidique tepentibus auris
mulcebant zephyri natos sine semine flores;
mox etiam fruges tellus inarata ferebat,
nec renovatus ager gravidis canebat aristis;
flumina iam lactis, iam flumina nectaris ibant,
flavaque de viridi stillabant ilice mella.
Postquam Saturno tenebrosa in Tartara misso
sub Iove mundus erat, subiit argentea proles,
auro deterior, fulvo pretiosior aere.
Iuppiter antiqui contraxit tempora veris
perque hiemes aestusque et inaequalis autumnos
et breve ver spatiis exegit quattuor annum.
tum primum siccis aer fervoribus ustus
canduit, et ventis glacies adstricta pependit;

tum primum subiere domos; domus antra fuerunt
et densi frutices et vinctae cortice virgae.
semina tum primum longis Cerealia sulcis
obruta sunt, pressique iugo gemuere iuvenci.
Tertia post illam successit aenea proles,
saevior ingeniis et ad horrida promptior arma,
non scelerata tamen; de duro est ultima ferro.
protinus inrupit venae peioris in aevum
omne nefas: fugere pudor verumque fidesque;
in quorum subiere locum fraudesque dolusque
insidiaeque et vis et amor sceleratus habendi.
vela dabant ventis nec adhuc bene noverat illos
navita, quaeque prius steterant in montibus altis,
fluctibus ignotis insultavere carinae,
communemque prius ceu lumina solis et auras
cautus humum longo signavit limite mensor.
nec tantum segetes alimentaque debita dives
poscebatur humus, sed itum est in viscera terrae,
quasque recondiderat Stygiisque admoverat umbris,
effodiuntur opes, inritamenta malorum.
iamque nocens ferrum ferroque nocentius aurum
prodierat, prodit bellum, quod pugnat utroque,
sanguineaque manu crepitantia concutit arma.
vivitur ex rapto: non hospes ab hospite tutus,
non socer a genero, fratrum quoque gratia rara est;
inminet exitio vir coniugis, illa mariti,
lurida terribiles miscent aconita novercae,
filius ante diem patrios inquirit in annos:
victa iacet pietas, et virgo caede madentis
ultima caelestum terras Astraea reliquit.
Neve foret terris securior arduus aether,
adfectasse ferunt regnum caeleste gigantas
altaque congestos struxisse ad sidera montis.
tum pater omnipotens misso perfregit Olympum
fulmine et excussit subiecto Pelion Ossae.
obruta mole sua cum corpora dira iacerent,
perfusam multo natorum sanguine Terram
immaduisse ferunt calidumque animasse cruorem
et, ne nulla suae stirpis monimenta manerent,

in faciem vertisse hominum; sed et illa propago
contemptrix superum saevaeque avidissima caedis
et violenta fuit: scires e sanguine natos.

Antes do mar, da terra, e céu que os cobre
Não tinha mais que um rosto a Natureza:
*Este era o Caos, massa indigesta, rude,
E consistente só n’um peso inerte.
Das cousas não bem juntas as discordes,
Priscas sementes em montão jaziam;
*O sol não dava claridade ao mundo.
Nem crescendo outra vez se reparavam
As pontas de marfim da nova lua.
Não pendias, ó terra, dentre os ares,
Na gravidade tua equilibrada,
Nem pelas grandes margens Anfitrite
Os espumosos braços dilatava.
*Ar, e pélago, e terra estavam mistos:
As águas eram pois inavegáveis,
Os ares negros, movediça a terra.
*Forma nenhuma em nenhum corpo havia,
E neles uma cousa a outra obstava,
Que em cada qual dos embriões enormes
Pugnavam frio e quente, úmido e seco,
Mole e duro, o que é leve e o que é pesado.

* Um Deus, outra mais alta Natureza,
À continua discórdia enfim põe termo:
* A terra extrai dos céus, o mar da terra,
E ao ar fluido e raro abstrai o espesso.
Depois que a mão divina arranca tudo
Do enredado montão, e o desenvolve,
* Em lugares diversos, que lhe assina,
Liga com mútua paz os corpos todos.
Súbito ao cume do convexo espaço
O fogo se remonta ardente, e leve;
A ele no lugar, na ligeireza
Próximo fica o ar; mais densa que ambos
A terra puxa os elementos vastos,
Da própria gravidade é comprimida.

O salitroso humor circunfluente
* A possui, a rodeia, a lambe e aperta.

* Assim, depois que o Deus (qualquer que fosse)
O grão corpo dispôs, quis dividi-lo
E membros lhe ordenou. Para que a terra
Não fosse desigual em parte alguma,
Por todas a compôs na forma de orbe.
Ao mar então mandou que se esparzisse,
Que ao sopro inchasse dos forçosos ventos,
E orgulhoso abrangesse as louras praias;
À mole orbicular deu fontes, lagos,
Rios cingindo com oblíquas margens,
Os quais, em parte absortos pelas terras
Várias, que vão regando, ao mar em parte
Chegam, e recebidos lá no espaço
De águas mais livres, e extensão mais ampla,
Em vez das margens assalteiam praias.

* O universal Factor tambem dissera:
* “Descei, ó vales, estendei-vos, campos,
Surgi, montanhas, enramai-vos, selvas!”
* Como o céu repartido à destra parte
Tem duas zonas, à sinistra duas,
E uma no centro mais fogosa que elas,
* Assim do Deus o próvido cuidado
Pôs iguais divisões no térreo globo;
Ele é composto de outras tantas plagas;
Aquela que das mais está no meio
Em calores inóspitos se abraza;
Alta neve enregela, e cobre duas;
Outras duas, porém, que entre elas ambas
O Nume situou, são moderadas,
* Misto o frio, e calor. Fica iminente
* A estas o ar, que assim como é mais leve
O peso d’água que da terra o peso,
Tanto mais peso coube ao ar que ao fogo.
Deus ordenou que as névoas, e que as nuvens
Errassem no inconstante, aéreo seio;
Que os ventos o habitassem, produtores
Dos penetrantes frios, que estremecem,

E os raios, os trovões, que o mundo aterram;
Mas o supremo autor não deu nos ares
Arbitrário poder aos duros ventos:
* Bem que rebentem de encontrados climas,
Resistir-se-lhes pode à fúria apenas,
Vedar que em turbilhões lacere o mundo:
Tanta é entre os irmãos a desavença!
* Euro foi sibilar ao céu da aurora,
Aos reinos Nabateus, à Pérsia, aos cumes
Que o raio da manhã primeiro alcança.
O Véspero, essas plagas, que se amornam
Com Febo ocidental, estão vizinhas
Ao Zéfiro amoroso; o fero Bóreas
Da Cítia fera, e dos Triões se apossa;
As regiões opostas umedece
Austro chuvoso com assíduas nuvens.
O Nume sobrepôs aos elementos
* O líquido, e sem peso éter brilhante,
Que das terrenas fezes nada envolve.

Logo que tudo com limites certos
Foi pela eterna destra sinalado,
* As estrelas, que opressas, que abafadas
Houve em si longamente a massa escura,
A arder por todo o céu principiaram;
* E porque não ficasse do universo
Alguma região desabitada,
* Astros e deuses tem o etéreo assento,
* O mar aos peixes nítidos é dado,
Aves ao ar, quadrúpedes à terra.
* A estes animais faltava um ente
Dotado de mais alta inteligência,
Ente, que a todos legislar pudesse:
Eis o homem nasce, e – ou tu, suprema Origem
De melhor Natureza, e quanto há nela,
Ou tu, pasmoso artífice, o formaste
Pura extração de divinal semente,
Ou a terra ainda nova, inda de fresco
Separada dos céus, lhe tinha o germe.
Com águas fluviais embrandecida,

Dela o filho de Jápeto afeiçoa,
Organiza porções, e as assemelha
Aos entes imortais, que regem tudo.
* As outras criaturas debruçadas
Olhando a terra estão; porém ao homem
O Factor conferiu sublime rosto,
Erguido, para o céu lhe deu que olhasse.

* A terra, pois, tão rude, e informe dantes,
Presenteou finalmente assim mudada,
As humanas, incógnitas figuras.

* Foi a primeira idade a idade de ouro:
Sem nenhum vingador, sem lei nenhuma
Culto à fé, e à justiça então se dava,
Ignoravam-se então castigo, e medo;
* Ameaços terríveis se não liam
No bronze abertos; súplice caterva
À face do juiz não palpitava:
Todos viviam sem juiz, sem dano.
* Inda nos pátrios montes decepado
Às ondas não baixava o pinho ingente
Para depois ir ver um mundo estranho:
De mais clima que o seu ninguém sabia.
Fossos ainda não cingiam muros,
As tubas, os clarins não ressoavam,
Nem armas, nem exércitos havia:
Sem eles os mortais de paz segura
Em ócios inocentes se gozavam.
* O ferro sulcador não a rompia,
E dava tudo a voluntária terra.
Contente do que brota sem cultura
Colhia a gente o montanhês morango,
Crespos medronhos, e as cerejas bravas,
Às duras silvas as amoras presas,
E as lisas produções de tênue casca,
Que da árvore de Júpiter caíam.
Eram todas as quadras primavera.
Mansos Favônios com sutil bafejo,
Com tépidos suspiros animavam
As flores, que sem germe então nasciam.

Viam-se enlourecer, vingar as messes
Nos campos nem roçados de adubio,
Em rios ir correndo o leite, o néctar;
E da verde azinheira estar caindo
O flavo mel em pegajosas gotas.
* Depois que foi Saturno exterminado
Ao Tártaro, e ficou a Jove o mundo,
Veio outra idade, se inferior à de ouro,
Superior à de cobre, a idade argêntea.
Jove contrai a primavera antiga,
Verões, invernos, desiguais outonos,
Curta e branda estação, que anime as flores,
O ano repartem, variando os tempos.
O ar então começou a escandecer-se,
E ao som dos ventos a enrijar-se a neve;
Os humanos então principiaram
A demandar guaridas, a ter lares:
Grutas, choupanas os seus lares foram.
Pela primeira vez o grão de Ceres
Se esparziu, se escondeu nos longos sulcos,
E oprimidos do jugo os bois gemeram.

* Às duas sucedeste, ênea prole,
De gênio mais feroz, mais pronto à guerra,
Mas não ímpio. – Eis a última, a de ferro.
Todo o horror, todo o mal rebentam dela.
Súbito fogem fé, pudor, verdade,
Ocupam-lhe o lugar mentira, astúcia,
A insultuosa força, a vil perfídia,
* Da posse e do poder o amor infando.
Velas o navegante aos ventos solta,
Aos ventos ainda bem não conhecidos;
* Longamente nas serras arraigado,
O lenho já comete ignotas vagas,
* A terra, que até'li de todos fora,
Como os ares, e o sol, por cauto dono
Já se abaliza com limite extenso.
Não se lhe pedem só devidos frutos,
Úteis searas, vai-se-lhe às entranhas,
Cavam-lhe o que sumiu na estígia sombra,

Cavam riquezas, incentivo a males.
* Já se desencantara o ferro infenso,
E o ouro inda pior: eis surge a Guerra,
Que, de ambos ajudada, espalha horrores,
* Vibrando as armas na sangüínea destra.
* Fervem os roubos: o hóspede seguro
Do hóspede não está, do genro o sogro;
A concórdia entre irmãos também é rara.
Tentam morte recíproca os esposos,
* As madrastas cruéis dispõem venenos,
Conta os dias paternos filho avaro,
Jaz vencida a piedade, e sai do mundo,
Do mundo ensangüentado a pura Astréia,
Depois que os outros deuses o abandonam.

* Para não ser mais livre o céu que a terra,
É fama que gigantes o assaltaram,
A etérea monarquia ambicionando,
Pondo até as estrelas monte em monte.
O padre onipotente, o sumo Jove
Nisto com raios esbroando o Olimpo,
Partindo o Pélio sotoposto ao Ossa,
Sobre o tropel sacrílego os derruba.
Esmagados c’o peso os feros corpos,
Diz-se que a terra, a mãe, no muito sangue
Dos filhos ensopada, o fez vivente;
Homens dele criou, porque a memória
Da progênie feroz permanecesse.

A nova geração também foi dura,
Dos numes foi também desprezadora,
Amiga da violência, e da matança,
Denotando que o sangue o ser lhe dera.

3. “Este era o Caos”: em grego, a palavra χάος, *cháos*, significava basicamente um espaço vazio, mas com uma aura simbólica que a aproximava do conceito de “abismo”. Na cosmogonia antiga, ela é usada para designar o estado primordial do mundo, uma espécie de massa amorfa, como mostra o poeta nos versos seguintes. Um dos traços dessa matéria bruta é que nela todos os elementos estão misturados até o ponto da indistinção. Daí o sentido mais recente da palavra “caos” como simples confusão.

3-4. “massa indigesta”: “Indigesto” deriva do latim *digero*, que significa separar, distribuir, ordenar. “Inerte” vem de *in* + *ars*, e originalmente significa “desprovido de arte”. “Rude” possuía sentido semelhante ao moderno, sugerindo falta de sofisticação ou até de educação. Os três adjetivos indicam a necessidade de um artífice, que tome essa matéria bruta em suas mãos e lhe confira a ordem e arte que lhe faltam. Esse artífice será Deus.

5-6. “Das cousas”: “as priscas e discordes sementes das cousas, não bem juntas, jaziam em montão”. A metáfora em “sementes das cousas” indica que, no Caos, os objetos do mundo já existiam, individualmente, em potência. Essas possibilidades se encontravam “não bem juntas”, isto é, desconexas; “juntar” deve ser entendido como “ligar” ou “conectar”, e o estado das coisas “mal juntas” é aquele em que os elementos do universo não se encaixam perfeitamente uns nos outros – numa palavra, a ausência do *cosmos*, da ordem universal.

7-16. “O sol”: Ao construir as orações desse trecho, em que busca descrever o Caos primordial, o poeta usa as coisas do mundo – o sol, a lua, o oceano, etc. – como sujeitos, enquanto nos predicados contradiz alguma de suas características essenciais. Assim, o sol não brilha, a lua não muda de fase, o mar não é navegável, e assim por diante. Ao tomar esses elementos como sujeitos, reforça a idéia de que eles já existiam no Caos; mas por lhes negar suas qualidades fundamentais, põe o leitor perplexo, sem saber como imaginá-los. É justamente o que quer o poeta: que *entendamos*, sem no entanto podermos *imaginar*; e a perplexidade do leitor, derivada desse modo de existência confuso e paradoxal, reflete a natureza mesma do Caos.

7-13. “O sol”: o sol, a lua, a terra e o oceano sugerem uma correspondência com os quatro elementos: fogo, ar, terra e água. O procedimento aqui é negar explicitamente alguma característica de cada elemento: o sol *não* dava claridade, etc.

14-16. “Ar, e pélago”: reforçada a idéia de mistura, o poeta volta a atribuir aos elementos características incoerentes, com uma diferença: a “água inavegável” e o “ar negro” não chocam a imaginação com a intensidade de um “sol que não brilha” ou do “oceano que não toca a praia”. Porém, a vagueza dos adjetivos não deve confundir o leitor: estas águas são inavegáveis, não no sentido comum de serem muito agitadas e perigosas, mas porque são sólidas e gasosas ao mesmo tempo que líquidas, isto é, não são águas no sentido atual do termo. A terra não é movediça por sofrer terremotos; ela é *instabilis*, isto é, não possui estabilidade, não permanece a mesma. Em suma, aqui também se trata de negar características essenciais dos elementos, embora os termos da negação se tornem mais abstratos.

17-21. “Forma nenhuma”: resumidos os versos anteriores na primeira oração, acrescenta-se a idéia de conflito interno. Pode-se entender a conjunção aditiva “e” com um sentido puramente complementar: *forma nenhuma em nenhum corpo havia, e além disso, dentro deles uma coisa a outra obstava*, etc. O mais razoável, porém, é atribuir a inexistência de forma à pugna dos atributos. Em outras palavras, é exatamente porque o quente e o frio brigam dentro da matéria que não se estabelece uma forma definida para a água e outra para a terra. O Divino Artífice resolverá o problema em seguida, separando o frio do quente e possibilitando a existência das coisas diversas. Assim, a conjunção “e” ganha força explicativa, equivalente a “pois”: *forma nenhuma em nenhum corpo havia, pois neles uma coisa a outra obstava*.

20-21. “frio e quente”: os quatro elementos são tradicionalmente definidos por uma combinação específica dos atributos “quente, frio, seco, úmido”. O fogo é quente e seco; o ar, quente e úmido; a água, fria e úmida; a terra, fria e seca. Além disso, eles se distribuem no espaço segundo seu peso, como descreverá o próprio poeta adiante, com o fogo por cima e a terra mais embaixo. Por que Ovídio destacou também os atributos “mole” e “duro”? Aparentemente, por não ter percebido que já eram abarcados, respectivamente, por “quente” e “frio”. Do ponto de vista simbólico, quente e frio não são medições de temperatura, mas modos de existência das coisas – o quente, daquilo que cresce e age; o frio, do que se recolhe e dorme. Assim também, o seco é ele mesmo e não se mistura, ao passo que o úmido se dissolve e adapta. “Duro”, portanto, seria “frio e seco” (a terra), enquanto “mole” se define como “frio e úmido” (água). Dificilmente seriam conceitos apropriados para descrever os quatro elementos, já que, devido a seu alto grau de concretude, só se aplicam a dois deles. Não parece, pois, que Ovídio estivesse ciente do verdadeiro sentido da classificação tradicional; ou, se estava, preferiu usar os termos em sentido vulgar, talvez porque não esperasse de seus leitores esse nível de interpretação.

22-37. “Um Deus”: o Divino Artífice, provavelmente inspirado no Demiurgo platônico (que, por sua vez, remonta a tradições mais antigas), ordena o Caos primordial e institui o cosmos como o conhecemos. O primeiro passo é separar os quatro elementos, pois é da diferença entre eles que surgirá a variedade harmoniosamente distribuída do nosso universo. No começo, tudo é unidade e, paradoxalmente, confusão. À medida que essa unidade vai dando lugar à multiplicidade, à medida que o Um vira muitos, surge a diferença; e da diferença corretamente distribuída vem a ordem. A compreensão ovidiana da criação do mundo tem pouco a ver com a do Gênesis, mas há uma matriz simbólica comum: no princípio, tudo

estava no pensamento divino, sem existência material (por isso no "vazio"). A criação do mundo dá dimensão material às coisas, removendo-as do seu estado ideal e, portanto, inaugurando a "divisão" cósmica. Porém, enquanto no paganismo se entendia muitas vezes que as coisas existiam de modo realmente separado (como parece ser o caso de Ovídio), no cristianismo permanece a noção de que todas as coisas, por diversas que pareçam, existem sempre na unidade de Deus, nunca se separando dela. O Um é a realidade, o "muitos" não passa de aparência.

24-25. "A terra": o Artífice "extrai" a terra dos céus, "abstrai" o "ar espesso" (atmosfera) ao "ar fluido" (éter). Ambos os verbos derivam do latim *traho*, "arrastar", com prefixos que indicam separação (*ex* / *ab*). A idéia de extração também confirma a imagem de Deus como um artista. O escultor supostamente "extrai" suas obras da pedra. Essa imagem, mais popular, foi invertida na famosa resposta de Michelangelo ao Papa, quando lhe perguntou como conseguira esculpir o *Davi*: "apenas tirei do mármore tudo o que não era Davi". De um modo ou de outro, a arte sempre promove a "separação" entre matéria bruta e forma final.

28. "assina": no sentido de "assinala". Do latim *ad* + *signo*, marcar com um sinal para uma finalidade específica. Deus assinala um lugar para cada elemento.

30-37. "Súbito": os quatro elementos, após a separação, são distribuídos segundo seu peso. Embora a ordem do mais rarefeito para o mais denso seja *fogo, ar, água e terra*, Ovídio põe a água por último sob o pretexto de que ela circunda a terra, forçando o leitor a concluir o movimento imaginativo de *descida* com um de *expansão* e *diluição*. Assim, demonstra uma sua qualidade sempre lembrada pelos críticos: o domínio do foco imaginativo, da "câmera mental".

37. "A possui": atente-se à progressão dos verbos. Começando na síntese ("possui"), o verso desce à dimensão espacial horizontal ("rodeia"), torna-se movimento e sensação ("lambe") e, por fim, intervenção muscular ("aperta"). Em latim, apenas a primeira e a última ação estão presentes (*possedit* e *coercuit*). Aqui a tradução supera o original; não obstante, uma vez que a superação se dá pelo uso da técnica ovidiana de controle do foco imaginativo, não se pode dizer que tenha sido *infiel* ao original. Bocage foi mais Ovídio que Ovídio.

38-52. "Assim": neste trecho é de admirar a pintura geográfica, cheia de movimento e vida, como é próprio do poeta romano.

53-81. "O universal Factor": duas distribuições fundamentais feitas por Deus. A primeira diz respeito às zonas climáticas (duas frígidas, duas temperadas e uma tórrida). A segunda, aos ventos.

54-55. "Descei": é de notar como o Criador se vale do imperativo para dar forma ao mundo, simbolizando a imposição da sua vontade sobre a matéria, sem necessidade de um instrumento ou de qualquer tipo de esforço. Também no Gênesis é assim.

56-58. "Como o céu": o poeta observa que o céu possui duas zonas à direita, duas à esquerda, e uma no centro; são precisamente as nossas regiões polares, temperadas e equatorial. Por que à direita e à esquerda, se nós as estudamos como estando em cima e embaixo? Mera questão de perspectiva. Espante-se o leitor ou não, nos tempos de Ovídio a Europa só se conhecia a si mesma, mais algumas léguas ao Oriente e ao Sul. Como, então, sabia ele da existência de dois pólos, e de uma outra região temperada? Tais eram os poderes da astrologia antiga.

59-67. "Assim do Deus": refere-se Ovídio a duas organizações, uma do céu e outra da terra, ambas em cinco partes. A parte do meio corresponde à zona equatorial, onde o calor seria insuportável e a vida não seria possível (hoje sabemos que ela é possível, embora alguns a considerem inviável); as duas secções do meio são temperadas, enquanto as extremas são as polares – cujo frio intenso também proibiria a vida. Ao homem restaria viver nas zonas temperadas.
O leitor moderno pode estranhar que Ovídio se refira a *outra* divisão em cinco partes, agora no céu; mas o fato é que o trópico de Capricórnio e o de Câncer são, em primeiro lugar, pontos celestes. No solstício (*sol* + *stat*, o sol fica parado) de inverno, o observador europeu vê o sol interromper seu movimento rumo ao Sul, e voltar-se para o Norte; no solstício de verão, é o oposto. O ponto do céu em que ocorre essa alteração é precisamente o trópico (do grego τροπή, *tropé*, "mudança de direção"). A linha equatorial também depende da observação do movimento aparente do sol, pois é determinada pelos equinócios. O verdadeiramente curioso é que Ovídio não pareça ver conexão causal entre o movimento solar e a natureza das zonas climáticas, antes sugerindo que a simetria entre os dois planos seja uma simples coincidência moldada pelo senso estético do Criador.

67-68. "Fica iminente": reside, pertence a elas. O referente de "estas" é normalmente entendido como *todas* as zonas climáticas terrestres (já que o ar está presente em todas).

68. "que": explicativo, equivalente a "pois". "O ar fica iminente a estas, pois assim como é mais leve", etc.

68-70. "o ar": um cálculo de proporção. Na mesma medida em que a água é mais leve que a terra, também o ar é mais leve que o fogo. O peso do ar é calculado em relação ao fogo segundo a mesma proporção em que se calcula o peso da água em relação à terra. É evidente que Ovídio não tem a menor pretensão de saber o peso exato

dos quatro elementos (que aliás existem num nível muito sutil e imensurável, e não se confundem com a nossa água ou terra ou fogo). Ele quer simplesmente manifestar a maneira como o Criador dividiu tudo com simetria e proporção.

78-79. **"Bem que rebentem":** "apenas se pode resistir-lhes à fúria, bem que rebentem de encontrados climas". *Bem que* no sentido de "contanto que"; *encontrados* no sentido de "opostos, contrários". De fato, *encontrar* vem de *in* + *contra*, possuindo tanto o sentido de "topar com algo (algo que estava em sentido oposto)" quanto, originalmente, o de "estar do lado contrário a algo". Portanto, "só se pode resistir-lhes à fúria, se rebentarem de climas contrários". Se os ventos viessem todos do mesmo lugar, incidiriam com uma força combinada que destruiria o mundo.

82-90. **"Euro":** descrições dos quadrantes do mundo, a partir dos quatro ventos. Euro é o vento oriental (aurora, nabateus, persas); Zéfiro, o ocidental (estrela vespertina); Bóreas é do Norte (a Cítia começa no rio Danúbio, os setentriões são os "sete bois", nome que designa as sete estrelas mais brilhantes da Ursa Maior); Austro é do Sul, e carrega a umidade do Mar Mediterrâneo para a Itália, provocando chuvas.

85. **"Véspero":** o planeta Vênus, que pode ser visto depois do pôr-do-sol ou antes do amanhecer. Por deslocar-se em órbita menor que a da Terra, Vênus parece mover-se de um lado do sol para o outro. Só pode ser visto a oeste depois do pôr-do-sol, ou a leste, antes do amanhecer. Quando é visto ao amanhecer, é chamado "estrela da manhã"; depois do pôr-do-sol, é a "estrela vespertina".

92-93. **"O líquido":** o "ar fluido e raro" do verso 25, isto é, o éter. Líquido aqui é adjetivo, caracterizando o substantivo "éter". A comparação do mundo terreno com fezes é um hábil jogo de proporções. Assim como para nós as fezes são repulsivas, assim também é nosso mundo para quem conheça o éter, o mundo sutil. A natureza mutável do mundo sublunar é asquerosa para os deuses.

96-98. **"As estrelas":** "as estrelas, que a massa escura longamente houve em si abafadas, opressas, principiaram a arder por todo o céu". A massa escura é o Caos. "Houve em si" quer dizer "reteve dentro de si mesma" (o verbo *haver* usado no sentido de *ter* ou *reter*). "Longamente" quer dizer "por muito tempo". "As estrelas, que a massa escura reteve por muito tempo dentro de si, abafadas, oprimidas", etc.

99. **"porque":** conjunção final, equivalente a "para que". "Para que alguma região do universo não ficasse inabitada", etc.

101. **"tem":** no singular, pois concorda com "assento", e não com "astros e deuses". "O etéreo assento tem astros e deuses [como habitantes]".

102. **“nítidos”:** brilhantes, reluzentes (referindo-se às escamas). Do latim *niteor*, brilhar. O sentido de “nítido” como “claro” é derivado desse. Aliás, até a palavra “claro” originalmente significava “brilhante”.

104-116. **“A estes animais”:** depois de descrever o mundo físico, composto de quatro elementos e suas várias manifestações, Ovídio o povoa com seres. Primeiro, os astros e deuses; segundo, os bichos do mar, do ar e da terra; terceiro, o homem, que está entre os bichos e os astros e deuses. Como foi ele formado? O poeta prefere não escolher, mas apresentar duas versões: 1) o homem foi feito pelo Criador em pessoa, a partir de uma centelha de Si mesmo; 2) algo da substância etérea restara na terra, após a recente separação dos elementos, e Prometeu (filho de Jápeto) moldou-a em barro, à semelhança dos deuses.

117-120. **“As outras criaturas”:** comparam-se os outros animais ao homem, para destacar sua origem divina. No original, Ovídio destaca três privilégios do homem: *os sublime dedit,* a divindade deu-lhe um rosto sublime; *caelum videre iussit*, ordenou-lhe que olhasse o céu; *erectos ad sidera tollere vultus*, e que erguesse sua face rumo aos astros. Bocage, pelo bem da concisão, reduziu os dois últimos itens a um só.

121-123. **“A terra”:** “esse deus presentou a uma terra antes tão rude e informe as desconhecidas figuras humanas”. Em “a terra”, a letra “a” é uma preposição, e não artigo. Portanto, *figuras humanas* é objeto direto, ao passo que *a terra* é objeto indireto. O sentido da frase é contrapor o estado bruto do mundo, quando havia apenas o Caos, ao estado final, quando tudo já está tão perfeito e ordenado que se torna possível coroar a Criação com a obra suprema do Criador: o homem.

124-157. **“Foi a primeira”:** a descrição da Idade de Ouro é estruturada em duas partes: na primeira, descrevem-se os tempos áureos por negação; na segunda parte, por afirmação. Em ambos os casos, o efeito maior é de contraste entre aquela época e a nossa. A descrição passa por: ausência de lei e punição (126-131); ausência de ambição, curiosidade e indústria (132-135); ausência de guerra (136-140); ausência de agricultura (141-142); a eterna primavera, que dá o alimento sem trabalho (143-157).

128-129. **“Ameaços”:** as ameaças, escritas em tábuas de bronze, são as leis, que na Idade de Ouro eram desnecessárias, pois o homem era justo mesmo sem medo de punição. Ilustra-se assim que existência das instituições estatais é, na melhor das hipóteses, um mal necessário.

132-135. **“Inda nos pátrios montes”:** admire-se o movimento da grande árvore (*pinho ingente*) que é decepada no alto dos montes e *baixa* para o oceano, transformada em navio, para ver terras estranhas e climas diferentes. Sabemos que o processo de construção do navio é

muito mais trabalhoso e menos elegante, mas o modo como o poeta o enquadra dá a impressão de ser um passe de mágica, em que a árvore, sem nem mesmo deixar de ser árvore, desce dos montes ao oceano. A ênfase é na inversão ou perversão da natureza, cujo culpado é o homem ambicioso dos tempos modernos. Na Idade de Ouro, os homens viviam felizes com sua própria condição, e não deformavam o mundo na tentativa de saber mais, ganhar dinheiro, etc.

140. "Em ócios inocentes": a oposição tradicional entre amor e guerra. Como não havia guerra, todos viviam em amores inocentes, sem preocupações. Era o reino da poesia lírica, em que a épica seria impensável.

141. "ferro sulcador": o arado.

158-173. "Depois": a Era de Prata começa quando Júpiter toma o lugar de Saturno como senhor do universo. O mito é que, depois de castrar seu pai, Urano, Saturno teve medo de que um de seus filhos lhe fizesse o mesmo, e passou a devorá-los. Júpiter escapou, graças à intervenção de sua mãe, Réia, que o entregou para ser criado em segredo pela cabra Amaltéia. Já crescido, Júpiter atacou o pai, libertando os irmãos que estavam em seu estômago, junto aos quais promoveu uma guerra e tomou o controle do mundo. Curiosamente, isso teria causado uma queda da Idade de Ouro. Neste trecho, Ovídio nos conta que a causa dos males foi a divisão do ano em quatro estações (surgidas a partir da primavera), que resultou na necessidade dos homens abrigarem-se para se protegerem do clima, e na agressão à terra, que parou de dar frutos por conta própria, exigindo cuidados humanos.

174-205. "Às duas": agora trata-se das Idades de Bronze e Ferro. A primeira é feroz, mas justa; a segunda é ímpia e ambiciosa, resultando num mundo insuportável, em que marido e mulher, pais e filhos não podem confiar uns nos outros. Astréia, deusa da justiça, abandona enfim o mundo, sendo a última a fazê-lo depois que todos os restantes deuses já haviam desistido dele.

174. "Ênea": pronuncie-se em três sílabas bem distintas, *ê-ne-a*.

181. "Da posse": "o amor infando da posse e do poder", isto é, o gosto, o desejo ímpio de possuir coisas e dominar os semelhantes. Assim junta o poeta a avareza (amor da posse) à ambição político-militar (amor do poder), como derivando de um só vício (o amor perverso). Os "amores inocentes" da fase de ouro dão lugar aos "amores nocivos" da fase de ferro. A origem da corrupção está na mudança de objeto: o amor inocente visa a um outro ser humano, enquanto o nocivo visa às posses e ao poder.

184-185. "Longamente": mais uma vez, o contraste entre o local de procedência da árvore (*lenho*), nas serras, e o seu destino depois de

transformada em navio, isto é, o mar (*ignotas vagas*) sugere que as ambições humanas são anti-naturais. O lugar da árvore é nos montes, e não no mar. É a perversão humana que causa tais desatinos.

186-188. **"A terra":** "a terra, que até ali de todos fora, como os ares e o sol, agora é abalizada com limite extenso por um cauteloso dono". A propriedade, do ponto de vista ovidiano, é resultado da possessividade da Raça de Ferro, não existindo antes disso; uma tese mais agradável à cigarra, do que à formiga. De fato, se não houvesse propriedade na Era de Ouro, como poderia haver a justiça, que consiste em cada um receber aquilo que lhe cabe? Pode-se talvez imaginar que as posses fossem mais eqüitativas, ou menores, ou temporárias; mas dizer que não existiam é delírio, típico de irresponsáveis e crianções que, como vivem das posses alheias, preferem pensar que tudo pertence a todos, a admitir sua própria situação de parasitas.

193. **"desencantara":** no sentido de "descobrir", e não de "quebrar o encanto".

195. **"de ambos":** ajudada *por* ambos. A preposição "de" tem uma variedade de sentidos pouco reconhecida hoje, em que praticamente só lhe atribuímos o de posse.

196. **"Vibrando":** um ótimo exemplo de aliteração. Sugiro ler o verso "chiando" no *s*, marcando bem o trema e pronunciando o *r* sempre na modalidade *flap* (como em "aro"). Note-se a seqüência: "v-br-d-z-r-m-sh-n-s-güi-n-d-str", em que é fácil intuir o som, digamos, de lanças cortando o ar, trespassando a carne humana e batendo-se umas nas outras. Pode-se também pensar em espadas e escudos. De qualquer modo, a combinação de vibrações, chiados e golpes estridentes é muito apropriada para uma imagem da Guerra, que chega agitando e destruindo o mundo.

197. **"hóspede":** a palavra tem dois significados, ou antes um significado relativo. "Hóspede" é tanto o que hospeda, como o que é hospedado. Vulgarmente, porém, a palavra se usa apenas no segundo sentido. Bocage quer, portanto, dizer que, quando duas pessoas entram numa relação hospitaleira, uma não está segura da outra – nem o sogro está seguro do genro, etc.

201. **"dispõem":** pronuncie-se em duas sílabas, *dis-põem*, para manter a métrica.

206-222. **"Para não ser":** o poeta insere aqui a *gigantomaquia*, isto é, a guerra que gigantes teriam movido ao Olimpo, e perdido. Do seu sangue teria nascido uma raça ainda pior de homens, soberba e feroz como os gigantes, e ainda mais violenta por vir do sangue. Se a raça de ferro já era ruim, que pensar desta?

De Lycaonis Flagitio (I, 163-243)

Júpiter convoca o conselho dos deuses para transmitir-lhes sua sentença sobre o destino humano. Começa contando-lhes dos muitos crimes de que ouvira falar, e de como decidira descer à terra para verificar com seus próprios olhos se os homens eram tão maus. Dentre os muitos pecados que viu no mundo, destaca um ousadíssimo, cometido contra ele próprio pelo rei Licáon. O tirano cruel decidira testar a divindade de Júpiter, servindo-lhe carne humana no jantar. A punição do criminoso, apropriada ao seu caráter feroz, foi tornar-se um lobo. O rei dos deuses conclui seu discurso com uma sentença terrível: toda a humanidade deve ser exterminada.

ARTE: (a seguir) “Júpiter e Licáon”, Jan Cossiers, séc. XVII



Quae pater ut summa vidit Saturnius arce,
ingemit et facto nondum vulgata recenti
foeda Lycaoniae referens convivia mensae
ingentes animo et dignas Iove concipit iras
conciliumque vocat: tenuit mora nulla vocatos.
Est via sublimis, caelo manifesta sereno;
lactea nomen habet, candore notabilis ipso.
hac iter est superis ad magni tecta Tonantis
regalemque domum: dextra laevaque deorum
atria nobilium valvis celebrantur apertis.
plebs habitat diversa locis: hac parte potentes
caelicolae clarique suos posuere penates;
hic locus est, quem, si verbis audacia detur,
haud timeam magni dixisse Palatia caeli.
Ergo ubi marmoreo superi sedere recessu,
celsior ipse loco sceptroque innixus eburno
terrificam capitis concussit terque quaterque
caesariem, cum qua terram, mare, sidera movit.
talibus inde modis ora indignantia solvit:
‘non ego pro mundi regno magis anxius illa
tempestate fui, qua centum quisque parabat
inicere anguipedum captivo bracchia caelo.
nam quamquam ferus hostis erat, tamen illud ab uno
corpore et ex una pendebat origine bellum;
nunc mihi qua totum Nereus circumsonat orbem,
perdendum est mortale genus: per flumina iuro
infera sub terras Stygio labentia luco!
cuncta prius temptanda, sed inmedicabile curae
ense recidendum, ne pars sincera trahatur.
sunt mihi semidei, sunt, rustica numina, nymphae
faunique satyrique et monticolae silvani;
quos quoniam caeli nondum dignamur honore,
quas dedimus, certe terras habitare sinamus.
an satis, o superi, tutos fore creditis illos,
cum mihi, qui fulmen, qui vos habeoque regoque,
struxerit insidias notus feritate Lycaon?’
Confremuere omnes studiisque ardentibus ausum
talia deposcunt: sic, cum manus inpia saevit

sanguine Caesareo Romanum exstinguere nomen,
attonitum tantae subito terrore ruinae
humanum genus est totusque perhorruit orbis;
nec tibi grata minus pietas, Auguste, tuorum
quam fuit illa Iovi. qui postquam voce manuque
murmura conpressit, tenuere silentia cuncti.
substitit ut clamor pressus gravitate regentis,
Iuppiter hoc iterum sermone silentia rupit:
‘ille quidem poenas (curam hanc dimittite!) solvit;
quod tamen admissum, quae sit vindicta, docebo.
contigerat nostras infamia temporis aures;
quam cupiens falsam summo delabor Olympo
et deus humana lustro sub imagine terras.
longa mora est, quantum noxae sit ubique repertum,
enumerare: minor fuit ipsa infamia vero.
Maenala transieram latebris horrenda ferarum
et cum Cyllene gelidi pineta Lycaei:
Arcadis hinc sedes et inhospita tecta tyranni
ingredior, traherent cum sera crepuscula noctem.
signa dedi venisse deum, vulgusque precari
coeperat: inridet primo pia vota Lycaon,
mox ait “experiar deus hic discrimine aperto
an sit mortalis: nec erit dubitabile verum.”
nocte gravem somno necopina perdere morte
comparat: haec illi placet experientia veri;
nec contentus eo, missi de gente Molossa
obsidis unius iugulum mucrone resolvit
atque ita semineces partim ferventibus artus
mollit aquis, partim subiecto torruit igni.
quod simul inposuit mensis, ego vindice flamma
in domino dignos everti tecta penates;
territus ipse fugit nactusque silentia ruris
exululat frustraque loqui conatur: ab ipso
colligit os rabiem solitaeque cupidine caedis
vertitur in pecudes et nunc quoque sanguine gaudet.
in villos abeunt vestes, in crura lacerti:
fit lupus et veteris servat vestigia formae;
canities eadem est, eadem violentia vultus,
idem oculi lucent, eadem feritatis imago est.

occidit una domus, sed non domus una perire
digna fuit: qua terra patet, fera regnat Erinys.
in facinus iurasse putes! dent ocius omnes,
quas meruere pati, (sic stat sententia) poenas.’

* Satúrnio viu dos céus estas maldades,
Gemeu, e recordando um ímpio caso,
Inda não divulgado, inda recente,
O atroz festim da Licaônia mesa,
Iras concebe o deus dignas de Jove,
* E o conselho imortal convoca à pressa,
Que à pressa congregado acode ao mando.

* Há nos céus um caminho alto, e patente,
(a nímia candidez o faz notável)
Lácteo se chama; vão por ele os numes,
Os graves cortesãos do grão Tonante
À morada real. Dum lado e doutro
Dos deuses principais os lares brilham,
Abertas as fulgentes, grandes portas.
Deuses menores outro espaço habitam,
E os potentes celícolas supremos
À frente os seus Penates colocaram.
* Este, a caber na voz audácia tanta,
O palácio dos céus apelidara.

Em marmóreo salão juntos os deuses,
Todos depois de Júpiter se assentam,
* Que em lugar sobranceiro, e sobreposta
A fulminante mão no ebúrneo cetro,
Por três, e quatro vezes meneando
Espantosas melenas, com que abala
A terra, o mar, e os céus, tais vozes solta
* Com fera indignação: “Maior cuidado
O mundo me não deu naquela idade
Em que a turba de anguípedes gigantes
Queria o céu romper com braços cento;
Que ainda que era multidão terrível,
Hoste feroz, contudo dum só corpo,
E de uma origem só pendia a guerra.
Eis-me num tempo agora em que é forçoso

Fazer tremenda, universal justiça,
* Perder a humana estirpe em tudo, em tudo
Quanto abraça Nereu circunsonante.
Subterrâneas, tristíssimas correntes,
* Correntes que lambeis o estígio bosque,
Até juro por vós que ao mal infando
Mil remédios em vão tentei primeiro!
Mas incurável chaga exige o ferro,
* Cortada cumpre ser porque não lavre,
Porque não fique o são também corrupto.
Há, porém, semideuses entre os homens,
Campestres numes há, Faunos, e Ninfas,
Sátiros, e os montícolas Silvanos:
Todos são atendíveis, todos nossos.
Se inda honrá-los no céu não nos aprouve,
Nas dadas terras é dever que habitem.
Mas podereis pensar que estão seguros,
Ó deuses, quando a mim, que empunho o raio,
A mim, que vos dou leis, tramou ciladas
Licáon, o afamado em tirania?”

Nesta interrogação freme o congresso:
Querem todos o réu da enorme audácia,
Em vinganças fervendo o pedem todos.
Assim quando ímpia mão queria extinto
De Roma o nome no Cesáreo sangue,
Pelo terror da súbita ruína
Atônita ficou a espécie humana,
Todo o mundo tremeu de horrorizado.
Augusto, então dos teus não menos grata
A ternura te foi, que a Jove aquela.
Depois que ao grão sussurro impôs silêncio
Co’a mão e a voz, emudeceram todos.
Sufocado o furor no acatamento,
O monarca dos céus assim prossegue:

* “Cuidado vos não dê a ação nefanda,
O sacrílego autor já foi punido:
Direi primeiro o crime, e logo a pena.
Do corrompido século as infâmias
Subiram-me à notícia: desejoso

De achar falso o que ouvi, baixei do Olimpo,
E a terra discorri com face humana.
Relevara ocupar moroso espaço
Na feia narração do que hei sabido,
De horrores, que encontrei por toda a parte:
Era a verdade enfim maior que a fama.
Passado havendo o Mênalo abundoso
De horrorosos covis, que alojam feras,
O Cilênio de rochas carregado,
E o frígido Liceu, que os pinhos c'roam,
Do Arcádico tirano os lares busco,
Entro os paços inóspitos já quando
Negrejava o crepúsculo da noite.
Dou mostras de que um deus era chegado,
E votos pios me dirige o povo.
* Das preces Licáon se ri primeiro,
Depois diz: – saberei com prova inteira
Se é deus, ou se é mortal. – Dispõe matar-me
Quando os olhos tiver de sono opressos:
Da verdade lhe agrada esta exp'riência;
E inda não pago disto, a espada infame
Vibra contra a cerviz de um desgraçado
Que dos Molossos em reféns houvera.
Aos semivivos, palpitantes membros
Parte amolecem as ferventes águas,
As sotopostas brasas torram parte.
Já nas mesas se impõe, mas de repente
Co'a destra vingadora o raio agito,
Sobre o cruel senhor derrubo os tetos,
Os tetos, e os Penates, dignos dele.
* Para o silêncio agreste, agrestes sombras
Foge rapidamente, espavorido,
E querendo falar, uiva o perverso:
Colhem do coração braveza os dentes,
C'o matador costume os volve aos gados:
Inda sangue lhe apraz, com sangue folga.
A veste em pêlo, as mãos em pés se mudam.
É lobo, e do que foi sinais conserva:
As mesmas cãs, a mesma catadura,

E os mesmos olhos a luzir de raiva.
* Já uma habitação caiu por terra,
Mas digna de cair não é só uma.
Erínis senhoreia o mundo todo:
Parece que os humanos protestaram
Não ter mais exercício que o do crime!
A pena que merecem todos sintam;
Está dada a sentença.” E fica mudo.

1. **“dos céus”:** viu a partir dos céus, onde ele estava, as maldades dos homens aqui na terra. *Satúrnio* é o filho de Saturno, isto é, Júpiter.

5. **“Iras concebe”:** “o deus [Júpiter] concebe iras dignas de Jove”. *Jove* é outro nome para Júpiter. Portanto, ele concebe iras dignas de si mesmo, o rei dos deuses, portador do raio: iras majestosas, imensas, violentas, ígneas, diviníssimas.

6-7. **“E o conselho imortal”:** observe-se a combinação de repetição com quiasmo: “o conselho imortal [Júpiter] *convoca* à pressa, que à pressa *congregado*”, etc. Repetem-se praticamente as mesmas palavras em ordem inversa, com não mais que uma flexão verbal (da terceira pessoa do singular, *convoca*, ao particípio passado, *congregado*). Passa-se do presente ao passado num movimento brusco, em que a mesma idéia é repetida em ordem inversa. Essa técnica cria um efeito de atabalhoamento, agitação e urgência.

8-19. **“Há nos céus”:** descrição da Via Láctea, exercício bastante querido nos círculos literários até alguns séculos atrás. Virgílio fez a sua; Camões, outra. Na de Ovídio, os deuses maiores são representados como membros da Corte, convocados por Júpiter de suas casas, que se dispõem ao longo da Via Láctea. A descrição é humanizante, e talvez até demais, pois retrata deuses seguindo o costume humano de cultuar deuses domésticos (Penates). A pintura dos deuses como cortesãos de Júpiter (o Grão Tonante) é, às vezes, ridícula, e provavelmente essa foi a intenção do poeta.

18-19. **“Este”:** “este poeta”, isto é, “eu mesmo, se me coubesse na voz tanta ousadia, chamaria a Via Láctea de ‘Palácio’ dos céus”. Por que seria audacioso chamá-la de palácio dos céus? Porque “palácio” vem de *Pallatium*, um dos sete montes de Roma, em que, coincidentemente, residia Otávio Augusto – primeiro imperador romano, cujas graças não cairiam mal a ninguém. Comparar a residência dos deuses à de Augusto era comparar Augusto aos deuses; bajulação descarada e barata, que só poderia render a Ovídio o desprezo imperial. Por outro lado, não se deixa de sentir nesse descaramento abismal um toque de sarcasmo (que não será o último do poema, aliás). Nosso poeta era conhecido por não medir suas palavras, e pagou caro por isso.

20-26. **“Em marmóreo salão”:** aqui é de notar a apresentação da majestade jupiterina, no aspecto social (vista no respeito dos outros deuses e no simbolismo do cetro) e pessoal (com uma sacudida de suas madeixas, ele abala terra, céus e mares). Este preâmbulo prepara o leitor para o terrível discurso que se segue, mostrando que, no Tonante, interior e exterior são iguais.

22-26. **“Que em lugar”:** “Júpiter que, estando em lugar sobranceiro, e tendo a mão fulminante sobreposta no cetro ebúrneo, e meneando três e quatro vezes suas melenas espantosas, etc., solta com fera indignação as seguintes vozes”.

27-33. **“Maior cuidado”:** “não foi maior que essa a preocupação que o mundo me deu na época em que os gigantes atacaram o Olimpo; pois embora fossem muitos, tinham um único exército, e uma única origem”. Júpiter refere-se à *gigantomaquia*, narrada no fim do capítulo anterior. Os gigantes tinham pés de serpentes (*anguípedes*) e, segundo Ovídio, eram também *hekatonkheires*, possuidores de cem braços cada um (*braços cento*).

35. **“tremenda”:** terrível, aquela da qual devemos *tremer* de medo.

36-37. **“tudo”:** Nereu é um antigo deus marinho, aqui representado com sua trombeta que ressoa por todo o mundo (“circunsonante”). Na imagem de Ovídio, o mundo é formado por blocos de terra cercados de água por todos os lados (ilhas, em última instância), e assim Nereu dá a volta ao mundo. Portanto, a humanidade será dizimada em todo o globo.

39. **“Correntes”:** o Estige é um rio do mundo dos mortos (Hades). “Correntes do estígio bosque” é, portanto, um modo perifrástico e bastante artificial de dizer “rio Estige”. Artificial até o ponto de chocar; pois sendo pantanoso, o Estige não possui “correntes”, e “bosque” é uma idéia no mínimo inusitada para os arredores desse rio infernal, famoso por ter águas venenosas. Júpiter faz o juramento sobre as águas do Estige porque era proibido jurar em falso sobre elas; segundo Hesíodo, quem determinou essa regra foi o próprio Júpiter, em homenagem à ninfa do rio, que o havia ajudado na guerra contra os Titãs.

Aliás, ao inserir a referência ao Estige na fala do Rei dos Deuses, Ovídio pode estar aludindo ao mito (que ele mesmo contará mais tarde) de Sêmele, mãe mortal de Baco e amante de Júpiter, que o convencera a jurar sobre o Estige que lhe daria qualquer coisa, e em seguida pediu-lhe que aparecesse a ela em toda a sua glória. Sendo Sêmele mortal, não pôde suportar a visão gloriosa de Jove, e morreu. Embora esse acontecimento seja posterior à presente narrativa, pode-se pensar nele como uma “indireta profética”, coisa nada incomum nas *Metamorfoses*. Júpiter terá no futuro bons motivos para tratar com

prudência a idéia de jurar sobre o Estige, o que amplifica a intensidade do juramento (*até juro por vós*), além de oferecer uma sugestão cômica.

43-44. "Cortada": a imagem é de uma gangrena, exigindo que se extirpe um membro para salvar os restantes. Está em consonância com a idéia anterior, de aplicar mil remédios antes de considerar o corte. Júpiter é o médico, o mundo é o paciente. "Porque", nos dois versos em questão, é conjunção final; vale dizer, seu sentido é equivalente a "para que". *Cumpre ser cortada a chaga, para que não lavre, para que o são não fique também corrupto*.

55-64. "Nesta interrogação": é uma cena desconcertante, esta em que os deuses do Olimpo lembram tão de perto cortesãos hipócritas, fingindo-se irados e indignados com um ataque ao rei. A comparação com Augusto, ostensivamente bajulatória, torna o clima de hipocrisia insuportável. Júlio César se impusera à república romana como tirano, coagindo o Senado a conceder-lhe poder ditatorial vitalício. Augusto, seu filho adotivo, aprendeu com os erros paternos, e subiu ao poder disfarçadamente: "reeleito pelo povo", todos os anos, sem falha. Seu reinado nunca se assumiu como tal; mas quando era necessário aludir ao evidente autoritarismo do regime, a propaganda oficial sugeria que a nova situação trouxera paz (*Pax Romana*). Ovídio a ratifica com a tese estapafúrdia de que a morte de César pusera a estabilidade do império em risco, quando foi o golpe espalhafatoso de César que de fato iniciou a guerra civil em Roma. A bajulação é tão óbvia e tão obviamente mal-fundamentada, que deixa margem para pensar que não fosse realmente bajulação; ao contrário, o poeta estaria caçoando de Augusto e de tantos escritores que, em sua opinião, cobriam-no de lisonja. E, se não era essa a intenção, pode perfeitamente ter sido interpretada assim. Apesar de todos os defeitos que se atribuem a Augusto modernamente, ninguém de bom-senso o acusaria de mau gosto literário – um texto tão apelativo jamais poderia ter-lhe agradado.

69-79. "Cuidado": "Que esse crime terrível não vos dê preocupação; seu sacrílego autor já foi punido. Narrarei o crime, e em seguida vos contarei qual foi a punição. As infâmias do mundo corrompido subiram desde a terra até o Olimpo, onde tomei ciência delas; eu quis verificá-las, na esperança de que fossem falsas, e por isso desci à terra usando uma forma humana. Porém, eu preferiria poupar o longo tempo que exigiria contar-vos todos os horrores que encontrei. Resumo tudo nesta frase: a verdade era ainda pior que os boatos que eu ouvira no Olimpo".

80-84. "Passado": Júpiter/Ovídio pinta as paisagens da Arcádia, representando com esse efeito de câmera a jornada de Júpiter rumo ao palácio de Licáon, rei árcade (*Arcádico tirano*). Mênalo, Cilene e Liceu

são montes famosos da região. “C’roam” está por “coroam”, mas deve ser pronunciado “croam” para manter a métrica.

89-103. “Das preces”: Licáon é inicialmente caracterizado por sua irreverência e impiedade (ri das preces do povo, que julga ingênuo, e deseja testar as afirmações do avatar divino). Logo, porém, mostra-se seu maior vício: uma espécie de prazer na violência e no sangue. A frase “agrada-lhe esta experiência da verdade” tem grande impacto: dentre todos os modos de testar a divindade de seu hóspede, Licáon *prefere* matá-lo à noite, ou servir-lhe carne humana no jantar. A carne vem de um prisioneiro de guerra, que ele prepara requintadamente, cozinhando uma parte, assando outra. Matar um hóspede, mortal ou não, era em si mesmo um crime terrível na Antiguidade; o canibalismo era outra coisa abominável, tanto mais se a carne vinha de um prisioneiro, pois assim se atentava contra a honra de guerra. O crime horrendo de servir carne humana a um convidado é tema de tragédia (confira o *Tiestes*, de Sêneca). Contudo, quando a comida é posta à mesa, Júpiter mostra sua onisciência, invocando sobre o palácio o poder do raio, e derrubando junto ao prédio os deuses protetores da família.

104-113. “Para o silêncio”: esta é a transformação (*metamorfose*) de Licáon. Aqui aparece pela primeira vez a técnica ovidiana de assimilar características do indivíduo humano em elementos animais, vegetais ou minerais: a crueldade de Licáon, seu gosto pela violência, assemelha-se à fome selvagem do lobo – e, num estupendo salto literário, o semelhante se transforma no assemelhado. Aquele que era capaz de assassinar e cozinhar um homem volta-se, com a mesma sede de sangue, para o gado; sua selvageria interior começa a ganhar maior expressão externa, por meio de atos. É mais verossímil que um assassino sanguinário mate uma vaca a dentadas, do que o tornar-se ele um lobo; começa-se, então, por aí. Mas a sanguinolência sobrenatural de Licáon começa a ganhar expressão fisiológica. Vestes se tornam pêlos; os cabelos grisalhos são o cinza dos lobos; a expressão feroz e o olhar ensandecido permanecem. A transformação não foi assim tão grande: Licáon sempre fora um lobo em forma de homem, e agora, consertado por Júpiter, era enfim um lobo em forma de lobo.

114-120. “Já uma habitação”: a punição de Licáon não é suficiente. O mundo está cheio de Licáons, e a justiça de Jove exige o extermínio da humanidade inteira. Parece mesmo que os homens decidiram não fazer mais nada senão cometer crimes! A fala de Júpiter termina no meio do último verso, deixando espaço para uma constatação dramática: “e fica mudo”. Isto marca o silêncio breve, mas grave, após a sentença.

De Dilvvio (I, 244-437)

A assembléia dos deuses aceita a decisão de Júpiter, de que a humanidade deve ser varrida do mundo, mas todos lamentam a aniquilação desta que fora a mais bela das criaturas. Júpiter, tendo-lhes garantido que surgiria dali uma nova raça de homens, melhor que a presente, passa a meditar no melhor modo de devastar o mundo. Sua primeira opção era o raio; porém, temendo uma profecia que anunciava que o fogo subiria ao Olimpo, preferiu usar do elemento contrário. Prendendo os ventos secos e soltando os chuvosos, convoca Íris, os deuses-rios e o irmão, Netuno, que comanda os mares. A combinação de chuvas e enchentes elimina quase toda a vida na Terra. Restam Deucalião e sua esposa, Pirra, que desembarcaram no monte Parnaso. Vendo-os Júpiter, e reconhecendo neles um casal de excelsa virtude, ordena que parem as chuvas e que as águas retrocedam. Agora Deucalião e Pirra se dirigem ao templo de Têmis, famosa por seus oráculos, implorando que a deusa lhes diga o que devem fazer. Têmis lhes ordena lançarem por sobre os ombros os ossos da mãe. Embora Pirra, interpretando superficialmente o oráculo, tema desonrar os manes maternos, Deucalião compreende que Têmis se refere a Gaia, a mãe-terra, e que seus “ossos” são, na verdade, pedras. Lançam-nas então, e delas surgem homens e mulheres, a raça de pedra – que é a nossa. Enfim a terra, a partir da combinação de umidade e calor, gera de novo muitas das antigas criaturas, e também monstros nunca antes vistos.

ARTE: (a seguir) “Deucalion e Pirra”, Peter Paul Rubens, 1636



Dicta Iovis pars voce probant stimulosque frementi
adiciunt, alii partes adsensibus inplent.
est tamen humani generis iactura dolori
omnibus, et quae sit terrae mortalibus orbae
forma futura rogant, quis sit laturus in aras
tura, ferisne paret populandas tradere terras.
talia quaerentes (sibi enim fore cetera curae)
rex superum trepidare vetat subolemque priori
dissimilem populo promittit origine mira.
Iamque erat in totas sparsurus fulmina terras;
sed timuit, ne forte sacer tot ab ignibus aether
conciperet flammas longusque ardesceret axis:
esse quoque in fatis reminiscitur, adfore tempus,
quo mare, quo tellus correptaque regia caeli
ardeat et mundi moles obsessa laboret.
tela reponuntur manibus fabricata cyclopum;
poena placet diversa, genus mortale sub undis
perdere et ex omni nimbos demittere caelo.
Protinus Aeoliis Aquilonem claudit in antris
et quaecumque fugant inductas flamina nubes
emittitque Notum. madidis Notus evolat alis,
terribilem picea tectus caligine vultum;
barba gravis nimbis, canis fluit unda capillis;
fronte sedent nebulae, rorant pennaeque sinusque.
utque manu lata pendentia nubila pressit,
fit fragor: hinc densi funduntur ab aethere nimbi;
nuntia Iunonis varios induta colores
concipit Iris aquas alimentaque nubibus adfert.
sternuntur segetes et deplorata coloni
vota iacent, longique perit labor inritus anni.
Nec caelo contenta suo est Iovis ira, sed illum
caeruleus frater iuvat auxiliaribus undis.
convocat hic amnes: qui postquam tecta tyranni
intravere sui, 'non est hortamine longo
nunc' ait 'utendum; vires effundite vestras:
sic opus est! aperite domos ac mole remota
fluminibus vestris totas inmittite habenas!'
iusserat; hi redeunt ac fontibus ora relaxant

et defrenato volvuntur in aequora cursu.
Ipse tridente suo terram percussit, at illa
intremuit motuque vias patefecit aquarum.
exspatiata ruunt per apertos flumina campos
cumque satis arbusta simul pecudesque virosque
tectaque cumque suis rapiunt penetralia sacris.
si qua domus mansit potuitque resistere tanto
indeiecta malo, culmen tamen altior huius
unda tegit, pressaeque latent sub gurgite turres.
iamque mare et tellus nullum discrimen habebant:
omnia pontus erant, derant quoque litora ponto.
Occupat hic collem, cumba sedet alter adunca
et ducit remos illic, ubi nuper arabat:
ille supra segetes aut mersae culmina villae
navigat, hic summa piscem deprendit in ulmo.
figitur in viridi, si fors tulit, ancora prato,
aut subiecta terunt curvae vineta carinae;
et, modo qua graciles gramen carpsere capellae,
nunc ibi deformes ponunt sua corpora phocae.
mirantur sub aqua lucos urbesque domosque
Nereides, silvasque tenent delphines et altis
incursant ramis agitataque robora pulsant.
nat lupus inter oves, fulvos vehit unda leones,
unda vehit tigres; nec vires fulminis apro,
crura nec ablato prosunt velocia cervo,
quaesitisque diu terris, ubi sistere possit,
in mare lassatis volucris vaga decidit alis.
obruerat tumulos inmensa licentia ponti,
pulsabantque novi montana cacumina fluctus.
maxima pars unda rapitur; quibus unda pepercit,
illos longa domant inopi ieiunia victu.
Separat Aonios Oetaeis Phocis ab arvis,
terra ferax, dum terra fuit, sed tempore in illo
pars maris et latus subitarum campus aquarum.
mons ibi verticibus petit arduus astra duobus,
nomine Parnasos, superantque cacumina nubes.
hic ubi Deucalion (nam cetera texerat aequor)
cum consorte tori parva rate vectus adhaesit,
Corycidas nymphas et numina montis adorant

fatidicamque Themin, quae tunc oracla tenebat:
non illo melior quisquam nec amantior aequi
vir fuit aut illa metuentior ulla deorum.
Iuppiter ut liquidis stagnare paludibus orbem
et superesse virum de tot modo milibus unum,
et superesse vidit de tot modo milibus unam,
innocuos ambo, cultores numinis ambo,
nubila disiecit nimbisque aquilone remotis
et caelo terras ostendit et aethera terris.
nec maris ira manet, positoque tricuspide telo
mulcet aquas rector pelagi supraque profundum
exstantem atque umeros innato murice tectum
caeruleum Tritona vocat conchaeque sonanti
inspirare iubet fluctusque et flumina signo
iam revocare dato: cava bucina sumitur illi,
tortilis in latum quae turbine crescit ab imo,
bucina, quae medio concepit ubi aera ponto,
litora voce replet sub utroque iacentia Phoebo;
tum quoque, ut ora dei madida rorantia barba
contigit et cecinit iussos inflata receptus,
omnibus audita est telluris et aequoris undis,
et quibus est undis audita, coercuit omnes.
iam mare litus habet, plenos capit alveus amnes,
flumina subsidunt collesque exire videntur;
surgit humus, crescunt sola decrescentibus undis,
postque diem longam nudata cacumina silvae
ostendunt limumque tenent in fronde relictum

Redditus orbis erat; quem postquam vidit inanem
et desolatas agere alta silentia terras,
Deucalion lacrimis ita Pyrrham adfatur obortis:
‘o soror, o coniunx, o femina sola superstes,
quam commune mihi genus et patruelis origo,
deinde torus iunxit, nunc ipsa pericula iungunt,
terrarum, quascumque vident occasus et ortus,
nos duo turba sumus; possedit cetera pontus.
haec quoque adhuc vitae non est fiducia nostrae
certa satis; terrent etiamnum nubila mentem.
quis tibi, si sine me fatis erepta fuisses,
nunc animus, miseranda, foret? quo sola timorem

ferre modo posses? quo consolante doleres!
namque ego (crede mihi), si te quoque pontus haberet,
te sequerer, coniunx, et me quoque pontus haberet.
o utinam possim populos reparare paternis
artibus atque animas formatae infundere terrae!
nunc genus in nobis restat mortale duobus.
sic visum superis: hominumque exempla manemus.'
dixerat, et flebant: placuit caeleste precari
numen et auxilium per sacras quaerere sortes.
nulla mora est: adeunt pariter Cephesidas undas,
ut nondum liquidas, sic iam vada nota secantes.
inde ubi libatos inroravere liquores
vestibus et capiti, flectunt vestigia sanctae
ad delubra deae, quorum fastigia turpi
pallebant musco stabantque sine ignibus arae.
ut templi tetigere gradus, procumbit uterque
pronus humi gelidoque pavens dedit oscula saxo
atque ita 'si precibus' dixerunt 'numina iustis
victa remollescunt, si flectitur ira deorum,
dic, Themi, qua generis damnum reparabile nostri
arte sit, et mersis fer opem, mitissima, rebus!'
    Mota dea est sortemque dedit: 'discedite templo
et velate caput cinctasque resolvite vestes
ossaque post tergum magnae iactate parentis!'
obstupuere diu: rumpitque silentia voce
Pyrrha prior iussisque deae parere recusat,
detque sibi veniam pavido rogat ore pavetque
laedere iactatis maternas ossibus umbras.
interea repetunt caecis obscura latebris
verba datae sortis secum inter seque volutant.
inde Promethides placidis Epimethida dictis
mulcet et 'aut fallax' ait 'est sollertia nobis,
aut (pia sunt nullumque nefas oracula suadent!)
magna parens terra est: lapides in corpore terrae
ossa reor dici; iacere hos post terga iubemur.'
Coniugis augurio quamquam Titania mota est,
spes tamen in dubio est: adeo caelestibus ambo
diffidunt monitis; sed quid temptare nocebit?
descendunt: velantque caput tunicasque recingunt

et iussos lapides sua post vestigia mittunt.
saxa (quis hoc credat, nisi sit pro teste vetustas?)
ponere duritiem coepere suumque rigorem
mollirique mora mollitaque ducere formam.
mox ubi creverunt naturaque mitior illis
contigit, ut quaedam, sic non manifesta videri
forma potest hominis, sed uti de marmore coepta
non exacta satis rudibusque simillima signis,
quae tamen ex illis aliquo pars umida suco
et terrena fuit, versa est in corporis usum;
quod solidum est flectique nequit, mutatur in ossa,
quae modo vena fuit, sub eodem nomine mansit,
inque brevi spatio superorum numine saxa
missa viri manibus faciem traxere virorum
et de femineo reparata est femina iactu.
inde genus durum sumus experiensque laborum
et documenta damus qua simus origine nati.

Cetera diversis tellus animalia formis
sponte sua peperit, postquam vetus umor ab igne
percaluit solis, caenumque udaeque paludes
intumuere aestu, fecundaque semina rerum
vivaci nutrita solo ceu matris in alvo
creverunt faciemque aliquam cepere morando.
sic ubi deseruit madidos septemfluus agros
Nilus et antiquo sua flumina reddidit alveo
aetherioque recens exarsit sidere limus,
plurima cultores versis animalia glaebis
inveniunt et in his quaedam modo coepta per ipsum
nascendi spatium, quaedam inperfecta suisque
trunca vident numeris, et eodem in corpore saepe
altera pars vivit, rudis est pars altera tellus.
quippe ubi temperiem sumpsere umorque calorque,
concipiunt, et ab his oriuntur cuncta duobus,
cumque sit ignis aquae pugnax, vapor umidus omnes
res creat, et discors concordia fetibus apta est.
ergo ubi diluvio tellus lutulenta recenti
solibus aetheriis altoque recanduit aestu,
edidit innumeras species; partimque figuras
rettulit antiquas, partim nova monstra creavit.

* O decreto de Jove alguns aprovam,
E à ira horrenda estímulos agregam;
Outros lhe prestam simplesmente assenso.
Dói a todos, porém, o imenso estrago,
Da triste humanidade o fim lhes custa:
Perguntam qual será da terra a face,
Qual forma a sua, dos mortais vazia?
Quem há de às aras ministrar o incenso?
Será talvez o mundo entregue às feras?
O que dos homens foi será dos brutos?
Destarte os deuses o vindouro inquirem.

* “Não temais (lhe responde o rei superno)
Esse cuidado é meu, dispus já tudo:”
E melhor geração do que a primeira
Com portentosa origem lhes promete.

* Ia já desparzir por toda a terra
O nume vingador milhões de raios,
Eis teme que a voraz, terrível chama
Com ímpeto crescida, e levantada
Nos céus enfim se ateie, os céus abrase.
À memória lhe vem que leu nos Fados
Que inda a terra, inda o mar, inda as estrelas
Seriam de alto incêndio acometidos,
E a máquina do mundo arruinada.
Depondo as armas que os Cíclopes forjam,
Doutra pena se apraz, com outros males
Quer punir os mortais, quer sufocá-los
Co’as soltas águas, derretendo as nuvens
Por todo o pólo em rápidos chuveiros.
Na gruta Eólia súbito aferrolha
Aquilão rugidor, e os mais que espancam
Atras procelas, grávidos vapores.
O Noto desencerra, e voa o Noto.
Longas as penas mádidas, envolta
Em densa escuridão a atroz carranca.
Pesam-lhe as barbas com pejadas nuvens,
Goteja-lhe a melena encanecida,
Pousam-lhe as névoas na cabeça horrenda,
Co’as asas, e c’o peito orvalha os ares.

Tanto que espreme as procelosas sombras
Um ríspido fragor no céu retumba,
E o céu rebenta em hórrida torrente.
* Íris, a núncia da Satúrnia Juno,
Trajando roupas de matiz lustroso,
Embebe as águas, e alimenta as nuvens.
Morrem nas louras, trêmulas searas
Ao cultor lacrimoso as esperanças,
Um momento destrói dum ano a lida.
Para o furor de Jove os céus não bastam;
O azul irmão co'as ondas o auxilia:
* Este os rios convoca, e mal que os paços
Entram do iroso, undívago tirano:
"Não careço (lhes diz) para convosco
De longa exortação, fiéis ministros.
Ide, inchai, derramai-vos pelas terras,
Vazem-se de repente as urnas vossas,
Rompa-se o dique às prófugas correntes,
* Solte-se o freio às águas. Assim cumpri."
* Ordena, partem, correm, vão-se às fontes,
E as bocas donde saem lhes desapertam:
Volvem depois ao mar desenfreados.
Netuno vibra o cérulo tridente,
Fere a terra com ele, e treme a terra,
E às águas c'o tremor franqueia o seio.
Em brava rapidez correndo os rios,
Já dos campos se apossam, já derrubam,
Já consigo arrebatam plantas, gados
Gentes, habitações, e os Lares santos.
* Se há por dita edifício que não caia,
Se algum resiste ao pavoroso estrago,
A torrente voraz lhe cobre os tetos;
Tremendo as torres, ameaçam queda,
Rotas, cavadas pelo embate undoso.
* Já se confunde o pélago co'a terra,
Já tudo é mar, ao mar já faltam praias.
Qual sobe, resfolgando, alpestre outeiro,
Qual vagueia medroso em curvo barco,
E onde lavraram bois trabalham remos.

Sobre as perdidas, afogadas messes
Vai navegando aquele, ou sobre o cimo
Das submersas aldeias, este encontra
Na copa de alto ulmeiro o peixe mudo,
Ferram-se acaso as âncoras ganchosas
Nos murchos prados, que viçosos foram:
De Baco a planta, às ondas sotoposta,
Jaz mordida também dos férreos dentes;
Na relva, que os rebanhos tosquiaram
Pousa do equóreo vate o gado informe;
Assombram-se as Nereidas de avistarem
Debaixo d'água bosques, edifícios:
Por entre as selvas os delfins volteiam,
Co'as negras trombas pelos troncos batem,
E o carvalho a vergar no encontro empurram.
O lobo vai nadando entre as ovelhas,
Em meio da torrente impetuosa
Boiam fulvos leões, manchados tigres.
Não vale aos javalis a força enorme,
A suma rapidez não vale aos cervos.

* Buscada longamente, e em vão buscada
Pelas aéreas aves sendo a terra,
Onde repousem do contínuo vôo,
Cansam-se enfim, despenham-se nas águas.
Eis em soberbos torreões de espuma
* Tenta o pego arrogante as árduas serras:
Fervem-lhe em torno dos fragosos picos
As ondas, que jamais ali ferveram.
Assaltando os misérrimos viventes
No vão refúgio, quase tudo absorvem,
E aqueles que da fúria se lhe esquivam
Em comprido jejum ralados morrem.

* A Fócida, que os Áticos separa
Dos afamados campos da Beócia,
E terra pingue foi, quando foi terra,
É já d'águas envoltas lago imenso.
Ali de cumes dois montanha ingente,
Tendo a ramosa fronte além das nuvens,
E arremetendo aos céus, se diz Parnaso.

Nela Deucalião (porque dos mares
Jazia tudo o mais enfim coberto)
Nela Deucalião tinha aportado
Em pequeno baixel co'a terna esposa,
Forçados pelos ímpetos das águas.
Desembarcando os dois, of'recem logo
Interno culto aos numes da montanha,
Às ninfas de Corício, a Têmis sacra,
De quem ali o oráculo se ouvia.

* Nenhum dos homens excedera aquele
No amor ao justo, no temor aos deuses:
Luziam na consorte iguais virtudes.
Jove, que o mundo vê todo inundado,
Vivos de tantos mil só um, só uma,
Ambos tão pios, tão amáveis ambos,
C'os soltos Aquilões sacode as nuvens,
As pesadas carrancas dos chuveiros,
E a terra mostra aos céus, e os céus à terra.
Nem do pélago a fúria permanece:
C'o ferro de três pontas mal que o toca
As ondas lhe amacia o deus das ondas,
E chamando Tritão, que levantado
Sobre a água está (cobertos de brilhante
Púrpura natural seus rijos ombros)
O búzio roncador lhe diz que assopre,
Que no usado sinal ordene aos rios
E ao transbordado mar que retrocedam.

Da sonorosa, e côncava buzina
Lança mão de repente o grão mancebo,
Da buzina, que em círculos, em roscas
Da ponta para cima se dilata,
Que tanto que no seio acolhe os ares
Dum e doutro hemisfério atroa as praias;
Eis aos lábios a concha o deus aplica
Por entre negras barbas orvalhosas,
Incham-lhe as faces ao robusto assopro,
Toca, e rios, e mar, que o som lhe escutam,
Súbito a seu pesar vêm recuando.
Este já praias tem, têm leito aqueles,

E murmuram pacíficos, e tardos:
Os outeiros assomam, surge a terra,
Os campos crescem, decrescendo as ondas.
Depois de longo espaço os arvoredos,
Os arvoredos nus se vão mostrando:
Dos despojados troncos pendem limos.

* Enfim renasce o mundo; e, vendo-o triste
O bom Deucalião, vazia a terra,
E alto silêncio derramado em tudo,
A Pirra diz chorando: “Ó doce esposa,
Ó tu, que és só, que és única de tantas
Habitantes do mundo, e que ligada
* Pelo amor, pelo sangue estás comigo,
Agora ainda mais pelo infortúnio!
Do nascente ao poente, em toda a terra
Só habitamos nós, só nós vivemos:
Tudo o mais pelas ondas foi tragado,
E cuido que não tens inda segura
Tua existência tu, nem eu a minha:
Estas nuvens, que observo, inda me aterram.
Ah, triste! Que farias se arrancada
Ao fado universal sem mim te visses!
Onde, fria de susto, onde levaras
A planta vacilante, e quem seria
Tua consolação na dor, no pranto?
Crê, minha amada, que se o mar sanhudo
Te escondesse nas sôfregas entranhas,
Te houvera de seguir o aflito esposo,
Sócio te fora em vida, e sócio em morte.
* Oxalá que eu, com a paterna indústria,
Pudesse reparar a humanidade,
Alma infundindo na formada terra!
Todo o gênero humano em nós se inclui,
(isto aos fados apraz, apraz aos deuses)
Ficamos para exemplo de que o mundo
Morada de homens foi.” Disse, e choravam.

Depois, tornando em si, resolvem ambos
Recorrer aos oráculos sagrados,
Da deusa Têmis invocar o auxílio.

* Não tardam: vão-se do Cefiso às águas,
Que ainda não bem líquidas caminham,
E apenas pelas frontes, pelas vestes
* Os gostados liquores desparziram,
Para o templo da deusa os passos torcem.

Manchava torpe musgo a frente, os tetos
Da estância venerável, e jaziam
Sem ministro, sem luz, sem culto as aras.
* Como os sacros degraus tocado houvessem,
Sobre a mádida terra os dois se prostram,
E dão nas pedras ósculo medroso;
Oram depois assim: “Se justas preces
Tornam benignos os irados numes,
Se a cólera dos céus com ais se adoça,
Dize-nos, deusa, dize-nos de que arte
Podemos instaurar a espécie humana,
E socorre piedosa o triste mundo.”

* Movendo-se a deidade, assim lhes fala:
“Do meu templo saí; cobrindo as frontes,
Soltai as vestiduras, que vos cingem,
E para trás depois lançai os ossos
De vossa grande mãe.” Tendo ficado
Atônitos os dois espaço grande,
Pirra primeiro enfim rompe o silêncio,
Da divindade as leis cumprir não ousa,
E com trêmula voz perdão lhe roga,
Porque teme, espalhando os ossos frios,
Aos manes maternais fazer injúria.
Depois disto repetem, pesam, notam
As palavras do oráculo sombrio;
Té que Deucalião, que o venerando
Filho de Prometeu, com brandas vozes
Serena a cara esposa, e diz: “Se acaso
Não revolvo ilusões no pensamento,
O oráculo da deusa é justo, é pio,
Não nos ordena o mal, não quer um crime.
A grande mãe, que ouviste, a mãe de todos
É a terra; a meu ver são os seus ossos
As pedras, e essas diz, que ao chão lancemos.”

Bem que esta inteligência agrade a Pirra,
Esperanças com dúvidas se envolvem,
E ambos das ordens santas desconfiam;
Mas nisso que lhes vai se as efeituam?
* As aras deixam, as cabeças cobrem,
Soltam as roçagantes vestiduras,
E logo para trás as pedras lançam.
Eis (quem te dera crédito, ó portento,
Se anosa tradição não te abonasse!)
Eis que subitamente elas começam
A despir-se do frio, e da rijeza,
E despindo a rijeza, a transformar-se.
Crescendo vão, mais branda natureza
As toca, as amacia, as amolece,
E nelas se perfeito o vulto humano
Logo ali se não vê, se vê contudo
Em grosseiros sinais e semelhança;
Qual na estátua, no mármore, a que apenas
Deu talhe a mão de artífice elegante.
Partes, que eram terrenas, e sucosas
Nas carnes, e no sangue se convertem;
O que tem solidez, o que não dobra
Muda-se em ossos, e o que dantes nelas
Veia se nomeou conserva o nome.
Num breve espaço enfim (mercê dos deuses)
As que arroja o varão varões se tornam,
E as que solta a mulher mulheres ficam.
Por isto somos fortes, somos duros,
Aptos a empresas, próprios a trabalhos,
E em nosso esforço, na constância nossa
Claramente se vê que origem temos.

* Os outros animais nas formas vários
A terra os produziu, sendo escaldado
Pelos raios do sol o humor antigo;
Os encharcados, os lodosos campos
Com o ativo calor se entumeceram,
E das cousas a próvida semente
Qual no materno claustro ali cerrada,
Nutriu-se, e devagar cresceu, formou-se.

Destarte, havendo enfim retrocedido
A seu amplo depósito profundo
O grão Nilo, que sai de bocas sete,
Co'a etérea flama se afogueia o lodo,
E por entre os terrões, quando os revolve,
De animais o cultor acha milhares,
Uns a nascer, e em parte já formados,
Em parte os membros seus inda imperfeitos;
E vê-se muitas vezes que de um corpo
Metade viva já, metade é terra.
Umidade e calor dão vida a tudo,
Se mutuamente se temperam ambos.
Bem que d'água contrário o fogo seja,
Sai do úmido vapor quanto é gerado;
A discorde união fermenta, e cria.

Portanto a fértil mãe, a extensa terra
Do recente dilúvio repassada,
E pelo aéreo lume escandecida,
Inúmeras espécies foi brotando:
Deu ser a algumas com a forma antiga,
Noutras enfim criou não vistos monstros.

1-15. "O decreto": nenhum deus ousa discordar de Júpiter, o que ressalta mais uma vez sua subserviência. Na poesia épica restante, não é incomum vê-los desafiar o monarca; os de Ovídio, contudo, mais parecem capachos covardes do que verdadeiros aristocratas. Não seria talvez exagerado ver neles a imagem de um Senado decadente. Não obstante, estão genuinamente preocupados com o futuro de um mundo desprovido da espécie humana. De vez que é ela o coroamento da Criação, eliminá-la deixaria um vácuo insuportável. Eis que Júpiter já tem solução: uma nova geração de homens, melhor que a atual, tomará o lugar desta.

12. "lhe responde": o esperado seria "lhes responde" (aos deuses); se não é erro do editor original, devemos entender "responde a isso", isto é, à objeção levantada.

16-29. "Ia já": a primeira idéia de Júpiter fora eliminar a humanidade por meio do raio, mas lembrou-se de uma antiga profecia segundo a qual o mundo acabaria em chamas e decidiu-se, enfim, pelo grande dilúvio. Lactâncio narra ter a Sibila profetizado que o universo arderia, e essa era uma doutrina comum entre os estóicos – a chamada "conflagração universal". Bocage toma de um excerto de Lucrécio,

também sobre o fim do universo, a expressão "máquina do mundo": *sustentata ruet moles et machina mundi* (*De Rerum Natura*, V, 96). Camões já a utilizara gloriosamente no Canto X de *Os Lusíadas*, o que provavelmente motivou Bocage a reaproveitá-la como expressão já sedimentada em português. Ovídio usa *mundi moles laboret*; compare-se isto a *machina mundi ruet* de Lucrécio e à "máquina do mundo arruinada" de Bocage. A imitação é evidente, e impressiona a ousadia (e sucesso) do tradutor português em valer-se dum poeta latino anterior a Ovídio, que o mesmo Ovídio não quis imitar.

30-39. **"Na gruta":** segundo a crença antiga, os ventos estavam presos numa caverna, de onde os libertava seu pai Éolo para que atravessassem o mundo, depois do que retornavam à mesma caverna. Júpiter aprisiona Aquilão (vento do Norte, associado a Bóreas) e outros ventos que afastam as chuvas; em seguida, libera Noto (Euro, o vento Sul), que traz tempestades. Segue-se uma descrição de Noto como deus alado, carrancudo e úmido.

43. **"Íris":** divindade conectada ao arco-íris, que dela tira seu nome, Íris era uma mensageira divina, ligada de modo especial a Juno. A chuva e o arco-íris são contatos entre o céu e a terra, e Íris é representada com vestes translúcidas, que ao Sol ficam multicoloridas. Aqui ela é notavelmente a personificação das águas pluviais, alimentando as nuvens para que a tempestade continue.

50. **"O azul irmão":** Netuno, deus dos mares. É ele o "iroso, undívago tirano".

51. **"mal que":** "tão logo". Tão logo os rios adentram os paços de Netuno, ele lhes diz o seguinte, etc.

58. **"cumpri":** imperativo plural. O editor original nos diz *assim cumpre*, forma que não me pareceu apropriada ao interlocutor plural (os rios), segundo o exemplo do próprio poeta: *ide, inchai, derramai-vos*, etc. Além disso, *assim cumpri* evita um defeito métrico da outra forma, a saber, a seqüência de duas tônicas: as-sim cum-pre dá lugar a as-sim cum-pri, que é ritmicamente mais harmonioso.

59. **"Ordena":** *Netuno* ordena, *os rios* partem, correm, vão-se às fontes, etc.

60. **"E as bocas":** os rios desapertam (abrem) as bocas das fontes, bocas essas de onde saem os mesmos rios. Compare-se, por exemplo, a expressão "doem-lhe os olhos" (i. e. "os olhos dele doem"), em que *lhe* também indica posse (exatamente como o dativo latino, no poema original). *Saem* deve ser lido como monossílabo (*sáem*), pelo bem da métrica.

69. **"dita":** sorte, felicidade. "Se algum edifício, por sorte, não caísse, a torrente cobria seu teto", etc.

74-98. **"Já se confunde":** imitação de Virgílio, *caelum undique,*

undique pontus, em que, do ponto de vista do navegador, o céu e o mar se confundem no horizonte. Mas enquanto Castro Alves, por exemplo, imita o trecho a sério (*Qual dos dois é o céu, qual o oceano?*), Ovídio faz dele troça, trocando céu por terra e colocando a passagem no contexto do Dilúvio. O que antes era uma expressão de dramaticidade solene passa a, digamos assim, uma piada de humor negro.

As imagens seguintes prosseguem com essa comicidade sardônica, comparando arados a remos, falando de peixes *mudos* sobre árvores (numa comparação notavelmente surreal com os pássaros, que antes *cantavam* pousados nelas), forçando enfim o leitor ao desconcerto, e não à compaixão pelo mundo submerso. O dilúvio inverte a realidade, criando uma confusão dos diabos em que, no lugar de cabras, pastam focas, golfinhos habitam bosques, o lobo nada desesperado em meio às ovelhas, etc.

Bocage, muito perspicaz, percebeu que Ovídio estava mais uma vez deformando um modelo, desta vez o de Horácio (*Odes*, I, 2), em que a inversão causada pelo Dilúvio era enfocada como desordem abominável, em contraste com a salvífica ordem do Império de Otávio Augusto. Nessa ode já apareciam pássaros sobre árvores e focas a pastar nos montes. Ovídio imitou e expandiu a passagem, de modo a torná-la cômica, em vez de meramente absurda. Bocage o acompanha lealmente, acrescentando suas próprias imitações de Horácio: onde Ovídio diz simplesmente "focas", nosso tradutor alude ao "gado de Proteu" da ode horaciana ("o gado informe do equóreo vate"), etc.

85-86. "De Baco a planta": a videira, da qual vem o vinho, invenção de Baco. As videiras, que antes cresciam sobre os olmos, agora submersas, apóiam-se nas âncoras e carcaças de navios.

99-110. "Buscada": aqui é narrada a morte dos animais. Os pássaros não conseguem encontrar um pedaço de terra em que possam descansar, e despencam nas águas; o mar toma as serras e afoga os que nelas se refugiavam; os poucos sobreviventes morrem de fome.

104. "pego": pélago, o mar. As ondas "fervem", isto é, espumam. Mas figuras de linguagem não devem ser tomadas como "outro jeito" de dizer a mesma coisa, e sim examinadas em sua significação especial. A semelhança entre o espumar das águas e sua fervença é apenas a base da figura, que consiste em usar essa mesma semelhança para atribuir às ondas um grande calor e ardência. Esse recurso exprime, não só a fúria das mesmas ondas, mas também o senso de urgência e perigo nessa altura do Dilúvio. A metáfora aparece freqüentemente no texto de Bocage, sempre associada ao espumar e dando alguma indicação de violência. Atenção também, neste trecho, para o assalto dos "torreões" de espuma à serra, que dá um toque militar à cena.

111-126. "A Fócida": Deucalião e sua esposa, Pirra, desembarcam no monte Parnaso, que possui dois cumes, e sua primeira ação é

estabelecer um culto divino. A geografia do poeta, porém, parece errada: a Beócia, região da famosa cidade de Tebas, é que fica entre a Ática (região de Atenas) e a Fócida (onde fica Delfos). Uma explicação possível é que o texto original esteja corrompido: onde lemos *Actaeis* (áticos) Ovídio teria escrito *Oetais* (etólios). De fato, a Fócida fica entre a Etólia e a Ática. Ainda assim, é curioso que Bocage, viajor como era, não estranhasse a geografia do texto ao qual teve acesso, e reproduzisse o erro. Talvez tenha julgado tratar-se duma figura de linguagem (abusadíssima embora), e não dum erro.

125. **"Corício":** caverna sagrada no monte Parnaso. Têmis é a deusa das leis eternas, uma divindade arcaica importantíssima, que manteve sua importância nos tempos olímpicos e estava especialmente ligada a oráculos – conta-se que teria sido ela quem ensinou a Apolo como fazer profecias.

127-162. **"Nenhum":** percebendo que só restava aquele casal tão piedoso, a ira de Júpiter está satisfeita. Liberta o Aquilão e seus irmãos, que antes prendera, para que cumpram sua natural função de mandar embora as chuvas. Também Netuno acalma os mares e, delegando poder a Tritão, faz voltarem a seus lugares os rios e o oceano. Estes retornam, a contragosto ("a seu pesar"), e a natureza vai voltando ao normal.

163-192. **"Enfim":** este é o momento sublime em que Deucalião, ainda tomado de terror, dirige-se à esposa e expõe a situação de ambos. O discurso é estruturado em cinco partes: 1) profundidade e multiplicidade de sua união (por sangue, matrimônio e infortúnio); 2) o medo de morrer sem o cônjuge; 3) amor até a morte; 4) desejo impotente de restaurar a humanidade; 5) toda a humanidade está representada em Deucalião e Pirra.

163-165. "vendo-o": "o bom Deucalião, vendo o mundo triste, a terra vazia, e um profundo silêncio derramado em tudo", etc.

169. **"Pelo sangue":** Deucalião era filho de Prometeu; Pirra, de Epimeteu; os quais eram irmãos, o que faz deste um casal de primos, ligados pelo sangue.

180. **"A planta":** os pés; enfatizados pelo termo "planta" em seu caráter fixo, de raiz, são porém contrastados com o adjetivo "vacilante", indicando que a solidez de Pirra, o seu chão, por assim dizer, estava no esposo. Essa imagem não existe no original, mas o complementa com naturalidade.

186. **"com a paterna indústria":** o engenho de seu pai, Prometeu, que formou o homem pela primeira vez.

196. **"Cefiso":** um rio, ou deus-rio, pai de Narciso. Suas águas ainda não estão "líquidas", isto é, claras, por causa da agitação recente, quando os rios ajudaram a inundar a terra. Esta imagem ajuda a

lembrar do terror que acabara de afligir o casal.

199. “gostados liquores”: libações sagradas, por meio das quais os cônjuges se purificam antes de entrar no templo de Têmis.

204. “Como”: no sentido de “quando”: “como houvessem tocado os sacros degraus, prostram-se os dois sobre a mádida terra”.

213-238. “Movendo-se”: Têmis oferece ao casal um enigma, que Pirra entende errado, pensando que devia mexer nos ossos da própria mãe, o que a consterna; mas tendo Deucalião descoberto um sentido mais aceitável para a ordem divina, decidem-se por tentar pô-lo em prática, já que, se estivessem errados, nenhum mal lhes aconteceria por isso. E o sentido é este: os ossos da mãe são, na verdade, as pedras – ossos da terra, que é a grande mãe.

239-265. “As aras”: executadas as ordens de Têmis, as pedras lançadas por Deucalião se tornam homens, e as por Pirra, mulheres. Aqui temos mais uma metamorfose, em que as pedras vão lentamente adquirindo forma humana: os sulcos e as partes terrosas se tornam carne e sangue, a parte mais dura fica sendo a ossatura, e as veias rochosas mantêm seu nome de *veias*, mas agora humanas. É engenhosa a inversão: chamamos assim as veias da pedra, por semelhança às nossas, mas diz o poeta que foi o contrário. Por fim afirma que fomos feitos para o trabalho, sólidos e duros, por sermos filhos das pedras de Deucalião e Pirra.

266-294. “Os outros”: a terra dá à luz os demais seres vivos, mediante a combinação da luz do Sol com os humores: *umidade e calor dão vida a tudo*. Há por aí uns modernos que pensam ter sido isto inventado recentemente. Por fim, a terra gera animais idênticos aos antigos, mas também monstros nunca antes vistos. Nada é perfeito.

Io (I, 583-747)

O o deus-rio Ínaco chora o desaparecimento de sua filha, Io. Júpiter se apaixonara por ela e, perseguindo-a, conseguiu raptá-la em Lerna, mediante a criação de densa névoa que a impedira de fugir. Juno, porém, percebendo que aquela névoa não era natural, desce à terra para investigar; por sua vez o esposo, antevendo seus ciúmes, transforma Io numa novilha. Fingindo não suspeitar de nada, Juno interroga o marido sobre o animal, e por fim lho pede como presente. Júpiter cai num dilema: se nega o presente, confessa o adultério; se o concede, entrega sua amante a uma vida bovina sob a vigilância de Juno. Acaba decidindo-se por ceder, e Io é entregue aos cuidados de Argos, um monstro de muitos olhos. Júpiter, porém, envia Mercúrio para libertá-la; disfarçado de pastor, Mercúrio toca a recém-inventada siringe, e atrai a atenção de Argos. Mercúrio conta-lhe como Pã apaixonou-se pela ninfa Siringe, que para escapar-lhe tornou-se num caniço, e como o deus decidiu fazer daquilo um instrumento musical, batizando-o com o nome da ninfa. Argos dorme no meio da história, e Mercúrio aproveita para cortar-lhe o pescoço com uma foice. Liberta, Io foge, mas Juno manda um espírito da vingança em seu encalço, que a tortura sem cessar. Júpiter, não suportando assistir a tanto sofrimento, convence Juno a libertá-la da maldição. Eis que, retornando a sua forma original, Io agora é cultuada como a deusa egípcia Ísis.

ARTE: (a seguir) “Juno descobrindo Júpiter com Io”, Pieter Lastman, 1618



Inachus unus abest imoque reconditus antro
fletibus auget aquas natamque miserrimus Io
luget ut amissam: nescit, vitane fruatur
an sit apud manes; sed quam non invenit usquam,
esse putat nusquam atque animo peiora veretur.
Viderat a patrio redeuntem Iuppiter illam
flumine et ‘o virgo Iove digna tuoque beatum
nescio quem factura toro, pete’ dixerat ‘umbras
altorum nemorum’ (et nemorum monstraverat umbras)
‘dum calet, et medio sol est altissimus orbe!
quodsi sola times latebras intrare ferarum,
praeside tuta deo nemorum secreta subibis,
nec de plebe deo, sed qui caelestia magna
sceptra manu teneo, sed qui vaga fulmina mitto.
ne fuge me!’ fugiebat enim. iam pascua Lernae
consitaque arboribus Lyrcea reliquerat arva,
cum deus inducta latas caligine terras
occuluit tenuitque fugam rapuitque pudorem.
Interea medios Iuno despexit in Argos
et noctis faciem nebulas fecisse volucres
sub nitido mirata die, non fluminis illas
esse, nec umenti sensit tellure remitti;
atque suus coniunx ubi sit circumspicit, ut quae
deprensi totiens iam nosset furta mariti.
quem postquam caelo non repperit, ‘aut ego fallor
aut ego laedor’ ait delapsaque ab aethere summo
constitit in terris nebulasque recedere iussit.
coniugis adventum praesenserat inque nitentem
Inachidos vultus mutaverat ille iuvencam;
bos quoque formosa est. speciem Saturnia vaccae,
quamquam invita, probat nec non, et cuius et unde
quove sit armento, veri quasi nescia quaerit.
Iuppiter e terra genitam mentitur, ut auctor
desinat inquiri: petit hanc Saturnia munus.
quid faciat? crudele suos addicere amores,
non dare suspectum est: Pudor est, qui suadeat illinc,
hinc dissuadet Amor. victus Pudor esset Amore,
sed leve si munus sociae generisque torique

vacca negaretur, poterat non vacca videri!

Paelice donata non protinus exuit omnem
diva metum timuitque Iovem et fuit anxia furti,
donec Arestoridae servandam tradidit Argo.
centum luminibus cinctum caput Argus habebat
inde suis vicibus capiebant bina quietem,
cetera servabant atque in statione manebant.
constiterat quocumque modo, spectabat ad Io,
ante oculos Io, quamvis aversus, habebat.
luce sinit pasci; cum sol tellure sub alta est,
claudit et indigno circumdat vincula collo.
frondibus arboreis et amara pascitur herba.
proque toro terrae non semper gramen habenti
incubat infelix limosaque flumina potat.
illa etiam supplex Argo cum bracchia vellet
tendere, non habuit, quae bracchia tenderet Argo,
conatoque queri mugitus edidit ore
pertimuitque sonos propriaque exterrita voce est.
venit et ad ripas, ubi ludere saepe solebat,
Inachidas: rictus novaque ut conspexit in unda
cornua, pertimuit seque exsternata refugit.
naides ignorant, ignorat et Inachus ipse,
quae sit; at illa patrem sequitur sequiturque sorores
et patitur tangi seque admirantibus offert.
decerptas senior porrexerat Inachus herbas:
illa manus lambit patriisque dat oscula palmis
nec retinet lacrimas et, si modo verba sequantur,
oret opem nomenque suum casusque loquatur;
littera pro verbis, quam pes in pulvere duxit,
corporis indicium mutati triste peregit.
‘me miserum!’ exclamat pater Inachus inque gementis
cornibus et nivea pendens cervice iuvencae
‘me miserum!’ ingeminat; ‘tune es quaesita per omnes
nata mihi terras? tu non inventa reperta
luctus eras levior! retices nec mutua nostris
dicta refers, alto tantum suspiria ducis
pectore, quodque unum potes, ad mea verba remugis!
at tibi ego ignarus thalamos taedasque parabam,
spesque fuit generi mihi prima, secunda nepotum.

de grege nunc tibi vir, nunc de grege natus habendus.
nec finire licet tantos mihi morte dolores;
sed nocet esse deum, praeclusaque ianua leti
aeternum nostros luctus extendit in aevum.’
talia maerenti stellatus submovet Argus
ereptamque patri diversa in pascua natam
abstrahit. ipse procul montis sublime cacumen
occupat, unde sedens partes speculatur in omnes.

Nec superum rector mala tanta Phoronidos ultra
ferre potest natumque vocat, quem lucida partu
Pleias enixa est letoque det imperat Argum.
parva mora est alas pedibus virgamque potenti
somniferam sumpsisse manu tegumenque capillis.
haec ubi disposuit, patria Iove natus ab arce
desilit in terras; illic tegumenque removit
et posuit pennas, tantummodo virga retenta est:
hac agit, ut pastor, per devia rura capellas
dum venit abductas, et structis cantat avenis.
voce nova captus custos Iunonius ‘at tu,
quisquis es, hoc poteras mecum considere saxo’
Argus ait; ‘neque enim pecori fecundior ullo
herba loco est, aptamque vides pastoribus umbram.’

Sedit Atlantiades et euntem multa loquendo
detinuit sermone diem iunctisque canendo
vincere harundinibus servantia lumina temptat.
ille tamen pugnat molles evincere somnos
et, quamvis sopor est oculorum parte receptus,
parte tamen vigilat. quaerit quoque (namque reperta
fistula nuper erat), qua sit ratione reperta.

Tum deus ‘Arcadiae gelidis sub montibus’ inquit
‘inter hamadryadas celeberrima Nonacrinas
naias una fuit: nymphae Syringa vocabant.
non semel et satyros eluserat illa sequentes
et quoscumque deos umbrosaque silva feraxque
rus habet. Ortygiam studiis ipsaque colebat
virginitate deam; ritu quoque cincta Dianae
falleret et posset credi Latonia, si non
corneus huic arcus, si non foret aureus illi;
sic quoque fallebat.

Redeuntem colle Lycaeo
Pan videt hanc pinuque caput praecinctus acuta
talia verba refert -- restabat verba referre
et precibus spretis fugisse per avia nympham,
donec harenosi placidum Ladonis ad amnem
venerit; hic illam cursum inpedientibus undis
ut se mutarent liquidas orasse sorores,
Panaque cum prensam sibi iam Syringa putaret,
corpore pro nymphae calamos tenuisse palustres,
dumque ibi suspirat, motos in harundine ventos
effecisse sonum tenuem similemque querenti.
arte nova vocisque deum dulcedine captum
‘hoc mihi colloquium tecum’ dixisse ‘manebit,’
atque ita disparibus calamis conpagine cerae
inter se iunctis nomen tenuisse puellae.
talia dicturus vidit Cyllenius omnes
subcubuisse oculos adopertaque lumina somno;
supprimit extemplo vocem firmatque soporem
languida permulcens medicata lumina virga.
nec mora, falcato nutantem vulnerat ense,
qua collo est confine caput, saxoque cruentum
deicit et maculat praeruptam sanguine rupem.
Arge, iaces, quodque in tot lumina lumen habebas,
exstinctum est, centumque oculos nox occupat una.
Excipit hos volucrisque suae Saturnia pennis
collocat et gemmis caudam stellantibus inplet.
protinus exarsit nec tempora distulit irae
horriferamque oculis animoque obiecit Erinyn
paelicis Argolicae stimulosque in pectore caecos
condidit et profugam per totum exercuit orbem.
ultimus inmenso restabas, Nile, labori;
quem simulac tetigit, positisque in margine ripae
procubuit genibus resupinoque ardua collo,
quos potuit solos, tollens ad sidera vultus
et gemitu et lacrimis et luctisono mugitu
cum Iove visa queri finemque orare malorum.
coniugis ille suae conplexus colla lacertis,
finiat ut poenas tandem, rogat ‘in’ que ‘futurum
pone metus’ inquit: ‘numquam tibi causa doloris

haec erit,’ et Stygias iubet hoc audire paludes.
Ut lenita dea est, vultus capit illa priores
fitque, quod ante fuit: fugiunt e corpore saetae,
cornua decrescunt, fit luminis artior orbis,
contrahitur rictus, redeunt umerique manusque,
ungulaque in quinos dilapsa absumitur ungues:
de bove nil superest formae nisi candor in illa.
officioque pedum nymphe contenta duorum
erigitur metuitque loqui, ne more iuvencae
mugiat, et timide verba intermissa retemptat.
Nunc dea linigera colitur celeberrima turba.

* Nos fundos lares Ínaco escondido
* Alteia com seu pranto as águas suas;
Io, a filha gentil, perdida chora:
Não sabe se está viva, ou se entre os manes:
Mas, porque não a encontra em parte alguma,
Em nenhuma do globo a julga o triste,
E o pior se lhe antolha ao pensamento.

* Volver do pátrio rio a vira Jove:
“Virgem digna de Júpiter, guardada
Para felicitar (lhe disse o nume)
No tálamo suave um ente humano!
Procura as sombras dos fechados bosques,
(e aos bosques lhe apontou) a calma aperta,
Dos céus está no cume o sol fervendo.
Se temes ir sozinha aonde há feras,
De um deus acompanhada irás segura;
Não de um deus inferior, porém daquele
Que o cetro universal na mão sustenta,
E o raio irresistível arremessa.
Não, não fujas de mim. – (Que ela fugia.)

Já de Lerna as pastagens, e os frondosos
Arvoredos Lirceus Io passara:
Eis em névoas o deus sumindo a terra,
Lhe prende os passos, e o pudor lhe usurpa.

Juno os olhos entanto aos campos volve.
E estranha em claro dia haver tal névoa,
Névoa tão densa como os véus noturnos,

Que das águas não sai, nem sai das terras.
Olha em torno de si, não vê o esposo,
E suspeitosa, pelo haver colhido
Já vezes cento em amorosos furtos,
Não o achando nos céus – “Ou eu me engano,
Ou lá me agravam” – (diz) e, deslizada
Da etérea habitação, parou na terra,
Onde o sombrio horror desfez num ponto.

* Mas o consorte pressentiu-lhe a vinda,
E em cândida novilha por cautela
De Ínaco a prole transformado havia,
Que depois de novilha inda é formosa.

Satúrnia, a seu pesar, lhe dá louvores,
Pergunta de quem é, donde viera,
Pergunta a que manada enfim pertence
(De estar longe do caso indícios dando)
– Que a terra a produziu – responde Jove,
Para não ser o autor mais inquirido:
Nisto Satúrnia em dádiva lha pede.

O amante que fará? Cruel, se entrega
Os seus amores; – se os não dá, suspeito;
O que o pejo aconselha, amor impugna:
Vencido pelo amor seria o pejo;
Porém se a sua irmã, se a sua esposa
Negar uma novilha, um dom tão leve,
Pode talvez não parecer novilha.
* Já na posse da adúltera, não despe
A deusa todavia o seu receio;
Teme a Jove, e do agravo está mordida.
Argos, o filho de Arestor, lhe ocorre,
* E quer que lha vigie, e dele a fia.

De Argos cinge a cabeça um cento de olhos,
Olhos, que dois a dois o sono alternam:
* Desvelados os mais, na presa cuidam.
* Em quaisquer posições atento a guarda,
Volta-lhe as costas, e tem Io à vista.
Permite-lhe pascer enquanto é dia;
Em transmontando o sol vai ferrolhá-la,

E um laço injusto lhe torneia o colo.

* Folhas agrestes, amargosa relva
Morde, rumina a triste; em vez de leito
* Dão-lhe nem sempre de erva o chão forrado,
Matam-lhe as sedes em corrente impura.
Súplices braços estender quisera
Para o seu guardador; mas que é dos braços?
Intenta dar um ai, solta um mugido:
Treme do som, da sua voz se espanta.

Um dia às margens vai, onde brincava,
Às margens paternais; vê n’água as pontas,
E, medrosa de si, foge do rio.
* Ínaco ignora, as Náiades não sabem
Quão pertencente lhe és, gentil novilha.
Ei-la os segue; às irmãs, ao pai, que a admiram,
Não só deixa que a toquem, mas se of’rece.
O velho ervas lhe colhe, e chega aos beiços;
Ela lhe lambe as mãos, as mãos lhe beija;
* Terno pranto lhe corre, e se pudera
Socorro a desditosa invocaria,
Seu nome, os fados seus articulara;
Mas, com letras enfim suprindo vozes,
Servindo-se do pé, na areia exprime
O triste anúncio da mudada forma.

“Ó pai desventurado! (Ínaco exclama
Abraçando a cerviz, pegado às pontas
D’alva bezerra, da chorosa filha)
“Ó pai desventurado! (Ele repete)
És tu, filha infeliz, tu, procurada
Tantas vezes por mim, e em tantas partes?
Antes que ver-te assim, nunca te vira,
Menor seria então minha amargura.
Ah, malfadada! Responder não sabes,
Altos suspiros sós do peito arrancas,
Mugir à minha voz é quanto podes.
Não prevendo teus fados, eu outrora
O toro nupcial te apercebia.
Duas bem ledas esperanças tive:

Primeira o genro foi, segunda os netos;
Esposo, e filhos nas manadas brutas,
* Querido meu penhor, terás agora.
Nem posso tanto mal findar co'a vida;
Empece-me o ser deus, aferrolhadas,
Defesas para mim da morte as portas,
Se estende a minha dor à eternidade."

* O oculoso pastor que lhe ouve as mágoas,
Ao lamentável pai remove a filha,
E vai apascentá-la em outros campos:
Sentado, de alto monte a vê, e a tudo.

*Que ela sinta, porém, tão duros males
Não pode o rei dos céus sofrer mais tempo:
Chamando o filho, que de Maia houvera,
Lhe ordena, lhe comete a morte de Argos.
* Mercúrio logo aos pés segura as asas;
Toma a vara sonífera, o galero
E, ataviado assim, demanda a terra.
Galero ali depõe, depõe talares,
Somente o caduceu na mão conserva;
Leva-o como pastor, que seu rebanho
C'o toque do cajado aos pastos guia,
E de canora flauta os sons difunde.
Da nova, doce música tentado,
Argos ao nume diz: "Quem quer que sejas,
Comigo aqui, pastor, sentar-te podes.
Sítio melhor não há para o rebanho,
Nem para o guardador, assim na sombra,
Como em fertilidade." O deus se assenta;
E em razões várias, que profere, e escuta,
Vai-se-lhe o dia. Adormecer intenta
Com a avena os cem lumes veladores,
Porém repugna o monstro aos moles sonos,
* E bem que os acolheu parte dos olhos,
Parte deles vigia. Enfim, porque era
Da flauta a invenção recente ainda,
A Mercúrio o pastor pergunta como,
Por quem fora inventada. A isto o nume
Diz então: "Nas arcádicas montanhas

* Teve nome entre as ninfas nonacrinas,
Foi entre as hamadríadas o assombro
A náiade Sirins, Sirins, a esquiva.
* Aos sátiros hirsutos se furtava,
E aos mais deuses campestres, que a seguiam;
Honrava nos costumes, no exercício,
E na flor virginal a Ortígia deusa.
Em traje venatório era Diana:
A semelhança os olhos enganara
Se arcos diversos não tivessem ambas,
Sirins um de marfim, Latônia um de ouro,
E assim mesmo enganava. Ela, deixando
O sombrio Liceu, de Pã foi vista,
De Pã, c'roado do pinheiro agudo,
* E o deus falou-lhe assim...” Narrar faltava
O que lhe disse o deus, que acesas preces
A ninfa repulsara, e que fugira,
Perseguida por ele até as margens
Do sereno Ládon; que ali parando,
Pelo estorvo das ondas, deprecara
Às cerúleas irmãs que a transformassem;
Faltava referir que em vez da amada,
Crendo que já nas mãos a tinha presa,
Pã somente abraçou palustres canas;
Que enquanto suspirava, os ares nelas
Fizeram tênue som, quase queixume;
Que n'arte nova, que na voz suave
Enlevando-se todo, o deus dissera:
* “Tais colóquios sequer terei contigo.”
* Que às canas desiguais, com cera unidas,
* Dera seu nome a ninfa. Ia Cilênio
Prosseguir, eis que vê do sono opressos
Os olhos todos. Súbito emudece,
Roça-os co'a vara, e lhe carrega o sono.
Rápido logo alçando o ferro curvo,
No vacilante colo o golpe acerta:
Cai a cabeça; espadanando o sangue,
O sangue em borbotões macula o monte.
* Argos, jazes, enfim; de todo extinta

A claridade está de tantos lumes:
Sombra eterna te ocupa os olhos cento.
Satúrnia lhos extrai, na cauda os prende
D'ave sua, e com eles a abrilhanta.

Mas freme a deusa, não retarda as iras;
Da Argólica rival aos olhos, e alma
Expõe a vexadora, horrenda Erínis;
Seus cruéis agrilhões lhe enterra a Fúria,
Por todo o mundo a prófuga persegue.

* Nilo, ao trabalho imenso, à espavorida
Carreira universal tu só restavas.
Tanto que imprime o pé nas margens tuas,
Sobre os joelhos cai, e aos céus erguendo
O que erguer só lhe é dado, os olhos tristes,
Com prantos, e mugidos lutuosos
Parece que se está queixando a Jove,
E que dos males seus o fim lhe implora.
Ele, o colo abraçando à sacra esposa,
Roga-lhe que remate a pena acerba.
"Perde o temor (lhe diz) crê que incentivo
Io não mais será de teus desgostos:"
E o protesto formal co'a Estige abona.

* Apenas se embrandece ao rogo a deusa,
Torna à mimosa ninfa o gesto antigo,
Torna a ser de repente o que era dantes.
Fogem do corpo as sedas, vão-se as pontas,
O orbe, a forma ocular se lhes restringem,
Abrevia-se a boca, os braços volvem,
Volvem-lhe as mãos também, também as unhas;
Já somente em dois pés está sustida,
Da novilha não tem senão a alvura.
Receando mugir, falar não ousa,
E a desusada voz ensaia a medo.

Celebérrima deusa, agora a honram
Aras e incensos dos egípcios povos.

1-7. "Nos fundos lares": Ínaco é um deus-rio (por isso vive em "fundos lares", nas profundezas do rio homônimo). Aqui ele nos é apresentado a chorar por sua filha, Io, que está desaparecida. Como

não a encontra em parte alguma, pensa que não está em lugar nenhum, e teme que esteja morta.

2. **"Alteia":** com suas lágrimas, Ínaco aumenta o volume das águas do rio, enchendo-o. A relação entre pranto e águas dos rios é bastante freqüente na poesia antiga.

8-24. **"Volver":** Júpiter, vendo Io sair do rio de seu pai, Ínaco, dirige-se apaixonado à moça. Seu discurso, de intenções maliciosas muito mal-disfarçadas, possui três partes: 1) contraste entre o valor da ninfa, digna de Jove, e o noivo que a esperava, supostamente um mortal; 2) exortação ao descanso nos bosques, pois o sol ferve no cume dos céus; 3) auto-elogio de Júpiter, que se impõe como companheiro no descanso de Io. O discurso é interrompido pela fuga da virgem, que contudo é vã: nos campos de Lerna, Júpiter cobre tudo de névoa, e consegue possuí-la.

25-35. **"Juno":** o truque usado por Júpiter para capturar Io é exatamente o que chama a atenção de sua esposa, Juno, que nota a estranheza daquela densa névoa, sem origem natural, e percebendo a ausência do marido, desconfia que ele a esteja traindo pela centésima vez. Desce à terra e desfaz a névoa para ver o que se passa.

30. **"pelo haver colhido":** *pelo* é junção sonora de *por* + *o*; embora esse *o* normalmente seja o artigo definido (como em "o homem"), aqui ele é pronome oblíquo (como em "eu o amo"). O modo vulgar de escrever este trecho seria: "suspeitosa por já o haver pego cem vezes em adultérios". "Colhê-lo" em "amorosos furtos" é uma linguagem extremamente delicada para acontecimentos tão ofensivos; e de fato, há nisso mais uma sugestão irônica da indignidade de Júpiter. Em latim vemos apenas "furtos", sem a delicadeza de "colher", a qual Bocage acrescentou de modo apropriado às intenções de Ovídio, que ridiculariza o rei dos deuses sistematicamente.

36-53. **"Mas o consorte":** Júpiter, antevendo os ciúmes de Juno, já havia transformado Io ("a prole de Ínaco") numa novilha. Chegando a esposa, finge que não suspeita de nada ("dando indícios de estar longe do caso"), e mostra um inocente interesse na novilha, chegando até a elogiá-la, muito a contragosto (pois imagina que seja uma moça transformada). Interrogado sobre a origem de Io, Júpiter diz que foi gerada pela terra, para evitar uma história complicada que o induziria a contradizer-se. Porém, a resposta é obviamente fraudulenta. Mais desconfiada que nunca, Juno pede a novilha como presente. Agora Júpiter está em xeque: se não der o presente à esposa, confessa sua culpa; se o der, maltrata a amante – embora lascivo, o portador do raio não é insensível. Entendendo, contudo, que negar o presente seria entregar o adultério, cede.

54-66. **"Já na posse":** evidentemente, Juno não fica por isso

satisfeita. Entrega a vaca Io a Argos, dotado de cem olhos espalhados pelo corpo. Como os olhos descansam de dois em dois, Argos nunca fica sem ver. Torna-se ele o pastor e vigia de Io, que é tratada exatamente como o animal cuja forma assumiu.

58. “lha vigie”: *vigie* + *lhe* + *a*, em que *lhe* corresponde a Juno, e *a*, a Io, de modo que se poderia escrever assim: “vigie Io para Juno”. Outra construção interessante é a que se segue: *dele a fia*. Juno fia Io de Argos, é dizer, confia Io a Argos.

61. “Desvelados”: “abertos os demais olhos, preocupam-se com a presa (Io)”.

62. “Em quaisquer”: não importa a posição que assuma, Argos consegue ver Io, pois tem olhos espalhados pelo corpo. Em *atento a guarda*, não há que entender “atento à guarda”, e sim “atento, ele guarda Io”. Tal é a diferença que faz uma crase.

65. “transmontando o sol”: quando o sol atravessa os montes (*trans* + *monto*), Argos aferrolha Io, como se faz com qualquer animal.

67-74. “Folhas”: aqui a situação de Io em forma bovina oscila entre o dramático e o cômico. É possível apiedar-se genuinamente da sua humilhação em pastar e beber água suja, e até da falta de braços para suplicar; mas como evitar o riso diante da cena em que tenta falar, e mugindo, espanta-se com sua própria voz? Essa confusão entre tragédia e comédia também é sistemática em Ovídio, e talvez tenha influenciado Shakespeare.

69. “Dão-lhe”: “dão-lhe um chão nem sempre forrado de grama [para dormir]”.

75-89. “Um dia”: Argos leva Io a pastar por muitas regiões, até que por coincidência vai parar às margens do rio Ínaco, onde mora o pai da moça. Aqui a cena é genuinamente triste: horrorizada com o reflexo de seus chifres na água, ela evita o rio, mas segue o pai e as irmãs, que não a reconhecem. Oferece-se a eles, lambe as mãos do pai, que lhe dá grama para comer; por fim, escreve seu nome na areia, usando os cascos. Mesmo de forma mudada, preservava a inteligência humana, da qual fez uso. Note-se, em especial, o uso da repetição para amplificar o sentimento: “às margens vai, onde brincava, às margens paternais”; “Ínaco ignora, as Náiades não sabem”; “ela lhe lambe as mãos, as mãos lhe beija”.

78. “Ínaco ignora”: dois sujeitos e dois verbos, mas um só objeto direto: Ínaco ignora [quão pertencente lhe és], as Náiades não sabem [quão pertencente és a Ínaco].

84-86. “se pudera”: “se pudesse, a desditosa invocaria socorro, articularia seu nome e seus fados”.

90-110. “Ó pai”: compreendendo a situação da filha, Ínaco a abraça e faz seu discurso, dividido em quatro partes: 1) reconhecimento da

filha; 2) amargura em vê-la assim, e incapacidade de Io comunicar-se senão com mugidos; 3) esperanças de casamento para a filha, e frustração com a descendência bovina que o aguarda; 4) impossibilidade de libertar-se de tanta tristeza por meio da morte, já que é um deus.

106. **“Querido meu penhor”:** inversão. “Meu penhor querido” é a ordem natural.

111-114. **“O oculoso pastor”:** Argos (*oculoso* porque tem muitos *olhos*, do latim *oculus*) ouve tudo e, aparentemente, entende o que se passou, mas não se comove da miséria de Ínaco, tampouco denuncia o ocorrido a Juno, que teria o maior interesse em saber a verdade. Numa postura fria e imparcial, remove Io dos braços paternos e continua a vigiá-la. Ovídio quer pintá-lo como instrumento perfeito, cumpridor de ordens que nada julga por si mesmo e que não se desvia de seu propósito. Isso amplificará, mais tarde, a glória de Mercúrio, que conseguirá enganá-lo.

115-180. **“Que ela sinta”:** Júpiter não suporta mais assistir às desventuras de Io, e ordena que Mercúrio (o filho de Maia, mensageiro do Olimpo e jagunço de Jove) a liberte de Argos. O matreiro Mercúrio emprega a seguinte estratégia: disfarça-se de pastor, tendo ciência de que Argos daria mais confiança a alguém que tivesse seu mesmo ofício, e aproveita-se de uma invenção recente, a flauta de pã, que ele toca com grande habilidade. Consegue despertar a curiosidade de Argos com o som da flauta; com a aparência de pastor, abaixa sua guarda; e acaba sendo convidado a sentar-se com ele. Astuto e paciente, papeia tranqüilamente e produz muitas melodias, na esperança de fazer o companheiro dormir, mas em vão: enquanto alguns pares de olhos dormem, outros continuam atentos. Sua insistência, porém, vence a vigília do monstro, quando lhe conta a origem da flauta, a história de Siringe. A bela ninfa fugira do apaixonado Pan, transformando-se em caniços; ao abraçá-la, em sua nova forma, Pan suspirou, e percebendo que produzia um som triste, transformou os caniços num instrumento, e deu-lhe o nome da ninfa (σύριγξ, *syrinx*, é o nome grego da flauta de pã). Mas muito antes que Mercúrio terminasse a história, Argos caiu no sono, dando-lhe a oportunidade de matá-lo, o que faz cortando-lhe a cabeça.

119-120. **“Mercúrio”:** o deus mensageiro toma seus adereços tradicionais: o capacete, pintado por Bocage como o chapéu cardinalício, que de fato é muito parecido; o cajado mágico conhecido como caduceu; e as sandálias aladas. Chegando à terra, deporá as sandálias e o chapéu, que denunciariam sua identidade, e disfarça o caduceu de cajado comum, para que se pareça com um simples pastor.

135. **“os cem lumes”:** em latim é bastante comum referir-se aos olhos

como *lumina*, “luzes”, e Bocage reproduz o latinismo, como faz com tantos outros, e como já fazia antes dele Camões, tendo criado assim muitas palavras e expressões que hoje soam como puríssimo português.

137. “bem que”: aqui com o sentido de “embora, apesar de”. Apesar de alguns pares de olhos de Argos estarem fechados, outros se mantinham despertos.

143-145. “Teve nome”: As ninfas nonacrinas são as habitantes da região de Nônacris, na Arcádia; náiades são as que pertencem aos rios; hamadríades, às árvores; ao dizer que foi renomada entre as primeiras, e assombro entre as segundas, Ovídio comunica, nas entrelinhas, que ela pertencia aos três grupos: era, pois, além de náiade, uma hamadríade da Arcádia. Pode parecer estranho que uma ninfa seja “das árvores” e “dos rios” simultaneamente: como ela está associada aos caniços, que crescem à margem dos rios, pode ter sido vista como um híbrido. Outros pensam que era uma náiade que apenas *vivia* entre as hamadríades, mas não creio que a frase de Ovídio sustente essa tese. O nome dessa ninfa é normalmente grafado como *Sírinx*, embora o mais correto seja *Siringe*, e o poeta mesmo prefira *Sirins*. A acentuação, aliás, não está errada: para o bem do ritmo, pronuncie-se *Sirins* com a tônica na segunda sílaba, não na primeira. Do nome dela veio a siringe (flauta de pã), como já foi dito, e também a seringa, que tem esse nome por sua semelhança com um caniço.

146-150. “Aos sátiros”: Siringe fugia dos sátiros e de outros deuses campestres, que queriam possuí-la, pois era virgem e casta – seguidora de Diana, deusa da caça nascida na ilha de Ortígia. A caça e as florestas estão associadas, no imaginário antigo, à castidade, enquanto os campos abertos sugerem fertilidade.

157-173. “Narrar faltava”: tudo a partir daqui é discurso indireto, com o verbo *narrar* pressuposto. “Faltava narrar o que lhe disse o deus; [narrar] que a ninfa repulsara acesas preces, e que fugira, perseguida por ele até as margens do sereno Ládon; [narrar] que ali parando, pelo estorvo das ondas, deprecara às cerúleas irmãs que a transformassem. Faltava referir que, crendo que já nas mãos a tinha presa, em vez da amada, Pã abraçou palustres canas; [referir] que, enquanto ele suspirava, os ares nelas fizeram tênue som, quase queixume; [referir] que, enlevando-se todo n’arte nova e na voz suave, o deus dissera: ‘Tais colóquios sequer terei contigo’. [Referir] que às canas desiguais, com cera unidas, a ninfa dera seu nome.”

171. “sequer”: “pelo menos”. “Pelo menos esta conversação terei contigo, já que não pude possuir-te fisicamente, como eu queria”.

172. “canas desiguais”: na flauta de pã, ou siringe, os tubos possuem tamanhos desiguais, um maior que o outro, colados em ordem

crescente.

173-180. “Ia Cilênio”: tendo nascido no monte Cilene e nele pastoreado por um tempo, Mercúrio é muitas vezes chamado de “Cilênio”. Neste trecho ele percebe que Argos fechou todos os olhos e, tendo usado o caduceu para adormecê-lo definitivamente, corta-lhe a cabeça com uma foice.

181-190. “Argos”: morre o guardador de Io, e o poeta se vale do tradicional tom solene, anunciando sua morte, para... fazer troça da aparência monstruosa do falecido. É, de fato, hilário: “sombra eterna te ocupa os olhos cento”. Em latim é pior, com o contraste entre a multiplicidade dos olhos, e a singularidade da morte: *centumque oculos nox occupat una*, “os cem olhos agora são ocupados por uma única noite”. Juno, para homenagear o servo fiel, põe seus cem olhos na cauda do pavão, ave consagrada à rainha dos deuses. E, tendo agora ciência de quem é Io, põe-lhe no encalço uma Erínia, divindade da vingança, que a persegue e tortura pelo mundo afora.

191-203. “Nilo”: a jornada de Io acaba às margens do rio Nilo, como começara à beira do Ínaco. Exausta, ela mira os céus e, aos mugidos, implora por piedade, no que é atendida pelos galantes esforços de Júpiter, que resultam no perdão de Juno. Ainda depois de tanto sofrimento, é difícil não ver graça nas pegadinhas ovidianas: “sobre os joelhos cai, aos céus erguendo...” os braços, pensa o leitor. “E vaca tem braços?”, responde Ovídio. “Ergue os olhos, que é o que tem para erguer”. As gracinhas não param por aí. Quando Júpiter deseja a confiança de Juno, promete-lhe que não perseguirá Io novamente, e jura... sobre o Estige. Ora, esse rio tem um papel proeminente na história dos adultérios jupiterinos. Um juramento sobre o Estige o forçará, mais tarde, a matar uma sua amante, Sêmele. Júpiter deveria moderar esses juramentos constantes, sugere Ovídio.

204-214. “Apenas”: se o leitor estranhara a rápida metamorfose de Io em vaca, agora já entendeu: Ovídio guardou sua técnica para o retorno da ninfa à forma humana. Essa transformação, porém, fica muito abaixo daquela de Licáon, e seu ponto forte está no final – em que o poeta não resiste a chamar atenção para o medo que sente Io, de tentar falar, e acabar mugindo. Vai ela ensaiando a voz aos pouquinhos para evitar o vexame.

215-216. “Celebérrima”: reza a lenda que Io foi adorada no Egito, como compensação pelos males que Júpiter lhe causara, e passou a ser chamada de Ísis. Essa deusa egípcia, de fato, era representada com pequenos chifres.

De Phaetonte Cadente (II, 161-183)

Faetonte, tendo descoberto que era filho do Sol, pedira ao pai que o deixasse dirigir seu carro pelos céus, no que foi atendido. Porém, os cavalos do Sol estranharam o pouco peso do condutor e, percebendo que não havia um deus a guiá-los, saíram de controle. O carro sai do curso, sobe aos céus e ameaça os astros. Faetonte está arrependido, mas é tarde. Dentro em breve, Júpiter será forçado a fulminá-lo para evitar a conflagração universal.

ARTE: (a seguir) “O Precipício de Faetonte”, Peter Paul Rubens, 1604-5



sed leve pondus erat nec quod cognoscere possent
Solis equi, solitaque iugum gravitate carebat;
utque labant curvae iusto sine pondere naves
perque mare instabiles nimia levitate feruntur,
sic onere adsueto vacuus dat in aera saltus
succutiturque alte similisque est currus inani.
Quod simulac sensere, ruunt tritumque relinquunt
quadriiugi spatium nec quo prius ordine currunt.
ipse pavet nec qua commissas flectat habenas
nec scit qua sit iter, nec, si sciat, imperet illis.
tum primum radiis gelidi caluere Triones
et vetito frustra temptarunt aequore tingui,
quaeque polo posita est glaciali proxima Serpens,
frigore pigra prius nec formidabilis ulli,
incaluit sumpsitque novas fervoribus iras;
te quoque turbatum memorant fugisse, Boote,
quamvis tardus eras et te tua plaustra tenebant.
Ut vero summo despexit ab aethere terras
infelix Phaethon penitus penitusque iacentes,
palluit et subito genua intremuere timore
suntque oculis tenebrae per tantum lumen obortae,
et iam mallet equos numquam tetigisse paternos,
iam cognosse genus piget et valuisse rogando,

...

* Porém leve era o peso, era diverso
Daquele que os Etontes conheciam:
Quais sem lastro bastante os curvos lenhos
São das ferventes ondas sacudidos;
Tal, co’a leveza insólita pulando,
Parece que vazio o carro foge.

* Eis a quadriga rápida percebe
Que os passos lhe não rege a mão de um nume:
Eis salta impetuosa, e deixa o trilho,
E bate o campo azul por nova estrada:
Treme Faetonte, e como as rédeas torça,
E qual seja o caminho ele não sabe,
E inda, sabendo, não domara os brutos.

Pela primeira vez se escandeceram
Os gélidos Triões co'a etérea flama,
E banhar-se no pego em vão tentaram.
Do pólo glacial vizinha a serpe,
Dantes mole de frio, e não terrível,
Ganhou no estranho ardor braveza estranha.
Diz-se, ó Bootes, que a tremer fugiste,
Bem que és tardio, e te retenha o carro:
* Vê jazer muito ao longe o mar e as terras
O mísero Faetonte: amarelece,
E súbito pavor lhe agita os membros:
Seus olhos em luz tanta encontram noite:
Triste! Quisera já não ter tocado
O coche do seu pai: já se arrepende
De conhecer quem é: de haver podido
O efeito conseguir do rogo incauto.
...

1-6. "Porém": Etontes são os cavalos do Sol (gr. αιθῶν, *aithon*, "que arde em chamas"). Habituados a carregar o peso de um deus, estranham o de Faetonte. A comparação é com navios ("curvos lenhos") sem lastro (vocabulário náutico: peso que se mete no fundo do porão do navio que leva pouca carga). Barcos precisam de lastro para equilibrar-se com a força das ondas; caso contrário, são sacudidos com violência, precisamente como o carro do Sol conduzido por Faetonte. O condutor é tão leve que, pelos pulos do carro, parece mesmo estar vazio.

7-21. "Eis a quadriga": os quatro cavalos percebem que estão sendo guiados por um mortal, e se enervam; saem do curso, começando a ameaçar os astros. Faetonte tenta corrigir o curso, sem sucesso. Sofre de dois problemas: por um lado, não sabe o caminho, e por outro, mesmo que soubesse, não conseguiria domar os cavalos. Segue-se a situação das constelações, que (como ocorre freqüentemente em Ovídio) ofende as convenções literárias pela comicidade, num momento de tão grande tensão e drama. Acossados pelas chamas, os sete bois (*septentriones*, sete estrelas da Ursa Maior) tentam banhar-se no gélido mar do Norte; a constelação de Dragão ("serpe vizinha do pólo glacial"), uma serpente que teria sido lançada ali por Minerva para congelar, começa a agitar-se e ganhar ferocidade; o Boieiro ("Bootes"), considerado uma constelação "lenta" por demorar para pôr-se no horizonte, tenta fugir do calor, mas é atrasado pelo seu carro de bois.

22-29. "Vê jazer": vendo que se afasta da terra, Faetonte é tomado pelo pavor, e arrepende-se. O medo ocorre em três etapas: palidez, tremor nos membros, cegueira. Assim também o arrependimento: de ter tocado no carro, de ter descoberto que era filho do Sol, de ter conseguido o favor que pedira ao pai.

De Invidiae Domo (II, 761-782)

ARTE: (a seguir) “Pallas Invidiam in Aglaurum incitat”, Antonio Tempesta, séc. XVII



domus est imis in vallibus huius
abdita, sole carens, non ulli pervia vento,
tristis et ignavi plenissima frigoris et quae
igne vacet semper, caligine semper abundet.
huc ubi pervenit belli metuenda virago,
constitit ante domum (neque enim succedere tectis
fas habet) et postes extrema cuspide pulsat.
concussae patuere fores. videt intus edentem
vipereas carnes, vitiorum alimenta suorum,
Invidiam visaque oculos avertit; at illa
surgit humo pigre semesarumque relinquit
corpora serpentum passuque incedit inerti.
utque deam vidit formaque armisque decoram,
ingemuit vultumque una ac suspiria duxit.
pallor in ore sedet, macies in corpore toto.
nusquam recta acies, livent robigine dentes,
pectora felle virent, lingua est suffusa veneno;
risus abest, nisi quem visi movere dolores;
nec fruitur somno, vigilantibus excita curis,
sed videt ingratos intabescitque videndo
successus hominum carpitque et carpitur una
suppliciumque suum est.

* É a estância da Inveja em gruta enorme,
Lá nuns profundos vales escondida,
Aonde o sol não vai, nem vai Favônio.
Reina ali rigoroso, eterno frio,
De úmidas, grossas névoas sempre abunda.
* O monstro vive de vipéreas carnes,
Dos seus tartáreos vícios alimento.
Da morte a palidez lhe está no aspecto,
Magreza e corrupção nos membros todos;
Olha sempre ao revés; ferrugem torpe
Nos asquerosos dentes lhe negreja.
Vê-se o fel verdejar no peito imundo,
Espumoso veneno a língua verte:
Longe o riso lhe jaz dos negros lábios,
Só se nos mais há pranto há nela riso,
Em não vendo chorar lhe acode o choro:

Não goza de repouso um só momento,
* Os cuidados que a roem não sofrem sono:
Mirra-se de pesar, ao ver nos homens
Qualquer bem; rala, e rala-se a maligna,
É verdugo de si, ódio de todos.
...

1-21. "É a estância": a alegoria se dá mediante a personificação da inveja. Divide-se em duas, sendo a primeira mais propriamente uma alegoria da inveja em si, e a segunda, uma personificação do comportamento invejoso. Assim, ela se alimenta de *vipéreas carnes*, o que quer dizer que se nutre de coisas venenosas; e depois lemos que *só se nos mais há pranto há nela riso*, que é como que uma tradução comportamental dessa alimentação viperina. Como a segunda parte é quase literal e dificilmente precisaria de explicação, vou concentrar-me na primeira, que é realmente alegórica.

1-5. "gruta": A inveja vive numa gruta, primeiro porque se esconde e nunca se confessa como quem é. Ela se baseia na combinação única entre o sentimento profundo de inferioridade e um impulso de afirmar exteriormente a própria superioridade. Essa contradição só pode persistir se não for exposta à claridade da consciência (na alegoria, a luz do sol), pois no momento mesmo em que digo: "sou invejoso", a inveja se converte, ou numa admissão da minha inferioridade, ou num esforço sincero de competição com aquele que eu invejava. Acabando a absurda convivência dessas forças contraditórias na minha psique, acaba a inveja. Por isso ela se esconde e jamais se mostra à luz do dia.
Em segundo lugar, ela vive numa gruta porque grutas são frias. O frio significa isolamento, e a inveja isola os homens, já que os leva a odiar seus semelhantes; se às vezes as multidões parecem unir-se em torno dela, isto não passa de ilusão – cada invejoso está completamente sozinho, e sua união é apenas uma coincidência estratégica de interesses. A umidade se explica porque a inveja vive de assaltos emocionais, não suportando a secura e claridade da razão. O frio do inverno também quer dizer velhice, infertilidade e desamor, em oposição à juventude, fertilidade e o amor da primavera. Como a inveja é amarga e improdutiva, é semelhante aos velhos, que só reclamam e não têm forças para fazer nada, e à terra castigada pelo frio, em que não se pode plantar.

6-13. "O monstro": A ferrugem, magreza e palidez significam a deterioração que a inveja traz para quem dela sofre, que é, em primeiro lugar, moral, mas não raro apresenta sintomas físicos e exteriormente visíveis. O invejoso vive com o coração cheio de amargor (*fel*), e para sentir como que um simulacro de vida, precisa

ouvir todo gênero de comentários maliciosos, descobrir vícios e desgraças alheias – tudo isto é representado pela carne de víboras de que a inveja se alimenta. E, como diz o poema, possui também veneno próprio: sua boca é um poço de malícia, capaz de encontrar defeitos em tudo e todos e maldizer todos os benfeitores. Olha sempre ao revés (obliquamente), porque esse modo de olhar significa despeito e ódio.

18. **“roem”:** deve-se pronunciar como uma sílaba só: *róem*, para manter a métrica.

De Evropa a Iove Rapta (II, 836-875; III, 1-2)

Júpiter, apaixonado pela princesa Europa de Sídon, convoca Mercúrio e lhe ordena desviar o gado real, que pasta nos montes, rumo à praia, onde passeia a princesa. Tendo o arauto do Olimpo cumprido suas ordens, Júpiter metamorfoseia-se em um lindo touro e se mistura ao rebanho, já na praia. Passa então a cortejar a donzela, que aos poucos toma confiança e sobe em seu lombo. Distraindo-a, Júpiter entra paulatinamente nas águas do mar e atravessa com a princesa para Creta, onde realiza seu intento.

ARTE: (a seguir) "O Rapto de Europa", Peter Paul Rubens, 1628-9



sevocat hunc genitor nec causam fassus amoris
‘fide minister’ ait ‘iussorum, nate, meorum,
pelle moram solitoque celer delabere cursu,
quaeque tuam matrem tellus a parte sinistra
suspicit (indigenae Sidonida nomine dicunt),
hanc pete, quodque procul montano gramine pasci
armentum regale vides, ad litora verte!’
dixit, et expulsi iamdudum monte iuvenci
litora iussa petunt, ubi magni filia regis
ludere virginibus Tyriis comitata solebat.
non bene conveniunt nec in una sede morantur
maiestas et amor; sceptri gravitate relicta
ille pater rectorque deum, cui dextra trisulcis
ignibus armata est, qui nutu concutit orbem,
induitur faciem tauri mixtusque iuvencis
mugit et in teneris formosus obambulat herbis.
quippe color nivis est, quam nec vestigia duri
calcavere pedis nec solvit aquaticus auster.
colla toris exstant, armis palearia pendent,
cornua vara quidem, sed quae contendere possis
facta manu, puraque magis perlucida gemma.
nullae in fronte minae, nec formidabile lumen:
pacem vultus habet. miratur Agenore nata,
quod tam formosus, quod proelia nulla minetur;
sed quamvis mitem metuit contingere primo,
mox adit et flores ad candida porrigit ora.
gaudet amans et, dum veniat sperata voluptas,
oscula dat manibus; vix iam, vix cetera differt;
et nunc adludit viridique exsultat in herba,
nunc latus in fulvis niveum deponit harenis;
paulatimque metu dempto modo pectora praebet
virginea plaudenda manu, modo cornua sertis
inpedienda novis; ausa est quoque regia virgo
nescia, quem premeret, tergo considere tauri,
cum deus a terra siccoque a litore sensim
falsa pedum primis vestigia ponit in undis;
inde abit ulterius mediique per aequora ponti
fert praedam: pavet haec litusque ablata relictum

respicit et dextra cornum tenet, altera dorso
inposita est; tremulae sinuantur flamine vestes.
...
[III, 1] Iamque deus posita fallacis imagine tauri
se confessus erat Dictaeaque rura tenebat (...).

O grão Jove no céu Mercúrio chama
* E, sem lhe declarar o amor que o fere,
* “Vai, ministro fiel dos meus decretos,
Vai, filho meu, co’a sólita presteza;
Desce à terra (lhe diz) donde se avista
* Tua mãe reluzindo à sestra parte,
* E que os seus naturais Sidon nomeiam.
* O armentio real, que ao longe a relva
No monte anda a pascer, dirige à praia”.
Disse, e já da montanha o gado expulso
Caminha à fresca praia, onde costuma
* A do sidônio rei mimosa filha
* Espairecer, folgar co’as tírias virgens.
* A majestade e o amor não bem se ajustam;
Jamais o mesmo peito os acomoda.
* Do cetro a gravidade enfim depondo
O pai e o rei dos deuses, Jove, aquele
Que armada tem do raio a sacra destra,
E que ao mínimo aceno abala o mundo,
Veste forma taurina, entre as manadas
Muge e pisa formoso as brandas ervas.
É cor da neve, que nem pés calcaram,
Nem co’as asas desfez o Sul chuvoso;
Alteia airosamente o móbil colo;
Das espáduas lhe pende, e bambaleia
A cândida barbela, as breves pontas
De industriosa mão lavor parecem,
Ganham no lustre à pérola mais pura.
Não tem pesado cenho, olhar terrível,
Antes benigna paz lhe alegra a fronte.
A filha de Agenor admira o touro,
Estranha ser tão belo, e ser tão manso.
Ao princípio, inda assim, teme tocar-lhe;

Vai-se depois avizinhando a ele,
E as flores que apanhou lhe aplica aos beiços.
Ei-lo já pela relva salta e brinca,
Já põe na fulva areia o níveo lado.
À virgem pouco a pouco o medo extingue,
E agora of'rece brandamente o peito,
Só para que lho afague a mão formosa,
Agora as pontas, que a real donzela
De recentes boninas lhe engrinalda.
Ela, enfim, que não sabe a que se atreve,
Ousa nas alvas costas assentar-se.
De espaço à beira-mar descendo o nume,
Põe mentiroso pé n'água primeira,
Vai depois mais avante... Enfim, nadando,
Leva a presa gentil por entre as ondas.
Ela de olhos na praia, ela medrosa
Segura uma das mãos numa das pontas,
Sobre o dorso agitado a outra encosta;
Enfuna o vento as sussurrantes vestes.
Despida finalmente a falsa imagem,
Eis aparece o deus, eis brilha Jove,
E em teus bosques, ó Creta, Amor triunfa!

2. "o amor que o fere": a saber, o amor por Europa, que fere Júpiter.

3-9. "Vai, ministro": tudo isto é uma fala de Júpiter a Mercúrio, mas a indicação verbal ("lhe diz") só aparece no terceiro verso da fala, entre parênteses. Poderia ser reordenado assim: "e, sem lhe declarar o amor que o fere, lhe diz: 'Vai, ministro fiel', etc.".

6-7. "Tua mãe": a mãe de Mercúrio é a estrela Maia. Os habitantes de Sídon, na Fenícia (atual Líbano) estariam do lado esquerdo ("sestra parte") de Maia: portanto, Mercúrio, que viaja por meio de suas sandálias aladas, deve usar a estrela de sua mãe como ponto de referência para encontrar Sídon. Além disso, observe-se que Maia é uma das Plêiades, grupo de estrelas que faz parte da constelação de Touro. A figura desta constelação é tradicionalmente explicada como sendo o touro que raptou Europa – precisamente a história que será contada neste poema. O uso da constelação logo no começo do poema, quando o rapto *ainda não aconteceu*, é uma prefiguração codificada do que ocorrerá a seguir. Note-se ainda que Ovídio é cuidadoso na construção da fala: o fato de Maia ser mãe de Mercúrio é suficiente para justificar, segundo a verossimilhança, que Júpiter a escolha como

referência astronômica, mencionando assim, veladamente, a constelação de Touro, da qual Maia faz parte. Dessa maneira, não parece que foi *intenção* de Júpiter confessar seus planos de transformar-se num touro; a relação entre a constelação e os acontecimentos seguintes passa por "mera coincidência".

7. "E que os seus naturais Sidon nomeiam": "os nativos dessa terra chamam-na de Sídon". A convenção hoje é pronunciar "Sídon" com acento tônico na primeira sílaba, mas no verso de Bocage deve-se dizer "Sidón", sob pena de estragar o ritmo.

8-9. "O armentio real":"dirige à praia o armentio real, que anda a pascer a relva no monte, ao longe". Júpiter ordena a Mercúrio que desvie o gado do rei de Sídon, Agenor, dos montes para a praia. De fato, a filha do rei, Europa, costuma passear pela praia, e a presença do gado visa a tornar menos estranha a aparição de certo touro branco – Júpiter transfigurado.

10-13. "já da montanha": "o gado, expulso da montanha, já caminha para a fresca praia, onde a mimosa filha do rei sidônio costuma espairecer, folgar com as virgens tírias".

10. "Disse": isto é, Júpiter disse (o conteúdo dos versos 3-9).

12. "A do sidônio rei mimosa filha": "a filha mimosa do rei sidônio"; a princesa Europa, que era filha de Agenor, rei de Sídon.

13. "tírias virgens": moças de Tiro, cidade próxima de Sídon. Em outra versão do mito, Europa vivia em Tiro, não em Sídon.

14-15. "A majestade": a transformação em touro por si já é espantosa; sendo Júpiter o transformado, é um rebaixamento monstruoso. E já que é duplo o escândalo, primeiro pela metamorfose, segundo pela qualidade do metamorfoseado, é muito decoroso antepôr-lhe uma observação ética, que suaviza o justo espanto do leitor, explicando de antemão que o amor erótico não coexiste com o respeito próprio; além disso, por meio dessa sentença, a humilhação de Júpiter deixa de ser escandalosa e torna-se um contra-exemplo edificante. Todos os que ocupam alguma posição de importância ficam assim sabendo como são graves para eles os riscos do amor.

16-21. "Do cetro": quatro versos exaltam a condição de Júpiter como rei dos deuses (com expressões como "a gravidade do cetro", "o pai e o rei dos deuses", etc.), mas apenas dois versos são suficientes para manifestar a baixeza da "forma taurina". Não cabe censurar Ovídio por ressaltar o caráter escandaloso da transformação. Escondê-lo é que seria, além de inútil, ímpio: pois não apenas seria incapaz de ocultar a humilhação de Júpiter como ainda ofenderia o senso moral dos leitores, a quem pareceria que o poeta tenta disfarçar o indisfarçável e esconder, por assim dizer, o sol com uma peneira. Faz bem Ovídio, então, mostrando claramente a vergonha de Jove como resultado

nefasto do amor.

De Pyramo Thisbeqve Morientes (IV, 55-166)

Píramo e Tisbe eram vizinhos na cidade de Babilônia, ele um jovem valoroso, ela a mais bela moça do oriente. Com o tempo se apaixonaram um pelo outro, e quiseram unir-se em matrimônio, mas foram proibidos pelos pais, e não mais puderam se encontrar. Descobriram, contudo, um defeito no muro que separava as casas, e passaram a usar aquela fenda para conversar, o que ao mesmo tempo que os consolava, acendia e agitava seu amor. Um dia, combinaram fugir: marcou-se o encontro no túmulo do antigo rei Nino, onde havia uma amoreira, cujos frutos eram brancos como a neve. Tisbe chegara primeiro: mas vendo, sob a luz do luar, uma leoa que se aproximava com a bocarra coberta de sangue, fugiu para uma gruta próxima, deixando cair seu véu. A leoa, vendo o véu, despedaçou-o, cobrindo-o de sangue, e foi embora. Eis que chega Píramo, e vendo sinais da passagem de uma fera, interpreta o sangue no véu como prova de que fora Tisbe devorada. Culpa-se a si mesmo, e se mata. Retornando Tisbe, tem apenas tempo de receber um último olhar do amado, que então se esvai para o Hades. Enlouquecida, toma sua espada e o segue no suicídio, implorando a piedade dos deuses e dos próprios pais. Estes a obedecem, encerrando suas cinzas junto às de Píramo numa mesma urna funerária; aqueles, embebendo a amoreira no sangue do casal, dão-lhe a cor enegrecida que tem hoje e assim a transformam em luto permanente pela trágica história de Píramo e Tisbe.

ARTE: (a seguir) “Paisagem com Píramo e Tisbe”, Jasper van der Laanen, séc. XVII



‘Pyramus et Thisbe, iuvenum pulcherrimus alter,
altera, quas Oriens habuit, praelata puellis,
contiguas tenuere domos, ubi dicitur altam
coctilibus muris cinxisse Semiramis urbem.
notitiam primosque gradus vicinia fecit,
tempore crevit amor; taedae quoque iure coissent,
sed vetuere patres: quod non potuere vetare,
ex aequo captis ardebant mentibus ambo.
conscius omnis abest; nutu signisque loquuntur,
quoque magis tegitur, tectus magis aestuat ignis.
fissus erat tenui rima, quam duxerat olim,
cum fieret, paries domui communis utrique.
id vitium nulli per saecula longa notatum -
quid non sentit amor? - primi vidistis amantes
et vocis fecistis iter, tutaeque per illud
murmure blanditiae minimo transire solebant.
saepe, ubi constiterant hinc Thisbe, Pyramus illinc,
inque vices fuerat captatus anhelitus oris,
“invide” dicebant “paries, quid amantibus obstas?
quantum erat, ut sineres toto nos corpore iungi
aut, hoc si nimium est, vel ad oscula danda pateres?
nec sumus ingrati: tibi nos debere fatemur,
quod datus est verbis ad amicas transitus auris.”
talia diversa nequiquam sede locuti
sub noctem dixere “vale” partique dedere
oscula quisque suae non pervenientia contra.
postera nocturnos Aurora removerat ignes,
solque pruinosas radiis siccaverat herbas:
ad solitum coiere locum. tum murmure parvo
multa prius questi statuunt, ut nocte silenti
fallere custodes foribusque excedere temptent,
cumque domo exierint, urbis quoque tecta relinquant,
neve sit errandum lato spatiantibus arvo,
conveniant ad busta Nini lateantque sub umbra
arboris: arbor ibi niveis uberrima pomis,
ardua morus, erat, gelido contermina fonti.
pacta placent; et lux, tarde discedere visa,
praecipitatur aquis, et aquis nox exit ab isdem.

'Callida per tenebras versato cardine Thisbe
egreditur fallitque suos adopertaque vultum
pervenit ad tumulum dictaque sub arbore sedit.
audacem faciebat amor. venit ecce recenti
caede leaena boum spumantis oblita rictus
depositura sitim vicini fontis in unda;
quam procul ad lunae radios Babylonia Thisbe
vidit et obscurum timido pede fugit in antrum,
dumque fugit, tergo velamina lapsa reliquit.
ut lea saeva sitim multa conpescuit unda,
dum redit in silvas, inventos forte sine ipsa
ore cruentato tenues laniavit amictus.
serius egressus vestigia vidit in alto
pulvere certa ferae totoque expalluit ore
Pyramus; ut vero vestem quoque sanguine tinctam
repperit, "una duos" inquit "nox perdet amantes,
e quibus illa fuit longa dignissima vita;
nostra nocens anima est. ego te, miseranda, peremi,
in loca plena metus qui iussi nocte venires
nec prior huc veni. nostrum divellite corpus
et scelerata fero consumite viscera morsu,
o quicumque sub hac habitatis rupe leones!
sed timidi est optare necem." velamina Thisbes
tollit et ad pactae secum fert arboris umbram,
utque dedit notae lacrimas, dedit oscula vesti,
"accipe nunc" inquit "nostri quoque sanguinis haustus!"
quoque erat accinctus, demisit in ilia ferrum,
nec mora, ferventi moriens e vulnere traxit.
ut iacuit resupinus humo, cruor emicat alte,
non aliter quam cum vitiato fistula plumbo
scinditur et tenui stridente foramine longas
eiaculatur aquas atque ictibus aera rumpit.
arborei fetus adspergine caedis in atram
vertuntur faciem, madefactaque sanguine radix
purpureo tinguit pendentia mora colore.

'Ecce metu nondum posito, ne fallat amantem,
illa redit iuvenemque oculis animoque requirit,
quantaque vitarit narrare pericula gestit;
utque locum et visa cognoscit in arbore formam,

sic facit incertam pomi color: haeret, an haec sit.
dum dubitat, tremebunda videt pulsare cruentum
membra solum, retroque pedem tulit, oraque buxo
pallidiora gerens exhorruit aequoris instar,
quod tremit, exigua cum summum stringitur aura.
sed postquam remorata suos cognovit amores,
percutit indignos claro plangore lacertos
et laniata comas amplexaque corpus amatum
vulnera supplevit lacrimis fletumque cruori
miscuit et gelidis in vultibus oscula figens
“Pyrame,” clamavit, “quis te mihi casus ademit?
Pyrame, responde! tua te carissima Thisbe
nominat; exaudi vultusque attolle iacentes!”
ad nomen Thisbes oculos a morte gravatos
Pyramus erexit visaque recondidit illa.
‘Quae postquam vestemque suam cognovit et ense
vidit ebur vacuum, “tua te manus” inquit “amorque
perdidit, infelix! est et mihi fortis in unum
hoc manus, est et amor: dabit hic in vulnera vires.
persequar extinctum letique miserrima dicar
causa comesque tui: quique a me morte revelli
heu sola poteras, poteris nec morte revelli.
hoc tamen amborum verbis estote rogati,
o multum miseri meus illiusque parentes,
ut, quos certus amor, quos hora novissima iunxit,
conponi tumulo non invideatis eodem;
at tu quae ramis arbor miserabile corpus
nunc tegis unius, mox es tectura duorum,
signa tene caedis pullosque et luctibus aptos
semper habe fetus, gemini monimenta cruoris.”
dixit et aptato pectus mucrone sub imum
incubuit ferro, quod adhuc a caede tepebat.
vota tamen tetigere deos, tetigere parentes;
nam color in pomo est, ubi permaturuit, ater,
quodque rogis superest, una requiescit in urna.’

* Píramo, singular entre os mancebos,
E Tisbe, superior em formosura
A todas as donzelas do oriente,

Tinham contíguas as moradas suas
Lá onde é fama que de ingentes muros
Semiramis cingiu alta cidade.

* A amor a vizinhança abriu caminho,
Neles foi com a idade amor crescendo,
E unir-se em doce nó votaram ambos,
O que injustos os pais não permitiram.
Em vivo, igual desejo os dois ardendo,
(Que isto os pais evitar-lhes não puderam)
Sem confidente algum, só por acenos,
Por sinais se entendiam, se afagavam.
Quando amor se recata, é mais ativo.
Parede, que os dois lares dividia,
Rasgada estava de uma tênue fenda
Desde o tempo em que foram fabricados.
Ninguém tinha notado este defeito;
Mas que não sente Amor, que não adverte?
Vós, amantes fiéis, vós o notastes,
E dele se valeu sagaz ternura.
Soíam por ali passar sem medo
Brandas finezas em murmúrio brando.
De uma parte o mancebo, e Tisbe de outra,
Prestando unicamente, e recebendo
Seu hálito amoroso, assim carpiam:
* “Invejosa parede, a dois amantes
Por que, por que te opões? Ah! Que importava
Que perfeita união nos consentisses?
Ou, se isto é muito, ao menos franqueasses
Aos ósculos de amor lugar bastante?
Mas não somos ingratos, confessamos
Que os nossos corações a ti só devem
Doce conversação, que os desafoga.”
* Separados assim, e em vão diziam.
* Dando um saudoso adeus já quase à noite,
Ao partir cada qual suave beijo
Na parede insensível empregava,
Nem que o terno penhor chegar pudesse
Aonde o dirigia o pensamento.

* Um dia quando, roto o véu noturno,

Tinha ante os lumes da serena Aurora
Desmaiado nos céus a luz dos astros,
E Febo com seu raio ia secando
Sobre as ervas sutis o frio orvalho,
Ao lugar do costume os dois volveram.
Depois de mutuamente se queixarem
Da pesada opressão, que os constrangia,
Com mais cautela ainda, em tom mais baixo
Concertam entre si que em vindo a noite
Haviam de iludir os pais e os servos,
De seus lares fugindo, e da cidade;
Que, por não se perderem vagueando
Pelo campo espaçoso, ao pé da antiga
* Sepultura de Nino ambos parassem,
Postos à sombra de árvore frondosa.
* Esta árvore, que ali ao ar se erguia,
Carregada de frutos cor de neve,
(Então da cor de neve até maduros)
* Era a grata amoreira: amena fonte,
Fervendo junto dela, o chão regava.

* Quadrou o ajuste, e nas cerúleas ondas
* Caindo tardo o sol para os amantes,
E donde o sol caiu surgindo a noite,
* Achada ocasião, por entre as sombras
* Tisbe astuta das portas volve a chave,
Engana os seus, e sai. Cobrindo o rosto,
Caminha para o túmulo de Nino,
Chega, e debaixo da árvore se assenta:
Dava Amor ousadia à linda moça.
* Eis que feroz leoa, ensangüentada
De recente matança a boca enorme,
Assoma, e vem depor na fonte a sede.
Porque o pleno luar cobria o campo
A vê ao longe a babilônia Tisbe,
* E com tímidos pés em gruta umbrosa
Vai sumir-se, correndo, e palpitando,
E na carreira o véu lhe cai por terra.
Depois que o torvo bruto a sede ardente
Nas águas apagou, tornando aos bosques

O solto véu sem Tisbe acaso encontra,
E no sangüíneo dente o despedaça.

* Píramo, que do lar saiu mais tarde,
Que vê no erguido pó sinal de fera,
E de fera no chão pegadas nota,
Descorando estremece, e tinto em sangue
Acha o caído véu. “Numa só noite
(Diz ele) dois amantes se perderam;
Perdeu-se a bela, a triste, a desgraçada
Que de longa existência era tão digna.
Eu tive toda a culpa, eu, miseranda,
Eu fui quem te matou, fui quem te disse
Que de noite, que só te aventurasses
A tão ermo lugar, tão pavoroso,
E para te acudir não vim primeiro.
Lacerai-me este corpo abominável,
Devorai-me estas bárbaras entranhas,
Ó leões, que jazeis por essas grutas!
Mas chamar pela morte é só dos fracos.”
* Já da terra levanta o véu de Tisbe,
E para a fértil planta se encaminha,
Vai com ele ao lugar do terno ajuste.
Cobrindo-o lá de lágrimas, e beijos,
“O meu sangue (lhe diz) também te regue,
Recebe, ó triste véu, também meu sangue.”
E súbito, despindo o ferro agudo
Que ao lado lhe pendia, em si o enterra:
Da ferida mortal o extrai, o arranca,
E de costas no chão depois baqueia.
Em roxos borbotões lhe ferve o sangue,
E lhe salta com ímpeto, à maneira
De alto e cheio aqueduto, que rebenta,
Que estrondoso arremessa ao longe as águas,
Co’a soberba impulsão rompendo os ares.
Da ramosa amoreira os alvos frutos,
Pela rubra corrente rociados,
Em triste, negra cor a antiga mudam,
E do sangue a raiz umedecida
Logo às amoras purpureia o sumo.

* De todo não perdido ainda o medo,
Volta a gentil donzela ao fatal sítio
Porque a não ache em falta o caro amante.
C'os olhos, e c'o espírito o procura,
Desejosa de expor-lhe o grave risco
De que pôde escapar. Notando a planta
Mudada no exterior, a desconhece,
Duvida se é a mesma. Enquanto hesita
Vê tremer, e arquejar na terra um corpo,
Na terra, que de sangue está manchada.
Recua de terror, pálida, absorta,
Arrepia-se e freme, à semelhança
Do rouco mar, se as virações o encrespam.
Mas depois que atentando enfim conhece
A porção da sua alma, os seus amores,
Rompe em choros, em ais, maltrata o peito,
O peito encantador, que o não merece,
Arranca delirante as louras tranças,
Entre os braços aperta o corpo amado,
Verte amargosas lágrimas no golpe,
Correndo misturados sangue e pranto;
Piedosos beijos dá no rosto frio,
Clama: "Ó Píramo! Ó céus! Que duro caso
Te arrebata de mim? Píramo, escuta,
Responde-me, querido: a tua amada,
A tua fiel Tisbe é quem te chama;
O semblante abatido ergue da terra."

Ouvindo proferir da amada o nome,
O malfadado moço eis abre os olhos,
Já do peso da morte enfraquecidos;
Volve-os a Tisbe, e para sempre os cerra.

* Nisto aquela infeliz o véu distingue,
Vê do extinto amador a nua espada.
* "Teu amor, tua mão te hão dado a morte!
Eu também tenho mãos (exclama a triste),
Eu também tenho amor capaz de extremos,
Que esforço me dará para seguir-te.
Sim, eu te seguirei, serei chamada
* Da tua desventura a causa, a sócia.

Ai! Só podia a morte separar-nos...
Mas não, nem ela mesma nos separa.
Ó vós, dai terno ouvido às preces de ambos,
Míseros pais de míseros amantes,
* Que une por lei do Fado Amor, e a Morte;
Deixai que o mesmo túmulo os encerre.
E tu, árvore, tu, que estás cobrindo
Agora um só cadáver miserando,
Logo dois cobrirás. Sinais conserva
Da tragédia que vês, e por teus frutos
Difunde sempre a cor de luto, e mágoa,
Monumento fatal do negro caso.”

Cala-se, encosta o peito à férrea ponta,
Do sangue do infeliz tépida ainda,
E traspassa-se, e cai. Das preces tristes
Contudo os céus, e os pais se enterneceram.
Nos ramos da frondífera amoreira
Quando maduro está negreja o fruto;
* E a lacrimosa, paternal piedade
Guardou numa só urna as cinzas de ambos.

1-6. “Píramo”: Píramo e Tisbe eram habitantes da Babilônia (cidade fundada pela rainha Semíramis, cujo nome aqui deve ser pronunciado como paroxítona: *Semirámis*), e viviam em casas vizinhas.

7-24. “A amor”: como eram vizinhos, a afeição entre eles cresceu mais facilmente. Chegaram a fazer votos de casar-se, ao que os pais se opuseram. Porém, o afeto continuou crescendo, e na impossibilidade de conversarem, trocavam gestos e olhares. Enfim descobriram uma fenda no muro que separava suas casas, e por ali faziam seus diálogos amorosos. Este trecho é um exemplo de *narração*, isto é, a técnica de contar brevemente uma história que contextualiza o que virá a seguir. Note-se, além da admirável concisão, o uso de figuras que enriquecem a narrativa com emoções e pensamentos impactantes: *a amor a vizinhança abriu caminho* (metáfora); *quando amor se recata, é mais ativo* (máxima); *que não sente Amor, que não adverte?* (pergunta retórica); *vós, amantes fiéis, vós o notastes* (apóstrofe). Tais recursos impedem que a narração se torne apenas uma seqüência de fatos monótonos e insignificantes; e não devem ser interpretados como prestidigitação verbal, pois verdadeiramente descobrem significados ocultos nos fatos, transformando-os em lições de vida para o leitor ou ressaltando sua importância na vida das personagens.

Em virtude das muitas figuras, achei que o trecho merecia uma reformulação completa: "O fato de serem vizinhos abriu caminho para o amor; seu amor foi crescendo à medida que eles cresciam; e fizeram votos de unir-se em matrimônio, coisa que seus pais, injustos, não permitiram. Desejando-se os dois mutuamente, com amor vivo e igual (pois os pais não puderam impedi-los de se amarem), sem confidente algum, se entendiam e se afagavam só por meio de acenos e sinais. Ora, quando o amor é obrigado a esconder-se, ele fica mais ativo: a parede que dividia as casas das duas famílias tinha uma pequena fenda, desde a construção das casas. Ninguém tinha percebido esse defeito do muro; mas o que é que o Amor não percebe? Vocês, Píramo e Tisbe, notaram-no, e a sua ternura sagaz aproveitou-se dele. A partir de então, costumavam sussurrar, docemente e sem medo, através da fenda, suas delicadezas de amor".

25-41. "De uma parte": aqui já começa a história propriamente dita, com os amantes conversando através do muro. Este excerto é memorável, pela ótima linguagem e também por sua estruturação perfeita. Nos versos 26-27, temos a introdução do discurso amoroso, que consiste na imagem de Píramo e Tisbe numa união puramente verbal, um de cada lado, dando a própria voz e recebendo simultaneamente a voz do outro. Entre os versos 28 e 35, está o discurso dos amantes, que se estrutura em duas partes: queixa contra a parede pelo que ela impede, e gratidão pelo que lhes permite. De 36 a 41, sua despedida serve de epílogo ao discurso, e contrasta com a introdução; pois se nesta o hálito de um alcançava o outro em perfeita troca, na outra os beijos são detidos pela fria parede, e não chegam ao destino. A respiração e a voz têm passagem, mas não a boca; a idéia, mas não os corpos; o ar, mas não a terra.

25-27. "De uma parte": de um lado do muro está Píramo, e do outro, Tisbe. A imagem é espelhada, com a parede no centro, no lugar do espelho. Cada um deles dá (*presta*) e recebe, simultaneamente (*unicamente*) seu hálito amoroso.

28-35. "Invejosa": revoltados contra a parede, queixam-se que ela não lhes permita, primeiro, o abraço conjugal (*perfeita união*); depois, que a fenda não tenha espaço suficiente (*lugar bastante*) para seus beijos (*ósculos de amor*); por fim, são-lhe gratos por ao menos oferecer-lhes o consolo de conversarem. Já mencionei que o discurso é dividido em duas partes, queixa e gratidão; mas ele também possui um movimento descendente, do desejo maior (união conjugal) à consolação (falar). Os amantes começam pelo que realmente querem, e depois vão-se contentando com menos, como que se conformando com suas condições concretas, até que a revolta inicial torna-se gratidão.

36. "Separados": em vão diziam tais coisas, como as do discurso

acima, separados pela parede.

37-41. **"Dando":** já quase à noite, davam um saudoso adeus um ao outro, e ao partir, cada um beijava a parede, embora o beijo não pudesse chegar aonde desejavam que chegasse. *Nem que pudesse* está aqui significando o mesmo que *embora não pudesse*.

42-47. **"Um dia":** "Um dia, quando – depois de desfazer-se o véu da noite – a luz dos astros no céu tinha desmaiado diante da luminosidade da serena Aurora; [quando] Febo, o Sol, ia secando com seus raios o frio orvalho sobre as delicadas plantas, os dois (Píramo e Tisbe) voltaram ao lugar de costume (a fenda no muro)".

56. **"Nino":** antigo rei da Assíria, fundador de Nínive, e esposo de Semíramis, que depois de sua morte fundou Babilônia.

58-60. **"Esta árvore":** segundo o mito, a amoreira antes dava frutos brancos, que receberam sua cor atual depois da triste história de Píramo e Tisbe – como Ovídio explicará mais tarde, a cor escurecida das amoras maduras corresponde ao luto dos deuses pelo trágico acontecimento.

61. **"amena fonte":** "junto da amoreira, uma amena fonte regava o chão". Quem estranhar a presença desta fonte, ou o uso profético de *ferver* para seu jorro (adição de Bocage), deve esperar pelos próximos acontecimentos.

63. **"Quadrou o ajuste":** o acordo de fuga de Píramo e Tisbe agradou a ambos, isto é, foi selado.

64. **"tardo":** "caindo o sol nas cerúleas ondas, tardo para os amantes", etc. O sol se pôs, mas do ponto de vista do casal ansioso, demorou demais.

66. **"Achada ocasião":** tendo sido encontrada uma oportunidade (de fuga). Oração reduzida de particípio.

67. **"Tisbe":** "Tisbe, astuta, volve a chave das portas".

72-74. **"Eis que feroz leoa":** outra reduzida de particípio (*feroz leoa, que tinha a boca enorme ensanguentada* torna-se apenas *feroz leoa, ensanguentada a boca enorme*). Note-se que a leoa vai aplacar sua sede na fonte "fervente" ao lado da amoreira, sujando simbolicamente a fonte de sangue. Depois de manchar a fonte com sua violência, será a vez do véu de Tisbe.

75-79. **"Porque o pleno luar":** como a lua estava cheia e brilhante, Tisbe pôde ver a leoa que se aproximava, e fugiu para uma gruta, deixando porém cair o véu enquanto corria.

77. **"tímidos":** *que têm medo*, e não "tímidos" no sentido moderno de "vacilantes, hesitantes".

84-100. **"Píramo":** esta é uma daquelas passagens tão admiráveis que dificilmente se acha o que falar sobre elas. Píramo percebe os sinais de

que por ali passara uma fera: a areia levantada, que é mais sutil e dúbia; depois, as pegadas, que tornam a presença do monstro mais visível e certeira. Perde a cor e treme; a estranha posição das palavras "tinto em sangue" leva, por um instante, a supor que Píramo estivesse ferido – sabemos que é o véu de Tisbe, rasgado pela leoa, mas a sintaxe sugere que Píramo, ao vê-lo, sentiu-se também massacrado. Ele confirma essa impressão com sua fala: *dois amantes se perderam*. Sente-se coberto de sangue, morto como Tisbe (que, para piorar a tensão do momento, sabemos estar sã e salva numa gruta próxima). Culpa a si mesmo, talvez com razão. Chama pelos leões, que o matem também; e dá a entender, dramaticamente, que seu dever como homem é punir-se sem a ajuda de leões. Como descrever o efeito desse *crescendo* em que se forma o medo, depois o pânico, a revolta, o desejo de ser punido, enfim a decisão de punir-se, dita indiretamente, com uma densa sombra pousada na face? É um grande momento da literatura latina, e graças a Bocage, da portuguesa também.

101-120. **"Já da terra":** neste trecho há três movimentos: 1) construção do suspense; 2) liberação da tensão em horror e piedade; 3) conclusão dramática e sedimentação da experiência trágica. No começo, prenunciando a horrível morte de Píramo e criando suspense, os versos se tornam hesitantes, repetem as mesmas coisas como se evitassem dizer o que vem a seguir: *se encaminha para a fértil planta / vai ao lugar do terno ajuste* (o lugar do "terno ajuste" é o combinado por ele e Tisbe, isto é, lá mesmo onde está a amoreira); *o meu sangue também te regue / recebe também meu sangue*. A repetição tem efeito, concentrando atenção e expectativa – até que *súbito, despindo o ferro agudo,* Píramo se fere e o suspense, acumulado como água num reservatório, jorra junto com o sangue do herói, *à maneira de alto e cheio aqueduto, que rebenta*. Por fim, a lenta contaminação da amoreira com o sangue de Píramo transforma a morte do rapaz num símbolo, o terror e violência adquirindo uma face mais solene e melancólica e fixando-se na alma do leitor como linguagem. Note-se a linguagem suave: *alvos frutos rociados pela rubra corrente*, e a absorção lenta do sangue, primeiro na casca dos frutos, depois nas raízes da árvore, enfim no sumo.

121-151. **"De todo":** chegou a vez de Tisbe contemplar o cadáver do amado. A seqüência das emoções continua magistral, embora mais previsível: 1) psicologia inocente de Tisbe, que procura Píramo para contar-lhe como escapou da leoa; 2) um sinal do horror, preparando para o momento fatal: a amoreira transformada em cores de luto e sangue; 3) a visão terrível do cadáver, que treme e arqueja; 4) reconhecimento do amado, sofrimento de Tisbe; 5) Píramo abre os olhos, vê Tisbe pela última vez, mas já não tem forças para falar. Morre assim, calado, não emitindo senão um fraco olhar – mas o

poder trágico desse olhar é maior que o da simples morte. Silêncio sepulcral por um segundo, anunciando a próxima tragédia.

152-171. "Nisto": vendo seu próprio véu e a espada ensanguentada de Píramo, Tisbe compreende o que aconteceu. Decide, então, que o seguirá até a morte, e comunica sua decisão num monólogo. Teve por bem o poeta acrescentar-lhe dois dramáticos pedidos: que os pais os enterrassem no mesmo túmulo, e que a amoreira guardasse aquela cor enegrecida como sinal de luto. Este final do discurso é repetitivo, pouco convincente e, na verdade, melodramático: a amoreira já absorvera a cor do sangue de Píramo, e os pais de ambos não tinham realmente como ouvir a última prece da moça. Essas considerações podem parecer mesquinhas, mas cabe perguntar se o poeta, que ia tão bem até agora, não podia poupar-nos desse sentimentalismo exagerado e teatral justamente no ponto alto da catarse.

154-157. "Teu amor": resumo apropriado do ocorrido. Duas causas deram a morte a Píramo: a causa próxima é sua própria mão, que brandiu a espada; a causa primeira é o amor, que guiou a mão, que guiou a espada. Tisbe tem mãos, e tem o amor que lhe dá a força extrema para seguir seu amado. Ela o imitará na morte.

159. "a causa, a sócia": causa, pois ele se matou por ela; sócia, aliada e companheira, pois morre da mesma maneira, pelos mesmos motivos, quase no mesmo momento. Que maravilhosa espiral do amor, em que a morte de Tisbe causa a morte de Píramo, que então causa a morte de Tisbe, fazendo com que a causa da morte seja também irmã e sócia na mesma morte e, de certa maneira, causa remota da própria morte!

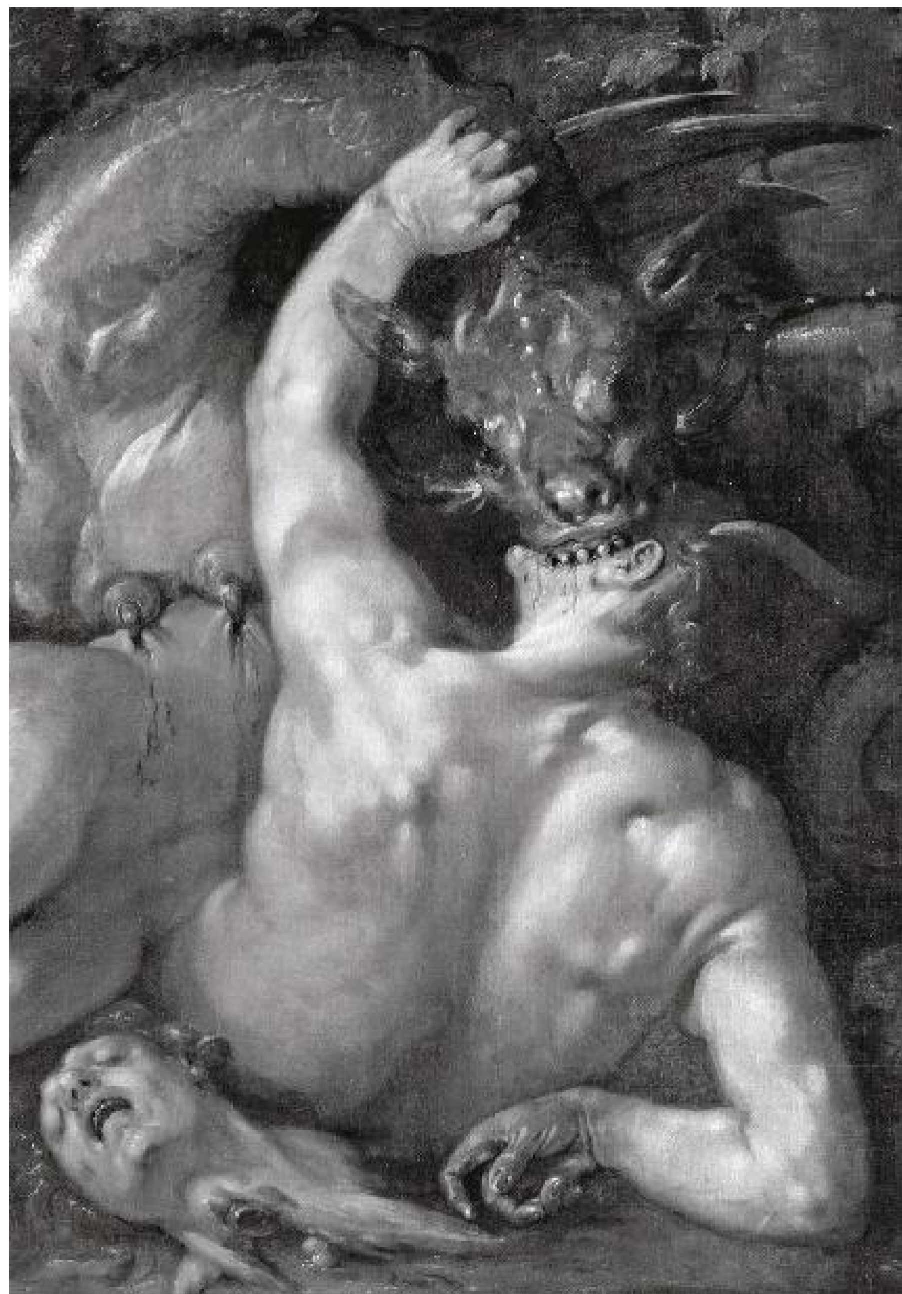
164. "Que une": "míseros amantes que, pela lei do Fado, o Amor une, e também a Morte [une]". Outro modo de dizer: "amantes desgraçados que foram unidos, segundo o decreto do Destino, pelo Amor e pela Morte". Juntos no Amor, juntos na Morte, Píramo e Tisbe são vítimas dos Fados, do destino irrevogável que lhes fora traçado. Ou, pelo menos, assim pensa Tisbe. Não lhe parece que tem escolha, ou que Píramo a teve. Separados tanto tempo por um muro, agora nada pode separá-los, nem mesmo a morte. Preso e torturado, seu amor deixou de ser um afeto, e tornou-se monstro, sina, uma força cósmica que os arrasta ao encalço um do outro, mesmo que para os infernos.

178. "lacrimosa": a devoção dos pais de ambos (*paternal*), excitada pela tristeza de perder os filhos (*lacrimosa*), levou-os a aceitarem o pedido de Tisbe, guardando as cinzas do casal na mesma urna. Também os deuses acataram as preces da moça, tornando a amoreira, pela mudança de cores, num monumento permanente do trágico caso.

De Cadmo Hermioneqve (IV, 564-603)

Cadmo e Hermione, rei e rainha de Tebas, exilam-se, chegando à Ilíria. Deprimido pelos insucessos de sua descendência, Cadmo especula que o dragão, que matara quando da fundação de Tebas, fosse sagrado, e sua morte tivesse sido a causa de tantas desgraças. Aflito, Cadmo pede que os deuses concluam sua punição, transformando-o, conforme a profecia que ouvira ao matar o dragão, em serpente. Assim acontece; e como Hermione pedisse o mesmo destino do marido, atendem-na os deuses, transformando-os num casal de cobras, que passam a viver mansamente, lembradas de quem já foram.

ARTE: (a seguir) “Dois seguidores de Cadmo devorados por um dragão”, Cornelis van Haarlem, 1588



luctu serieque malorum
victus et ostentis, quae plurima viderat, exit
conditor urbe sua, tamquam fortuna locorum,
non sua se premeret, longisque erroribus actus
contigit Illyricos profuga cum coniuge fines.
iamque malis annisque graves dum prima retractant
fata domus releguntque suos sermone labores,
‘num sacer ille mea traiectus cuspide serpens’
Cadmus ait ‘fuerat, tum cum Sidone profectus
vipereos sparsi per humum, nova semina, dentes?
quem si cura deum tam certa vindicat ira,
ipse precor serpens in longam porrigar alvum.’
dixit, et ut serpens in longam tenditur alvum
durataeque cuti squamas increscere sentit
nigraque caeruleis variari corpora guttis
in pectusque cadit pronus, commissaque in unum
paulatim tereti tenuantur acumine crura.
bracchia iam restant: quae restant bracchia tendit
et lacrimis per adhuc humana fluentibus ora
‘accede, o coniunx, accede, miserrima’ dixit,
‘dumque aliquid superest de me, me tange manumque
accipe, dum manus est, dum non totum occupat anguis.’
ille quidem vult plura loqui, sed lingua repente
in partes est fissa duas, nec verba volenti
sufficiunt, quotiensque aliquos parat edere questus,
sibilat: hanc illi vocem natura reliquit.
nuda manu feriens exclamat pectora coniunx:
‘Cadme, mane teque, infelix, his exue monstris!
Cadme, quid hoc? ubi pes, ubi sunt umerique manusque
et color et facies et, dum loquor, omnia? cur non
me quoque, caelestes, in eandem vertitis anguem?’
dixerat, ille suae lambebat coniugis ora
inque sinus caros, veluti cognosceret, ibat
et dabat amplexus adsuetaque colla petebat.
quisquis adest (aderant comites), terretur; at illa
lubrica permulcet cristati colla draconis,
et subito duo sunt iunctoque volumine serpunt,
donec in adpositi nemoris subiere latebras,

nunc quoque nec fugiunt hominem nec vulnere laedunt
quidque prius fuerint, placidi meminere dracones.

* Da série de teus males já vencido,
E de fatais, maléficos portentos,
Tu, filho de Agenor, tu, triste Cadmo,
Sais da cidade que erigido havias,
Como se os Fados dela, e não teus Fados
Te perseguissem lá. Depois de longos
* Terrenos vaguear, parou na Ilíria
Co'a prófuga consorte. Ali, gravados
* Da desgraça, e da idade, a estrela adversa
Memorando dos seus, e discorrendo
Nos curtidos trabalhos, Cadmo exclama:

* "Ah! Sagrada talvez era a serpente
Que no bosque matei quando expelido
* De Sidônia me vi por lei paterna!
Sacro seria o monstro, em cujos dentes
Pela terra espalhei semente infensa!
Pois se dos numes o furor se apura
Tanto, e tanto em vingá-lo, imploro aos numes
Que em comprida serpente me transformem."

Disse, e como serpente eis que se alonga,
Eis na cútis nascer vê dura escama,
Cerúleas nódoas variar-lhe o corpo:
Na terra cai de peitos: manso, e manso
Os membros se confundem, que o sustinham,
E em buliçosa cauda se afeiçoam.

Restam-lhe os braços; braços que lhe restam
Estende o malfadado, e diz, banhando
De lágrimas a face, ainda humana:

"Vem, doce, vem, misérrima consorte,
Enquanto ainda em mim de mim vês parte;
A mão, enquanto é mão, recebe, aperta,
E enquanto não sou todo enorme serpe."

* Queria prosseguir, mas de improviso
A língua se lhe fende, ei-lo com duas;
Falecem-lhe as palavras: quantas vezes

Se intenta deplorar, tantas sibila:
Só lhe deixa esta voz a Natureza.

Co'a mão ferindo o peito, a esposa clama:
"Cadmo, espera; infeliz, despe esse monstro!
Que é isto! Que é dos ombros, que é dos braços!
As mãos, os pés, e a cor, e o rosto, e tudo!
Por que, poder do céu, por que, Destinos,
Me não mudais também na forma horrenda?"

Diz, e ele da consorte as faces lambe,
E o (que ainda conhece) amado peito:
O colo, que lhe foi, que lhe é tão caro,
Cinge com mimo, e como pode abraça.

Todos os companheiros, que o rodeiam,
Aterrados estão, porém co'as línguas
Os lúbricos dragões vão afagá-los,
Que súbito são dois, e os juntos corpos
Fazendo um só volume, e serpeando,
Se escondem pela próxima floresta.

Dos homens todavia inda não fogem;
Não têm dente mordaz, não têm veneno,
Não fazem dano algum: do que já foram
Os benignos dragões inda se lembram.

1-11. "Da série": a descendência de Cadmo, conforme Ovídio contou em versos anteriores (não traduzidos por Bocage), foi afligida por muitos males. Sêmele, mãe de Baco, foi destruída por um juramento estúpido de Júpiter; Ino foi enlouquecida por Juno, e suicidou-se; o neto Acteão foi transformado em cervo e despedaçado por seus próprios cães de caça. O motivo exato que levou Cadmo e Hermione a abandonarem Tebas é desconhecido, mas Ovídio dá a entender que houve muita desgraça.

1. "Da série": a preposição *de* indica aqui o agente dos verbos apassivados: *vencido* da *série de teus males e* de *fatais, maléficos portentos* é o mesmo que *vencido* pela *série de teus males e* por *fatais, maléficos portentos*. Nos versos 8-9, ocorre de novo: *gravados da desgraça e da idade*, isto é, marcados *pela* desgraça e *pela* idade.

5. "Como": diz o poeta que Cadmo foge de Tebas, como se a cidade lhe trouxesse suas desventuras, mas sendo elas parte do seu destino pessoal, mudar de lugar não o livrará delas.

7. "vaguear": até agora Bocage usava da apóstrofe, dirigindo-se a

Cadmo na segunda pessoa (*tu, sais, havias, te*), mas repentinamente muda para a terceira pessoa (*depois de vaguear, parou*), saindo da apóstrofe para a narração normal.

9-11. “a estrela”: Cadmo memorava, isto é, lembrava a *estrela adversa* (má sorte) dos *seus* (sua família) e discorria (repassava mental ou verbalmente) nos *curtidos trabalhos* (dificuldades sofridas).

12. “Sagrada”: de fato, era sagrada a serpente, e segundo alguns mitógrafos, descendente do deus Marte/Ares. Nas *Metamorfoses*, ao matar o monstro, Cadmo ouvira uma voz misteriosa a dizer-lhe que ele também seria uma serpente, um dia.

14. “De Sidônia”: Cadmo era irmão de Europa, que foi raptada por Júpiter. O pai de ambos, Agenor, rei da Sidônia, ordenou aos filhos que saíssem em busca da irmã. Embora não tenham conseguido encontrá-la, tiveram muitas aventuras e fundaram cidades.

15-16. “cujos dentes”: depois de matar o dragão, Cadmo foi aconselhado por Minerva a plantar seus dentes na terra, de onde surgiram *spartoi*, guerreiros ferozes.

20-25. “Disse”: começa a metamorfose de Cadmo. Crescem-lhe escamas na pele, nódoas esverdeadas; cai no chão, e seus membros vão-se unindo ao corpo para formar uma só cauda. O poeta enfatiza a tranqüilidade da transformação, porque Cadmo já esperava por ela, e porque ele mesmo possui bom temperamento e aceita seu destino.

33-37. “Queria”: a transformação de Cadmo está completa: a língua se bifurca e ele já não pode falar. Sua esposa o seguirá.

De Atlante in Montem Mutato (IV, 615-662)

Tendo assassinado Medusa e guardado sua cabeça, e de posse das sandálias aladas de Mercúrio, Perseu voa pelo mundo, perdido. Vendo chegar a noite, decide repousar no país das Hespérides, no extremo Ocidente, que é governado pelo enorme Atlante. Buscando a simpatia do rei, conta-lhe Perseu que é filho de Júpiter; Atlante, porém, ouvira uma profecia segundo a qual um filho de Júpiter roubaria suas maçãs de ouro, e expulsa Perseu com cruéis ameaças. O herói, indignado pelo desprezo de Atlante, recusa-se a partir, e em vez disso mostra-lhe a cabeça de Medusa, transformando-o instantaneamente em pedra e criando, assim, uma montanha que passa a sustentar o céu sobre o mundo.

ARTE: (a seguir) “Perseu”, anônimo, séc. I



viperei referens spolium memorabile monstri
aera carpebat tenerum stridentibus alis,
cumque super Libycas victor penderet harenas,
Gorgonei capitis guttae cecidere cruentae;
quas humus exceptas varios animavit in angues,
unde frequens illa est infestaque terra colubris.
Inde per inmensum ventis discordibus actus
nunc huc, nunc illuc exemplo nubis aquosae
fertur et ex alto seductas aethere longe
despectat terras totumque supervolat orbem.
ter gelidas Arctos, ter Cancri bracchia vidit,
saepe sub occasus, saepe est ablatus in ortus,
iamque cadente die, veritus se credere nocti,
constitit Hesperio, regnis Atlantis, in orbe
exiguamque petit requiem, dum Lucifer ignes
evocet Aurorae, currus Aurora diurnos.
hic hominum cunctos ingenti corpore praestans
Iapetionides Atlas fuit: ultima tellus
rege sub hoc et pontus erat, qui Solis anhelis
aequora subdit equis et fessos excipit axes.
mille greges illi totidemque armenta per herbas
errabant, et humum vicinia nulla premebat;
arboreae frondes auro radiante nitentes
ex auro ramos, ex auro poma tegebant.
‘hospes’ ait Perseus illi, ‘seu gloria tangit
te generis magni, generis mihi Iuppiter auctor;
sive es mirator rerum, mirabere nostras;
hospitium requiemque peto.’ memor ille vetustae
sortis erat; Themis hanc dederat Parnasia sortem:
‘tempus, Atlas, veniet, tua quo spoliabitur auro
arbor, et hunc praedae titulum Iove natus habebit.’
id metuens solidis pomaria clauserat Atlas
moenibus et vasto dederat servanda draconi
arcebatque suis externos finibus omnes.
huic quoque ‘vade procul, ne longe gloria rerum,
quam mentiris’ ait, ‘longe tibi Iuppiter absit!’
vimque minis addit manibusque expellere temptat
cunctantem et placidis miscentem fortia dictis.

viribus inferior (quis enim par esset Atlantis
viribus?) ‘at, quoniam parvi tibi gratia nostra est,
accipe munus!’ ait laevaque a parte Medusae
ipse retro versus squalentia protulit ora.
quantus erat, mons factus Atlas: nam barba comaeque
in silvas abeunt, iuga sunt umerique manusque,
quod caput ante fuit, summo est in monte cacumen,
ossa lapis fiunt; tum partes altus in omnes
crevit in inmensum (sic, di, statuistis) et omne
cum tot sideribus caelum requievit in illo.

* Trazendo o espólio do vipéreo monstro,
* E equilibrado em asas estridentes,
Presas aos leves pés, vagava os ares
* O Argólico Perseu, prole do nume
Que a Dânae seduzira em áurea chuva.
* Sobre as crestantes, líbicas areias
* Pendente o vencedor, caíram nelas
* Da Gorgônea cerviz sangüíneas gotas,
E bebendo-as a terra as faz serpentes:
Desde então de serpentes Líbia abunda.
Logo, agitado por discordes ventos,
* Para aqui, para ali, qual gira a nuvem,
Descobre o moço errante ao longe as terras,
E sobre o vasto globo anda voando.
As Ursas boreais viu já três vezes,
E já três vezes viu do Cancro os braços;
Mil ao ocaso foi, mil ao nascente,
Pela aérea violência despedido.
Enfim, próximo à noite, e receando
Perseu fiar-se dela, o vôo abate
* Na hespéria região, reinos de Atlante.
O herói pede ao monarca um breve asilo,
* Té que fósforo esperte a luz d’Aurora,
E Aurora o carro de ouro ao Sol prepare.

Superior na estatura aos homens todos
Era o filho de Jápeto, era Atlante.
* Deu leis na terra extrema, e leis nos mares
Onde os lassos frisões mergulha Febo.

Ali manadas mil do rei gigante,
Mil rebanhos ali pascendo erravam,
* E ao seu não confrontava estranho império.
* Tinha um vergel com árvore lustrosa:
As folhas eram de ouro, e de ouro os ramos,
Áureos os pomos, que pendiam deles.

“Grão rei (Perseu lhe diz) se amas a glória
D’alta estirpe, o meu ser provém de Jove;
E se és admirador d’ações famosas,
Hão de maravilhar-te as ações minhas.
Rogo-te a graça de noturno hospício.”

Mas de oráculo antigo o rei se lembra;
A Têmis no Parnaso ouviu outrora:
“Há de vir tempo, Atlante, em que dos frutos
A árvore tua despojada fique:
Filho o seu roubador será de Jove.”

Receoso do furto, havia Atlante
Torneado o pomar com rijos muros,
E horroroso dragão lhe pôs de vela:
A forasteiro algum nos seus domínios
Guarida não concede, expulsa todos,
E a este diz também: “Vai para longe,
Se não queres de ti ver longe a glória
Dos mentirosos feitos, se não queres
Longe, mais longe ainda o pai, que ostentas.”
* E, ajuntando a violência aos ameaços,
Intenta repelir além das portas
* Perseu, que lhe resiste e substitui
Palavras fortes a palavras brandas.

Nas forças inferior se reconhece:
Quem podia igualar de Atlante as forças?
“Já que a minha amizade em pouco estimas,”
(Diz o afrontado herói) recebe o prêmio.”
* Nisto co’a mão sinistra, e desviando
Primeiro os olhos para a parte adversa,
Lhe mostra de Medusa a face horrenda.

Eis feito o enorme Atlante um monte enorme:
Barbas, melenas se lhe tornam selvas;

São recostos da serra as mãos, e os braços,
O que já lhe foi cabeça agora é cume,
Dos ossos os penedos se formaram.
Para todas as partes se dilata;
Crescendo mais, e mais, altura imensa
Toma enfim: (vós, ó numes, o ordenastes)
* Todo o peso dos céus descansa nele.

1-5. “Trazendo”: o herói é apresentado dramaticamente, por meio de sinais que aludem ao seu famoso feito – o assassinato de Medusa. São eles: a cabeça da Górgona (“espólio do vipéreo monstro”; *vipéreo* porque tinha cobras no lugar dos cabelos) e as sandálias aladas de Mercúrio. Depois de revelada a identidade de Perseu, o poeta nos lembra de sua ascendência divina, que será importante no decorrer da história.

2. “asas estridentes”: note-se o uso das aliterações de *zz, ss* e *vv* neste verso e no seguinte: *asas estridentes presas aos leves pés vagava os ares*. Não se deve desprezar a combinação dessas consoantes com as vogais *a* e *e*, abrindo e fechando levemente o canal respiratório para simular o movimento confuso de Perseu nos ares.

4-5. “O Argólico”: Perseu é filho de Júpiter com Dânae, que por sua vez é filha de Acrísio, rei de Argos. Tendo Acrísio ouvido uma profecia, segundo a qual um filho de Dânae o mataria, trancou sua própria filha numa torre; mas Júpiter, enamorado, transformou-se em chuva de ouro, e penetrou as frestas da torre, fecundando Dânae. Dessa união nasceu Perseu.

6-10. “Sobre as crestantes”: Ovídio aproveita a apresentação do herói, nos céus da Líbia (Norte da África), para inserir uma pequena *etiologia*. Etiologias são explicações de motivos (gr. ἀιτία, *aitía*, causa ou razão de algo) que justifiquem algum dado da realidade presente, como nomes de lugares ou características geográficas. O sangue de Medusa, pingando nas areias da Líbia, seria a causa da superpopulação de cobras na região.

7. “Pendente”: “pendendo” (pairando no ar), está o vencedor [de Medusa], Perseu. O uso do verbo *pender* é figurativo, e implica que Perseu não possui controle sobre seu próprio curso, pois vai sendo agitado pelos ventos. Assim, figurativamente, é como se ele não estivesse voando, mas preso em alguma coisa que determina sua posição.

8. “Da Gorgônea”: Bocage faz aqui bom uso da guturalidade de *Górgona*, com o adjetivo (ainda mais gutural) *Gorgôneo*, e complementa esse efeito de deglutição com os sons de *sanguíneas gotas*, que representam bem a imagem do sangue escorrendo pelo

pescoço (*gg rr gg nn ss gg nn ia*) e pingando no chão (*gg tt*).

12. “qual”: no sentido de *como*: tal como giram as nuvens, assim era Perseu agitado pelos ventos.

15-16. “As Ursas”: as Ursas são constelações do extremo Norte, e Câncer, do extremo Sul. Dizer, então, que Perseu viu três vezes as Ursas, e outras três os braços do caranguejo, significa que ele visitou as extremidades Norte e Sul três vezes cada. No verso seguinte se diz que foi parar “mil vezes” no extremo Oriente (*nascente*), e “outras mil” no Ocidente (*ocaso*). O sentido final é que Perseu percorreu os quatro pontos cardeais (o mundo inteiro, portanto). Mas isso, assim como os números *três* e *mil*, não parece ter sentido literal. Devemos entender, figuradamente, que o herói deu voltas por muitos lugares distantes, e que passou mais de uma vez por vários deles – em outras palavras, que foi ele conduzido aleatoriamente pelos ventos.

21. “hespéria região”: Perseu aterrissa no país das Hespérides, que fica no extremo Ocidente. Ali reina Atlante.

23. “Té que”: “até que fósforo desperte a luz da Aurora, e Aurora prepare o carro de ouro para o Sol”. Fósforo é o nome grego de Lúcifer, a estrela da manhã – que não é nada mais que o planeta Vênus, quando surge antes do sol. A estrela matutina, ascendendo primeiro no horizonte, acorda a Aurora, que com sua luz “prepara” o carro do Sol.

25-26. “Superior”: Atlante (ou Atlas) é um gigante filho de Jápeto, irmão de Prometeu e Epimeteu. Pertence à raça primitiva de divindades monstruosas ou desproporcionais que precedeu os Olímpicos.

27-28. “Deu leis”: reinava sobre o extremo Ocidente, e daí vem o nome do Oceano Atlântico. O Ocidente é onde Febo (o sol) mergulha seus cavalos cansados (*lassos frisões*) ao fim do dia (isto é, o sol se põe).

31. “ao seu”: nenhum império estranho era fronteiriço ao império de Atlante, porque ele reinava sobre os confins do mundo, além de onde nada havia.

32. “vergel”: o famoso jardim das Hespérides, em que Hera mandara plantar pomos de ouro.

35-44. “Grão rei”: Perseu, desejando agradar Atlante, fala-lhe de sua ascendência divina; mas aí mesmo é que excita as iras do rei. Segundo a profecia, seria um filho de Júpiter o roubador dos pomos de ouro – embora o filho em questão não seja Perseu, e sim Hércules. Esse engano custou a Perseu a hospedagem, e a Atlante, a forma original.

50-53. “Vai para longe”: ao apresentar-se, Perseu chamara atenção para dois fatores: 1) sua ascendência divina; 2) seus feitos heróicos. Atlante o ameaça, destacando como a morte o privaria de cada uma

das vantagens que ele citara: 1) tirando-lhe a glória dos feitos (que ainda acusa serem mentirosos!); 2) afastando-o mais ainda de seu pai, Júpiter. É um grau elevado de organização retórica para um simples insulto, e isso mostra a intensidade do desejo de insultar.

54-57. **“E, ajuntando”:** Atlante desrespeitou gravemente o dever de hospitalidade, além de tudo expulsando o estrangeiro com ameaças e violência. Fá-lo por avareza, porque teme que Perseu roube suas maçãs, mas também por soberba, pois se considera muito grande e forte para ser derrotado por um simples mortal. Esses excessos, que se mostram no domínio verbal como no da ação, lhe renderão grande castigo, proporcional a sua grandeza física.

56-57. **“Perseu”:** em contraste com os excessos de Atlante, Perseu mantém sua serenidade, que se mostra: 1) pela resistência física, impassível, aos golpes do gigante; 2) pelas palavras moderadas que lhe dirige. Bocage traduz *miscere* como “substituir”, mas o sentido original é “misturar” palavras calmas com um conteúdo mais forte, de modo equilibrado.

62. **“mão sinistra”:** a mão esquerda, que carregava a cabeça de Medusa. Note-se a preocupação de Perseu em virar o rosto para o outro lado antes de levantar a cabeça do monstro.

65-73. **“Eis feito”:** a metamorfose de Atlante, que depois será aproveitada por Camões ao narrar a transformação do gigante Adamastor, consiste em assimilar as curvas e acidentes do corpo humano aos da geografia local. Assim, cabelos se tornam plantas, a cabeça é cume, os ossos são grandes pedras (Camões acrescenta as lágrimas do gigante, que se tornam as águas salgadas do Cabo das Tormentas); e é notável o engenho que descobre tais analogias.

73. **“Todo o peso”:** de fato, Atlante é conhecido por carregar o céu sobre suas costas. Esta punição teria sido infligida por Júpiter, depois da guerra dos Olímpicos contra os gigantes, mas para Ovídio ela é conseqüência da transformação em monte.

De Procne Tereoqve Philomelaqve (VI, 421-676)

Pandion, rei de Atenas, concedera sua filha, Progne, em casamento a Tereu, rei da Trácia, como recompensa pelo auxílio prestado na defesa de seu reino. Os festejos foram repletos de maus agouros, mas, não obstante, o povo trácio cobriu a união, e seu fruto, o príncipe Ítis, de glórias. Cinco anos depois, Progne pediu a Tereu que fosse buscar sua irmã, Filomela, em Atenas, pois sentia muito sua falta; e o trácio, como bom marido, aquiesceu. Tendo, contudo, visto pela primeira vez a cunhada, Tereu enamorou-se dela, e aproveitou-se das saudades da esposa como pretexto para raptá-la e violentá-la. A moça, indignada, ameaçou contar seus crimes, pelo que ele cortou-lhe a língua e a manteve prisioneira num local escondido, enquanto dizia a Progne que sua irmã era morta. Filomela, porém, teve a idéia de narrar o ocorrido num bordado e enviá-lo a Progne por intermédio de uma escrava ingênua. Tendo a rainha se dado conta dos feitos terríveis de seu marido, decidiu tomar parte nos ritos bacanais, de onde saiu com uma comitiva de mulheres enlouquecidas para libertar a irmã. Tendo-a já consigo no palácio, planejava um modo de vingar-se de Tereu, quando o pequeno Ítis adentrou o recinto e sugeriu-lhe, com sua presença, a nefanda idéia de matá-lo e servi-lo ao marido como refeição. Assim procederam Progne e Filomela: assando uma parte, cozinhando outra, fizeram servir Ítis a Tereu num falso sacrifício. Quando a verdade lhe foi revelada, o Trácio, desesperado e furioso, perseguiu as duas irmãs, e os três se transformaram em diferentes aves. Progne tornou-se andorinha; Filomela, rouxinol, com manchas do sangue de Ítis para sempre no peito; Tereu, a poupa, que possui penacho de guerreiro e um bico agressivo.

ARTE: (a seguir) “O rapto de Filomela”, Antonio Tempesta, 1606



credere quis posset? solae cessastis Athenae.
obstitit officio bellum, subvectaque ponto
barbara Mopsopios terrebant agmina muros.
Threicius Tereus haec auxiliaribus armis
fuderat et clarum vincendo nomen habebat;
quem sibi Pandion opibusque virisque potentem
et genus a magno ducentem forte Gradivo
conubio Procnes iunxit; non pronuba Iuno,
non Hymenaeus adest, non illi Gratia lecto:
Eumenides tenuere faces de funere raptas,
Eumenides stravere torum, tectoque profanus
incubuit bubo thalamique in culmine sedit.
hac ave coniuncti Procne Tereusque, parentes
hac ave sunt facti; gratata est scilicet illis
Thracia, disque ipsi grates egere; diemque,
quaque data est claro Pandione nata tyranno
quaque erat ortus Itys, festum iussere vocari:
usque adeo latet utilitas.
Iam tempora Titan
quinque per autumnos repetiti duxerat anni,
cum blandita viro Procne ‘si gratia’ dixit
‘ulla mea est, vel me visendae mitte sorori,
vel soror huc veniat: redituram tempore parvo
promittes socero; magni mihi muneris instar
germanam vidisse dabis.’ iubet ille carinas
in freta deduci veloque et remige portus
Cecropios intrat Piraeaque litora tangit.
ut primum soceri data copia, dextera dextrae
iungitur, et fausto committitur omine sermo.
coeperat, adventus causam, mandata referre
coniugis et celeres missae spondere recursus:
ecce venit magno dives Philomela paratu,
divitior forma; quales audire solemus
naidas et dryadas mediis incedere silvis,
si modo des illis cultus similesque paratus.
non secus exarsit conspecta virgine Tereus,
quam si quis canis ignem supponat aristis
aut frondem positasque cremet faenilibus herbas.

digna quidem facies; sed et hunc innata libido
exstimulat, pronumque genus regionibus illis
in Venerem est: flagrat vitio gentisque suoque.
impetus est illi comitum corrumpere curam
nutricisque fidem nec non ingentibus ipsam
sollicitare datis totumque inpendere regnum
aut rapere et saevo raptam defendere bello;
et nihil est, quod non effreno captus amore
ausit, nec capiunt inclusas pectora flammas.
iamque moras male fert cupidoque revertitur ore
ad mandata Procnes et agit sua vota sub illa.
facundum faciebat amor, quotiensque rogabat
ulterius iusto, Procnen ita velle ferebat.
addidit et lacrimas, tamquam mandasset et illas.
pro superi, quantum mortalia pectora caecae
noctis habent! ipso sceleris molimine Tereus
creditur esse pius laudemque a crimine sumit.
quid, quod idem Philomela cupit, patriosque lacertis
blanda tenens umeros, ut eat visura sororem,
perque suam contraque suam petit ipsa salutem.
spectat eam Tereus praecontrectatque videndo
osculaque et collo circumdata bracchia cernens
omnia pro stimulis facibusque ciboque furoris
accipit, et quotiens amplectitur illa parentem,
esse parens vellet: neque enim minus inpius esset.
vincitur ambarum genitor prece: gaudet agitque
illa patri grates et successisse duabus
id putat infelix, quod erit lugubre duabus.
Iam labor exiguus Phoebo restabat, equique
pulsabant pedibus spatium declivis Olympi:
regales epulae mensis et Bacchus in auro
ponitur; hinc placido dant turgida corpora somno.
at rex Odrysius, quamvis secessit, in illa
aestuat et repetens faciem motusque manusque
qualia vult fingit quae nondum vidit et ignes
ipse suos nutrit cura removente soporem.
lux erat, et generi dextram conplexus euntis
Pandion comitem lacrimis commendat obortis:
‘hanc ego, care gener, quoniam pia causa coegit,

et voluere ambae (voluisti tu quoque, Tereu)
do tibi perque fidem cognataque pectora supplex,
per superos oro, patrio ut tuearis amore
et mihi sollicitae lenimen dulce senectae
quam primum (omnis erit nobis mora longa) remittas;
tu quoque quam primum (satis est procul esse sororem),
si pietas ulla est, ad me, Philomela, redito!'
mandabat pariterque suae dabat oscula natae,
et lacrimae mites inter mandata cadebant;
utque fide pignus dextras utriusque poposcit
inter seque datas iunxit natamque nepotemque
absentes pro se memori rogat ore salutent;
supremumque vale pleno singultibus ore
vix dixit timuitque suae praesagia mentis.
Ut semel inposita est pictae Philomela carinae,
admotumque fretum remis tellusque repulsa est,
'vicimus!' exclamat, 'mecum mea vota feruntur!'
exsultatque et vix animo sua gaudia differt
barbarus et nusquam lumen detorquet ab illa,
non aliter quam cum pedibus praedator obuncis
deposuit nido leporem Iovis ales in alto;
nulla fuga est capto, spectat sua praemia raptor.
Iamque iter effectum, iamque in sua litora fessis
puppibus exierant, cum rex Pandione natam
in stabula alta trahit, silvis obscura vetustis,
atque ibi pallentem trepidamque et cuncta timentem
et iam cum lacrimis, ubi sit germana, rogantem
includit fassusque nefas et virginem et unam
vi superat frustra clamato saepe parente,
saepe sorore sua, magnis super omnia divis.
illa tremit velut agna pavens, quae saucia cani
ore excussa lupi nondum sibi tuta videtur,
utque columba suo madefactis sanguine plumis
horret adhuc avidosque timet, quibus haeserat, ungues.
mox ubi mens rediit, passos laniata capillos,
lugenti similis caesis plangore lacertis
intendens palmas 'o diris barbare factis,
o crudelis' ait, 'nec te mandata parentis
cum lacrimis movere piis nec cura sororis

nec mea virginitas nec coniugialia iura?
omnia turbasti; paelex ego facta sororis,
tu geminus coniunx, hostis mihi debita Procne!
quin animam hanc, ne quod facinus tibi, perfide, restet,
eripis? atque utinam fecisses ante nefandos
concubitus: vacuas habuissem criminis umbras.
si tamen haec superi cernunt, si numina divum
sunt aliquid, si non perierunt omnia mecum,
quandocumque mihi poenas dabis! ipsa pudore
proiecto tua facta loquar: si copia detur,
in populos veniam; si silvis clausa tenebor,
inplebo silvas et conscia saxa movebo;
audiet haec aether et si deus ullus in illo est!'
Talibus ira feri postquam commota tyranni
nec minor hac metus est, causa stimulatus utraque,
quo fuit accinctus, vagina liberat ensem
arreptamque coma fixis post terga lacertis
vincla pati cogit; iugulum Philomela parabat
spemque suae mortis viso conceperat ense:
ille indignantem et nomen patris usque vocantem
luctantemque loqui conprensam forcipe linguam
abstulit ense fero. radix micat ultima linguae,
ipsa iacet terraeque tremens inmurmurat atrae,
utque salire solet mutilatae cauda colubrae,
palpitat et moriens dominae vestigia quaerit.
hoc quoque post facinus (vix ausim credere) fertur
saepe sua lacerum repetisse libidine corpus.
Sustinet ad Procnen post talia facta reverti;
coniuge quae viso germanam quaerit, at ille
dat gemitus fictos commentaque funera narrat,
et lacrimae fecere fidem. velamina Procne
deripit ex umeris auro fulgentia lato
induiturque atras vestes et inane sepulcrum
constituit falsisque piacula manibus infert
et luget non sic lugendae fata sororis.
Signa deus bis sex acto lustraverat anno;
quid faciat Philomela? fugam custodia claudit,
structa rigent solido stabulorum moenia saxo,
os mutum facti caret indice. grande doloris

ingenium est, miserisque venit sollertia rebus:
stamina barbarica suspendit callida tela
purpureasque notas filis intexuit albis,
indicium sceleris; perfectaque tradidit uni,
utque ferat dominae, gestu rogat; illa rogata
pertulit ad Procnen nec scit, quid tradat in illis.
evolvit vestes saevi matrona tyranni
germanaeque suae fatum miserabile legit
et (mirum potuisse) silet: dolor ora repressit,
verbaque quaerenti satis indignantia linguae
defuerunt, nec flere vacat, sed fasque nefasque
confusura ruit poenaeque in imagine tota est.
Tempus erat, quo sacra solent trieterica Bacchi
Sithoniae celebrare nurus: (nox conscia sacris,
nocte sonat Rhodope tinnitibus aeris acuti)
nocte sua est egressa domo regina deique
ritibus instruitur furialiaque accipit arma;
vite caput tegitur, lateri cervina sinistro
vellera dependent, umero levis incubat hasta.
concita per silvas turba comitante suarum
terribilis Procne furiisque agitata doloris,
Bacche, tuas simulat: venit ad stabula avia tandem
exululatque euhoeque sonat portasque refringit
germanamque rapit raptaeque insignia Bacchi
induit et vultus hederarum frondibus abdit
attonitamque trahens intra sua moenia ducit.
Ut sensit tetigisse domum Philomela nefandam,
horruit infelix totoque expalluit ore;
nacta locum Procne sacrorum pignora demit
oraque develat miserae pudibunda sororis
amplexumque petit; sed non attollere contra
sustinet haec oculos paelex sibi visa sororis
deiectoque in humum vultu iurare volenti
testarique deos, per vim sibi dedecus illud
inlatum, pro voce manus fuit. ardet et iram
non capit ipsa suam Procne fletumque sororis
corripiens ‘non est lacrimis hoc’ inquit ‘agendum,
sed ferro, sed si quid habes, quod vincere ferrum
possit. in omne nefas ego me, germana, paravi:

aut ego, cum facibus regalia tecta cremabo,
artificem mediis inmittam Terea flammis,
aut linguam atque oculos et quae tibi membra pudorem
abstulerunt ferro rapiam, aut per vulnera mille
sontem animam expellam! magnum quodcumque paravi;
quid sit, adhuc dubito.'
Peragit dum talia Procne,
ad matrem veniebat Itys; quid possit, ab illo
admonita est oculisque tuens inmitibus 'a! quam
es similis patri!' dixit nec plura locuta
triste parat facinus tacitaque exaestuat ira.
ut tamen accessit natus matrique salutem
attulit et parvis adduxit colla lacertis
mixtaque blanditiis puerilibus oscula iunxit,
mota quidem est genetrix, infractaque constitit ira
invitique oculi lacrimis maduere coactis;
sed simul ex nimia mentem pietate labare
sensit, ab hoc iterum est ad vultus versa sororis
inque vicem spectans ambos 'cur admovet' inquit
'alter blanditias, rapta silet altera lingua?
quam vocat hic matrem, cur non vocat illa sororem?
cui sis nupta, vide, Pandione nata, marito!
degeneras! scelus est pietas in coniuge Tereo.'
nec mora, traxit Ityn, veluti Gangetica cervae
lactentem fetum per silvas tigris opacas,
utque domus altae partem tenuere remotam,
tendentemque manus et iam sua fata videntem
et 'mater! mater!' clamantem et colla petentem
ense ferit Procne, lateri qua pectus adhaeret,
nec vultum vertit. satis illi ad fata vel unum
vulnus erat: iugulum ferro Philomela resolvit,
vivaque adhuc animaeque aliquid retinentia membra
dilaniant. pars inde cavis exsultat aenis,
pars veribus stridunt; manant penetralia tabo.
His adhibet coniunx ignarum Terea mensis
et patrii moris sacrum mentita, quod uni
fas sit adire viro, comites famulosque removit.
ipse sedens solio Tereus sublimis avito
vescitur inque suam sua viscera congerit alvum,

tantaque nox animi est, ‘Ityn huc accersite!’ dixit.
dissimulare nequit crudelia gaudia Procne
iamque suae cupiens exsistere nuntia cladis
‘intus habes, quem poscis’ ait: circumspicit ille
atque, ubi sit, quaerit; quaerenti iterumque vocanti,
sicut erat sparsis furiali caede capillis,
prosiluit Ityosque caput Philomela cruentum
misit in ora patris nec tempore maluit ullo
posse loqui et meritis testari gaudia dictis.
Thracius ingenti mensas clamore repellit
vipereasque ciet Stygia de valle sorores
et modo, si posset, reserato pectore diras
egerere inde dapes semesaque viscera gestit,
flet modo seque vocat bustum miserabile nati,
nunc sequitur nudo genitas Pandione ferro.
corpora Cecropidum pennis pendere putares:
pendebant pennis. quarum petit altera silvas,
altera tecta subit, neque adhuc de pectore caedis
excessere notae, signataque sanguine pluma est.
ille dolore suo poenaeque cupidine velox
vertitur in volucrem, cui stant in vertice cristae.
prominet inmodicum pro longa cuspide rostrum;
nomen epops volucri, facies armata videtur.
Hic dolor ante diem longaeque extrema senectae
tempora Tartareas Pandiona misit ad umbras.

* Bárbaros esquadrões, que o mar trouxera,
As muralhas de Atenas aterravam.
Tereu, da Trácia rei, com presto auxílio
À cidade acudiu, e os pôs em fuga,
Colhendo na vitória egrégio nome.

O grato Pandion ao grão monarca,
Nas forças, na opulência abalizado,
* E alta progênie do imortal Gradivo,
Deu, como em recompensa, uma das filhas:
O uniu com Progne em vínculo amoroso.

* Ao rito, à festa nupcial não foram
Presidente Himeneu, prônuba Juno;
Nenhuma das três Graças veio ao toro:

As horrorosas Fúrias o erigiram.
Em torno dele as horrorosas Fúrias
Nas destras negrejantes empunharam
Tochas, roubadas a funérea pompa.
Sobre o dossel do tálamo sinistro
Pousou na infausta noite ave agoureira;
Muda assistiu ao conjugal mistério:
Ante ela esposos foram, pais ante ela.
Co’a vergôntea dos reis a Trácia folga,
Mil incensos aos céus, mil graças manda,
E a festejo anual consagra o dia
Em que ao feroz Tereu foi Progne dada,
Em que o fruto de amor, Ítis mimoso
* Veio dar glória aos pais, e ao longo estado:
Tanto o mortal ignora o que lhe é útil!
* Cinco vezes o sol já volteara
Os céus, de primavera em primavera,
Quando Progne, afagando o duro esposo,
“Se um favor te mereço, ou me conduze
A abraçar minha irmã (lhe diz) ou corre,
Corre a buscá-la. Ao sogro encanecido
Jura restituí-la em curto espaço.
Uma impagável dádiva, um tesouro
Na irmã te deverei.” Tereu se apronta,
Arma os curvos baixéis, e a vela, os remos
* Pelo porto Cecrópio se introduzem.

Já surge, e do Pireu já desce às praias.
Ledo o recebe o sogro, as mãos apertam,
* Travam conversação com triste agouro.
O Trácio a referir enfim começa
Os desejos, as súplicas da esposa,
E a afirmar o prontíssimo regresso.
Ante eles Filomela eis aparece,
Rica em traje, riquíssima em beleza,
Como ouvimos dizer que nas florestas
As Dríades, as Náiades passeiam,
Figurando-lhe a idéia o mesmo adorno.
Tereu, à face da estremada virgem,
Fica absorto, encantado, arde em silêncio,

* Qual flama, que, nos campos ateada,
A relva, as folhas, a seara come.
Da bela os olhos este ardor merecem;
Mas férvido apetite impetuoso
Pula no peito do ansiado amante,
E a torpe, viciosa natureza
Do seu clima brutal, propenso a Vênus.
Cego anelando a cândida donzela,
Impulsos tem de corromper-lhe as servas,
* E a mãe segunda, que a nutrira ao seio.
* Não só deseja obter por dons sublimes
A origem da paixão que o desespera,
Mas estragar por ela o mesmo império,
* Ou antes arrancá-la, e defendê-la
Em pertinaz conflito, em brava guerra:
* Nada vê, que não ouse, ou que não tente
Seu criminoso amor desenfreado.
No aceso coração não cabe a chama.
* A demora fatal sofrer não pode.

* Da saudosa consorte eis o perverso
As preces, as instâncias exagera,
E nos desejos dela os seus disfarça:
Energia e facúndia Amor lhe empresta.
Quando além do que é justo eleva o rogo,
De Progne com o ardor o cora, o doura;
Té lágrimas co’as súplicas mistura,
Como que fossem lágrimas da esposa.
Ó deuses! Quanto é cega a mente humana!
A maldade em Tereu se crê virtude:
* No crime, na traição louvor granjeia.

* Onde, ah! Onde, inocente Filomela,
Queres ir c’um tirano! Ei-la amorosa
Aperta o triste pai nos lindos braços;
O bem de ver a irmã com ânsia pede,
Pela irmã contra si de orar não cessa.
Com famulentos olhos a devora
O sôfrego Tereu, pasmando nela,
E, tocando-lhe, a insta a que afervore,
A que duplique as súplicas urgentes.

Os braços, com que cinge o pátrio colo,
Os beijos, que na mão paterna imprime,
Tudo aviva os estímulos, o fogo,
o tácito furor, que o vai ralando.
* Quantas vezes a filha ao pai se abraça,
Tantas de o pai não ser ao Trácio pesa:
Mais torpe fora então, mais ímpio fora.
Ambos o velho rei com rogos vencem;
Ela folga, ela exulta, e dá mil graças
* À paternal bondade: a si e a Progne
O que lhes é fatal propício julga.

* Somente um curto giro ao sol já resta;
* Os ferventes cavalos espumosos
Batem soberbos no declive Olimpo:
* Aprestam-se as reais, as lautas mesas,
Áureo licor borbulha em áureas taças:
Depois o grato sono aos olhos voa.
* Mas, longe dos encantos que o transportam,
Não dorme, não repousa o fero amante:
Arde, e pinta na idéia a face, os olhos,
Pinta os gestos, as mãos, o mais que olhara,
* E finge, como o quer, o que não vira:
Ao prazer aferrado o pensamento,
Lhe atiça a flama, lhe desvia o sono.

* Luziu a aurora, e Pandion, chorando,
Ao genro, cuja mão saudoso aperta,
O querido penhor comete, e roga
Que o guarde, que o vigie. “Amadas filhas,
“Vós assim o quereis (diz soluçando)
E tu também, Tereu. Pois causa justa
* Vos obriga, eu me rendo. Eis a minha alma,
Eis a filha te dou. Por mim, por ela,
Pela fé, por ti mesmo, e pelos numes
Te imploro a amimes com amor paterno,
E que este doce alívio de meus anos,
(Anos cansados já) me restituas,
Cedo, ah!... Cedo. Não tardes, não me enganes.
Que longa me será qualquer demora.
Tu, também, se tens dó de um pai magoado,

Vem logo, ó filha minha, ó meu tesouro:
Bem basta tua irmã viver tão longe.”

Assim falando, o mísero a beijava,
E as lágrimas na face lhe caíam.
Depois que a destra mão por segurança
Um ao outro pediu, deu um ao outro,
O ancião consternado à prole, ao genro
Para o neto mimoso, e filha ausente
Dá mil ternas saudades, mil suspiros:
Apenas balbucia entre soluços
O lacrimoso adeus, presságio triste,
Carrancudo terror lhe sobe à mente.

* Em pintado baixel eis Filomela,
Eis o remo a compasso as ondas volve,
O mar ferve na proa, e foge a terra.
“Vencemos (diz o bárbaro), vencemos!
Meus desejos, meus gostos vão comigo.”
E exulta, e pode apenas moderar-se,
Reter a execução de atroz intento.
Nunca os olhos distrai do objeto amado,
Bem como a carniceira ave de Jove,
Que tem bico revolto, e curvas garras,
Fraca lebre depõe no aéreo ninho:
Conhece que fugir não pode a presa,
Seguro o roubador contempla o roubo.

* Já do equóreo caminho os vasos leves
Venceram a extensão; já, fatigados,
No pátrio fundo as âncoras arrojam.
O audaz, Trêicio rei a antiga selva,
A deserto palácio tenebroso
* Guia de Pandion a triste filha.
Ali, pálida, trêmula, chorosa,
Pela irmã perguntando inutilmente,
Em remoto aposento o monstro a cerra.
Frenético lhe expõe o amor nefando,
E com força brutal, com fera insânia
Mancha, corrompe a virginal pureza
Da mísera, que em vão mil vezes clama

Pelo pai, pela irmã, por vós, ó numes!
Ela ainda depois está tremendo,
Qual cordeira mansíssima, que ao lobo
Foi por bravo rafeiro arrebatada,
E nem contudo então se crê segura;
Ou qual cândida pomba, que escapando
Dentre as unhas mortais do açor cruento,
Tintas no próprio sangue as alvas penas,
Se arrepia de horror, e inda se teme
Do rápido inimigo. Enfim, tornando
A ter alento, e voz a profanada,
Lastimosa princesa, estraga, arranca
Os formosos cabelos, desgrenhados;
Fere o peito gentil, desfaz-se em pranto,
E, alçadas para os céus as mãos de neve,
* “Ó bárbaro! Ó traidor! Ó tigre! (exclama)
Nem súplicas de um pai curvado, e triste,
Nem a fraterna fé, que me devias,
Nem da inerme inocência o puro estado,
Nem as leis conjugais te comoveram!
Todas tens quebrantado: os teus furores
Mancham duas irmãs com torpe afronta...
(Pena tão dura não mereço, ó numes!)
* Para não te escapar nenhum delito,
Ah! Que fazes, cruel, que não me arrancas
Uma vida infamada, abominosa?
E oxalá, que a tivesses arrancado
* Antes do horrível, execrando incesto!
Ao Letes minha sombra fora ilesa.
Porém se os deuses têm poder, têm olhos,
Se tudo enfim não pereceu comigo,
Castigado serás, serei vingada:
* Sacudido o pudor, direi teu crime.
Se entre povos me achar, sabê-lo-hão povos,
Se entre bosques por ti ficar sumida,
Os meus males farei saber aos bosques,
Farei saber às pedras os meus males,
E hei de apiedar com eles bosques, pedras.
Este firme protesto os céus me escutem,

E um Deus, se acaso um Deus no céu reside!”

* Com estes ameaços o tirano
Sente no coração ferver-lhe a raiva,
Mas não menor que a raiva é nele o medo;
E de uma, e de outra causa estimulado,
Da lustrosa bainha o ferro despe,
E às tranças da infeliz a mão lançando,
Em duros nós lhe enleia os tenros braços.

Inclina Filomela o níveo colo,
Da espada, que vê nua, espera a morte;
Mas o duro, o feroz, por mais que a triste
Lute, resista, invoque o pátrio nome,
Com rígida torquês lhe aferra a língua,
A língua, que falar em vão procura,
Lha extrai da boca, e rápido lha corta.
A púrpurea raiz lhe nada em sangue,
Cai o resto no chão, murmura, e treme,
Qual da escamosa serpe mutilada
A cauda palpitante, e moribunda,
Que ao corpo em que viveu pretende unir-se.

Completa a negra ação, se diz que o monstro
Inda mais de uma vez (horror não crível!)
Cobiçou, repetiu prazer infame.

* Depois de tão cruéis, tão feios crimes,
Atreve-se o malvado a ver a esposa.
Progne entre sustos pela irmã pergunta:
Ele exala do peito um ai fingido,
Diz que é morta, e com lágrimas o abona.

Das régias vestiduras se despoja,
Traja a sentida Progne escuras vestes,
Erige um vão sepulcro, e sagra nele
* Inúteis oblações a falsos manes,
Carpindo a irmã, que assim carpir não deve.

* Já tem corrido Apolo as doze estâncias
Depois do caso enorme. Ah! Filomela
Que fará? Guarda atenta impede a fuga,
Rijos muros de mármore a rodeiam,
seu mal narrar não pode a muda boca.

* Tens, ó necessidade, agudo engenho,
Às grandes aflições indústria acode.
* Sutil, cândida teia urdindo a furto,
Entre alvos fios põe purpúreas letras,
Indícios da ferina atrocidade,
E do sagaz lavor ao fim chegando,
O confia em segredo a meiga escrava,
Lhe roga por ações o leve a Progne:
Ela o conduz, e o que conduz não sabe.

Eis a rainha desenvolve a tela,
E lê, e entende a miseranda história,
E cala-se (calar-se é quase incrível!)
A dor lhe tolhe a voz; termos que expressem
A sua indignação, não tem, não acha;
Nem se ocupa em chorar: confusa, absorta,
Mil horrendas tenções volve na mente,
E embebe-se na imagem da vingança.

* Era o tempo famoso, ó deus de Tebas,
* Em que as Sitônias moças te festejam.
Aos ritos bacanais preside a Noite;
*No Ródope de noite a voz aguda
* Dos éreos instrumentos vai soando,
E de noite a rainha os paços deixa.
Do deus nas cerimônias já se instrui,
Já toma as armas furiais, já cinge
* A cabeça de pâmpanos, e pendem
Peles cervinas do sinistro lado:
Ritual hástea leve ao ombro encosta.

Seguida das terríveis companheiras,
Progne terrível pelas selvas corre,
* E nos furores, que a paixão lhe excita,
Vai simulando, ó Baco, os teus furores.
Chega à dura prisão de Filomela,
* Brama, grita: “Evoé!” E arromba as portas;
Arranca a triste irmã do horror que a cerca,
Nas báquicas insígnias a disfarça,
* Recata-lhe as feições co’as folhas de hera
E a conduz assombrada aos régios muros.

* Vendo que toca o pavimento infando,
Filomela infeliz treme, descora.
Metidas em recôndito aposento,
Progne lhe despe as sacras vestiduras,
* Progne d’aflita irmã descobre as faces,
As faces lacrimosas, e inda belas:
Terno abraço lhe dá, mas pôr-lhe os olhos
Não ousa a desgraçada, e se horroriza
De haver sido (apesar de o ser sem culpa)
* Cúmplice, origem da fraterna ofensa.
O macerado rosto unindo à terra,
Jurar tentando, e referir-se aos numes,
* Não podendo co’a voz, co’as mãos exprime
Que a violência lhe fez tão vil opróbrio.
* Arde Progne, conter não sabe as iras;
Da malfadada irmã condena o pranto.
“Lágrimas (diz) não servem, serve o ferro,
Ou cousas mais cruéis que o ferro: a tudo,
Por bárbaro que seja, estou disposta.
* Ou tragarei co’a chama os régios lares,
* Sufocando no ardor das ígneas ondas
O artífice infernal da injúria nossa;
* Ou os olhos, a língua, o mais que teve
Parte na torpe ação, n’a ação maldita,
C’o ferro hei de arrancar, ou por cem golpes
A vida roubarei ao ímpio monstro.
São grandes, são terríveis quantos modos
De vingança ideei, porém vacilo
Na escolha do pior.” Enquanto Progne
Fala assim, para a mãe vem caminhando
Ítis, o tenro príncipe formoso.

À rainha, ao senti-lo, ao vê-lo, ocorre
Nova maneira de vingar a infâmia,
* E, vibrando-lhe os olhos assanhados,
“Ah! Como ao pai na forma é semelhante!”
Disse, e não disse mais. Projeta, escolhe
Ato espantoso, e ferve em ira muda.

* Contudo, ao tempo em que o menino amável
A saúda com júbilo amoroso,

E os bracinhos gentis lhe alteia ao colo;
Quando o vê misturar beijos suaves
Com doces mimos, com pueris branduras,
Um tanto se comove a mãe raivosa,
E os olhos, sem querer, se lhe umedecem.
Porém do coração, que bate, e arqueja,
Já se desliza o mavioso afeto.
De novo à triste irmã volvendo os olhos,
E ora nela atentando, ora no filho
“Porque fala, e me atrai com mil carícias
Um (diz Progne) e jaz muda, e chora a outra!
Este, ó céus! Livremente a mãe nomeia,
E aquela nomear a irmã não pode!
Olha, vê com que esposo estás ligada,
Filha de Pandion! Tu degeneras:
Com Tereu a piedade é crime horrendo.”

* Não continua, e súbito, à maneira
Dum tigre da gangética espessura,
* Que por bosques opacos arrastada
Da veloz corça leva a tenra cria,
Progne as mãos arremessa ao delicado,
Ao cândido filhinho, e vai com ele
E com a irmã cerrar-se em erma estância.

Ali ao infeliz, que já conhece
Os negros fados seus, que as mãos levanta,
Que treme, que pranteia, e que se abraça
Ao seu querido algoz “Mãe! mãe!” clamando,
Ali ao infeliz no peito embebe
A vingativa Progne agudo ferro:
Nem torce o rosto, nem repete o golpe,
* Que um só golpe lhe rompe o débil fio.

Filomela o degola, e dilacera
Os membros em que há inda um resto d’alma.
* Já parte deles pula em êneos vasos,
Parte range em sutil, duro instrumento:
Vai pelo chão correndo o sangue em rios.

Das cruentas porções a fera esposa
Prepara detestáveis iguarias

Ao marido infiel, que tudo ignora.
* Um sacrifício finge ao pátrio modo,
No qual um só varão ter deve ingresso:
Servos, e cortesãos assim remove.

Assoma já Tereu no trono herdado,
E em alta, festival, purpúrea mesa
* Come parte de si, devora o filho:
Tanta cegueira lhe enegrece a mente!
“Ítis aqui trazei” (diz ele). Eis Progne
Dissimular não pode o gosto infando,
E, resolvendo enfim manifestar-se,
“Tens dentro (lhe responde) o que desejas.”
Ele olha em torno a si, pergunta: “Aonde?”
E de novo procura, e chama o filho.
Mas nisto Filomela, em sangue envolta,
Olhos acesos, desgrenhada a trança,
Entra, e do filho a mádida cabeça
Às faces paternais súbito arroja.

Não teve em tempo algum tanto desejo
De falar, de poder com agras vozes
Patentear seu júbilo ao tirano.
Ele solta um clamor que atroa as salas;
Derruba a fatal mesa, invoca as Fúrias,
E ora tenta expulsar com ânsia horrenda
As tragadas, funestas iguarias,
Ora lágrimas verte, e de seu filho
Sepulcro miserável se nomeia.

* Enfim de Pandion persegue a prole,
Brandindo o ferro nu com mão tremente.
O corpo das cecrópidas parece
Que em asas se equilibra, e não é sonho,
Em asas se equilibra, e muda a forma.
Uma rapidamente aos bosques voa,
Outra, igual na presteza, aos tetos sobe,
E do assassínio as máculas não perde:
Inda do rubro sangue desparzido
Evidentes sinais lhe estão no peito.
Tereu, fora de si, e arrebatado

Pela dor, pelas fúrias da vingança,
Ave adeja também, que na cabeça
Traz erguido penacho, e tem por armas
Longo bico mordaz: seu nome é poupa.

* O sucesso fatal, sabido apenas,
Despenhou Pandion na sepultura.

1-10. “Bárbaros”: apresentação do contexto. Pandion (pronuncia-se *Pandión*), rei ateniense, é ajudado pelo monarca da Trácia, Tereu, e em troca lhe dá a própria filha, Progne, em casamento.

8. “Gradivo”: Marte Gradivo (o “marchante”) era uma importante denominação romana do deus da guerra. Tereu era filho de Marte, por isso “progênie do Gradivo”.

11-28. “Ao rito”: uma sucessão de maus agouros cobre os festejos de casamento. Himeneu e Juno, divindades matrimoniais, ausentam-se. Em vez das Graças, que trariam presentes e beleza ao matrimônio, são as Fúrias infernais que carregam tochas em torno do tálamo – e tochas roubadas a um funeral. Por fim, uma ave agoureira pousa sobre o dossel do leito nupcial, e todo o festejo é conduzido diante dela, o que traz muito azar a todos. Não obstante, o dia do casamento, e o do nascimento do herdeiro, são consagrados pelo povo da Trácia, o que amplifica seu poder de causar malefícios. Esta passagem profetiza os males que sucederão aos nubentes, e censura os mortais por não prestarem atenção aos presságios.

27. “longo estado”: grande reino. Ítis é o filho de Progne e Tereu, que terá um papel sombrio a desempenhar neste mito.

29-39. “Cinco vezes”: cinco anos depois do casamento, Progne tem grandes saudades de Filomela, e pede ao marido que ou a leve até a irmã, ou vá buscá-la em Atenas. Tereu acolhe a segunda alternativa, e parte.

39. “Cecrópio”: o porto de Atenas. Cécrops era um dos reis lendários da Ática, região de Atenas, e por isso “Cecrópio” quer dizer “relativo ou originário da região da Ática”.

40-71. “Já surge”: Tereu sai da nau, e se encontra com o sogro, Pandion. Refere-lhe fielmente o pedido de Progne, incluindo a garantia de que Filomela regressaria em breve. Contudo, aparece a cunhada, e sua beleza acende um amor obsceno em Tereu. Deseja agora possuí-la, e em vez de apenas reproduzir as súplicas de Progne, ele apela com interesse pessoal, e chega mesmo a cogitar fazer guerra contra Atenas. Esta idéia é muito própria dum filho de Marte, em quem o amor desperta a violência.

42. “triste agouro”: alguns comentadores entendem que *omen* referia-

se aqui às palavras de Progne, trazidas por Tereu, que eram tristes; mas Bocage evidentemente interpretou como simples agouro, no que aliás me parece ter acertado. Os comentadores perguntam-se *qual* teria sido esse agouro, que o poeta não explicita, e eu ainda uma vez fico chocado com a literalidade de tantos eruditos, incapazes de compreender que o *triste agouro* estava espalhado pela conversa, um ar pesado que prometia desgraça, nuvem negra pairando sobre sogro e genro.

50. “Figurando-lhe”: dessa vez me parece que a frase ficou mesmo obscura, com culpa de Bocage. Trata-se de oração reduzida, equivalendo a “se é que a [nossa] mente atribui às Dríades e Náiades tal forma e tais vestimentas”. Assim, *idéia* está por “mente, imaginação, razão” e *figurar-lhes* significa “atribuir-lhes a figura”. Dríades e Náiades, sendo ninfas, são comumente representadas sem roupas, ou quando muito com vestes transparentes e quase invisíveis, enquanto Filomela se vestia como uma princesa. Portanto, o poeta ressalva, ao comparar uma às outras, que talvez o leitor não esteja pronto a aceitar inteiramente a semelhança.

No original de Bocage, lemos *figurar-lhe*, com o objeto indireto no singular, o que se explica pelo texto latino do *Codex Leidensis*, em que se lê *illi* em vez de *illis*. Mas os editores mais recentes têm optado pelo plural, já que não faria sentido o poeta questionar a aparência de Filomela logo depois de afirmá-la. Questionar a das ninfas, por outro lado, é razoável, como já discutimos. Sendo assim, peço que o leitor ouça o singular, que não altera a métrica, mas o interprete como sendo plural.

53. “Qual”: no sentido de “assim como”, introduzindo um símile. Tereu ficou abrasado ao ver Filomela, *assim como* a flama que, nos campos ateada, etc.

55-59. “Da bela”: o rosto de Filomela, reconhece Ovídio, é digno de grande entusiasmo; mas a natureza violenta de Tereu não permite que ele se contenha nesses estreitos limites. Filho de Marte, e propenso a Vênus (que fora amante do mesmo Marte, como nos contam os mitólogos), nele a luxúria se une à ousadia. Compare-se a um excerto de Platão: “[O homem decaído] não reverencia a Beleza [quando vê sua contraparte neste mundo]; ao contrário, entrega-se ao prazer e, como um animal, trata de copular e procriar” (*Fedro*, 250e).

62. “mãe segunda”: a ama-de-leite. A intenção de Tereu parece ser a de insinuar-se no quarto de Filomela com o auxílio das escravas de confiança.

63-64. “Não só”: *dons sublimes* são presentes caros e impressionantes; por meio deles, Tereu cogita solicitar os favores de Filomela, que é a *origem da paixão*.

65. “Mas estragar”: destruir o reino de Pandion para capturar sua filha. *O mesmo império* no sentido de *o império mesmo*, isto é, *até o império [de Pandion]*.

66. “Ou antes”: Tereu passa da idéia de atacar Atenas à de raptar Filomela ali mesmo, e então defender-se do sogro – que moveria guerra à Trácia para reavê-la, numa situação semelhante à de Tróia.

68-69. “Nada vê”: “seu criminoso amor desenfreado nada vê que não ouse e que não tente”.

71. “A demora fatal”: não consegue suportar a espera, pois deseja possuí-la imediatamente.

72-82. “Da saudosa”: agora que tem interesse em Filomela, Tereu aproveita-se das saudades de Progne como pretexto para raptar a cunhada. Fantasiando sua própria paixão como o amor da esposa pela irmã, vai mesmo às lágrimas, espetáculo repulsivo que, não obstante, rende-lhe a admiração de todos, pois é visto como pura devoção marital.

82. “No crime”: “[a maldade de Tereu] granjeia louvor enquanto pratica crime e traição”.

83-102. “Onde”: este trecho explora o engano de Filomela, a ironia trágica de seu apoio a Tereu. Imagina fazer bem à irmã, quando faz mal a ela e a si mesma: persuade o pai a deixá-la enredar-se nas garras de um lobo.
A figura mais ousada nesse sentido é *pela irmã contra si de orar não cessa*, que passa a impressão de que o bem de Progne é o mal de Filomela, quando a verdade é que a viagem será má para ambas as irmãs. Deve-se compreender que o poeta explora aqui a *ilusão* de Filomela, de que faz um bem a Progne, para criar o paradoxo artificial. Por fim, cabe observar a ânsia de Tereu, que durante toda a farsa espreita sua vítima, invejando até os abraços e beijos que dá ao pai. Ovídio explicita, horrorizado, que Tereu *realmente gostaria* de estar no lugar do sogro e, portanto, que não se incomodaria com o seu desejo por Filomela deixar de ser apenas adúltero para tornar-se também incestuoso. Esse é o caráter do filho de Marte, que não se importa com quantos crimes terá de cometer, contanto que consiga o que deseja.

83. “Onde”: aqui não se trata de advérbio interrogativo, mas de interjeição de espanto – que, aliás, deve ser parente do *aonde!* baiano.

96-98. “Quantas vezes”: “pesa ao Trácio de o pai não ser”, isto é, dói a Tereu que ele não seja Pandion, porque deseja ter os abraços de Filomela. E, se assim fosse, “mais torpe fora então, mais ímpio fora”, porque além de adúltero seria incestuoso.

101-102. “a si e a Progne”: “aquilo que lhes é fatal, tanto a si mesma como a Progne, ela julga propício”. Ou ainda: “julga propício o que é

fatal para si mesma e para Progne".

103-115. "Somente": o dia acaba, e, enquanto o mundo se entrega ao descanso, o espírito de Tereu continua possuído pela paixão furiosa. Não conseguirá descansar até que consume seu intento.

103. "curto giro": não se trata literalmente de um curto giro (o caminho do sol tem sempre o mesmo tamanho), mas de um *pedaço* curto do mesmo giro de sempre. Em outras palavras, falta pouco para acabar o dia.

104. "Os ferventes cavalos": É de notar como o verso imita o barulho dos cavalos. Acrescento dois precedentes ilustres que Bocage certamente considerava ao escrevê-lo: "Mastigam os cavalos, escumando, / os áureos freios com feroz sembrante" (Camões); *seu spumantis equi foderet calcaribus armos* (Virgílio).

106-108. "Aprestam-se": todos jantam no palácio do rei Pandion, e depois vão dormir, cansados.

109. "encantos": os encantos de Filomela, que transportam, isto é, arrastam Tereu.

113. "E finge": como de hábito, Ovídio não deixa a sugestão maliciosa no ar, mas a explicita. Tereu fica acordado, inquieto, imaginando Filomela, e não se detém no que viu, mas inventa também o que não viu: visualiza sua nudez, e de tanto pensar nela nem consegue dormir.

116-142. "Luziu": nasce o dia, e chega a hora da despedida. O discurso de Pandion, cheio de emoção e apelo à piedade religiosa, tem o propósito de amplificar a frieza e crueldade dos posteriores crimes de Tereu. A generosidade de Pandion será paga com ingratidão; a confiança, com traição; o amor pela filha, com violência; o sacrifício, com desprezo. Por fim, comove-nos a ingenuidade de sua despedida, das saudades que manda a Progne e ao neto Ítis, e nos assusta o presságio inexplicável que o ancião tem logo que dá o último adeus. É admirável que Ovídio consiga repetir tantos agouros pela história, tão bem distribuídos que não perdem seu efeito, mas – pelo contrário – reforçam-se uns aos outros, produzindo em nós o desejado efeito de horror.

122. "minha alma": pronuncie-se "minh'alma", para o bem da métrica.

143-155. "Em pintado baixel": Filomela já embarcou com Tereu, que está radiante; mas aqui, como em toda parte, o amor do Trácio possui estranho teor militar. "Vencemos!", exclama, e assim no plural. Quando observa, vigilante, sua amada, Ovídio o compara a uma águia (a ave de Júpiter) olhando para a presa. Tereu é ave de rapina, Filomela é sua refeição. Aqui se nota como o filho de Marte tem seu próprio modo de amar (Vênus) e dominar (Júpiter). Em suas mãos,

tudo o que é divino se torna bárbaro e brutal.

156-169. "Já do equóreo": chegando à Trácia, Tereu leva Filomela a um palácio deserto, em região antiga, onde pode escondê-la de Progne. Insensível às preocupações ingênuas e às lagrimas da moça, prende-a num quarto isolado e a violenta, enquanto ela chama pelo pai, pela irmã e pelos deuses imortais. O crime está consumado, e a tragédia se anuncia.

161. "Guia": "guia a triste filha de Pandion".

170-208. "Ela ainda": depois de sofrer a terrível violência, Filomela está em choque, mas recupera-se espantosamente, como se vê pelos símiles que o poeta escolhe para representar sua melhora. Ora é cordeira mansa, ora alva pomba, mas nos dois casos, é um animal que escapou de grande perigo, embora ainda temeroso. É evidente, contudo, que Filomela ainda não escapou de seu algoz.
A escolha dos símiles sugere, pois, que ela se sente como que já livre, e a única explicação para o sentir-se assim é sua imensa dignidade de princesa – que é também o que lhe permite discursar com tamanha audácia logo em seguida. Não poucos espíritos pequenos dirão que a cena é inverossímil, que a virgem deveria estar em pânico, incapaz de falar e *a fortiori* de acusar Tereu; mas a psicologia de Ovídio é melhor que a deles. Não estamos a falar de uma mulherzinha qualquer, mas de uma dama de alta linhagem, dotada daquela liberdade interior que sobrevive a grilhões e violências. Ela está convicta de sua razão, de seu direito, e da vileza do trácio. Seu discurso é sobre-humano: ela representa, com sua virgindade ultrajada, a voz dos deuses – tudo o que é belo, bom e justo.

184-208. "Ó barbaro": o discurso tem três partes. Primeiro, a acusação, que é sucinta, mas completa, listando os muitos direitos sagrados que Tereu infringiu com seu crime: as súplicas de um pai ancião, a confiança fraterna de cunhados, a inocência da virgindade, a fidelidade matrimonial. Depois, a constatação da gravidade do crime sobre si mesma e sobre a irmã, amplificada pela consideração de que seria melhor ter morrido antes de sofrer tal mancha. Em terceiro lugar, a ameaça, numa retórica de grande força emocional: onde quer que Tereu a esconda, ela contará até às pedras e bichos o que lhe sucedeu. Mais uma vez: pode parecer irracional a vítima indefesa ameaçar seu algoz, e com tais cores e ênfases. Mas a atitude de Filomela, longe de ser inverossímil, sinaliza sua grande dignidade, que fê-la sentir como se não estivesse indefesa diante de Tereu, passando por cima da sujeição física e aderindo completamente à hierarquia espiritual – em que ela levava grande vantagem. Sem dúvida, ameaçá-lo não foi inteligente; porém, uma indignação tão grande que, em seu ímpeto, salta sobre as considerações de utilidade e sobrevivência, essa sim é digna de uma princesa. Filomela pode ser julgada tola, mas é a

tola mais nobre do universo.

192-194. “Para não te escapar”: “já que cometeste tantos crimes, por que não acrescentas à lista deles o crime de assassinato, matando-me, e me poupando de viver com esta mancha?”

196. “incesto”: cunhados são como irmãos, e o sexo entre eles pode ser considerado, figurativamente, e não literalmente, incestuoso.

201. “Sacudido”: reduzida de particípio. “Uma vez sacudido o pudor, direi teu crime”; ou ainda “libertar-me-ei da vergonha, e contarei teu crime”.

209-230. “Com estes ameaços”: Tereu não tem o mínimo resquício de consciência moral. Diante da pungente acusação de Filomela, ele reage precisamente como um psicopata: com raiva e medo, decide cometer mais um crime, para não sofrer as conseqüências dos anteriores. Usa os cabelos de Filomela para prender suas mãos, e lhe arranca a língua, de modo que ela não possa contar a ninguém o que se passou. Por fim, para que não nos possa restar um pingo de compaixão pelo trácio, sua libido doentia parece alimentar-se da tragédia da moça, e ele a violenta de novo.

225-227. “Qual”: comparar a língua cortada de Filomela à cauda de uma serpente é inusitado e, na verdade, grotesco. E de fato é grotesco o ato de Tereu. A comunicação ovidiana é, freqüentemente, voltada para as sensações vagas, difíceis de definir, e constrangedoras quando definidas. O símile, portanto, visa a reforçar o efeito desconcertante do novo crime de Tereu. Pode ainda haver aí uma sugestão de que a língua de Filomela trairia o estupro, como uma serpente que se esgueira pelas frestas e ataca inesperadamente.

231-240. “Depois”: a ousadia de Tereu não tem limites, e sua brutalidade mostra, uma vez mais, que não é tão rude, admitindo mesmo a arte do fingimento. Já se valera dela com o sogro e a cunhada; agora, é a esposa que ele engana, com espantoso sucesso. Pensando que Filomela está morta, Progne ergue-lhe um túmulo e veste-se de luto.

239. “falsos manes”: os manes são espíritos dos mortos, que entre os pagãos são honrados e cultuados. Como Filomela não está morta, seus “manes” são falsos, não exigem culto.

241-262. “Já tem”: não podendo falar, Filomela tem a idéia de bordar sua história e mandá-la a Progne, por intermédio de uma escrava boa e inocente, que não faz a menor idéia de estar entregando uma mensagem. A irmã, recebendo o tecido, é tomada por uma ira profunda, e trama vingança.

241. “doze estâncias”: as doze *pousadas* ou *casas* do Zodíaco, isto é, o que hoje chamamos “signos”, como Áries, Câncer ou Peixes. Não se devem confundir com as constelações que deram nome aos mesmos

signos. As constelações mudam de posição com o passar dos séculos, mas os signos estão sempre no mesmo lugar, pois são divisões fixas do céu. Assim, sempre houve e sempre haverá doze signos do zodíaco, pois cada um preenche trinta graus de um espaço de trezentos e sessenta graus. Quando o sol está em Áries, é primavera no hemisfério norte; em Câncer, é verão; e assim por diante, de modo que, ao "correr as doze estâncias", completa-se um ano. Passou-se, pois, um ano desde o "caso enorme" – isto é, desde que Filomela fora violentada por Tereu.

246-247. "Tens": a necessidade é a mãe das artes. A necessidade tem agudo engenho (quando precisamos, inventamos), a indústria acode às grandes aflições (nos momentos de desgraça, nosso trabalho é mais eficiente). Essas duas máximas, que possuem quase o mesmo sentido, dão certo tom dramático que, criando suspense, antecipa a narração dos desígnios de Filomela.

248. "Sutil": *teia* possui o sentido primário de "tecido", que é precisamente o caso aqui. *A furto* quer dizer "às escondidas".

263-283. "Era o tempo": celebravam-se então os festivais em honra de Baco, em que o papel das mulheres era preponderante. Um rei antigo da Trácia, Licurgo, é importante na história de Baco, pois perseguiu o deus e seu culto, e foi punido com uma loucura que o fez matar o próprio filho. Isto guarda relação com os próximos atos de Progne; mais ainda se consideramos Agave, que despedaçou seu filho com as próprias mãos, como punição por ter difamado a própria irmã, Sêmele, que era mãe de Baco; o mesmo se deu também com as ensandecidas mulheres de Argos, que devoravam os filhos trazidos ao peito. É antiga a fama das seguidoras de Baco, as *bacantes*, de entrarem num êxtase feroz em que se comportam como feras. Se Progne procura os ritos báquicos, é porque, de certo modo, já tomou sua terrível decisão. Possuída pela loucura das bacantes, ela invadirá a prisão da irmã e, adornando-a como outra bacante, vai infiltrá-la no palácio, onde executarão juntas a vingança contra Tereu.

263. "deus de Tebas": Baco é filho de Sêmele, que por sua vez era filha de Cadmo e princesa de Tebas. Voltando à cidade de sua família materna, lá introduziu as festividades Bacanais, que o rei Penteu, seu primo, tentou proibir. Mas quando Penteu observava, escondido, os mistérios báquicos, o deus enlouqueceu Agave, mãe do mesmo Penteu e sua própria tia: ela atacou Penteu e o despedaçou, cravando sua cabeça num tirso. Assim, Baco puniu simultaneamente o rei ímpio, que se opunha ao seu culto, e Agave, que difamara sua mãe.

264. "Sitônias": os sitônios eram um povo da Trácia, e aqui seu nome é usado metonimicamente para designar as mulheres trácias de modo geral.

265. **“Aos ritos”:** o sentido literal da frase é que os ritos ocorrem durante a noite; mas a figura da Noite, personificada como presidente das festividades, é sinal de que ela possui papel preponderante, não apenas porque elas ocorrem à noite, mas porque são realizadas nas sombras, com o mistério e o denso medo implicados pela face noturna. Assim, essa figura começa já a criar a atmosfera temível dos ritos que serão descritos em seguida.

266. **“Ródope”:** uma cordilheira na Trácia. A cerimônia bacanal ocorre tipicamente no topo de montanhas, onde (além das óbvias vantagens simbólicas) o isolamento permite maior desenvoltura às orgias.

267. **“éreos instrumentos”:** címbalos, pratos de cobre cujo som estridente, ao chocarem-se uns contra os outros, era usado para consolidar o transe das bacantes.

270. **“armas furiais”:** pode querer dizer o tirso e a tocha, mas como um deles é mencionado posteriormente (v. 273), provavelmente significa apenas a loucura báquica, sob a figura de “armas”.

271-272. **“A cabeça”:** as parras na cabeça evocam o vinho, criação de Baco, e a pele de cervo jogada ao ombro esquerdo é a *nébride*, vestimenta ritual das bacantes. Com isto, e mais o tirso (*hástea ritual*), Progne está completamente paramentada.

276-277. **“E nos furores”:** Ovídio sugere que o verdadeiro furor de Progne não é o báquico, mas o da vingança; que de algum modo tudo o que ela fará a seguir não é responsabilidade de Baco, a despeito das aparências e do histórico dessa divindade, mas de fato dela. A maldade de Progne é só dela, e a religião é uma máscara.

279. **“Evoé”:** saudação a Baco, usada ritualmente nas Bacanais. A força necessária para arrombar as portas pode ser atribuída aos dons sobrenaturais do deus, ou à ajuda de uma multidão de mulheres enlouquecidas.

282. **“Recata-lhe”:** como parte do disfarce de bacante, Progne cobre a cabeça de Filomela com hera, formando uma coroa que é quase uma máscara.

284-297. **“Vendo”:** chegando ao palácio, as irmãs escondem-se e despem as vestimentas rituais. Filomela não ousa olhar nos olhos de Progne, envergonhada por sua participação no crime de Tereu. O fato de não ter culpa não torna a mancha suportável. Sendo incapaz de falar, mostra por gestos que sofreu violência, que não consentiu. Tudo isso acende a ira de Progne ainda mais: ser a irmã vítima de tão terríveis injúrias, e encontrar-se ainda humilhada, envergonhada, quase culpada, é intolerável para seu espírito altivo.

288. **“Progne”:** “Progne descobre as faces da aflita irmã”, pois o rosto de Filomela estava coberto de hera.

290-293. "Terno abraço": o sujeito das orações agora é Filomela, que abraça a irmã, mas não tem coragem de olhar-lhe nos olhos, de tão vexada pelo que fez Tereu. *Fraterna ofensa* é catacrese: Tereu não é irmão de Filomela, mas um cunhado, como é marido da irmã, é quase irmão. Assim, na falta de um adjetivo específico para cunhados, usa-se *fraterna*.

293. "Cúmplice": Filomela é *cúmplice*, não porque tenha culpa, mas porque, mesmo contra sua vontade, foi uma das partes no ato execrável; *origem* porque, mesmo sem que ela quisesse, foi sua beleza que excitou os desejos perversos de Tereu, originando assim o crime.

296-297. "Não podendo": "não podendo exprimir-se com a voz, exprime-se com as mãos, dizendo que foi por meio de violência que tão vil opróbrio lhe foi feito".

298-320. "Arde": à dor da irmã, que se volta para dentro e faz sofrer, Progne opõe o ódio e a vingança. Lista modos de vingar-se: morte pela espada (*o ferro*); incêndio do palácio; mutilação do criminoso; espancamento fatal. Por fim, coincidentemente, o filho Ítis entra no mesmo aposento, sugerindo-lhe uma idéia terrível, que ela cala.

300. "o ferro": a espada, que é feita de ferro.

303. "os régios lares": o palácio real, que é lar do rei.

304. "ígneas ondas": o incêndio é dramaticamente descrito como uma profusão de "ondas de fogo", que *sufocarão* (afogarão) o *artífice infernal da nossa injúria* (Tereu).

306-308. "Ou os olhos": a idéia de Progne agora é cortar fora partes do corpo de Tereu. *O mais que teve parte na torpe ação* sugere os órgãos sexuais. A expressão indireta é literariamente apropriada e razoavelmente humorística.

310-312. "São grandes": "quantos modos de vingança ideei são terríveis", ou ainda: "*todos* os modos de vingança que *imaginei* são terríveis". "Vacilo na escolha do pior" é o mesmo que "não consigo decidir qual é o pior modo [para que eu o execute]".

317. "olhos assanhados": são os de Progne, que estão tomados de sanha contra Tereu, e ao ver Ítis, vibram, tremem como os olhos de uma louca delirante. O seu delírio é ver, e pensar em punir, o pai no filho.

321-338. "Contudo": os mimos e carícias do filho comovem, por um instante, a ensandecida Progne. Comparando, porém, a viva voz do menino à mudez da irmã, lembra-se da crueldade do marido, e decide que compadecer-se dele é criminoso. É evidente, pensará o leitor, que Ítis e Tereu são pessoas diversas, que o filho inocente não deve pagar pelos pecados do pai. Tem toda a razão; mas como trazer à razão uma bacante que o desejo de vingança enlouqueceu? No próprio filho, ela vê, delirante, o marido monstruoso, e mais nada.

339-364. “Não continua”: não se dando mais tempo para considerações, Progne arrasta o filho para o recinto maldito em que preparará o jantar infernal de Tereu. O símile com o tigre de Bengala (*gangética espessura* é qualquer selva próxima ao rio Ganges) é apropriado, não só porque o tigre é um animal cruel e sanguinário, mas porque na figura ele leva um filhote de corça. Não é natural imaginar um tigre devorando outro. Progne, porém, trata seu filho como o tigre trata o da corça; e Tereu, sem o saber, vai devorá-lo, como o tigre que é. Para tornar o momento mais angustiante, o pequeno Ítis percebe o que lhe vai suceder, e implora por piedade – em vão. Fria e metódica, mostrando que sua loucura é mais obsessão que paixão, Progne o mata com um só golpe, bem aplicado, e sem virar o rosto para o outro lado, como se esperaria de uma assassina emotiva, incerta. A pura Filomela participa da cozinha maligna, mostrando que sua pureza foi integralmente roubada. A violência de Tereu transformou as irmãs e contaminou tudo. Progne organiza um falso sacrifício, para impingir ao marido a desgraça final.

341-342. “Que por bosques”: “que leva a tenra cria da veloz corça, arrastada por bosques opacos”. *Arrastada* é reduzida de particípio: “o tigre leva a tenra cria, *depois de ela ter sido arrastada* [pelo mesmo tigre] por bosques opacos”.

353. “débil fio”: o fio da vida, rompido pela lâmina.

355. “resto d’alma”: resto de *vida*, implicando que essas partes do corpo ainda se moviam ou pulsavam.

356-357. “Já parte”: os *êneos vasos* são panelas, em que pedaços da criança são cozidos, e o *duro instrumento* é um espeto, em que outros pedaços são assados. A variedade nos modos de preparo ajuda a ressaltar a perversão das cozinheiras, que não se importam de tratar com tal refinamento culinário a carne de um filho e sobrinho.

362-364. “Um sacrifício”: Progne simula um sacrifício à maneira ateniense, que inclui um banquete ritual e só permite a presença de um único homem – este será, evidentemente, Tereu, e aquele, a carne de Ítis.

365-387. “Assoma”: esta é a hora trágica, em que a crueldade de Tereu se volta contra ele, e o filho de Marte prova da própria violência. Progne e Filomela são insensíveis ao brutal homicídio que cometeram; deleitam-se escandalosamente na dor do pai que comeu o próprio filho, como se não fossem elas também parentes de Íctis, como se não fossem elas também humanas. Mas de fato, não era esperado de Tereu que ele tivesse a mesma consideração ao violentar a própria cunhada, virgem casta, confiada a ele por um rei ancião? Onde estava sua consciência, então? No mesmo lugar, decerto, em que estão agora as de Progne e Filomela. O monstro da Trácia deu à luz duas feras de

Atenas. A maldade gerou maldade em dobro.

367-368. “Come”: as duas orações têm o mesmo sentido literal; não designam ações diversas. Devorar o filho é figurativamente descrito como *comer uma parte de si mesmo*, já que o filho é extensão do pai, e sentido como se fosse um pedaço dele. A *cegueira* que *lhe enegrece a mente* não é senão a ignorância de todo mortal, ganhando proporções trágicas pelo fato de Tereu, autoconfiante, não esperar a paga de seus crimes.

370-374. “gosto infando”: ainda mais infando pelo tom satisfeito em que pronuncia seu enigma perverso: *tens dentro o que desejas*. Tereu, agora inocente como uma pomba, não entende o sentido de “dentro”, e procura o filho no aposento. Podemos imaginar o sorriso maligno de Progne ao presenciar sua confusão, seu desespero crescente.

375-378. “Mas nisto”: a entrada súbita de Filomela não apenas ocorre no momento exato, mas em condições idealmente dramáticas: sua aparência torpe, com os cabelos desgrenhados, traz à tona o crime de Tereu, com toda a sua gravidade e os efeitos que causou naquela que antes era uma princesa casta, sua doce cunhada.
A mancha de sangue reforça esses efeitos, mas também pressagia algo mais: de quem é aquele sangue? É dela? Talvez. Talvez, porém, haja algo pior por vir. Ei-lo: a cabeça de Ítis, igualmente encharcada, lançada com violência aos pés do pai. A violência que Tereu fizera a Filomela desembocou em seu próprio filho. O mal foi mais longe do que ele imaginava.

388-402. “Enfim”: é a hora da metamorfose. As irmãs fogem de Tereu com uma agilidade tão impressionante, que parecem voar; e voam mesmo, pois se tornaram pássaros. Progne é a andorinha; Filomela, com o peito para sempre manchado de sangue, é o rouxinol. E Tereu, não desistindo de persegui-las, transforma-se na poupa, que preserva o penacho do guerreiro trácio e, no bico feroz, uma arma digna do filho de Marte.

403-404. “O sucesso”: reduzida de particípio. *Uma vez sabido o sucesso fatal*, o rei Pandion caiu morto.

De Orithyia a Borea Rapta (VI, 677-721)

Oritia, princesa de Atenas, encantara o vento Norte, Bóreas, que há muito tentava consegui-la do pai em casamento. Como Erecteu não cedesse a seus rogos, Bóreas decidiu raptar sua amada e levá-la à força para a Trácia, seu reino, onde ela reinou e deu à luz os célebres gêmeos Boréadas.

ARTE: (a seguir) “Bóreas abduzindo Oritia, filha de Erecteu”, Francesco Solimena, séc. XVIII



sceptra loci rerumque capit moderamen Erectheus,
iustitia dubium validisne potentior armis.
quattuor ille quidem iuvenes totidemque crearat
femineae sortis, sed erat par forma duarum.
e quibus Aeolides Cephalus te coniuge felix,
Procri, fuit; Boreae Tereus Thracesque nocebant,
dilectaque diu caruit deus Orithyia,
dum rogat et precibus mavult quam viribus uti;
ast ubi blanditiis agitur nihil, horridus ira,
quae solita est illi nimiumque domestica vento,
‘et merito!’ dixit; ‘quid enim mea tela reliqui,
saevitiam et vires iramque animosque minaces,
admovique preces, quarum me dedecet usus?
apta mihi vis est: vi tristia nubila pello,
vi freta concutio nodosaque robora verto
induroque nives et terras grandine pulso;
idem ego, cum fratres caelo sum nactus aperto
(nam mihi campus is est), tanto molimine luctor,
ut medius nostris concursibus insonet aether
exsiliantque cavis elisi nubibus ignes;
idem ego, cum subii convexa foramina terrae
supposuique ferox imis mea terga cavernis,
sollicito manes totumque tremoribus orbem.
hac ope debueram thalamos petiisse, socerque
non orandus erat mihi sed faciendus Erectheus.’
haec Boreas aut his non inferiora locutus
excussit pennas, quarum iactatibus omnis
adflata est tellus latumque perhorruit aequor,
pulvereamque trahens per summa cacumina pallam
verrit humum pavidamque metu caligine tectus
Orithyian amans fulvis amplectitur alis.
dum volat, arserunt agitati fortius ignes,
nec prius aerii cursus suppressit habenas,
quam Ciconum tenuit populos et moenia raptor.
illic et gelidi coniunx Actaea tyranni
et genetrix facta est, partus enixa gemellos,
cetera qui matris, pennas genitoris haberent.
mox pariter pennae ritu coepere volucrum

cingere utrumque latus, pariter flavescere malae.
ergo ubi concessit tempus puerile iuventae,
vellera cum Minyis nitido radiantia villo
per mare non notum prima petiere carina.

* O afamado Erecteu regia Atenas,
* Herói na retidão, e herói no esforço.
Quatro filhos houvera, e quatro filhas:
Em duas florescia igual beleza.
Foi Prócris, uma delas, esposada
Por Céfalo, de Eolo egrégio sangue;
* A outra, inda donzela, era Oritia.

* Arde em seus olhos o Estrimônio Bóreas.
Arde há muito, e do pai há muito a espera,
Brando rogo antepondo a dura força;
* Mas vendo as preces vãs, lesada a glória,
* Hórrido co'a braveza a que anda afeito,
Crua, espantosa, natural ao vento,
* E da razão munido, assim declama:

"Por que, por que depus, insano, as armas,
Fereza, robustez, e voz terrível,
Usando o rogo, que a meu ser não quadra?
Só me convém, me é própria a força, a ira:
Com elas arrebato as altas nuvens,
Com elas em montanhas ergo os mares,
Torço os carvalhos, endureço as neves,
A redonda saraiva arrojo à terra;
E se os bravos irmãos nos céus encontro,
(Que vós, ó vastos céus, vós sois meus campos)
Com tanta audácia, tanta fúria luto,
Que nosso embate horrendo atroa o pólo,
E dentre a cerração rebenta o raio.
Se o grão seio investigo à curva terra,
Se às íntimas cavernas meto os ombros,
Turbam-se os manes, estremece o mundo.
Destarte me cumpria haver a esposa.
Devia usar da força em vez das preces,
Não rogar Erecteu, mas constrangê-lo."

* Isso, ou mais Bóreas diz, e as asas bate,

E abana as terras, e revolve as ondas.
Pelos cumes altíssimos dos serros
Manto pulverulento o deus arrasta;
Varre o chão, e escondido em névoa grossa,
A tímida Oritia envolve, abraça
Co’as fulvas penas, e remonta o vôo.

* Enquanto adeja rápido com ela,
As flamas agitadas mais se ateiam:
E na aérea carreira impetuosa
O ativo roubador se não reprime,
Até que pousa nos Cicônios muros.

* Ali a Actéia, singular princesa
Esposa foi do alígero tirano,
* E mãe dos gêmeos ínclitos, que abriram
Não vistos mares no baixel primeiro.

1-7. “O afamado”: mais uma vez, a história se desenrola entre Atenas e a Trácia. Para apresentar as personagens do mito, o poeta começa pela origem de uma delas (Oritia). Primeiro, fala de seu pai, Erecteu, sucessor de Pandião (ou Pandion); em seguida, enumera brevemente os oito filhos de Erecteu, e destaca duas mais belas dentre as quatro filhas. Por fim, menciona Prócris, deixando Oritia para o fim. Essa estratégia pode ser chamada de *aproximação progressiva*: começa-se num quadro mais geral, falando da cidade onde a personagem nasceu, ou de seus pais e antepassados, e em seguida vai-se na sua direção, excluindo aos poucos seus parentes, até chegar nela. É uma estratégia interessante porque, além de aumentar a curiosidade do leitor, criando suspense, envolve a personagem principal num contexto mais amplo, rodeado de outras personagens que enriquecem a significação da história.

2. “Herói”: o rei Erecteu se destacava duplamente, primeiro no aspecto moral (*retidão*), segundo no poder e na guerra (*esforço*). É importante reconhecer aqui o sentido etimológico de *esforço*, que deriva de *ex* + *fortis*, manifestação extraordinária de força e bravura.

5-6. “Prócris”: a irmã de Oritia teve uma vida cheia de ciúmes e seduções, que ressaltam sua beleza e, por outro lado, seu amor pelo marido, Céfalo.

7. “Oritia”: paroxítona, sempre. O-ri-*ti*-a.

8. “Arde”: arde, evidentemente, de amor; e arde “nos olhos de Oritia” porque arde quando vê os olhos da virgem. Figuradamente, é como se, ao olhar nos olhos de Oritia, Bóreas fosse capturado e aprisionado

dentro deles, que, como uma fogueira ou ara, o incendeiam. Refere-se o poeta ao vento como “Estrimônio” por causa do rio Estrímon, na Trácia, país em que Bóreas vivia.

10. “Brando”: *antepondo brando rogo a dura força*, isto é, preferindo pedir educadamente em vez de agir com violência para conseguir o que deseja.

11. “lesada”: a humilhação de pedir muitas vezes a mesma coisa, sem ser atendido, ofende a glória do deus-vento.

12. “Hórrido”: retornando à sua braveza habitual (*com a braveza a que anda afeito*), Bóreas se torna terrível.

14. “E da razão”: acréscimo de Bocage. A razão da qual Bóreas está munido é a de que cada qual deve agir conforme suas forças naturais, e que ele, levando sempre vantagem na brutalidade, não deveria apelar para a diplomacia, em que é fraco.

15-33. “Por que”: o argumento do discurso, descontadas as amplificações retóricas, é bastante simples: eu, Bóreas, levo grande vantagem na violência, e portanto não deveria tê-la abandonado. Usarei da força para conseguir Oritia, e não de pedidos vãos. As palavras infladas e bombásticas se justificam sobretudo pela gabolice dos temperamentos brutos como o de Bóreas, que gostam quase tanto de contar vantagens quanto de praticar violências.

34-40. “Isso”: *isso (ou mais)* é sarcasmo com o discurso gabola de Bóreas, que fala muito para dizer pouco. Em seguida ele sai, como lhe é próprio, causando destruição desnecessária e, liberto das amarras do bom-senso, rapta Oritia.

41-45. “Enquanto”: Bóreas estupra Oritia em pleno vôo, não sendo capaz sequer de esperar até pousarem na Cicônia (região da Trácia, reino de Bóreas). Seria indecente comentar em detalhes a analogia entre a rapidez do vôo, a batida das asas, o crescimento da paixão e o ato sexual em si. O leitor que observe com atenção, se quiser, e note que Bocage não nos poupou de alguns efeitos sonoros apropriados ao despudor do deus.

46. “Actéia”: que se origina de Acteu, primeiro rei da Ática. Oritia era filha do rei de Atenas, cidade que fica na região da Ática.

48-49. “E mãe”: os gêmeos em questão são os Boréadas, Cálais e Zetes, que participaram da expedição dos Argonautas (cujo navio é o “baixel primeiro”, pois era considerado por muitos como a primeira grande embarcação a ser construída).

De Orpheo ad Inferos Descendente Evrydicem Petente (X, 1-82)

O casamento de Orfeu e Eurídice teve maus presságios, que se cumpriram rapidamente. Enquanto passeava pelo campo, a jovem esposa teve o pé picado por uma cobra, e morreu. Seu marido, incapaz de suportar a perda, empreende uma viagem aos infernos, onde encontra Dite e Perséfone, reis dos mortos, e lhes implora que devolvam Eurídice. Usando de seu talento sobrenatural com a lira, Orfeu comove todas as criaturas infernais, persuadindo assim as divindades terríveis, que lhe devolvem a amada. Há, porém, uma condição: enquanto estiverem dentro do Hades, Orfeu não pode olhar para trás. Assim vai o casal pelos duros caminhos do inferno, e já quase estão às portas, quando o preocupado marido, não controlando seu desejo de saber como estava a esposa, cede à tentação e dá uma espiadela. É este o fim. Eurídice desaparece, e Orfeu, expulso do Hades, exila-se nas montanhas da Trácia, nunca mais aceitando o amor de outra mulher.

ARTE: (a seguir) “Orfeu e Eurídice”, Gaetano Gandolfi, 1802



Inde per inmensum croceo velatus amictu
aethera digreditur Ciconumque Hymenaeus ad oras
tendit et Orphea nequiquam voce vocatur.
adfuit ille quidem, sed nec sollemnia verba
nec laetos vultus nec felix attulit omen.
fax quoque, quam tenuit, lacrimoso stridula fumo
usque fuit nullosque invenit motibus ignes.
exitus auspicio gravior: nam nupta per herbas
dum nova naiadum turba comitata vagatur,
occidit in talum serpentis dente recepto.
quam satis ad superas postquam Rhodopeius auras
deflevit vates, ne non temptaret et umbras,
ad Styga Taenaria est ausus descendere porta
perque leves populos simulacraque functa sepulcro
Persephonen adiit inamoenaque regna tenentem
umbrarum dominum pulsisque ad carmina nervis
sic ait: ‘o positi sub terra numina mundi,
in quem reccidimus, quicquid mortale creamur,
si licet et falsi positis ambagibus oris
vera loqui sinitis, non huc, ut opaca viderem
Tartara, descendi, nec uti villosa colubris
terna Medusaei vincirem guttura monstri:
causa viae est coniunx, in quam calcata venenum
vipera diffudit crescentesque abstulit annos.
posse pati volui nec me temptasse negabo:
vicit Amor. supera deus hic bene notus in ora est;
an sit et hic, dubito: sed et hic tamen auguror esse,
famaque si veteris non est mentita rapinae,
vos quoque iunxit Amor. per ego haec loca plena timoris,
per Chaos hoc ingens vastique silentia regni,
Eurydices, oro, properata retexite fata.
omnia debemur vobis, paulumque morati
serius aut citius sedem properamus ad unam.
tendimus huc omnes, haec est domus ultima, vosque
humani generis longissima regna tenetis.
haec quoque, cum iustos matura peregerit annos,
iuris erit vestri: pro munere poscimus usum;
quodsi fata negant veniam pro coniuge, certum est

nolle redire mihi: leto gaudete duorum.’
Talia dicentem nervosque ad verba moventem
exsangues flebant animae; nec Tantalus undam
captavit refugam, stupuitque Ixionis orbis,
nec carpsere iecur volucres, urnisque vacarunt
Belides, inque tuo sedisti, Sisyphe, saxo.
tunc primum lacrimis victarum carmine fama est
Eumenidum maduisse genas, nec regia coniunx
sustinet oranti nec, qui regit ima, negare,
Eurydicenque vocant: umbras erat illa recentes
inter et incessit passu de vulnere tardo.
hanc simul et legem Rhodopeius accipit heros,
ne flectat retro sua lumina, donec Avernas
exierit valles; aut inrita dona futura.
carpitur adclivis per muta silentia trames,
arduus, obscurus, caligine densus opaca,
nec procul afuerunt telluris margine summae:
hic, ne deficeret, metuens avidusque videndi
flexit amans oculos, et protinus illa relapsa est,
bracchiaque intendens prendique et prendere certans
nil nisi cedentes infelix arripit auras.
iamque iterum moriens non est de coniuge quicquam
questa suo (quid enim nisi se quereretur amatam?)
supremumque ‘vale,’ quod iam vix auribus ille
acciperet, dixit revolutaque rursus eodem est.
Non aliter stupuit gemina nece coniugis Orpheus,
quam tria qui timidus, medio portante catenas,
colla canis vidit, quem non pavor ante reliquit,
quam natura prior saxo per corpus oborto,
quique in se crimen traxit voluitque videri
Olenos esse nocens, tuque, o confisa figurae,
infelix Lethaea, tuae, iunctissima quondam
pectora, nunc lapides, quos umida sustinet Ide.
orantem frustraque iterum transire volentem
portitor arcuerat: septem tamen ille diebus
squalidus in ripa Cereris sine munere sedit;
cura dolorque animi lacrimaeque alimenta fuere.
esse deos Erebi crudeles questus, in altam
se recipit Rhodopen pulsumque aquilonibus Haemum.

Tertius aequoreis inclusum Piscibus annum
finierat Titan, omnemque refugerat Orpheus
femineam Venerem, seu quod male cesserat illi,
sive fidem dederat; multas tamen ardor habebat
iungere se vati, multae doluere repulsae.

* De rutilantes vestes adornado
Himeneu rompe o ar, e à Trácia voa,
Lá donde o chama Orfeu, porém debalde.

* O deus sim presidiu do vate às núpcias,
Mas não levara ali solenes vozes,
Nem presságio feliz, nem ledo rosto.
Sentiu-se apenas crepitar-lhe o facho,
E em vez de viva luz soltar um fumo
Lutuoso e fatal: vãmente o nume
Tentou c'o movimento erguer-lhe a chama.
O efeito foi pior que o mesto agouro.

* Enquanto a linda noiva os prados gira,
Das náiades gentis acompanhada,
Áspide oculto fere o pé mimoso:
Morre a moça infeliz, e o triste amante
Depois de a lamentar aos céus, e à terra,
Empreende comover do inferno as sombras.
Afoito desce a vós, Tenárias portas.

* Por entre baralhada, aérea turba
Cujos restos mortais sepulcro logram,
Aos negros paços vai do rei das trevas,
Vê do tirano eterno o trono horrendo.
Lá casa os sons da voz, e os sons da lira,
* Às deidades cruéis lá diz: "Ó deuses,
Deuses do mundo sotoposto à terra,
No qual se há de sumir tudo o que existe!
* Se acaso a bem levais que ingênuas vozes
O artifício removam, crede as minhas.
* Não venho para ver o opaco Averno,
Nem para agrilhoar as três gargantas
* Do monstro Meduseu, que erriçam cobras.
Atrai-me ao reino vosso a morta esposa,
A quem pisada víbora o veneno

Nas veias desparziu, a flor murchando
Dos anos festivais, inda crescentes.
* Constância quis opor ao dano acerbo,
Tentei vencer meu mal, e Amor venceu-me.
Este deus é nos céus bem conhecido,
* Aqui não sei se o é, mas se não mente
No rapto que pregoa antiga fama,
Vós também pelo Amor ligado fostes.
Ah! Por este lugar, que abrange o medo,
Por este ingente caos, silêncio vasto,
Que do profundo império o seio ocupam,
De Eurídice gentil à doce vida
O fio renovai, tão cedo roto.
Ela, todo o mortal vos é devido,
Vem tudo, agora, ou logo, à mesma estância,
Para aqui pende tudo, é este o nosso
Derradeiro, infalível domicílio;
* Vós tendes, vós gozais, a vós compete
Da espécie humana o senhorio imenso;
A que exijo de vós há de ser vossa
Por inviolável jus, por lei dos Fados,
Tocando o termo da vital carreira:
* O uso do meu prazer em dom vos peço.
Se o Destino repugna ao bem, que imploro,
Se a esposa me retêm, sair não quero
Deste horror: exultai co'a morte de ambos."

O triste, que assim une o verso à lira,
Os exangues espíritos deploram:
* À fugaz linfa Tântalo não corre:
* A roda d'Ixion de assombro pára:
* Os abutres cruéis não mordem Tício,
As Bélides os crivos cair deixam,
* Tu, Sísifo, te assentas sobre a pedra.
* Das vencidas Eumênides é fama
Que pela vez primeira os negros olhos
Algumas tênues lágrimas verteram.
Nem a esposa feroz, nem Dite enorme
Ousam negar piedade ao vate orante,
Chamam súbito Eurídice. Envolvida

Entre as recentes sombras ela estava:
Eis o mordido pé vem manso, e manso.
Recebe o trácio Orfeu co'a bela esposa
Lei de que para trás não volte os olhos
Enquanto for trilhando o feio abismo,
* Se nula não quiser a graça extrema.
Por duro, esconso, desigual caminho,
De escuras, bastas névoas carregado,
Um após outro, os dois vão em silêncio:
Já do tartáreo fim distavam pouco.

* Temendo o amante aqui perder-se a amada,
Cobiçoso de a ver, lhe volve os olhos:
De repente lha roubam. Corre, estende
As mãos, quer abraçar, ser abraçado,
E o mísero somente o vento abraça.
Ela morre outra vez, mas não se queixa,
* Não se queixa do esposo: e poderia
Senão de ser querida lamentar-se?
Diz-lhe o supremo adeus, já mal ouvido;
E recai a infeliz na sombra eterna.

Fica atônito Orfeu co'a dupla morte
* Da malfadada esposa, como aquele
Que num dos colos viu com rijos ferros
Preso, arrastado à luz o cão trifauce,
E que o mudo pavor despiu somente
Quando despiu a natureza humana,
Transformado em rochedo imoto e frio;
Ou qual o que a si mesmo impôs um crime,
Oleno, que de réu quis ter o nome
Por te salvar, misérrima Letéia,
Orgulhosa demais com teus encantos,
Tu, que foste c'o esposo outrora uma alma
Repartida em dois corpos, que hoje és pedra
Com ele, e juntos no Ida estais sustidos.

* O estígio remador expulsa o vate,
Que ora, que em vão tornar ao Orco intenta.
Sete dias jazeu na margem triste
Sem nutrimento algum: só a saudade,

As lágrimas, a dor o alimentaram.

Depois de prantear vossa fereza,
* Numes do inferno, ao Ródope se acolhe,
E ao Hemo, de Aquilões sempre agitado.
Dera o giro anual três vezes Febo,
E sempre o terno Orfeu de amor fugia,
Ou porque o mal passado o refreava,
Ou porque eterna fé jurado houvesse
À miseranda esposa: repulsadas
Mil belas ninfas seus desdéns carpiram.

1-11. "De rutilantes": Himeneu, deus que preside os cortejos matrimoniais, vai à Trácia conduzir o de Orfeu e Eurídice, mas sua tocha nupcial, em vez de brilhar, solta um fumaceiro agourento, anunciando o triste futuro dos noivos. Toda esta passagem pode facilmente ser lida como mera alegoria, sendo sua mensagem, essencialmente, que o casamento de Orfeu estava destinado a trazer-lhe muita tristeza. A apresentação visa a criar suspense e atenção para a narrativa que se seguirá.

4. "O deus sim": a ordem normal seria "o deus presidiu, sim, às núpcias do vate".

12-18. "Enquanto": Eurídice, brincando nos campos com as ninfas das nascentes (*náiades*), tem seu pé mordido por uma cobra, e morre. Não suportando a dor da perda, Orfeu decide fazer uma viagem aos infernos e convencer o deus dos mortos a devolvê-la. Este trecho é um exemplo de narração extremamente sucinta, que, se desenvolvida, poderia dar mais algumas dezenas de versos.

19-59. "Por entre": encontrados Dite e Perséfone, rei e rainha do inferno, Orfeu dirige-se a eles recitando um poema acompanhado da lira. O texto é bem estruturado, seguindo o estilo poético, mas sem prejuízo da função retórica.

Primeiro, no exórdio, Orfeu invoca as divindades infernais com solenidade apropriada e anuncia que fará uso de um discurso sincero e sem artifício. Em seguida vem a narração do caso, que é a morte de Eurídice e seu desejo de reavê-la. Orfeu começa a narração, contudo, usando duas negações: o primeiro motivo negado é a curiosidade de ver os infernos, e o segundo, o de aprisionar Cérbero (coisa que, aliás, Hércules já fizera uma vez). Assim, Orfeu repele a idéia de que seja um aventureiro, alguém que optou por visitar o mundo dos mortos. Pelo contrário: tendo perdido a doce esposa na flor dos anos, tentou suportar a dor da perda e conformar-se com o destino, mas foi-lhe impossível.

Por fim, no epílogo, dirige-se mais uma vez aos reis do inferno, chamando atenção para: 1) o mito segundo o qual o próprio Dite já sofrera de amor, e por isso raptara Perséfone; 2) o poder definitivo que teriam, de qualquer maneira, sobre a vida de Eurídice; 3) seu desejo de, não podendo reaver a esposa em vida, ficar morto desde logo no Hades.
Os argumentos e o tom são, em tudo, apropriados ao orador, que é poeta, e ao auditório, conhecido pela severidade e prepotência. Ao gosto deles fica a solenidade, a reverência ao Hades e seus governantes, a alusão a suas antigas dores de amor, a submissão final de Orfeu a suas leis. Mesmo a forma poética, embora derive do talento específico do herói, pode ser vista como a mais apropriada para dirigir-se aos deuses.

19. "aérea": "feitos de ar", porque são sombras.

20. "Cujos restos": não é que só se encontrem ali os mortos que gozam de sepulcro, excluindo-se portanto aqueles que não receberam sepultura. *Lograr sepulcro* está sendo usado, simplesmente, no sentido de "estar morto". Portanto, quer Ovídio dizer apenas que aquela multidão de sombras é composta de pessoas mortas. Nada mais.

24. "deidades cruéis": Plutão/Dite e Perséfone, rei e rainha dos infernos.

27-28. "Se acaso": "se aceitais que eu fale de modo simples, dispensando os artifícios". É verdade que o discurso de Orfeu será bastante artificioso, mas devemos depreender dessa passagem que ele não pretende esconder, com rodeios, o verdadeiro motivo de sua vinda, a saber, Eurídice.

29. "o opaco Averno": o Averno é uma cratera italiana da qual saíam vapores tóxicos. Dizia-se dela que era a entrada para o mundo dos mortos. Por isso, seu nome é sinônimo de "inferno".

31. "Do monstro": Cérbero, o cão de três cabeças, cujo dorso era coberto de serpentes (*erriçam cobras*), guardava os infernos. Era filho de Equidna, a mulher-serpente, o que faz dele um sobrinho de Medusa (por isso *Meduseu*).

35. "Dos anos": os adjetivos aplicados aos anos significam aquilo que seria próprio da idade em que Eurídice se encontrava. Assim, seus anos são *festivais* porque ela estava numa idade propícia aos festejos, e *crescentes* porque era ainda a juventude, a partir da qual se deve crescer e amadurecer.

36. "Constância": o sujeito é "eu". *Eu quis opor constância ao dano acerbo*, isto é, combater a perda da jovem esposa com a virtude da constância.

39-41. "Aqui": "mas se [Amor] não mente *quanto ao* rapto, que antiga fama pregoa", etc.

Orfeu se refere ao mito segundo o qual Plutão, apaixonado por Perséfone mas rejeitado como genro por Ceres, raptou-a e fê-la comer uma romã do Hades. Era lei que quem comesse algo no mundo dos mortos, deveria permanecer lá. Assim, quando se descobriu o furto, e Júpiter ordenou o regresso da filha à superfície, era tarde, e fizeram um acordo segundo o qual ela passaria metade do ano debaixo da terra. Ceres, triste pela ausência da filha, produz nesse período o outono e o inverno; e quando Perséfone retorna, começa a primavera.

45-46. "De Eurídice": "renovai o fio, tão cedo roto, à vida da gentil Eurídice". É a tradicional imagem do fio da vida, já gasto, que precisa ser renovado. A preposição "a" em *renovai o fio à vida de Eurídice* indica interesse ou posse, imitando o dativo do latim, como quando dizemos *roubar o pão a um homem*. Equivale, pois, a dizer: *renovai o fio da vida de Eurídice*.

51-52. "Vós tendes": "vós tendes, vós gozais, a vós compete o senhorio imenso da espécie humana". O uso de três verbos com o mesmo complemento (objeto dos dois primeiros, sujeito do último) causa um efeito de condensação muito apropriado para a linguagem solene.

55. "vital carreira": a corrida da vida, uma metáfora que enfatiza a velocidade da nossa passagem sobre a terra.

56. "meu prazer": aquilo que me apraz, isto é, aquilo que eu quero. Refere-se, evidentemente, ao retorno de Eurídice à vida.

60-82. "O triste": o canto de Orfeu comove o inferno inteiro. Segue-se uma pequena lista de célebres habitantes do Tártaro, que abandonam temporariamente seus comportamentos sempiternos para chorar as desventuras do poeta. Há os condenados: Tântalo, Íxion, Tício, as Bélides e Sísifo, e há também as Eumênides, gênios da vingança. Os primeiros conseguem largar, miraculosamente, seus tormentos infernais, tamanha é sua comoção; as segundas derramam algumas lágrimas, coisa incompatível com seu temperamento cruel. Por fim, também os reis do Hades se apiedam de Orfeu, e lhe concedem de volta a esposa, com uma condição: ao conduzi-la para fora, não deve olhar para trás um só momento, sob pena de perdê-la definitivamente. Assim vão, por um caminho difícil, e já estão quase chegando à superfície.

62. "Tântalo": tendo assassinado o próprio filho e o servido como banquete aos deuses, foi punido do seguinte modo: ficava preso dentro de um lago, mas toda vez que queria matar a sede, a água se afastava dele. Condenado à sede eterna, o poema de Orfeu faz, no entanto, com que ele a esqueça momentaneamente.

63. "Ixion": no poema, deve-se pronunciar como oxítona (*Ixión*). Íxion matou o próprio sogro depois de convidá-lo para jantar e, por

isso, foi punido com a loucura. Quando Júpiter apiedou-se dele e, curando-o, convidou-o à mesa dos deuses, Íxion sentiu-se atraído por Juno. Para testar sua gratidão, Júpiter fez a partir de nuvens uma cópia de Juno, que Íxion, pensando tratar-se da verdadeira, violentou. Dessa união nasceu Centauro, e por isso a raça dos centauros é chamada *ixiônidas*. Tendo Íxion provado sua falta de respeito à lei da hospitalidade pela segunda vez, foi condenado a girar numa roda de fogo eternamente.

64. "Tício": o gigante Tício tentou estuprar Latona, mãe de Febo e Diana, e foi condenado a ter suas entranhas eternamente devoradas por abutres (exatamente como Prometeu).

65. "Bélides": as Danaides, filhas de Dânao, netas de Belo, que foi um rei mítico do Egito. As cinqüenta filhas de Dânao mataram traiçoeiramente seus próprios maridos na noite de núpcias, por ordem do mesmo Dânao. Como castigo, são obrigadas a encher de água uma jarra cheia de furos, pelo que seu trabalho é eterno.

66. "Sísifo": um rei velhaco e inescrupuloso que, depois de muitos crimes contra homens e deuses, foi punido com a tarefa de empurrar uma pedra enorme até o topo de um monte. O caso é que, toda vez que ele se aproximava do destino, a pedra rolava de volta à base, e Sísifo tinha de recomeçar o trabalho.

67. "Eumênides": também conhecidas como Fúrias, Erínias, Diras e Harpias, são gênios da vingança, cujo propósito é punir os perjuros. Infernizam a vida dos seus alvos, torturando-os sem descanso, até que morram. Para realizar essa missão, naturalmente, devem possuir um temperamento cruel e insensível; mas Bocage nos diz que foram *vencidas* (pelo canto de Orfeu) e que *é fama* ("conta-se") terem seus olhos vertido até algumas lágrimas.

78. "Se nula": "se não quiser [que] a graça extrema [seja] nula". A *graça extrema* é o presente que lhe deram, a saber, a esposa de volta à vida. Se olhar para trás, perderá Eurídice para sempre.

83-106. "Temendo": este é o momento fatal em que Orfeu, às portas do Hades, deixa-se levar pela ansiedade imensa, e quebra a regra que lhe fora dada por Dite e Perséfone. Preocupado com a esposa, olha para trás, apenas para vê-la esvair-se, irrevogavelmente morta. Os dois símiles que se seguem envolvem a transformação de alguém em pedra, consolidando uma dupla metamorfose: Eurídice se torna sombra etérea; Orfeu, por uma figura de linguagem, é agora pedra dura e fria. Ar e terra, definitivamente separados, os amantes sofrem agora, além da perda, a dor da frustração de quem *quase* foi feliz, e só não o foi por um detalhe, um momento de fraqueza.

89-90. "Não se queixa": a triste ironia é que, se tudo foi perdido, a causa foi justamente a preocupação de Orfeu com Eurídice, que o fez

olhar para trás. Por amor, ele a salvou do inferno; por amor, condenou-a novamente. Assim, ela não pode *lamentar-se, senão de ser querida*.

94-99. **"como aquele":** o pânico de Orfeu é comparado ao de alguém que, vendo Cérbero à luz do dia, arrastado para fora do Orco (por Hércules, no famoso episódio, sem dúvida), tivera tanto medo que se transformara em pedra. Não sabemos quem é, mas o relevante aqui é a transformação que, embora não seja sofrida literalmente por Orfeu, dá uma idéia do que acontece em seu interior. Perde a humanidade, a luz, o calor da vida; está como morto, ou menos que morto: pedra.

100-106. **"Ou qual":** o primeiro símile destacava o pavor de Orfeu, enquanto este segundo concentra-se na causa, que foi o estúpido amor. Oleno pediu para ser julgado no lugar de sua vaidosa esposa, Letéia, talvez acusando-se como cúmplice ou verdadeiro culpado de seus crimes; mas tudo o que conseguiu foi ser transformado em pedra juntamente a ela. Não sabemos os detalhes, mas Letéia provavelmente gabou-se de ser mais bela do que alguma deusa, como é de praxe na mitologia. O sentido do mito é claro: o amor nos induz a loucuras que, em vez de salvarem nossos amados, condenam-nos junto com eles. Assim também Orfeu, por cuidados de amor, foi levado a perder a esposa para sempre.

107-120. **"O estígio":** Caronte, barqueiro do inferno, expulsa Orfeu, que tenta em vão retornar. A decisão do Averno é final: Eurídice está perdida. Orfeu permanece sete dias sem comer às margens do rio infernal, mas em vão. Depois, retira-se para as montanhas da Trácia, vivendo como um eremita e fugindo das ninfas que pleiteavam seu amor. Bocage omite a continuação desses versos, que declara ter sido Orfeu o primeiro trácio a praticar a pederastia. Assim, sua recusa das mulheres torna-se celibato, enquanto no original tratava-se de misoginia. De qualquer modo, ele se afasta do sexo feminino em memória de Eurídice.

113-114. **"Ródope":** Ródope e Hemo são cordilheiras da Trácia. Aquilões são os violentos ventos do Norte, aparentados com Bóreas.

De Cinyra Myrrhaqve (X, 298-502)

Mirra, princesa cípria, recusa todos os seus pretendentes, pois sofre de uma paixão incontrolável pelo próprio pai, Ciniras. Tendo combatido o afeto criminoso de todos os modos concebíveis, não vê solução senão matar-se. Contudo, sua antiga ama de leite interrompe seus planos, e arranca dela a verdade, prometendo ajudá-la a conseguir o que deseja, para não vê-la morta. Aproveita o festival de Ceres, em que a mãe de Mirra, junto a outras matronas, abstém-se do leito conjugal, deixando o marido sozinho. Aproximando-se do rei quando o vê ébrio, a velha o persuade a receber em seu quarto uma virgem nobre, cujo nome ela falseia, para não dizer que é Mirra. Como condição, exige que tudo ocorra às escuras. Ciniras aceita, e recebe a própria filha, sem reconhecê-la, mais de uma vez. Contudo, curioso por ver seu rosto, o rei esconde uma vela perto da cama, e ao utilizá-la, reconhece a filha. Tenta matá-la, mas Mirra foge na escuridão, vagando por meses até cair exausta, grávida do próprio pai, e implorar que os deuses a punam com a remoção de sua essência humana. Uma divindade benigna o concede, transformando-a numa planta.

Do crime os quadros a virtude apuram,
Esmalta-se a moral no horror ao crime.
— O Tradutor

ARTE: (a seguir) “Mirra”, Louis Desplaces, séc. XVIII



‘Editus hac ille est, qui si sine prole fuisset,
inter felices Cinyras potuisset haberi.
dira canam; procul hinc natae, procul este parente
aut, mea si vestras mulcebunt carmina mentes,
desit in hac mihi parte fides, nec credite factum,
vel, si credetis, facti quoque credite poenam.
si tamen admissum sinit hoc natura videri,
[gentibus Ismariis et nostro gratulor orbi,]
gratulor huic terrae, quod abest regionibus illis,
quae tantum genuere nefas: sit dives amomo
cinnamaque costumque suum sudataque ligno
tura ferat floresque alios Panchaia tellus,
dum ferat et murram: tanti nova non fuit arbor.
ipse negat nocuisse tibi sua tela Cupido,
Myrrha, facesque suas a crimine vindicat isto;
stipite te Stygio tumidisque adflavit echidnis
e tribus una soror: scelus est odisse parentem,
hic amor est odio maius scelus.—undique lecti
te cupiunt proceres, totoque Oriente iuventus
ad thalami certamen adest: ex omnibus unum
elige, Myrrha, virum, dum ne sit in omnibus unus.
illa quidem sentit foedoque repugnat amori
et secum “quo mente feror? quid molior?” inquit
“di, precor, et pietas sacrataque iura parentum,
hoc prohibete nefas scelerique resistite nostro,
si tamen hoc scelus est. sed enim damnare negatur
hanc Venerem pietas: coeunt animalia nullo
cetera dilectu, nec habetur turpe iuvencae
ferre patrem tergo, fit equo sua filia coniunx,
quasque creavit init pecudes caper, ipsaque, cuius
semine concepta est, ex illo concipit ales.
felices, quibus ista licent! humana malignas
cura dedit leges, et quod natura remittit,
invida iura negant. gentes tamen esse feruntur,
in quibus et nato genetrix et nata parenti
iungitur, et pietas geminato crescit amore.
me miseram, quod non nasci mihi contigit illic,
fortunaque loci laedor!—quid in ista revolvor?

spes interdictae, discedite! dignus amari
ille, sed ut pater, est.—ergo, si filia magni
non essem Cinyrae, Cinyrae concumbere possem:
nunc, quia iam meus est, non est meus, ipsaque damno
est mihi proximitas: aliena potentior essem.
ire libet procul hinc patriaeque relinquere fines,
dum scelus effugiam; retinet malus ardor euntem,
ut praesens spectem Cinyran tangamque loquarque
osculaque admoveam, si nil conceditur ultra.
ultra autem spectare aliquid potes, inpia virgo?
et quot confundas et iura et nomina, sentis?
tune eris et matris paelex et adultera patris?
tune soror nati genetrixque vocabere fratris?
nec metues atro crinitas angue sorores,
quas facibus saevis oculos atque ora petentes
noxia corda vident? at tu, dum corpore non es
passa nefas, animo ne concipe neve potentis
concubitu vetito naturae pollue foedus!
velle puta: res ipsa vetat; pius ille memorque est
moris—et o vellem similis furor esset in illo!"
　　'Dixerat, at Cinyras, quem copia digna procorum,
quid faciat, dubitare facit, scitatur ab ipsa,
nominibus dictis, cuius velit esse mariti;
illa silet primo patriisque in vultibus haerens
aestuat et tepido suffundit lumina rore.
virginei Cinyras haec credens esse timoris,
flere vetat siccatque genas atque oscula iungit;
Myrrha datis nimium gaudet consultaque, qualem
optet habere virum, "similem tibi" dixit; at ille
non intellectam vocem conlaudat et "esto
tam pia semper" ait. pietatis nomine dicto
demisit vultus sceleris sibi conscia virgo.
　　'Noctis erat medium, curasque et corpora somnus
solverat; at virgo Cinyreia pervigil igni
carpitur indomito furiosaque vota retractat
et modo desperat, modo vult temptare, pudetque
et cupit, et, quid agat, non invenit, utque securi
saucia trabs ingens, ubi plaga novissima restat,
quo cadat, in dubio est omnique a parte timetur,

sic animus vario labefactus vulnere nutat
huc levis atque illuc momentaque sumit utroque,
nec modus et requies, nisi mors, reperitur amoris.
mors placet. erigitur laqueoque innectere fauces
destinat et zona summo de poste revincta
“care, vale, Cinyra, causamque intellege mortis!”
dixit et aptabat pallenti vincula collo.

‘Murmura verborum fidas nutricis ad aures
pervenisse ferunt limen servantis alumnae.
surgit anus reseratque fores mortisque paratae
instrumenta videns spatio conclamat eodem
seque ferit scinditque sinus ereptaque collo
vincula dilaniat; tum denique flere vacavit,
tum dare conplexus laqueique requirere causam.
muta silet virgo terramque inmota tuetur
et deprensa dolet tardae conamina mortis.
instat anus canosque suos et inania nudans
ubera per cunas alimentaque prima precatur,
ut sibi committat, quicquid dolet. illa rogantem
aversata gemit; certa est exquirere nutrix
nec solam spondere fidem. “dic” inquit “opemque
me sine ferre tibi: non est mea pigra senectus.
seu furor est, habeo, quae carmine sanet et herbis;
sive aliquis nocuit, magico lustrabere ritu;
ira deum sive est, sacris placabilis ira.
quid rear ulterius? certe fortuna domusque
sospes et in cursu est: vivunt genetrixque paterque.”
Myrrha patre audito suspiria duxit ab imo
pectore; nec nutrix etiamnum concipit ullum
mente nefas aliquemque tamen praesentit amorem;
propositique tenax, quodcumque est, orat, ut ipsi
indicet, et gremio lacrimantem tollit anili
atque ita conplectens infirmis membra lacertis
“sensimus,” inquit “amas! et in hoc mea (pone timorem)
sedulitas erit apta tibi, nec sentiet umquam
hoc pater.” exiluit gremio furibunda torumque
ore premens “discede, precor, miseroque pudori
parce!” ait; instanti “discede, aut desine” dixit
“quaerere, quid doleam! scelus est, quod scire laboras.”

horret anus tremulasque manus annisque metuque
tendit et ante pedes supplex procumbit alumnae
et modo blanditur, modo, si non conscia fiat,
terret et indicium laquei coeptaeque minatur
mortis et officium commisso spondet amori.
extulit illa caput lacrimisque inplevit obortis
pectora nutricis conataque saepe fateri
saepe tenet vocem pudibundaque vestibus ora
texit et “o” dixit “felicem coniuge matrem!”
hactenus, et gemuit. gelidus nutricis in artus
ossaque (sensit enim) penetrat tremor, albaque toto
vertice canities rigidis stetit hirta capillis,
multaque, ut excuteret diros, si posset, amores,
addidit. at virgo scit se non falsa moneri;
certa mori tamen est, si non potiatur amore.
“vive,” ait haec, “potiere tuo”—et, non ausa “parente”
dicere, conticuit promissaque numine firmat.
‘Festa piae Cereris celebrabant annua matres
illa, quibus nivea velatae corpora veste
primitias frugum dant spicea serta suarum
perque novem noctes venerem tactusque viriles
in vetitis numerant: turba Cenchreis in illa
regis adest coniunx arcanaque sacra frequentat.
ergo legitima vacuus dum coniuge lectus,
nacta gravem vino Cinyran male sedula nutrix,
nomine mentito veros exponit amores
et faciem laudat; quaesitis virginis annis
“par” ait “est Myrrhae.” quam postquam adducere iussa est
utque domum rediit, “gaude, mea” dixit “alumna:
vicimus!” infelix non toto pectore sentit
laetitiam virgo, praesagaque pectora maerent,
sed tamen et gaudet: tanta est discordia mentis.
‘Tempus erat, quo cuncta silent, interque triones
flexerat obliquo plaustrum temone Bootes:
ad facinus venit illa suum; fugit aurea caelo
luna, tegunt nigrae latitantia sidera nubes;
nox caret igne suo; primus tegis, Icare, vultus,
Erigoneque pio sacrata parentis amore.
ter pedis offensi signo est revocata, ter omen

funereus bubo letali carmine fecit:
it tamen, et tenebrae minuunt noxque atra pudorem;
nutricisque manum laeva tenet, altera motu
caecum iter explorat. thalami iam limina tangit,
iamque fores aperit, iam ducitur intus: at illi
poplite succiduo genua intremuere, fugitque
et color et sanguis, animusque relinquit euntem.
quoque suo propior sceleri est, magis horret, et ausi
paenitet, et vellet non cognita posse reverti.
cunctantem longaeva manu deducit et alto
admotam lecto cum traderet “accipe,” dixit,
“ista tua est, Cinyra” devotaque corpora iunxit.
accipit obsceno genitor sua viscera lecto
virgineosque metus levat hortaturque timentem.
forsitan aetatis quoque nomine “filia” dixit,
dixit et illa “pater,” sceleri ne nomina desint.
‘Plena patris thalamis excedit et inpia diro
semina fert utero conceptaque crimina portat.
postera nox facinus geminat, nec finis in illa est,
cum tandem Cinyras, avidus cognoscere amantem
post tot concubitus, inlato lumine vidit
et scelus et natam verbisque dolore retentis
pendenti nitidum vagina deripit ensem;
Myrrha fugit: tenebrisque et caecae munere noctis
intercepta neci est latosque vagata per agros
palmiferos Arabas Panchaeaque rura relinquit
perque novem erravit redeuntis cornua lunae,
cum tandem terra requievit fessa Sabaea;
vixque uteri portabat onus. tum nescia voti
atque inter mortisque metus et taedia vitae
est tales conplexa preces: “o siqua patetis
numina confessis, merui nec triste recuso
supplicium, sed ne violem vivosque superstes
mortuaque exstinctos, ambobus pellite regnis
mutataeque mihi vitamque necemque negate!”
numen confessis aliquod patet: ultima certe
vota suos habuere deos. nam crura loquentis
terra supervenit, ruptosque obliqua per ungues
porrigitur radix, longi firmamina trunci,

ossaque robur agunt, mediaque manente medulla
sanguis it in sucos, in magnos bracchia ramos,
in parvos digiti, duratur cortice pellis.
iamque gravem crescens uterum perstrinxerat arbor
pectoraque obruerat collumque operire parabat:
non tulit illa moram venientique obvia ligno
subsedit mersitque suos in cortice vultus.
quae quamquam amisit veteres cum corpore sensus,
flet tamen, et tepidae manant ex arbore guttae.
est honor et lacrimis, stillataque cortice murra
nomen erile tenet nulloque tacebitur aevo.

* Ciniras, um dos reis da equórea Chipre,
Pudera numerar-se entre os ditosos,
Se prole não tivesse. Eu determino
Cantar cousas terríveis: longe, ó filhas,
Longe, ó pais!... E se acaso as mentes vossas
Ficaram de meus versos atraídas,
Não julgueis verdadeiro o que me ouvirdes;
Ou, crendo o caso atroz, crede o castigo:
* Se permite, contudo, a Natureza
Que tão negros horrores a enxovalhem.

* Feliz a Ismária gente, o mundo nosso,
Que jaz distante do brutal, do indigno
País onde nasceu paixão nefanda!
Embora seja fértil, seja rica
De mil perfumes a Pancaica terra,
Tenha alta fama em árvores, em flores,
Dê costo redolente, e grato amomo,
Nela cheiroso incenso os troncos suem,
Que a mirra, que produz, a faz odiosa:
Não vale o que há custado a nova planta.

* Nega o filho de Vênus que em teu peito
Seus lustrosos farpões cravasse, ó Mirra!
Vinga seu facho da suposta infâmia.
Com o estígio tição e inchadas cobras,
Vibrou letal vapor sobre a tua alma
Uma das três irmãs. Ao pai ter ódio
Se é gravíssimo crime, é crime horrendo

Amá-lo como tu. Por ti suspiram,
Ardem por ti mil príncipes famosos;
Mil brilhantes mancebos do oriente
Contendem pela glória de gozar-te:
Um de tantos heróis escolhe, ó Mirra,
* Mas não seja o que tens no pensamento.

* Em criminoso amor ela se inflama,
Em criminoso amor ela repugna,
E diz consigo: “Onde me leva a mente!
Que espero, que imagino! Eternos deuses!
Santa religião! Santos deveres!
Direitos paternais! Tolhei-me o crime,
Refreai meu furor, minha maldade;
Se contudo é maldade o que em mim sinto
Tão doce propensão porque a reprovam?
Os livres animais amam sem culpa,
Sem culpa gozam, e a união do sangue
Mais suave união lhes não proíbe.
Felizes animais, feliz destino!
Criou penosas leis o orgulho humano,
Negando o que permite a natureza.
* É constante porém que existem povos,
Que há gente entre as quais a mãe ao filho,
* A filha se une ao pai, e as leis do sangue
Com duplicado amor se arreigam n’alma.
Ó! Mísera de mim! Por que não tive
A dita de nascer naqueles climas?
Minha pátria é meu mal... que idéias nutro!
Veladas, importunas esperanças,
Ah! Ide-vos: o pai de amor é digno,
Mas somente do amor que aos pais se deve.
Se filha de Ciniras eu não fosse,
Pudera de outro modo amar Ciniras;
É meu como o céu quer, não como eu quero,
* Aparta-nos fatal proximidade:
Se não fora o que sou, feliz seria.

* A remoto país correr desejo,
Fugindo à pátria por fugir ao crime;
Mas o nocivo Amor detém meus passos;

Quer que veja Ciniras, que lhe fale,
Que o beije, se aspirar a mais não posso...
* E mais, ó ímpia, a cobiçar te atreves!
Não vês que nomes, que razões confundes!
Rival da mãe serás! Irmã do filho!
Mãe do irmão! Não receias, não te aterram
* As negras Fúrias, de vipérea grenha,
Que os olhos dos perversos horrorizam,
Que às almas corrompidas se arremessam,
Brandindo o facho de sulfúrea chama!
* Pura no corpo, no ânimo sê pura;
Não profanes, ó cega, não profanes
Da natureza o vínculo sagrado!
Supõe que afeto igual no pai fervia,
Supõe que era contigo o que és com ele:
Alta virtude lhe oprimira o gosto,
Sacrossanto dever a amor obstara...
Mas se o que sente a filha o pai sentisse,
Que importara o dever...” – Calou-se, e entanto
* Ciniras, a quem traz irresoluto
A turba dos excelsos pretensores,
Para enfim decidir consulta a filha,
Um a um lhos nomeia, e dela inquire
Qual deles mais lhe apraz, que esposo elege.
* Em silêncio, no pai fitando os olhos,
Arde a triste, e lhe luz na face o pranto.
De virgíneo temor crê isto efeito
O iludido Ciniras; que não chore
À filha pede, as lágrimas lhe enxuga,
E une a ternas palavras ternos beijos.
* Mirra folga com eles; e, obrigada
Do pai que lhe insta, que outra vez pergunta
Qual dos amantes quer: “Um (lhe diz ela)
Um quero igual a ti.” Louva Ciniras
A resposta sagaz, que não penetra.
“Tão pios sentimentos nutre, ó filha,
Conserva essa virtude.” (O rei lhe torna)
À palavra “virtude” abaixa os olhos
A mísera, por ver que a desmerece.

* Era alta noite; os corpos e os cuidados
Em suave prisão ligara o sono;
* Mas a Cinírea virgem desvelada,
Da indômita paixão curtia as fúrias,
Louca, fora de si. Já desespera,
Já quer tentar abominosa empresa:
Pejo, remorso, amor lhe lutam n’alma;
* Não sabe o que fará. Qual tronco ingente
Em que abriu fenda o rústico instrumento,
Agora pende a um lado, agora ao outro,
Por toda a parte ameaçando a queda:
Assim, de impulsos vários combatido,
Vacila o coração da acesa virgem;
Anda de sentimento em sentimento,
E asilo contra Amor só vê na morte.
* A morte enfim lhe agrada, e quer e ordena
Perder num laço urgente a vida acerba.
Em alta, longa trave o cinto prende,
E diz com surda voz: “Adeus, Ciniras,
Do meu trágico fim percebe a causa.”
Nisto acomoda o laço ao níveo colo.
Mas o murmúrio das sentidas vozes
Vai aos ouvidos da fiel matrona,
Que aos peitos a criou, que a serve, e guarda,
Repousando no próximo aposento.

* Surge, corre, abre as portas, vê pendente
O instrumento da morte, e solta um grito:
Magoa o peito, as faces, e lançando
As mãos ao duro laço, o tira, o rompe,
Em pranto se desfaz, abraça a triste,
Da desesperação lhe inquire a causa.

Muda fica a donzela, e de olhos baixos,
* Com pena de escapar-lhe o bem da morte.
Insta a velha matrona amargurada,
E ora lhe mostra o peito a que a nutrira,
Ora os cabelos, que mudou a idade;
E pelo antigo, maternal desvelo,
Pelo doce alimento, e doce afago
Com que a tratara na mimosa infância,

Lhe implora a confissão do mal que sente.
Mirra volta o semblante, e geme, e cala;
Mas a velha importuna as preces dobra,
E, além de prometer-lhe alto segredo,
Lhe diz: “Consente que eu te preste auxílio;
Frouxa, inútil não é minha velhice.
Se um frenesi te deu, com magos versos,
Com ervas virtuosas sei curá-los;
* Se olhos maus te empeceram, não te assustes,
Serás purificada em mago rito.
Se é cólera dos céus, abrandaremos
A cólera dos céus com sacrifícios.
Que mais te hei de supor? Tu não provaste
Golpe algum da fortuna; és adorada,
És feliz: tua mãe, teu pai são vivos...”
Ao pátrio nome um ai do peito arranca
* A inflamada princesa, e bem que a velha
Do suspiro não vê a origem torpe,
Que nascera de amor supõe contudo.
Tenaz em seu propósito, não cessa
De explorar-lhe a razão do que padece;
Ao seio a chega, e num estreito abraço,
“Amas, bem sei (lhe diz) temor não tenhas;
Fala, quem é o amante? A indústria minha
Fará com que teu pai nunca o suspeite.”

Num súbito furor lhe sai dos braços
A ansiosa donzela, e sobre o leito
As faces apertando, eis diz: “Ah! Foge,
Ah! Deixa-me, cruel, poupa-me o pejo,
Deixa-me, ou cessa de indagar meus males:
O que intentas saber é crime horrendo.”
A rugosa matrona, ouvindo-a, treme;
As mãos, co’a idade, e c’o temor convulsas,
Levanta, aos pés lhe cai, e ora com mimos,
Ora com ameaços quer vencê-la.
Protesta-lhe, se enfim lhe não descobre
O terrível segredo, ir acusá-la
Ir declarar ao pai tudo o que vira;
Protesta-lhe também que, se a contenta,

Há de ajudar-lhe os tácitos amores.

Ergue a cabeça a mísera donzela,
De lágrimas lhe inunda o seio anoso;
Mil vezes quer falar, falar não pode,
E o lacrimoso aspecto envergonhado
Tapa co’as lindas mãos, até que exclama:
“Ó feliz minha mãe com tal consorte!”
Mais não disse, e gemeu. Súbito à velha
Um frígido tremor penetra os membros,
As carnes, os cabelos arrepia.
Ela entende o terrífico mistério,
E quer com mil conselhos ver se aplaca
A detestável chama incestuosa.
Que nenhum lhe aproveita a virgem sabe,
Sabe que morrerá, se o fim não logra
Dos ativos, frenéticos desejos.

“Vive (lhe torna a frágil conselheira)
Em breve gozarás de teu...” Não ousa
Dizer pai, e com sacro juramento
Selou no mesmo instante ímpia promessa.

* As festas anuais da flava Ceres
Então as mães piedosas celebravam;
Com roupas cor de neve então cobertas,
Davam louras primícias das searas
* À deusa tutelar, urdiam c’roas
Das proveitosas messes, e se abstinham
Do tato varonil por nove noites:
De amor lhe era o prazer então defeso.

* Do Páfio rei a esposa às mais se agrega,
E com elas exerce o rito augusto.
* No toro conjugal só jaz Ciniras.
Eis a velha sutil vai ter com ele,
* Que perturbado está de cíprio néctar,
E de uma ilustre virgem lhe declara
* Verdadeira paixão com falso nome.
* Louva-lhe as faces, louva-lhe os cabelos,
Louva-lhe os olhos, tudo o mais lhe louva,
* Dele exigindo consentir que expire

O virginal pudor na escuridade.
* Os anos da donzela o rei pergunta:
“É (lhe torna a sagaz) igual a Mirra.”
Ordena-lhe que súbito a conduza;
Volve ao seu aposento a sedutora,
E à virgem diz: “Alegra-te, princesa,
Vencemos.” – Não sentiu a malfadada
* Gosto completo, o coração pressago
Não sei que lhe anuncia; inda assim folga:
Tanto em discórdia traz os pensamentos!

* Era o tempo em que reina alto silêncio;
Na imensa esfera o gélido Bootes
Entre os frios Triões volvia o carro.
A donzela infeliz caminha ao crime:
* Envolvem densos véus a ebúrnea lua,
Negro, térreo vapor enluta os astros,
Dos claros lumes seus carece a noite.
Icário, tu primeiro o rosto escondes,
E Erígone piedosa, a prole tua,
Do filial amor sagrado exemplo.
* Três vezes a misérrima tropeça:
Como que o céu lhe diz que retroceda;
Três vezes solta ao ar agouro infausto
No lúgubre clamor funéreo mocho:
Ela, contudo, não suspende o passo;
A muda escuridão minora o pejo.
Leva a sinistra mão na mão rugosa
Da torpe, abominável condutora,
E vai co’a destra tenteando as trevas.

* Da estância paternal já chega à porta,
Abrem-lha já, já entra: os pés fraqueiam,
Foge a cor, foge o sangue, e cai o alento.
Quanto da atrocidade está mais perto,
Tanto mais se horroriza, e se arrepende,
E deseja voltar desconhecida.
A infame confidente a vai puxando;
* Do rei com ela ao tálamo se encosta,
E diz-lhe: “O que eu conduzo é teu, recebe-o.”

Eis no tálamo o pai recebe a prole,
E, sentindo-a tremer, quer dissipar-lhe
Com mil carícias o virgíneo medo.
Pela idade, talvez, lhe chama filha,
E ela chama-lhe pai (ao negro crime
Nem tais nomes faltaram). Dentre os braços
Do incestuoso amante enfim se aparta
* Mirra, levando em si da culpa o fruto.
Coube à noite seguinte o mesmo opróbrio,
E outras mais deste horror manchadas foram.

Finalmente Cíniras, cobiçoso
De ver o objeto, que entre sombras goza,
Com repentina luz, que tinha oculta,
* Encara e reconhece o crime e a filha.
O excesso da paixão lhe embarga as vozes;
Colérico se arroja ao duro ferro.
Foge Mirra, e da morte a noite a salva,
Foge Mirra infeliz, discorre os campos,
Sai da Arábia Palmífera e Panquéia.

* Nove luas vagar sem tino a viram,
Té que no chão Sabeu parou cansada.
* Já do fruto recôndito e molesto
Apenas sustentar podia o peso.
Sem saber o que faça, o que deseje,
Temendo a morte, aborrecendo a vida,
Destarte implora o céu: “Numes! Ó Numes!
Se ante vós aproveita ao delinquente
Confessar seus delitos, eu confesso
Que o meu crime é credor d’alto castigo,
E à pena que mereço eu me conformo.
Mas porque nem vivendo afronte os vivos,
Ó deuses, nem morrendo afronte os mortos,
Mudando a minha essência, a minha forma,
A morte me negai, negai-me a vida.”

Tais preces algum deus lhe ouviu propício:
Eis, abrindo-se a terra, os pés lhe sorve,
E em súbita raiz ao chão se aferram,
Alicerce tenaz do tronco altivo.

Os ossos ganham forças mais que humanas,
Em sucos vegetais se torna o sangue,
Os braços, que ergue ao céu, mudam-se em ramos,
Os dedos em raminhos se convertem,
E a lisa pele em desigual cortiça.
Crescendo a planta, já lhe cinge o peito,
Já vai cobrindo o colo: esta demora
Não sofreu a infeliz, curvou-se um tanto,
E o semblante gentil sumiu no tronco.

Bem que despisse a antiga inteligência,
Chora contudo, e d'árvore sensível
Tépidas gotas inda estão manando.
Co'as lágrimas dá honra, co'a figura
Mirra não perde o nome, e de evo em evo
Sua história fatal será lembrada.

1-20. **"Ciniras":** a epígrafe de Bocage já se justificava por traduzir tais abominações, alegando que contemplar o crime de Mirra apuraria a virtude do leitor. Agora vemos que também Ovídio julgava testar os limites do tolerável com esta narrativa. À interrupção chocante no começo – Ciniras seria feliz... *se não tivesse prole* – segue-se uma lista de desagravos. Pais e filhas devem afastar-se do poema; se quiserem lê-lo pela qualidade dos versos (um auto-elogio embutido), que não acreditem na história; se acreditarem, que creiam também na punição; se é que, conclui, se é que a Natureza permitiria tais eventos. Mais adiante, as riquezas e belezas das Arábias são repulsadas pelo horror do crime que produziu sua mirra. A expectativa criada é enorme – esse era o plano, evidentemente – mas não se pode deixar de perceber que, tanto para Ovídio como para Bocage séculos depois, o incesto voluntário e insidioso de Mirra é especialmente abominável, mesmo entre tantos outros pecados que figuram nas *Metamorfoses*.

1. "Ciniras": no poema, sempre paroxítona (*Ciníras*). Chipre é *equórea* porque fica no meio do mar.

9. **"Natureza":** não no sentido de plantas e bichos, evidentemente, mas no de "ordem natural das coisas", "ordem cósmica" (do lat. *Natura*, o modo como as coisas nasceram para ser, antes da intervenção humana ou diabólica).

11. **"Ismária":** este mito está sendo narrado por Orfeu, que é trácio. Por isso ele fala na primeira pessoa dos ismários (lit. nascidos no monte Ismaro, na Trácia, mas aqui se refere metonimicamente a todos os trácios).

15. **"Pancaica":** Pancaia era uma ilha lendária na Arábia Oriental.

Pancaica, aqui, refere-se metonimicamente às terras orientais, incluindo o Chipre, onde se dá esta história. Orfeu estima que a Arábia, com todas as suas virtudes, esteja abaixo da rude Trácia, por ter sediado tamanho pecado; e que a cheirosa mirra não vale o opróbrio que a produziu. Tais afirmações espantosas aumentam a expectativa do leitor.

21-33. "Nega": dando continuidade ao suspense, Ovídio move-se sutilmente, da mera expressão de desagravo até a apresentação do cenário, e agora do cenário para a causa do crime: o amor de Mirra. Cupido nega ter sido responsável por sentimento tão ímpio; o poeta culpa uma das Fúrias, cuja feiúra e crueldade pareceriam condignas. O parentesco do amor de Mirra com as Fúrias é reforçado pela sua comparação ao grave pecado de odiar o pai; é como dizer que, embora tenha rosto de amor, esse sentimento é na verdade irmão do ódio, maligno e cruel. Conta-se que a mãe de Mirra teria declarado que sua filha era mais bela que Vênus, fazendo com que a deusa da beleza a amaldiçoasse com esse desejo ímpio; mas Ovídio parece achar ofensivo atribuir tal horror a Vênus, preferindo uma das Fúrias. O fato de Mirra rejeitar seus pretendentes é apresentado como mais um sinal de seu furor sobrenatural, pois a paixão pelo pai não suportava concorrentes ou atenuantes, não lhe dava descanso nem opção, exatamente como as Fúrias fazem com suas vítimas.

33. "o que tens no pensamento": o próprio pai, Ciniras.

34-63. "Em criminoso amor": os dois primeiros versos sintetizam o monólogo de Mirra. *Em criminoso amor ela se inflama, em criminoso amor ela repugna*: o fluxo de seu pensamento ora é tomado pela letargia, que busca justificar seu amor nefando, ora pela consciência moral, que o condena. Esta lhe recorda os deveres da religião divina e da moral humana; aquela busca refúgio no comportamento dos quadrúpedes, que é tomado como "natural" em oposição aos artifícios do "orgulho humano", e em hipotéticas leis de povos degenerados, que permitem a união entre pais e filhos.
Uma procura os valores absolutos; a outra tenta transformá-los em "convenções sociais". No fim, aceita que seu destino é não possuir aquele que deseja, que essa é a sentença dos deuses. Deve, portanto, viver sempre infeliz: este é seu axioma.

34-35. "Em criminoso amor": o paralelismo dos dois versos, que são quase idênticos, com a alteração de apenas uma palavra, mostra a oscilação da alma de Mirra, que é uma, mas se divide em duas forças.

49. "É constante": no sentido de "constar", de ser notório.

51-52. "as leis do sangue": o raciocínio perverso de Mirra é que o sexo entre pais e filhos reforçaria o amor familiar.

55. "que idéias nutro": esta oração interrompe a anterior, e se opõe

a ela, iniciando novo fluxo de pensamentos, agora comandado pela consciência moral.

62-63. "Aparta-nos": duas sentenças memoráveis para descrever a situação de Mirra. *Aparta-nos fatal proximidade*, porque o fato de serem próximos (isto é, parentes) lhes proíbe a união erótica; *se não fora o que sou, feliz seria*, porque a realização do seu desejo supõe que tivesse nascido de outros pais, e portanto que não fosse ela mesma.

64-85. "A remoto país": o monólogo de Mirra continua, mas agora como esforço de autopersuasão. Tendo estabelecido que o certo é não violar as leis da natureza, passa a argumentar contra o amor impuro que sente, levantando a possibilidade de fugir do país para evitar que acabe realizando seu desejo imoral. Acusa o perigo de contrariar toda a ordem natural, ameaça a si mesma com o castigo das Fúrias, lembra-se da necessidade de preservar a pureza virginal também no espírito, por fim, quer convencer-se de que o pai, por virtude, jamais aceitaria essa vergonha, mesmo que pessoalmente a desejasse. Aqui o pérfido Amor retoma o controle, fazendo-a deleitar-se nessa hipótese: e se o pai também quisesse? Assim, o que era argumento contrário se converte, insidiosamente, em reforço dos maus desejos. Com isso o poeta mostra como o fluxo do pensamento foge ao controle da razão e, imperceptivelmente, conduz o apaixonado a afundar-se ainda mais nos sentimentos que pretendia vencer. O raciocínio é arma insuficiente contra os afetos.

69. "E mais": "e te atreves, ó ímpia, a cobiçar mais!"

70-72. "Não vês": Mirra confunde os nomes e as posições atribuídas pela natureza, para ilustrar verbalmente como é anti-natural a relação que deseja ter com seu pai. Figuradamente, é como se o erotismo entre pai e filha desvirtuasse toda a ordem familiar, invertendo e confundindo papéis, destruindo a natureza.

73-76. "As negras": exemplo de descrição terrível, cujo propósito é despertar medo. Enfatiza-se a feiúra e os aspectos que, simbolicamente, produzem terror: as serpentes no lugar de cabelos, a cor negra, a tocha ameaçadora.

77. "Pura": como é virgem no corpo, que seja virgem na alma também, alimentando a pureza e a castidade.

80-85. "Supõe": as orações deste trecho vão aos poucos bagunçando, confundindo a filha com o pai, usando o mesmo verbo para os dois ou invertendo a ordem das palavras de modo a confundi-los. Assim Ovídio representa o torpor e confusão que vão se apossando de Mirra quando ela considera a possibilidade de Ciniras retribuir seu amor, até ser por fim seduzida pela idéia, esquecendo todos os argumentos anteriores.

85-105. "Calou-se": o pai interrompe o devaneio de Mirra,

justamente quando ia ficando perigoso, quando o desejo por ele se acendia. Assistimos então a um diálogo confuso, em que um dos personagens não reconhece os sinais da verdade, que os espectadores sabem, e não podem lhe dizer. Mirra vai confessando indiretamente seus sentimentos, mas o pai, inocente, não a compreende, porque não pode imaginar a nefanda realidade. Atribui a todos os atos da filha um sentido virtuoso, o que contribui para envergonhá-la ainda mais.

86-88. **"Ciniras":** o sujeito do verbo *trazer* é a turba dos pretendentes, e o objeto é *a quem*, que se refere a Ciniras. Portanto, "Ciniras, que é trazido irresoluto pela turba de pretendentes, consulta a filha para enfim decidir [com quem ela se casará]".

91-95. **"Em silêncio":** Mirra chora por não ter coragem de dizer ao pai o que sente, mas ele, não podendo conceber o que se passa, imagina que ela tem medo de casar-se, e a consola.

97. **"Mirra folga":** a desgraçada alimenta sua luxúria com as carícias do pai, que quer consolá-la.

106-130. **"Era alta noite":** ao anoitecer, o conflito que presenciamos sob a forma de confusos discursos vai ganhando corpo e intensidade, transformando-se em loucura. A conclusão se impõe a Mirra: não lhe é possível ter quem deseja, sendo ela quem é. Decide, pois, morrer, antes que prolongar o sofrimento. Improvisa uma forca, e prepara-se para usá-la, mas sua antiga ama de leite, que dorme no quarto ao lado, ouve sua movimentação e murmúrios chorosos.

106-107. "os corpos": "o sono ligara os corpos e os cuidados em suave prisão". *Ligar* tem o sentido de "prender", e *prisão*, de "correntes", firmando a metáfora tradicional do sono acorrentando as pessoas, física e mentalmente.

108-109. **"Mas a Cinírea":** a Cinírea virgem (Mirra, filha de Ciniras) está *desvelada* (descoberta), modo indireto de dizer que está acordada, e *curte as fúrias da indômita paixão*. Figuradamente, seus afetos insanos a queimam como o sol quente.

113-120. **"Qual tronco":** ela mesma (e seu coração) é o tronco; o machado é a paixão insana, que a golpeia; os impulsos contraditórios que a tomam são o balanço da árvore; e não importa para que lado vá, seu destino é a morte, representada pelo chão. Isto deixou de ser um símile e virou uma alegoria de todo direito.

121-122. **"A morte":** *ordenar* no sentido de "planejar", *laço urgente* significando "laço opressivo, que aperta o pescoço", isto é, "forca".

131-169. **"Surge":** a nutriz, tendo rompido o laço com que Mirra pretendia enforcar-se, usa de todos os seus artifícios para obter uma confissão dos motivos daquele desespero. Primeiro, evoca sua própria condição de ama, os benefícios dela recebidos, o carinho e o leite, os muitos anos que dedicou a cuidar de Mirra; depois, prometendo-lhe

segredo, oferece-se como instrumento e auxílio, expondo suas artes mágicas; por fim, detecta-lhe num suspiro o amor, e, ainda não desconfiando quem seja o amado, promete-lhe ajuda para escondê-lo do pai. As duas menções ingênuas a Ciniras repetem o padrão do diálogo entre pai e filha, em que os sentimentos ímpios de Mirra parecem inimagináveis para os que a consolam – o que alimenta nossa aversão por eles, já que os caracteriza como uma aberração inconcebível para os demais personagens.

138. "Com pena": Mirra está lamentando o fato de não ter conseguido matar-se.

153. "olhos maus": refere-se, justamente, ao que chamamos de *mau-olhado*, uma espécie de maldição causada por um olhar invejoso ou odiento.

161-163. "e bem que": *apesar de* a velha não perceber que o pai fora a causa do suspiro, ela o identifica como suspiro de amor, e agora procurará saber quem é o ser amado.

165. "a razão": a causa do amor, isto é, o amado.

170-203. "Num súbito furor": ao ouvir a menção ingênua ao pai, na posição de pai que se opõe ao amante, a ironia de sua situação grita, e Mirra explode. Conduzida pelas artimanhas da velha, aos poucos vai confessando: primeiro que é crime horrendo o que sente (o que só atiça o desejo da outra de saber mais), por fim que tem inveja do esposo da mãe. Essas pistas bastam para que a velha ama descubra o segredo. Sua primeira reação, naturalmente, é ajudar Mirra a livrar-se do afeto monstruoso; mas de nada adianta. Mirra sabe que o único livramento possível de seu desejo maldito é morrer. A nutriz lho proíbe: prefere ajudá-la a conseguir seu intento.

204-250. "As festas": para celebrar condignamente a festa de Ceres, as matronas deviam abster-se de relações sexuais por nove noites – observe-se como contrasta a descrição do luminoso festival da deusa, que a mãe celebra, com o pecado concomitante da filha. Dia e noite, pureza e corrupção, abstinência e luxúria se opõem num jogo de luz e sombras. A velha nutriz aproveita esse período, em que a mãe de Mirra não se deitaria com o marido, para introduzir uma virgem anônima em seu leito. Pede a autorização do rei quando ele se encontra bêbado, impondo-lhe a condição, que ele aceita, de receber a amante no escuro, sem poder vê-la. Apesar do mal-estar, e de muitos agouros da noite, Mirra procede à ação nefanda, levada no escuro pela mão da velha ama.

204. "flava Ceres": Ceres é a deusa das colheitas, especialmente do trigo; por isso é chamada de "flava", dourada como o trigo que ela governa.

208. "c'roas": síncope de "coroas"; pronuncie-se *croas*, pelo bem da

métrica.

210-211. "Do tato": *tato varonil* quer dizer "toque de homem", isto é, o contato sexual. Em *o prazer de amor lhe era defeso*, *defeso* significa "proibido".

212. "Páfio": o "páfio rei" é Ciniras, rei de Pafos, que era a capital de Chipre.

214. "só": "no toro conjugal, Ciniras jaz sozinho".

216. "perturbado": Ciniras está bêbedo, e tem de estar, porque aceita cometer adultério – e, embora não saiba com quem o comete, ainda assim a decisão é imoral.

218. "Verdadeira paixão": o amor é verdadeiro, o nome da amante é falso. Isso porque de fato há uma virgem nobre que ama Ciniras. Apenas o nome é falsificado, e basta para fazer tanta diferença. No meio de muitas verdades, uma mentira estrategicamente posicionada pode transformar um pequeno pecado numa monstruosidade.

219. "Louva": isto é, *a velha* louva a face, os cabelos, etc., *da virgem*.

221-222. "Dele exigindo": a velha exige que o rei consinta em desvirginar a moça na escuridão, isto é, sem que ele possa ver-lhe o rosto.

223-224. "Os anos": o rei pergunta-lhe a idade da virgem, e a maliciosa nutriz responde com um duplo sentido: "é igual a Mirra", que Ciniras entende, figuradamente, como "tem a mesma idade", quando devia aceitar o sentido literal e absurdo da frase.

229-231. "Gosto completo": Mirra não sentiu gosto completo porque uma divisão se opera dentro de si. Desde o começo da história, duas forças lutam dentro dela; mas se antes pareciam ser duas tendências argumentativas, agora adquirem uma face mais clara. De um lado, o desejo imoral, que a excita diante da idéia de deitar-se com o pai; de outro, o mau agouro, o sentimento nebuloso de mal-estar, que agora se mostra um verdadeiro espírito divino, profetizando a tragédia que se seguirá. A luta dentro de Mirra, então, é entre uma parte humana, ou mesmo demoníaca, e uma divina.

232-234. "Era o tempo": Bootes, o Boieiro, é uma constelação próxima à Ursa Maior, cujas sete estrelas mais brilhantes são também chamadas *Septentriones*, os sete bois a puxar o carro de Bootes. São constelações do Norte, por isso chamadas *frias*, *gélidas*, etc. O Boieiro "volve o carro" à meia-noite, quando está no topo do céu e o arado dos Sete Bois parece inclinar-se. Portanto, Mirra vai ao encontro de seu pai à meia-noite.

236-241. "Envolvem": os céus se pejam de nuvens, e *a noite carece dos seus claros lumes*. A escuridão é mau agouro. Icário não é outro senão o mesmo Boieiro, cujo rosto é coberto pelas nuvens, e Erígone, a constelação de Virgem. Ambos foram transformados em estrelas

depois de morrerem injustamente. Icário foi um homem hospitaleiro, que recebeu Baco em sua casa e dele aprendeu a fazer vinho; mas quando serviu a nova bebida a seus companheiros, foi apedrejado até a morte, pois pensavam que ele lhes tinha servido veneno. Depois o enterraram ao lado de uma árvore. Contudo, sua filha, Erígone, foi conduzida até o local pelo fiel cão de Icário, que o farejou e desenterrou. Vendo o cadáver, Erígone enforcou-se e o cão se lançou num poço. Baco, furioso por suas mortes, transmutou-os em constelações (Boieiro, Virgem e Cão Maior) e puniu os atenienses com uma praga de loucura, que só foi removida depois que puniram-se os culpados e se instituiu um festival em honra dos mortos. Erígone é evocada aqui como modelo de amor de uma filha pelo pai, contrastante com a caricatura horrenda representada por Mirra.

242-247. "Três vezes": três tropeços, três gritos do mocho. O número três reforça a ambientação agourenta, que Mirra ignora. Sua vergonha é abafada pela *muda escuridão*, isto é, pela ausência de luz e de som, que lhe dão uma sensação ilusória de que seu crime não será percebido e acusado.

251-269. "Da estância": chegando ao quarto do pai, Mirra tem medo, e quer voltar; mas a ama lho impede. É recebida por Ciniras que, inocente, trata-a como uma jovem amante, e a fecunda. Este trecho pode ser considerado o clímax da narrativa, e é também onde mais se destacam os duplos sentidos que lemos em toda a história.
A ama diz a Ciniras que a virgem, que ele recebe, é dele (o que sugere ser sua filha); ele, carinhosamente, chama-lhe filha (e o poeta cruel acrescenta: *talvez* devido à sua pouca idade); ela a ele, de pai. É uma confusão diabólica, uma ironia satânica.

258. "Do rei": "com ela, encosta-se ao tálamo do rei".

267. "o fruto": o *fruto da culpa* é o filho, Adônis, que ela concebe já nessa primeira noite.

270-278. 'Finalmente": curioso, Ciniras quebra sua palavra e esconde uma vela, que usa para ver a amante quando ela se distrai. Ao reconhecê-la, percebe o que fizera e, encolerizado, procura a espada para dar cabo da filha. Esta escapa, graças à escuridão noturna; deixa a ilha de Chipre e foge da Arábia.

273. "Encara": eis que o rei enfim reconhece a filha, e depois o crime, evidentemente. A inversão pode sugerir que os dois reconhecimentos são atropelados e como que simultâneos.

279-312. "Nove luas": chegando a Sabá, atual Iêmen, Mirra cai de exaustão. Reconhecendo sua culpa, pede aos deuses que a castiguem negando-lhe a participação na espécie humana, tanto em vida como em morte. Atendendo-a, um nume transforma Mirra numa planta, e é uma metamorfose memorável: os pés são raízes, os ossos, tronco; os

braços se tornam galhos, e os dedos, raminhos (que talvez sejam os espinhos característicos dessas plantas), etc. E a resina famosa, chamada mirra, são as lágrimas da filha arrependida, que reconhece eternamente sua culpa, com o doce aroma da contrição.

279. “Nove luas”: “nove luas a viram vagar sem tino”.

281-282. “Já do fruto”: “já apenas podia sustentar o peso do fruto recôndito e molesto”. Grávida de muitos meses, agora ela mal podia agüentar o peso do próprio ventre. O bebê é chamado *fruto molesto*, seja porque sua presença física é incômoda, seja porque ele a lembra do seu pecado. Depois da transformação em planta, a deusa Lucina retirará o pequeno Adônis do interior de Mirra.

290-293. “Mas porque”: *porque* é aqui conjunção final, equivalendo a “para que”. O pedido de Mirra é que seu castigo a remova da espécie humana e do destino comum dos mortais. Isto reflete sua vergonha, mas mais importante é o que revela sobre o crime. O incesto é anti-natural: por cometê-lo, a moça é excluída da comunidade humana, na vida e na morte.

De Mida Omnia in Aurum Convertente (XI, 85-145)

Depois de punir as bacantes trácias, que haviam assassinado Orfeu, Baco dirige-se à Lídia com seu cortejo, mas seu mestre, Sileno, extravia-se. É encontrado e capturado por pastores frígios, que o levam ao rei Midas. Iniciado nos mistérios bacanais, Midas reconhece o sátiro, ordenando que se preparem festas em sua honra, as quais duram dez dias. Após esse período, o rei conduz Sileno de volta a seu discípulo, que o recebe com gratidão e oferece ao benfeitor um presente, segundo o desejo de seu coração. Midas pede o poder de transformar tudo o que toca em ouro. Consternado, o deus concede o que prometera; e Midas se contenta bastante com o presente, transformando árvores, frutas e até água em ouro. Contudo, quando chega a hora de comer, descobre que tanto os grãos de Ceres como os licores de Baco transformam-se em ouro ao tocar seus lábios. Tomado pela sede e fome, implora perdão ao deus, e que remova o dom – ao que Baco o liberta, bastando que se lave no rio Pactolo. Ao fazê-lo, Midas deixa no rio a virtude do ouro, e por isso o Pactolo possui areias douradas.

ARTE: (a seguir) “Midas lavando-se no rio Pactolo”, Bartolomeo Manfredi, 1617-9



Nec satis hoc Baccho est, ipsos quoque deserit agros
cumque choro meliore sui vineta Timoli
Pactolonque petit, quamvis non aureus illo
tempore nec caris erat invidiosus harenis.
hunc adsueta cohors, satyri bacchaeque, frequentant,
at Silenus abest: titubantem annisque meroque
ruricolae cepere Phryges vinctumque coronis
ad regem duxere Midan, cui Thracius Orpheus
orgia tradiderat cum Cecropio Eumolpo.
qui simul agnovit socium comitemque sacrorum,
hospitis adventu festum genialiter egit
per bis quinque dies et iunctas ordine noctes,
et iam stellarum sublime coegerat agmen
Lucifer undecimus, Lydos cum laetus in agros
rex venit et iuveni Silenum reddit alumno.

Huic deus optandi gratum, sed inutile, fecit
muneris arbitrium gaudens altore recepto.
ille male usurus donis ait ‘effice, quicquid
corpore contigero, fulvum vertatur in aurum.’
adnuit optatis nocituraque munera solvit
Liber et indoluit, quod non meliora petisset.
laetus abit gaudetque malo Berecyntius heros
pollicitique fidem tangendo singula temptat
vixque sibi credens, non alta fronde virentem
ilice detraxit virgam: virga aurea facta est;
tollit humo saxum: saxum quoque palluit auro;
contigit et glaebam: contactu glaeba potenti
massa fit; arentis Cereris decerpsit aristas:
aurea messis erat; demptum tenet arbore pomum:
Hesperidas donasse putes; si postibus altis
admovit digitos, postes radiare videntur;
ille etiam liquidis palmas ubi laverat undis,
unda fluens palmis Danaen eludere posset;
vix spes ipse suas animo capit aurea fingens
omnia. gaudenti mensas posuere ministri
exstructas dapibus nec tostae frugis egentes:
tum vero, sive ille sua Cerealia dextra
munera contigerat, Cerealia dona rigebant,

sive dapes avido convellere dente parabat,
lammina fulva dapes admoto dente premebat;
miscuerat puris auctorem muneris undis:
fusile per rictus aurum fluitare videres.
Attonitus novitate mali divesque miserque
effugere optat opes et quae modo voverat, odit.
copia nulla famem relevat; sitis arida guttur
urit, et inviso meritus torquetur ab auro
ad caelumque manus et splendida bracchia tollens
‘da veniam, Lenaee pater! peccavimus’ inquit,
‘sed miserere, precor, speciosoque eripe damno!’
mite deum numen: Bacchus peccasse fatentem
restituit pactique fide data munera solvit
‘ne’ ve ‘male optato maneas circumlitus auro,
vade’ ait ‘ad magnis vicinum Sardibus amnem
perque iugum nitens labentibus obvius undis
carpe viam, donec venias ad fluminis ortus,
spumigeroque tuum fonti, qua plurimus exit,
subde caput corpusque simul, simul elue crimen.’
rex iussae succedit aquae: vis aurea tinxit
flumen et humano de corpore cessit in amnem;
nunc quoque iam veteris percepto semine venae
arva rigent auro madidis pallentia glaebis.

* Não contente Lieu de ter vingado
* A morte acerba do Apolíneo vate,
Até dos campos bárbaros se ausenta:
Com séquito melhor dirige os passos
A ver do seu Tmolo as fartas vides,
* E do Pactolo as margens, bem que ainda
* Não tivesse o cristal mudado em ouro,
Nem co’as areias suscitasse invejas.

* Usada turba, sátiros, bacantes
Folgavam junto ao deus, mas não Sileno:
Por frígios montanheses foi colhido,
Dos anos e licores titubante,
E, preso em laços de travadas flores,
A Midas, a seu rei o apresentaram.
Este do trácio Orfeu, do grego Eumolpo

Outrora as orgias recebido havia.
* Dos sacrifícios conhecendo o sócio,
* Vendo o mestre de Brômio, logo ordena
Do hóspede à vinda geniais festejos:
Dez dias, noites dez a soleniza.
* Fósforo já dos astros a coorte
Pela undécima vez afugentara:
Risonho parte o rei aos Lídios campos,
* Sileno restitui ao moço aluno.
Do achado preceptor Leneu gostoso,
De qualquer dom a escolha of’rece a Midas.
Grato o prêmio lhe foi, mas foi-lhe inútil,
Porque ele, usando mal do grande arbítrio,
“Nume (lhe respondeu) manda que tudo,
Que tudo o que eu tocar se torne em ouro.

* Ao rogo anui o deus, porém sentindo
Que para dom melhor não fosse o rogo.
Contente o frígio vai do mal que leva,
Quer da promessa exp’rimentar o efeito,
Quer palpar quanto vê. Quase sem crer-se,
O braço estende a uma árvore não alta,
Verde ramo lhe extrai, e é ouro o ramo:
Do chão ergue uma pedra; a pedra é ouro:
Roça um terrão, e ao tato portentoso
Fica o negro terrão lustrosa massa.
Louras espigas num punhado arranca:
Ei-lo já convertido em áurea messe;
Um pomo tem na mão, colhido apenas
* Parece das Hespéridas um mimo.
Se acaso os dedos põe nas altas portas,
As portas de improviso estão brilhantes:
Água em que lava as mãos, das mãos caindo,
* É tal que a Dânae seduzir pudera.
Tudo mudado em ouro imaginando,
No peito a custo as esperanças cabem.

* Os servos lhe aprestaram lauta mesa,
Mas de Ceres aos dons se a destra move,
Enrijam-lhe na destra os dons de Ceres;
Se ávido aplica ao dente as iguarias,

Lustram-lhe as iguarias entre os dentes;
* Une o licor do nume, autor do assombro,
Com água cristalina, à boca os ergue:
Da boca se deslizam pingos de ouro.

* Atônito do mal terrível, novo,
O opulento, o infeliz fugir deseja
Das riquezas fatais, detesta o mesmo
Que há pouco apeteceu. Nenhuns manjares
Podem matar-lhe a precisão que o mata:
Árida sede torra-lhe a garganta;
O ouro mal cobiçado é seu tormento,
É seu justo castigo. Aos céus alçando
* As mãos luzentes, os luzentes braços:
“Perdoa, grão Leneu, pequei, perdoa,
Comove-te de mim (lhe diz) e afasta
Dum mísero este dano especioso.”

* Os deuses são benignos. Baco ao triste,
Que pesa a culpa, que a maldiz, que a chora,
A promessa retrai, e o dom funesto.
“Mas para que não fique a ti ligado
Mal, que julgaste um bem (lhe adverte o nume),
* Vai ao rio vizinho à grande Sardes.
* Pelo cume da serra, ao lado oposto
Àquele donde as águas escorregam,
Caminha até chegar onde elas nascem.
Na parte em que ferver mais ampla a fonte
Mergulha, lava o corpo, e lava o crime.”
Na apontada corrente o rei se banha,
Aurífera virtude as águas tinge,
Passa do corpo de repente ao rio.
No espraiado licor participando
Do germe, que dourou a antiga veia,
É fama que inda agora amarelejam
Com mádidos terrões aqueles campos.

1-5. “Não contente”: a história anterior, que Bocage não traduziu, era a da morte de Orfeu pelas mãos de bacantes ensandecidas na Cicônia, região da Trácia. Baco puniu suas seguidoras assassinas transformando-as em árvores, e depois retirou-se daqueles campos, em sinal de repulsa. Dirige-se então ao monte Tmolo, na Lídia, que lhe é

consagrado.

1. “Lieu”: do grego Λυαῖος, *lyaios*, “aquele que liberta”. Um dos títulos sagrados de Baco, em referência a seu poder de libertar o homem das preocupações mundanas.

2. “Apolíneo”: conta-se que Orfeu teria sido instruído no uso da lira pelo próprio Apolo, e é comum considerá-lo servo do mesmo deus.

6-8. “E do Pactolo”: o rio Pactolo era famoso por suas areias douradas, que alguns diziam ser ouro de verdade. Ovídio observa que, a esta altura, o rio ainda não era de ouro, precisamente porque passará a sê-lo por causa de Midas: ao final desta história, ele se livrará do toque de ouro banhando-se no Pactolo. Assim, as duas menções ao rio, no começo e no fim da narrativa, configuram uma etiologia: o mito do rei Midas ganha, aqui, a função etiológica de explicar as areias douradas do Pactolo.

6. “bem que”: “apesar de [o Pactolo ainda não ser dourado a esta altura]”.

7. “cristal”: as águas cristalinas. Ovídio afirma que, além das areias, as águas mesmas do Pactolo eram douradas.

9-30. “Usada turba”: tendo-se retirado para a Lídia com seu cortejo, em protesto contra o crime praticado pelas mulheres trácias, Baco descobre que seu velho mestre, Sileno, apartou-se do grupo. Bêbado e indefeso, fora capturado por pastores frígios, que o levaram a seu rei, Midas. Este, que era iniciado nos mistérios, reconheceu Sileno e mandou preparar-se um festival de dez dias em sua honra, depois dos quais levou-o de volta a Baco. Em recompensa, o deus do vinho ofereceu a Midas qualquer presente que desejasse; ao que ele, para sua própria desgraça, pediu o toque de ouro.

9. “Usada”: no sentido de “habitual, costumeira”. Era o cortejo tradicional de Baco.

10-13. “Sileno”: divindade menor, representada como um sátiro velho, pançudo e ébrio, que fazia parte do cortejo de Baco e era muitas vezes referido como seu *tutor*. Aqui, como em toda parte, está fraco por causa da bebida e da idade (*titubante dos anos e licores*), e é capturado por mortais, que o amarram e conduzem ao rei. Para sua maior humilhação, é atado com coroas de flores, que ele mesmo compusera enquanto bebia.

15-16. “Este”: Orfeu é um poeta lendário, herói trácio com enorme papel na mitologia, e figura fundamental dos Mistérios órficos. Eumolpo foi o primeiro sacerdote dos Mistérios de Elêusis, consagrados a Ceres. Os nomes de ambos sinalizam que Midas era um iniciado nos ritos esotéricos (é assim que se deve entender a palavra *orgia* neste trecho), conhecendo portanto o valor secreto de Sileno no cortejo báquico. Daí seu respeito e veneração. O comportamento de

outros reis, não iniciados, era bem diverso; Penteu, rei de Tebas, por exemplo, opôs-se ao culto de Baco, por não acreditar em sua origem divina, e foi punido severamente.

17-22. "Dos sacrifícios": "reconhecendo o companheiro dos sacrifícios báquicos, isto é, vendo o mestre de Baco (Sileno), Midas ordena alegres festejos à vinda do hóspede; soleniza-a [a vinda de Sileno] por dez dias e dez noites. Fósforo já afugentara onze vezes a coorte dos astros", etc.

18. "Brômio": do grego βρόμιος, "aquele que brame, que faz barulho". Outro título sagrado de Baco, cujos festivais eram repletos de gritaria e ruído, como parte da ambientação hipnótica que os tornou famosos.

21. "Fósforo": *fósforo* é o nome grego de Lúcifer, a estrela da manhã – que não é nada mais que o planeta Vênus, quando surge antes do sol. Aqui ele vem anunciando o dia e "afugentando" os demais astros, que só são visíveis à noite.

24. "moço aluno": Baco, que é aluno de Sileno.

25-26. "Do achado": "Leneu, gostoso do achado preceptor, oferece a Midas a escolha de qualquer dom". *Leneu* é um epíteto sacro de Baco (do grego Λήναιος, *lénaios*, "da prensa de vinho"). *Gostoso do achado preceptor* quer dizer "feliz pelo fato de seu preceptor (Sileno) ter sido encontrado".

31-50. "Ao rogo": Baco atende ao pedido, conforme prometera, mas lamenta que tenha sido de tão mau gosto. Midas, porém, não percebe carregar uma maldição, e sai muito contente dela, testando-a em árvores, pedras, etc. Tudo se transforma em ouro ao simples toque do rei. A variedade dos objetos transformados serve ao propósito de mostrar o entusiasmo pueril do desgraçado, conforme resumem os últimos dois versos: *a custo cabem as esperanças no peito, imaginando tudo mudado em ouro*.

44. "Hespéridas": o pomo colhido por Midas parece-se a um mimo das Hésperides, porque essas ninfas vigiavam um jardim lendário em que cresciam maçãs de ouro.

48. "Dânae": princesa de Argos, fora aprisionada pelo pai, Acrísio, que ouvira uma profecia segundo a qual um filho de Dânae o mataria. Não obstante, Júpiter penetrou a câmara em que estava presa, sob a forma de uma chuva de ouro, e a engravidou. Dessa união nasceria o herói Perseu. A referência aqui quer apenas dizer, floreadamente, que a água tocada por Midas tornou-se dourada.

51-58. "Os servos": Midas reconhece sua miséria quando tenta alimentar-se e a comida se torna ouro. Primeiro, tenta usar as mãos; depois, comer diretamente com a boca; por fim, beber. Os dons de Ceres são os *cereais*, cujo nome deriva do seu, e *o licor do nume* é o

vinho, criação de Baco, que é o *autor do assombro* que Midas presencia: o toque de ouro. As referências a Ceres e Baco não são acidentais: ambos são divindades de Mistérios, nos quais Midas fora iniciado, conforme o próprio poema nos conta. Seu pecado, assim, possui um sentido especial, afastando-o dos segredos da terra e do vinho. A escolha do ouro representa o afastamento de Ceres e Baco.

51-55. "Os servos": o recurso estilístico do *quiasmo*, unido à repetição, reforça o sentimento de que os esforços de Midas para alimentar-se são vãos. *Se aos dons de Ceres move a destra, na destra enrijam-lhe os dons de Ceres*; etc.

56-57. "Une": *une o licor do nume com água cristalina*, porque é necessário misturar o vinho à água para enfraquecê-lo um pouco. Os gregos acreditavam que beber vinho sem diluí-lo podia conduzir à loucura e até à morte.

59-70. "Atônito": faminto e sedento, Midas reconhece a estupidez de seu pedido e, arrependendo-se, implora a Baco que remova o toque de ouro. Desenvolvimento simples da passagem anterior.

67. "luzentes": pode-se entender que os braços do rei haviam adquirido o aspecto de ouro, como efeito do poder a ele concedido. É mais provável, porém, que se trate de mera figura de linguagem, atribuindo o efeito do toque dourado ao seu instrumento. Metonimicamente, diz-se que os braços reluzem, quando são as *coisas* tocadas pelos braços que o fazem.

70. "dano especioso": boa formulação da natureza do toque dourado. Sendo ele atraente, porém prejudicial, é um *dano especioso*, um "presente de grego", como diríamos nós.

71-88. "Os deuses": Baco aceita o arrependimento de Midas, e ordena-lhe que se lave no rio Pactolo para remover a maldição. Assim, conclui-se a etiologia das areias douradas daquele rio. Pode parecer um longo caminho da Frígia até o Pactolo, mas em nenhum lugar foi dito que Midas retornara à Frígia. Tudo ocorreu ali mesmo, na Lídia, depois da entrega do velho Sileno.

71-73. "Baco": "Baco retira a promessa e o dom funesto do triste homem, a quem pesa a culpa, [do homem] que a maldiz, que a chora".

76. "Sardes": capital da Lídia.

77. "oposto": o uso da palavra aqui é peculiar. Ela traduz *obvius*, "que vai ao encontro de". Assim, a instrução de Baco é que Midas percorra a serra *em direção* ao ponto de onde as águas escorregam (a nascente).

De Somnii Spelvnca (XI, 592-645)

ARTE: (a seguir) “Morfeu despertando conforme Íris se aproxima”, René-Antoine Houasse, 1690



Est prope Cimmerios longo spelunca recessu,
mons cavus, ignavi domus et penetralia Somni,
quo numquam radiis oriens mediusve cadensve
Phoebus adire potest: nebulae caligine mixtae
exhalantur humo dubiaeque crepuscula lucis.
non vigil ales ibi cristati cantibus oris
evocat Auroram, nec voce silentia rumpunt
sollicitive canes canibusve sagacior anser;
non fera, non pecudes, non moti flamine rami
humanaeve sonum reddunt convicia linguae.
muta quies habitat; saxo tamen exit ab imo
rivus aquae Lethes, per quem cum murmure labens
invitat somnos crepitantibus unda lapillis.
ante fores antri fecunda papavera florent
innumeraeque herbae, quarum de lacte soporem
Nox legit et spargit per opacas umida terras.
ianua, ne verso stridores cardine reddat,
nulla domo tota est, custos in limine nullus;
at medio torus est ebeno sublimis in antro,
plumeus, atricolor, pullo velamine tectus,
quo cubat ipse deus membris languore solutis.
hunc circa passim varias imitantia formas
Somnia vana iacent totidem, quot messis aristas,
silva gerit frondes, eiectas litus harenas.
Quo simul intravit manibusque obstantia virgo
Somnia dimovit, vestis fulgore reluxit
sacra domus, tardaque deus gravitate iacentes
vix oculos tollens iterumque iterumque relabens
summaque percutiens nutanti pectora mento
excussit tandem sibi se cubitoque levatus,
quid veniat, (cognovit enim) scitatur, at illa:
'Somne, quies rerum, placidissime, Somne, deorum,
pax animi, quem cura fugit, qui corpora duris
fessa ministeriis mulces reparasque labori,
Somnia, quae veras aequent imitamine formas,
Herculea Trachine iube sub imagine regis
Alcyonen adeant simulacraque naufraga fingant.
imperat hoc Iuno.' postquam mandata peregit,

Iris abit: neque enim ulterius tolerare soporis
vim poterat, labique ut somnum sensit in artus,
effugit et remeat per quos modo venerat arcus.
At pater e populo natorum mille suorum
excitat artificem simulatoremque figurae
Morphea: non illo quisquam sollertius alter
exprimit incessus vultumque sonumque loquendi;
adicit et vestes et consuetissima cuique
verba; sed hic solos homines imitatur, at alter
fit fera, fit volucris, fit longo corpore serpens:
hunc Icelon superi, mortale Phobetora vulgus
nominat; est etiam diversae tertius artis
Phantasos: ille in humum saxumque undamque trabemque,
quaeque vacant anima, fallaciter omnia transit;
regibus hi ducibusque suos ostendere vultus
nocte solent, populos alii plebemque pererrant.

* Junto aos Cimérios, num cavado monte
* Jaz uma gruta, de âmbito espaçoso,
Interna habitação do Sono ignavo.

Nos extremos do céu, do céu nos cumes
Nunca lhe pode o sol mandar seus raios;
A terra exala escurecidas névoas,
* O crepúsculo incerto ali é dia:
Ali não chama pela aurora o galo;
* Do lugar o silêncio nunca rompem
Os solícitos cães, os roucos patos,
* Sagazes inda mais, mais pressentidos.
* Não fera, não rebanho ali se escutam,
* Nem ramo algum, que os Zéfiros embalem,
* Nem alterados sons de voz humana;
O calado sossego ali reside.

De baixa, e rota pedra sai, contudo,
De água do Letes pequenino arroio,
* Que, por entre os mexidos, leves seixos
Com murmúrio suave escorregando,
Convida molemente ao mole sono.
À boca da sombria, ampla caverna
* Florescem mil fecundas dormideiras;

Inumeráveis ervas lá se criam,
* De cujo sumo, ó Noite, extrais os sonos,
Que úmida entornas pela terra opaca.
* Porta alguma não há na estância toda:
Volvendo-se, ranger, bater pudera;
* Ninguém vigia na fragosa entrada.

* De ébano um alto leito está no meio,
E em negras plumas, que véu negro envolve,
Repousa o deus co’a lânguida Indolência.
Em torno, várias formas imitando,
Jazem os sonhos vãos: são tantos quantas
Na loura messe as trêmulas espigas,
Quantas na selva umbrosa as móveis folhas,
E os grãos de areia nas equóreas praias.

* O sono em tantos mil não tem ministro
Mais destro que Morfeu, que melhor finja
O rosto, o modo, a voz, o traje, o passo,
A própria locução; porém somente
Este afigura os homens; outro em fera,
Em ave se converte, ou em serpente:
Icélon pelos deuses é chamado,
Os humanos Fobêtor o nomeiam.
Há terceiro também de arte diversa:
É Fantasos, que em pedra, em terra, em onda
Em árvore e no mais que não tem alma,
Súbito e propriamente se transforma.
Uns aterram de noite os reis e os grandes;
Outros por entre o povo errantes voam.

1-28. “Junto aos Cimérios”: esta alegoria do sono é menos interessante que a da inveja, mas não deixa de ter suas virtudes. Primeiro, aproveitando-se da descrição homérica da Ciméria, Ovídio acrescenta à escuridão do mito original o silêncio, formando assim quase que uma definição de sono: ausência de luz e de som, de olhos e ouvidos, em que nada se percebe, nada se suspeita.

Depois, engenhosamente, rompe sua própria descrição de silêncio absoluto com o murmúrio tranqüilo das águas do rio Letes, que por meio de seu ruído, paradoxalmente, parece convidar ao sono. Não por acaso, λήθη, *léthe*, significa “esquecimento”, e é fama que os mortos bebessem do rio Letes para esquecer suas vidas pregressas.

Alegoricamente, pois, o sussurro do Esquecimento corre pela gruta do Sono, já que quem esquece, dorme, e vice-versa.

1. "Cimérios": Homero (no livro XI da Odisséia) nos conta desse povo, que vivia numa terra além do Oceano, coberta de nuvens e névoa, onde o sol nunca brilhava. Como sua cidade era próxima à entrada dos infernos, Ovídio encontra nela um parentesco com a morte, e por isso a associa ao sono. Os modernos se lembrarão de Hamlet: *to die, to sleep, perchance to dream* ("morrer, dormir, talvez sonhar"), reconhecendo nesse trecho célebre, talvez, alguma inspiração ovidiana.

2. "espaçoso": talvez o leitor não concorde imediatamente que o amplo espaço é auxiliar do sono. Estou seguro, porém, de que, para dormir, prefere uma grande cama num quarto espaçoso a uma esteira num cubículo em que mal caiba seu corpo.

7. "incerto": traduz o latim *lux dubia*, a duvidosa luz crepuscular. É o que os cimérios têm para iluminá-los durante o dia, por causa das névoas que cobrem sua terra.

9-14. "Do lugar": note-se como esses versos poder-se-iam resumir no v. 15: "o calado sossego ali reside". Amplifica-se e desenvolve-se esse sentido por meio da negação. Como o silêncio é a negação dos infinitos ruídos possíveis, pode ser descrito infinitamente, bastando negar, um por um, esses mesmos ruídos que ele exclui.

11. "inda mais": mais que os cães, pois sabe-se que gansos e aparentados são muito atentos e escandalosos – há até prisões que usam gansos como alarme. Bocage traduz *roucos patos*, mas quer dizer "gansos" (*anser*, no original).

12. "Não": "ali não se escuta fera, não se escuta rebanho", ou ainda: "nem fera, nem rebanho ali se escutam".

13. "Nem ramo": *ramo que Zéfiro embale* é o galho sacudido pelo vento, que farfalha e rompe o silêncio mesmo das paisagens mais quietas. Na gruta do sono, nem isso se ouve.

14. "alterados": uma representação da voz humana como barulhenta, clamorosa. Como bem entenderá todo aquele que já tiver sido despertado pelos gritos súbitos (e sempre desnecessários) do vizinho numa silenciosa madrugada.

18. "mexidos": porque a água do Letes, deslizando por entre as pedras, mexe alguns fragmentos delas, que vão rolando e produzindo um *murmúrio suave*. Seria difícil expressar admiração bastante por essa pintura alegórica do Esquecimento, que vai escorrendo suavemente pela alma, tirando pequenas coisas do lugar, e com seu ruído, que é quase um silêncio, convidando-a ao sono.

22. "dormideiras": como o nome já diz, essas plantas têm reputação de serem soporíferas. Além disso, fecham-se ao toque, ou à luz intensa

do sol, como se fossem dormir. São, portanto, plantas do deus Sono.

24-25. "De cujo sumo": embora todo o poema oscile entre a metáfora e a alegoria, estes versos são particularmente mistos, sendo difícil determinar se são mais metafóricos ou alegóricos. A diferença é que a alegoria pretende ser um código, de modo que cada elemento seu remete a um elemento específico do objeto significado, enquanto a metáfora é algo mais que uma linguagem indireta ou codificada: ela chama atenção para a unidade simbólica entre objetos reais – unidade essa que, não raro, é irredutível a aspectos concretos e determinados do objeto. A figura da Noite personificada, que colhe o sumo das plantas ao redor da gruta do Sono, e dele extrai *sonos*, os quais derrama sobre a terra como um líquido, possui toda a profundidade de metáfora, embora a princípio sua função seja a alegórica.

26-27. "Porta": explicitamente, a ausência de portas parece dever-se apenas ao desejo de evitar seus rangidos característicos. Porém, como o próprio poeta já chamou atenção para o tamanho da gruta, não parece exagerado considerar que a ausência de portas aumenta a amplidão e sossego do ambiente. E embora os habitantes de violentas metrópoles possam duvidar de que alguém se sinta suficientemente seguro para dormir, sem portas trancadas, não parece que essa seja, particularmente, uma preocupação apropriada para o deus Sono.

28. "Ninguém": se vigia houvesse, seria sinal de que alguém está acordado por aquelas bandas, e isso não pode ser. A ausência de vigia testemunha mais solidamente que o Sono não está nem um pouco preocupado com segurança. Talvez seja mesmo intenção do poeta reforçar, alegoricamente, que o sonolento não se preocupa com a autopreservação, e que, quando dormimos, estamos indefesos. Ao adicionar a expressão *fragosa entrada*, parece que Bocage tenta amenizar esse descuido do sono.

29-36. "De ébano": a presença maciça da cor negra parece ser eco da definição inicial de sono: o preto é ausência de cor, como o silêncio é de som. Assim, noite e quietude definem o sono, estado em que não se vê nem percebe nem suspeita coisa alguma. Objeta-se, talvez, que vemos e ouvimos muita coisa enquanto dormimos – os sonhos. O poeta não se esqueceu deles, e os descreve ao fim deste trecho. As plumas no leito do Sono são um toque de suavidade e leveza, sem dúvida útil para dormir; a altura do mesmo leito também alude à sensação de flutuar ou boiar, e à dificuldade de voltarmos ao chão (acordarmos).

37-50. "O sono": segue-se uma seleção de *oniros* (em grego, Ὄνειροι), divindades menores que são personificações de sonhos. São escolhidos três sonhos: Morfeu, que assume aparência humana; Icélon ou Fobêtor, especialista em formas de animais; e Fantasos, capaz de

transformar-se em minerais e vegetais. Alguns sonhos, conta-nos o poeta, são destinados a reis e nobres, enquanto outros são específicos da gente simples. Nada mais realista, pois os pequenos não têm pesadelos com tramas políticas, nem os grandes, por sua vez, sonham em serem ricos e poderosos. Cada classe tem seus próprios medos e aspirações.

Quanto a seus nomes, Morfeu deriva de *morphé*, “forma”, em referência a sua capacidade de assumir diferentes formas; Icélon é “a semelhança”, nome análogo ao de Morfeu e com praticamente o mesmo significado, já que ele assume a *semelhança* de animais; mas os homens o chamam Fobêtor, “o assustador”, porque sonhar com feras não costuma ser agradável para nós. *Fantasos*, “a aparição”, também possui sentido essencialmente equivalente ao de *Morfeu* e *Icélon*.

De Aesaco Hesperieqve (XI, 758-795)

O príncipe Ésaco, de Tróia, amava os campos, onde costumava passear. Um dia, avistou a ninfa Hespéria, por quem se apaixonara há muito, e começou a persegui-la. Ela fugiu; e na fuga recebeu, de uma cobra escondida, a picada que a matou. Sentindo-se culpado, Ésaco lançou-se ao mar para morrer; mas foi salvo pela deusa Tétis, que o transformou num mergulhão, sempre se afundando nas águas, sem conseguir a morte que deseja.

ARTE: (a seguir) “A ninfa surpresa”, Édouard Manet, 1861



frater fuit Hectoris iste:
qui nisi sensisset prima nova fata iuventa,
forsitan inferius non Hectore nomen haberet,
quamvis est illum proles enixa Dymantis,
Aesacon umbrosa furtim peperisse sub Ida
fertur Alexiroe, Granico nata bicorni.
oderat hic urbes nitidaque remotus ab aula
secretos montes et inambitiosa colebat
rura nec Iliacos coetus nisi rarus adibat.
non agreste tamen nec inexpugnabile amori
pectus habens silvas captatam saepe per omnes
aspicit Hesperien patria Cebrenida ripa
iniectos umeris siccantem sole capillos.
visa fugit nymphe, veluti perterrita fulvum
cerva lupum longeque lacu deprensa relicto
accipitrem fluvialis anas; quam Troius heros
insequitur celeremque metu celer urget amore.
ecce latens herba coluber fugientis adunco
dente pedem strinxit virusque in corpore liquit;
cum vita suppressa fuga est: amplectitur amens
exanimem clamatque “piget, piget esse secutum!
sed non hoc timui, neque erat mihi vincere tanti.
perdidimus miseram nos te duo: vulnus ab angue,
a me causa data est! ego sim sceleratior illo,
ni tibi morte mea mortis solacia mittam.”
dixit et e scopulo, quem rauca subederat unda,
se dedit in pontum. Tethys miserata cadentem
molliter excepit nantemque per aequora pennis
texit, et optatae non est data copia mortis.
indignatur amans, invitum vivere cogi
obstarique animae misera de sede volenti
exire, utque novas umeris adsumpserat alas,
subvolat atque iterum corpus super aequora mittit.
pluma levat casus: furit Aesacos inque profundum
pronus abit letique viam sine fine retemptat.
fecit amor maciem: longa internodia crurum,
longa manet cervix, caput est a corpore longe;
aequora amat nomenque tenet, quia mergitur illo.’

* Ésaco, irmão de Heitor, se não sentira
Na flor da bela idade estranhos fados,
Grão nome entre os heróis talvez tivesse,
E à fraterna igualasse a glória sua;
Posto que fosse Heitor de Hécuba filho,
* E Ésaco de Alexirroe, a qual é fama
* Que a furto o produziu lá no Ida umbroso.

Aborrecendo a pompa das cidades,
Remoto do paterno, insigne paço,
Nos montes se escondia, amava os campos,
* Ilesos de ambição: mui raramente
No cortesão tumulto ia envolver-se.

* O caráter, porém, bravio, agreste,
Inimigo de Amor não tinha o moço.
Um dia às pátrias margens a formosa
* Cebrena Hespéria viu, do sol aos raios
A livre trança de ouro estar secando;
Hespéria, a quem mil vezes entre os bosques
Já seguira inflamado. Ao vê-lo a ninfa
Com tanta rapidez foge do amante
Qual do lobo voraz medrosa corça,
Ou como a fluvial adem ligeira
Foge às unhas cruéis, se é assaltada
Longe do lago pelo açor violento.

Corre o troiano ardente após a ingrata,
Persegue amor veloz o veloz medo:
Eis serpe oculta no caminho ervoso
* Volve à planta fugaz o curvo dente,
Nas veias lhe introduz mortal peçonha,
Suprime a fuga, suprimindo a vida.

O mísero amador, de mágoa insano,
Abraça o lindo corpo agonizante.
* “Eu me arrependo (grita) eu me arrependo,
Ninfa, de te seguir, mas não previa
Este caso fatal, nem desejava
Vitória tão custosa, e tão funesta.
Dois foram, infeliz, os teus verdugos:
Deu a serpente o golpe, eu dei a causa,

E eu fora inda pior que o seu veneno
Se a morte minha não vingasse a tua."

* Disse, e do cume de cavada rocha
Ao pélago se dá; – porém doída
Tétis o acolhe brandamente, e logo
Veste de plumas o nadante corpo,
Seu cobiçado fim negando ao triste.
Ele, raivoso de existir por força,
De ter com duros laços oprimida
Alma, que da prisão sair deseja,
Meneia, assim que as sente, as asas novas,
Voa, mas outra vez baixando às ondas,
Se intenta submergir: vedam-lho as penas.

Mais o amante se enraiva, e teima, e torna
A sumir-se no mar: da morte a estrada
Tenta, retenta ali, sem fim, sem fruto.
Amor lhe gasta, lhe macera as carnes;
O colo se lhe alonga, o mar lhe agrada,
E dos mergulhos seus provém seu nome.

1-24. **"Ésaco":** a comparação inicial com Heitor poderia ser justificada como recurso para aumentar a compaixão por Ésaco, ao considerarmos quanta glória se perdeu em sua morte. Contudo, o próprio poeta nos lembra em seguida que: 1) Ésaco é filho de adultério, e portanto bastardo; 2) é rapaz selvagem, que vive nos matos e detesta a cidade; 3) sofre ímpetos de amor, e mostra não saber controlá-los, primeiro perseguindo a ninfa, depois matando-se por ela. Essas não são características de um herói militar como Heitor, disciplinado, amante da pátria, nobre de todo direito. Se Ovídio quis mesmo compará-los, ou se há aí uma fina ironia, é difícil afirmar; mas meu parecer tende à segunda alternativa. Ésaco não é comparável ao irmão; é semente humilde de Príamo, não destinada à grandeza, mas a uma metamorfose bizarra.

1-7. "Ésaco": "se Ésaco não tivesse passado na juventude por este infortúnio, que narrarei a seguir, talvez fosse um herói tão grande quanto seu irmão Heitor; isso embora Heitor fosse filho da rainha Hécuba, enquanto Ésaco, segundo dizem, nasceu em segredo, por ser bastardo, da ninfa Alexirroe no monte Ida".

5. **"Posto que":** sentido concessivo, que é o habitual quanto está ligado a subjuntivo, como é o caso aqui (*posto que fosse*). Equivale, portanto, a "embora".

6. “Alexirroe”: a última sílaba deve unir-se ao “a” seguinte. “De Alexirroe, a qual” deve ler-se como *Dialexirraqual*.

7. “a furto”: às escondidas.

11. “Ilesos”: a rejeição à vida urbana (e palaciana) se justifica como um desejo de pureza, uma ojeriza às tramas e mentiras da comunidade humana, em busca da simplicidade em meio às plantas e animais.

13-14. “O caráter”: há uma associação entre o aborrecimento da cidade, o amor à natureza, e a castidade. A figura de Diana, virgem agreste, sintetiza tais conexões; por isso, jovens puros e selvagens são cultores de Diana e imitam suas virtudes. É o caso, por exemplo, de Atalanta e Hipólito, que rejeitavam o casamento. Mas Ésaco não é assim, o que sugere que sua pureza é incompleta.

15. “pátrias margens”: às margens do rio Cebren, que é pai de Hespéria (por isso ela é *Cebrena*).

16-17. “do sol”: “[ele viu Hespéria] estar secando a livre trança de ouro aos raios do sol”.

20-24. “Com tanta rapidez”: os dois símiles são de animais inofensivos (corça e adem) fugindo de predadores ferozes (lobo e açor). Parece um pouco cruel com Ésaco que a ninfa temesse tanto os seus amores, mas não é o primeiro sinal de sarcasmo ovidiano contra esse filho de Príamo.

28. “planta”: a planta do pé de Hespéria, que a serpente morde.

33-40. “Eu”: o discurso de Ésaco é mortalmente sério, mas a situação em que é proferido é um tanto patética, e seu final é exagerado. Há grandes semelhanças com o de Píramo, num mito anterior, com a diferença de que o contexto de Píramo justifica razoavelmente suas palavras e ações, dando-lhes algo de heróico, ao passo que o de Ésaco só o faz parecer mais tolo.

41-57. “Disse”: a deusa Tétis se apieda do patético Ésaco, e o transforma numa ave, de modo que as penas não lhe permitem afogar-se. Mas o rapaz, ridículo, não aceita a prenda da deusa, e insiste em perseguir a morte que lhe é impossível. Por causa de suas repetidas imersões, recebeu o nome de *mergulhão*.

45. “Seu cobiçado fim”: “negando, ao triste homem, o fim cobiçado por ele”.

De Mactata Polyxena Mutataque Hecabe Matre (XIII, 429-575)

Polidoro, príncipe troiano, fora enviado pelo rei Príamo para ser educado longe da guerra, pelo genro Polimestor, rei da Trácia. Contudo, tão logo Tróia foi derrotada, Polimestor matou o jovem príncipe e roubou seu tesouro, lançando o cadáver ao mar. Mais tarde, tendo os gregos parado na Trácia, à espera de bons ventos, erguem um túmulo vazio em homenagem a Aquiles. Mas o fantasma se levanta da terra e exige, para permitir-lhes que voltem para casa, o sacrifício da princesa troiana Policena, que fora capturada como escrava. Conduzida ao altar, e vendo o carrasco, Policena percebe tudo, e se entrega com gosto, preferindo a morte à vida de escrava; morre como princesa, corajosa e casta. Sua mãe, porém, a rainha Hécuba, mal pode tolerar mais essa perda, restando-lhe apenas o consolo de ter enviado Polidoro, o filho mais novo, para lugar seguro. Mas eis que, ao buscar água para lavar o corpo de Policena, encontra o de Polidoro, trazido pelo mar. Percebendo o que sucedera, corre ao palácio de Polimestor, e o engana com a promessa de um tesouro oculto; arma para ele uma emboscada, e arranca seus olhos com as próprias mãos. Depois, atacada pelo povo com paus e pedras, adquire a forma de uma cadela. Dá assim nome ao Monumento da Cadela, e é lembrada até hoje sua desgraça imerecida.

ARTE: (a seguir) “O Sacrifício de Policena”, Charles Le Brun, 1647



Est, ubi Troia fuit, Phrygiae contraria tellus
Bistoniis habitata viris: Polymestoris illic
regia dives erat, cui te commisit alendum
clam, Polydore, pater Phrygiisque removit ab armis,
consilium sapiens, sceleris nisi praemia magnas
adiecisset opes, animi inritamen avari.
ut cecidit fortuna Phrygum, capit inpius ensem
rex Thracum iuguloque sui demisit alumni
et, tamquam tolli cum corpore crimina possent,
exanimem scopulo subiectas misit in undas.
Litore Threicio classem religarat Atrides,
dum mare pacatum, dum ventus amicior esset:
hic subito, quantus, cum viveret, esse solebat,
exit humo late rupta similisque minanti
temporis illius vultum referebat Achilles,
quo ferus iniustum petiit Agamemnona ferro
'inmemores' que 'mei disceditis,' inquit 'Achivi,
obrutaque est mecum virtutis gratia nostrae!
ne facite! utque meum non sit sine honore sepulcrum,
placet Achilleos mactata Polyxena manes!'
dixit, et inmiti sociis parentibus umbrae,
rapta sinu matris, quam iam prope sola fovebat,
fortis et infelix et plus quam femina virgo
ducitur ad tumulum diroque fit hostia busto.
quae memor ipsa sui postquam crudelibus aris
admota est sensitque sibi fera sacra parari,
utque Neoptolemum stantem ferrumque tenentem;
inque suo vidit figentem lumina vultu,
'utere iamdudum generoso sanguine' dixit
'nulla mora est; at tu iugulo vel pectore telum
conde meo' iugulumque simul pectusque retexit.
'scilicet haud ulli servire Polyxena vellem.
haud per tale sacrum numen placabitis ullum!
mors tantum vellem matrem mea fallere posset:
mater obest minuitque necis mihi gaudia, quamvis
non mea mors illi, verum sua vita tremenda est.
vos modo, ne Stygios adeam non libera manes,
ite procul, si iusta peto, tactuque viriles

virgineo removete manus! acceptior illi,
quisquis is est, quem caede mea placare paratis,
liber erit sanguis. siquos tamen ultima nostri
verba movent oris (Priami vos filia regis,
non captiva rogat), genetrici corpus inemptum
reddite, neve auro redimat ius triste sepulcri,
sed lacrimis! tum, cum poterat, redimebat et auro.'
dixerat, at populus lacrimas, quas illa tenebat,
non tenet; ipse etiam flens invitusque sacerdos
praebita coniecto rupit praecordia ferro.
illa super terram defecto poplite labens
pertulit intrepidos ad fata novissima vultus;
tunc quoque cura fuit partes velare tegendas,
cum caderet, castique decus servare pudoris.
Troades excipiunt deploratosque recensent
Priamidas et quot dederit domus una cruores,
teque gemunt, virgo, teque, o modo regia coniunx,
regia dicta parens, Asiae florentis imago,
nunc etiam praedae mala sors; quam victor Ulixes
esse suam nollet, nisi quod tamen Hectora partu
edideras: dominum matri vix repperit Hector!
quae corpus conplexa animae tam fortis inane,
quas totiens patriae dederat natisque viroque,
huic quoque dat lacrimas; lacrimas in vulnera fundit
osculaque ore tegit consuetaque pectora plangit
canitiemque suam concretam sanguine vellens
plura quidem, sed et haec laniato pectore, dixit:
'nata, tuae—quid enim superest?—dolor ultime matris,
nata, iaces, videoque tuum, mea vulnera, vulnus:
en, ne perdiderim quemquam sine caede meorum,
tu quoque vulnus habes; at te, quia femina, rebar
a ferro tutam: cecidisti et femina ferro,
totque tuos idem fratres, te perdidit idem,
exitium Troiae nostrique orbator, Achilles;
at postquam cecidit Paridis Phoebique sagittis,
nunc certe, dixi, non est metuendus Achilles:
nunc quoque mi metuendus erat; cinis ipse sepulti
in genus hoc saevit, tumulo quoque sensimus hostem:
Aeacidae fecunda fui! iacet Ilion ingens,

eventuque gravi finita est publica clades,
sed finita tamen; soli mihi Pergama restant.
in cursuque meus dolor est: modo maxima rerum,
tot generis natisque potens nuribusque viroque
nunc trahor exul, inops, tumulis avulsa meorum,
Penelopae munus, quae me data pensa trahentem
matribus ostendens Ithacis “haec Hectoris illa est
clara parens, haec est” dicet “Priameia coniunx,”
postque tot amissos tu nunc, quae sola levabas
maternos luctus, hostilia busta piasti!
inferias hosti peperi! quo ferrea resto?
quidve moror? quo me servas, annosa senectus?
quo, di crudeles, nisi uti nova funera cernam,
vivacem differtis anum? quis posse putaret
felicem Priamum post diruta Pergama dici?
felix morte sua est! nec te, mea nata, peremptam
adspicit et vitam pariter regnumque reliquit.
at, puto, funeribus dotabere, regia virgo,
condeturque tuum monumentis corpus avitis!
non haec est fortuna domus: tibi munera matris
contingent fletus peregrinaeque haustus harenae!
omnia perdidimus: superest, cur vivere tempus
in breve sustineam, proles gratissima matri,
nunc solus, quondam minimus de stirpe virili,
has datus Ismario regi Polydorus in oras.
quid moror interea crudelia vulnera lymphis
abluere et sparsos inmiti sanguine vultus?’
Dixit et ad litus passu processit anili,
albentes lacerata comas. ‘date, Troades, urnam!’
dixerat infelix, liquidas hauriret ut undas:
adspicit eiectum Polydori in litore corpus
factaque Threiciis ingentia vulnera telis;
Troades exclamant, obmutuit illa dolore,
et pariter vocem lacrimasque introrsus obortas
devorat ipse dolor, duroque simillima saxo
torpet et adversa figit modo lumina terra,
interdum torvos sustollit ad aethera vultus,
nunc positi spectat vultum, nunc vulnera nati,
vulnera praecipue, seque armat et instruit ira.

qua simul exarsit, tamquam regina maneret,
ulcisci statuit poenaeque in imagine tota est,
utque furit catulo lactente orbata leaena
signaque nacta pedum sequitur, quem non videt, hostem,
sic Hecabe, postquam cum luctu miscuit iram,
non oblita animorum, annorum oblita suorum,
vadit ad artificem dirae, Polymestora, caedis
conloquiumque petit; nam se monstrare relictum
velle latens illi, quod nato redderet, aurum.
credidit Odrysius praedaeque adsuetus amore
in secreta venit: tum blando callidus ore
‘tolle moras, Hecabe,’ dixit ‘da munera nato!
omne fore illius, quod das, quod et ante dedisti,
per superos iuro.’ spectat truculenta loquentem
falsaque iurantem tumidaque exaestuat ira
atque ita correpto captivarum agmina matrum
invocat et digitos in perfida lumina condit
expellitque genis oculos (facit ira potentem)
inmergitque manus foedataque sanguine sonti
non lumen (neque enim superest), loca luminis haurit.
clade sui Thracum gens inritata tyranni
Troada telorum lapidumque incessere iactu
coepit, at haec missum rauco cum murmure saxum
morsibus insequitur rictuque in verba parato
latravit, conata loqui: locus exstat et ex re
nomen habet, veterumque diu memor illa malorum
tum quoque Sithonios ululavit maesta per agros.
illius Troasque suos hostesque Pelasgos,
illius fortuna deos quoque moverat omnes,
sic omnes, ut et ipsa Iovis coniunxque sororque
eventus Hecaben meruisse negaverit illos.

* Lá defronte da Frígia, onde foi Tróia,
* Jaz terra pelos Trácios habitada;
Dela Polimestor o império tinha,
* A quem furtivamente, ó Polidoro,
Teu pai te confiou, para educar-te
Longe da confusão e horror da guerra:
* Arbítrio salutar, se ao desumano

Contigo não mandasse áureos tesouros
* Prêmio do crime, estímulo do avaro.

Apenas cai Dardânia envolta em cinzas,
* O Bistônio tirano empunha um ferro,
O crava na cerviz do tenro aluno;
* E, como se a traição sumir pudera
C'o misérrimo corpo assassinado,
Do cume de um rochedo ao pego o lança.

* Na Trácia fundeara o bravo Atrides,
Mar sereno esperando, e vento amigo:
Eis da terra, espaçosamente rota,
* Tão grande Aquiles sai qual era em vida,
Co'um ar ameaçador, c'o mesmo aspecto
* Que tinha quando horrível quis vingar-se,
E contra Agamenon brandiu a espada.

"Esquecidos de mim, partis, ó Gregos!
(A fera sombra diz) morreu comigo,
Comigo se enterrou minha memória!
A idéia do que fui! Sede mais gratos,
Sem honra não deixeis o meu sepulcro:
Policena, por vós sacrificada,
* De Aquiles indignado aplaque os manes."

Cala, e desaparece. Os sócios duros,
Ao terrível fantasma obedecendo,
Do regaço materno a triste arrancam,
Da materna ansiedade único alívio.
* Forte, e mais que mulher, a infeliz virgem
Ao túmulo funesto é conduzida,
Para vítima ser da irada Sombra.

* Co'a fantasia em si, depois que a chegam
Para as aras cruéis, onde conhece
Que ao sacrifício bárbaro a destinam,
E depois, vendo em pé, vendo a seu lado
* Pirro c'o ferro nu, e os olhos nela:
"Um sangue generoso eia derrama,
Derrama (ao ímpio diz) não te demores,
No peito, ou na garganta o ferro embebe.
(Nisto a garganta of'rece, of'rece o peito)

“Policena de escrava odeia o nome:
* Deus nenhum com tal vítima se abranda.
Mas quisera que a mãe desamparada,
Mãe deplorável me ignorasse os fados;
Só ela de morrer me encurta o gosto;
Bem que não minha morte, a vida sua
Ela deve carpir. Vós afastai-vos;
* Meu rogo é justo: do virgíneo corpo
Tirai as mãos viris, não morra escrava:
Àquele, que intentais (qualquer que seja)
No sacrifício meu tornar benigno,
Há de ser mais aceito um sangue livre.
* Se há, contudo, entre vós alguém, ó gregos,
* Piedoso a extremas súplicas, a prole
De Príamo, dum rei (não a cativa)
Vos pede que entregueis, mas sem resgate,
O cadáver sanguento à mãe chorosa.
Com lágrimas alcance, e não com ouro
O lutuoso jus de honrar-me as cinzas,
De lhes dar sepultura: enquanto pôde,
Com ouro a triste mãe remia os filhos.”

* Disse: e o pranto, que intrépida sustinha,
O povo não susteve: até chorando
O ministro feroz lhe enterra a custo
Consagrado punhal no ebúrneo colo.
Eis o pé lhe falece, ao chão baqueia,
E um ar de intrepidez mantém morrendo.
Ao cair inda então se não descuida
De encobrir o que é lei ter-se encoberto,
Resguardando o decoro ao casto pejo.

As Troianas, carpindo-se, a levantam,
De Príamo a progênie ali recordam;
Quanto sangue vertera uma família,
Que em outrora choraram. Choram hoje
O teu destino, ó virgem, choram hoje,
Régia mísera esposa, o teu destino;
Régia, mísera mãe! Nos tempos faustos
* De Ásia fecunda símbolo florente!
Agora inútil, desdenhado espólio,

Que Ulisses vencedor não quereria,
Se o memorando Heitor à luz não deras!
O grão nome do filho apenas serve
Para obter um senhor à mãe ansiosa,
Que, nos trementes braços estreitando
O corpo, falto já de alma tão forte,
As lágrimas, que deu à pátria, aos filhos,
E ao consorte infeliz, dá hoje a esta.

* A ferida co'as lágrimas lhe inunda,
Ternos beijos depõe nos lábios frios,
E afaga o virginal, querido seio.
Revolvendo, empastando as cãs no sangue,
Diz isto, ou mais, e o coração lhe estala:

"Ó filha, última dor (pois que me resta?)
Última dor da mãe!... Sem vida jazes!...
Golpe, que sinto em mim, vejo em teu peito!
Todos, todos os meus assim morreram.
Também ferida estás! Seres isenta
* Do ferro, por mulher, eu presumia,
E, mulher, sucumbiste ao ferro iníquo!
De teus irmãos o algoz foi teu verdugo,
O mal, o horror de Tróia, o fero Aquiles!

* "Quando às frechas mortais de Apolo e Páris
O bárbaro caiu, eu disse: – Agora
Já que temer não há do infesto Aquiles –
E havia que temer: tornado em cinza,
Os restos de meu sangue inda persegue,
No túmulo o tirano é sempre o mesmo,
Para fartar-lhe a crua, a negra sanha
Fecunda fui. Dardânia jaz por terra,
Em catástrofe atroz findou seu fado;
Mas inda para mim Dardânia existe,
Lavra da minha dor inda o progresso.
"Dantes tantas grandezas possuindo,
Tantos genros, e filhos, c'roa, esposo,
Hoje em desterro, na indigência agora,
Do sepulcro dos meus desarraigada,
Sou quinhão de Penélope, que altiva

Há de às matronas de Ítaca mostrar-me
Curbada às suas leis, dizendo: “É esta
A mãe de Heitor, de Príamo a consorte.”

“Depois de tantas perdas tu, ó filha,
Que do luto materno eras alívio,
* Sobre túmulo hostil verteste o sangue!
Dei-te o ser para vítima de Aquiles.
Porque vivo, ai de mim! Serei de ferro?
* A que, rugosa idade aborrecida,
Me reservas no mundo? Injustos deuses,
Para que me guardais, senão somente
Para novos horrores, prantos novos!

“Quem venturoso a Príamo julgara
Depois da, que deu Tróia, horrível queda!
Foi feliz em morrer, não te viu morta
Filha minha, e perdeu co’a vida o trono.

“Serão teus funerais, ó virgem régia,
Dignos do teu natal? Será teu corpo
Nos avitos sepulcros encerrado?
Não, já nos não compete essa fortuna:
Choro e tosca porção de estranha terra
* (Dádiva maternal) só te pertencem.
Perdemos tudo... ah! Não, resta-me um filho
Por quem suportarei mais tempo a vida,
Único filho agora, o que algum dia
Da estirpe varonil era o mais tenro,
* E que ao Ismário rei foi cometido
Neste mesmo lugar... Mas por que tardo,
Triste filha, a lavar-te o peito, e rosto,
Do mortífero golpe ensangüentados?”
* Com vagaroso pé caminha à praia,
Desgrenhados os cândidos cabelos.
“Urna me dai, troianas (diz a triste)
Para as águas colher de que preciso.”
Eis o corpo infeliz de Polidoro,
Lançado pelo mar, vê sobre a areia.
* E do Treício ferro o golpe fundo.

As troianas exclamam: fica muda;

Ao peito a voz e o pranto retrocedem,
Aflição lhos devora: está qual pedra.
* Já põe n'adversa terra olhos imóveis,
Já furibundo aspecto aos céus levanta;
Olha do filho o rosto, olha a ferida,
Porém mais a ferida do que o rosto:
Com isto se arma de ira e de fereza.

Requintada a paixão, dispõe vingar-se,
Dispõe como se fosse inda rainha,
E enleva-se na imagem da vingança.

* Qual braveja a leoa, a quem furtaram
Tenra prole feroz, que inda criava,
E do seu roubador, com ânsia horrível,
No rasto vai, – tal Hécuba, envolvendo
Os frenesis e o pranto, a dor e a raiva,
* Lembrada do que fora, e não do que era,
* Corre a Polimestor, ao réu do crime,
Um colóquio lhe roga, e nele afeta
Que lhe quer entregar tesouro oculto,
Para que chegue ileso às mãos do filho.

O fraudulento a crê, e estimulado
Da fome de ouro, a segue a ermo sítio.
Astuto, em brando tom lhe diz: "Não tardes,
O tesouro me dá, que ao filho envias.
Quanto me tens entregue, e me entregares
Que tudo ele possua aos deuses juro."

De olhos sanhudos Hécuba o contempla,
Ouvindo o vão protesto, arqueja de ira,
E súbito, em socorro as mais chamando,
Arremete ao perjuro, ao fementido,
Pelos olhos cruéis lhe enterra os dedos,
(Dá-lhe forças a raiva) e lhos arranca.
As mãos tenta embeber pelas feridas,
E, do pérfido sangue enxovalhada,
Lacera mais, e mais: não ceva a fúria
Nos olhos (que os não há) mas onde os houve.

* As gentes do tirano, embevecidas
Do cruento espetáculo, arremessam

À vingadora mãe pedras e lanças.
Rouco, irado murmúrio ela soltando,
Contra as pedras investe, e morde as pedras:
Os lábios se lhe alongam de repente,
E ergue canina voz, falar querendo.

* Ao sabido lugar deu nome o caso:
Hécuba (ainda assim) por longos tempos
Teve dos males seus tenaz memória,
* Mesta ululando na Sitônia plaga.

Os gregos comoveu seu duro fado,
Dos troianos fiéis dobrou a angústia;
Aos deuses fez piedade, e a própria Juno,
Juno até confessou que Hécuba triste
Seu desastre fatal não merecera.

1-15. "Lá": Polimestor, o rei da Trácia, recebe o jovem príncipe Polidoro, seu cunhado, para dele cuidar enquanto transcorre a guerra de Tróia. Porém, ao ver que Príamo perdera a guerra, o traiçoeiro rei assassina Polidoro e rouba o tesouro que o sogro lhe confiara. Depois lança o cadáver ao mar, julgando assim livrar-se do crime. Esta introdução parece desconectada da narrativa que se segue, exceto pelo local dos eventos, que é o mesmo; mas na verdade ela será retomada no fim, com grande efeito.

2. "Jaz terra": a *terra pelos trácios habitada* é, pasmem, a Trácia.

4. "A quem": isto é, a Polimestor.

7. "Arbítrio": o arbítrio de Príamo, a saber, o de enviar seu jovem filho para longe da guerra. O *desumano* é Polimestor.

9. "Prêmio": *prêmio do crime*, depois que já o matou; *estímulo do avaro*, antes de matá-lo. De modo que *estímulo* e *prêmio* parecem ser a mesma coisa, mudado apenas o ponto da narrativa em que se olha o objeto. O assassinato converte o estímulo em prêmio; o prêmio, observado antes do assassinato, era estímulo. Esse paralelismo conceitual permite ao poeta resumir, num só decassílabo, a história inteira da morte de Polidoro.

10. "Dardânia": Tróia. Dárdano era um dos patriarcas mais antigos do povo troiano.

11. "Bistônio": os bistônios eram um povo trácio que vivia ao sul do monte Ródope. Bistônio aqui é usado como sinônimo de "trácio".

11. "ferro": espada, referida metonimicamente.

13-15. "E como": "e, como se o crime fosse desaparecer junto com o cadáver, Polimestor o lança de um rochedo ao mar". *Pego* é síncope de

“pélago”.

16-36. “Na Trácia”: saindo de Tróia, Agamenon aporta na Trácia, à espera de melhores ventos que o levem a seu destino. Ali os gregos cavam um túmulo vazio (κενοτάφιον, *kenotáphion*) em honra de Aquiles, mas o espírito feroz do morto aparece para exigir uma homenagem mais cruenta: a vida da princesa Policena, filha de Príamo. Sem esse sacrifício, ameaça o fantasma, não haverá ventos favoráveis para levá-los de volta à Grécia. Os gregos conduzem a virgem ao túmulo, sobre o qual se fará o rito.

16. “Atrides”: Atrides, ou Atrida, “filho de Atreu”, pode referir-se igualmente a Agamenon ou Menelau. O contexto induz a optar pelo primeiro. Agamenon já sacrificara a própria filha (Ifigênia) para aplacar a fúria de Diana, e agora sacrifica outra princesa, filha do inimigo conquistado, por Aquiles.

19. “Tão grande”: “Aquiles sai [da terra] tão grande como era em vida”. *Grande* tem um peso moral, além de físico, aludindo à presença impressionante do herói.

21-22. “Que tinha”: referência à célebre briga de Agamenon e Aquiles, narrada no começo da Ilíada. Tendo o Atrida tomado de Aquiles a escrava Briseida, que era parte dos seus despojos, este reagiu ferozmente, quase chegando às vias de fato.

29. “De Aquiles”: “aplaque os manes de Aquiles indignado”.

34. “Forte”: a nobreza e coragem de Policena levam o poeta a exclamar, figurativamente, que ela era *mais que mulher*. Não sabia ele que haveria feministas algum dia; não considerou a possibilidade de negar-se às mulheres o estatuto de “sexo frágil”. Sob o seu ponto de vista, uma mulher é um ser vulnerável, necessitado da proteção masculina, pouco afeito à violência. Ainda assim, não é nada literal o comentário que faz sobre Policena; sua coragem é perfeitamente feminina, voltada à proteção da própria virgindade e pureza; só analogicamente ela se parece à de um guerreiro. No original, contrasta-se “mulher” com “virgem”: *plus quam femina virgo,* “mais que mulher, era uma virgem!” A idéia é, evidentemente, exaltar a casta virtude, insinuando que ela eleva a moça acima de seu próprio sexo. Se a histeria ideológica vê mais (ou melhor, menos) neste verso, é à revelia do poeta, do tradutor, do comentador e de todo ser humano de mente sã.

37-66. “Co’a fantasia”: ao perceber que seria sacrificada, Policena se entrega voluntariamente, e pronuncia um discurso. A estrutura de sua fala não é ordenada segundo a arte retórica; antes imita as nobres paixões de sua alma, alternando a preocupação da própria dignidade com o sentimento pela mãe.

37. “Co’a fantasia em si”: em latim, *memor sui*, “lembrada de si

mesma". Significa que Policena pensava em sua própria dignidade: sabia quem era, quanto valia.

41. **"Pirro":** Pirro ou Neoptólemo era o filho de Aquiles, também conhecido pela ferocidade. O pai morto exigiu a vítima, e o filho será seu algoz.

47. **"Deus":** Policena julga que morrer assim é uma honra, pois preserva seu estatuto de mulher nobre. De fato, se fosse uma qualquer, seu sangue não teria poder perante os numes. E ela prefere morrer, com essa honra, a viver como escrava.

50-52. **"Só ela":** "só minha mãe me diminui o gosto de morrer; embora ela não tenha motivos para chorar minha morte, que será digna, os terá para chorar sua própria vida, sem os filhos, privada de toda dignidade e consolo".

53-57. **"Meu rogo":** aparentemente, alguns homens fazem menção de abusar da virgem, talvez pensando em aproveitar a oportunidade antes do sacrifício. Ela os afugenta com a ameaça de que o nume (que ela não sabe, mas é Aquiles) não a aceitará depois de violada. Sua pureza é elemento fundamental do sacrifício. Quando diz que *um sangue livre há de ser mais aceito àquele, que intentais tornar benigno*, o termo *livre* significa "nobre", e *aceito*, "agradável".

58-66. **"Se há":** alude-se ao pedido de Príamo a Aquiles, que devolvesse o cadáver de Heitor, depois de tê-lo vilipendiado incansavelmente. O grego por fim aceita um rico resgate em troca do corpo. Mas Hécuba, que antes era rainha, é hoje escrava, e não tem mais com que pagar o resgate – exceto com lágrimas. O paralelismo entre Heitor e Policena é repetido: Aquiles matou os dois, os corpos de ambos precisam ser remidos, mas o modo de pagar muda, de um tesouro, que Príamo oferecera por Heitor, às lágrimas que são toda a posse de Hécuba. Essa diferença ilustra a enorme mudança de Fortuna da triste rainha e de seus filhos.

58-59. "Se há": "se há alguém entre vós, ó gregos, que cumpra piedosamente a obrigação de atender aos últimos pedidos dos que vão morrer", etc.

59-62. **"a prole":** Policena ressalta que não é escrava (*não a cativa*), condição que abomina, mas princesa, *prole de Príamo, dum rei*! Seus derradeiros pedidos são, portanto, dignos de serem atendidos, não por compaixão, mas por respeito. *A prole de Príamo* é sujeito do verbo *pede*.

67-92. **"Disse":** dois grandes momentos do poema, bem interligados. O discurso virtuoso de Policena comove até o carrasco, Pirro, conhecido pela crueldade. Ao redor, guerreiros de coração duro choram, e a virgem, que é mulher, resiste. Ao cair, cuida ainda de proteger as partes pudendas: sua dignidade vence a morte. Esse

lamento trágico, cercado de solenidade, serve porém de preparação a outro ainda maior, cujo centro será Hécuba. Quanto maior a tragédia da filha, tanto maior a da mãe; a morte de Policena é instrumento da ruína de sua mãe. Talvez tenha sido este o trecho que motivou o simbolismo de Hécuba na Idade Média, levando um poeta a escrever: *rex sedet in vertice; caveat ruinam! Nam sub axe legimus Hecubam Reginam* ("O rei se senta no topo [da roda da Fortuna]; que se prepare para a desgraça! Pois lemos, sob o eixo [da roda]: 'Rainha Hécuba'").

80-82. "ó virgem": note-se a transição da *virgem*, que é Policena, para a *régia mísera esposa*, Hécuba. O lamento pelo *consorte* se deve ao triste destino do rei Príamo, também assassinado covardemente por Pirro, se cremos no relato de Virgílio.

83. "De Ásia": "símbolo florente de Ásia fecunda".

85-88. "Que Ulisses": em contraste com sua grandeza passada, depois de vencida Tróia, Hécuba perdeu o valor, e Ulisses só a quis como escrava pela glória de Heitor. De fato, o príncipe troiano fez grande estrago nas tropas gregas, tendo seu nome imortalizado, e ter sua mãe como escrava era, ao mesmo tempo, uma honra e um modo de humilhar o inimigo já morto.

90. "O corpo": retornamos ao presente. Hécuba *estreita nos trementes braços* o corpo de Policena.

93-152. "A ferida": o longo discurso de Hécuba à filha morta pode ser dividido assim: 1) não parecia possível que uma mulher morresse pela espada; 2) não parecia possível que Aquiles matasse mais um filho da rainha; 3) a guerra de Tróia parecia ter acabado, mas ainda faz vítimas; 4) a ruína de Hécuba: de grande rainha a escrava de Penélope; 5) momento presente, perspectiva de futuros sofrimentos, Príamo feliz por estar morto; 6) funeral indigno de Policena, vilipendiada na vida e na morte; 7) o consolo de ter ainda um filho.
Ou, mais sinteticamente: 1) frustrações e enganos de Hécuba; 2) sua grande queda, de rainha a escrava; 3) a perspectiva da morte; 4) o último consolo contra a morte, Polidoro. Assim, há um nível de sofrimento *mental*, por ver tudo o que supunha e imaginava seguro, destruído; outro nível *social*, o de descer da glória à escravidão; outro ainda *pessoal*, por todas as perdas e desgraças, e este é o mais profundo, que faz a morte preferível; e enfim a consolação, na vida do filho, que lhe dá forças para enfrentar tudo o que fora elencado antes.

103. "por mulher": como as mulheres não iam à guerra, Hécuba pensara que sua filha estaria a salvo da morte pela espada.

107-117. "Quando": quando Páris, com a ajuda de Apolo, acertou a flecha no calcanhar de Aquiles, matando-o, Hécuba julgou que o herói grego não mais podia fazer mal a ninguém. Mas mesmo do túmulo ele continua a perseguir seus filhos. *Para fartar-lhe a sanha fecunda fui* –

parece-lhe que só teve filhos para que Aquiles os matasse, como uma vaca ou porca, cujos rebentos têm sempre seu destino na mesa humana. Há um inequívoco tom trágico, em que as leis dos deuses parecem revelar-se extremamente cruéis: Hécuba sempre esteve destinada a casar-se, ter muitos filhos e subir à máxima glória, apenas para cair na desgraça em que se encontra. E Aquiles é o instrumento da crueldade divina, o monstro que – estava escrito nos livros divinos – necessariamente mataria os filhos da rainha, um por um. Não se pode escapar dele; nem a morte o impede de cumprir sua negra missão. Hécuba nasceu para viver a guerra de Tróia, e mesmo depois de finda a guerra, a matança continua. *Dardânia jaz por terra, mas ainda existe para mim; lavra ainda o progresso da minha dor*. A guerra de Tróia é mais que uma guerra: é maldição inescapável.

128. "túmulo hostil": "túmulo do inimigo" – *hostis*, em latim.

131. "A que": "para que [a velhice a reserva no mundo]", isto é, por que a idade avançada não a mata, para que a está guardando?

135-138. "Quem": "quem consideraria Príamo feliz, depois da guerra de Tróia? E no entanto, eu digo que foi feliz, pois morreu sem ver a morte da filha, e perdeu a vida junto com o trono, enquanto eu tenho de viver como escrava e assistir a tudo isto".

144. "Dádiva": Hécuba quer dizer que os presentes funerais que ela tem para apresentar, como mãe diante do cadáver da filha, são apenas pranto e um enterro em terra estrangeira. Em condições normais, o enterro de uma princesa seria homenageado, pela rainha sua mãe, com ricos presentes e um enterro magnânimo. O enterro no estrangeiro é tão execrável que, em latim, Hécuba o chama *haustus arenae peregrinae*, "afogamento em areias estrangeiras".

149. "Ismário": literalmente, nascido no monte Ismaro, na Trácia, mas se refere metonimicamente ao rei Polimestor, por ser trácio.

153-170. "Com vagaroso pé": quando vai buscar água para lavar o cadáver de Policena, acompanhada das companheiras troianas feitas escravas, Hécuba topa com Polidoro, que fora lançado ao mar e trazido de volta pelas ondas. Reconhecendo que fora assassinado, ela percebe a traição. E uma vez perdida sua última consolação (segundo ela mesma lembrara logo antes), o apego à vida se esvai completamente, junto com todo respeito humano. Ela decide vingar-se, e apesar de escrava, age com orgulho de rainha.

159. "Treício": o mesmo que "trácio".

163-164. "Já": *já... já* equivale a *primeiro... depois*, mas expressa movimento rápido, como se fosse difícil perceber o intervalo de tempo entre uma ação e outra.

165-166. "Olha": requintada maneira de mostrar que, naquele momento, o amor pelo filho produz ódio por quem o assassinou.

Quanto mais a mãe o ama, tanto mais odeia o assassino, e é este último sentimento que prevalece em seu coração.

171-196. "Qual braveja": Hécuba pede uma audiência a Polimestor e, fingindo não saber do ocorrido, dá a entender que possui um tesouro, destinado a Polidoro. O rei avarento deseja apossar-se das riquezas, e concorda em segui-la, mas é emboscado pelas escravas troianas. Hécuba arranca seus olhos, com força sobrenatural, mas a fúria não cessa: continua a atacar as cavidades onde antes estavam os olhos, embebendo-se no sangue do assassino.

171-174. "Qual braveja": é interessante que Ovídio a compare a uma leoa cuja cria fora furtada, e que agora vai ao encalço do raptor. De fato, a fúria maternal de Hécuba acabará por transformá-la numa cadela, e a figura da leoa, sendo embora felina, ajuda a preparar o leitor para que compreenda a transformação final.

176. "Lembrada": *do que fora*, isto é, rainha; *e não do que era*, escrava.

177-180. "Corre": embora furiosa, Hécuba possui sangue-frio não apenas para mentir a Polimestor, mas ainda para considerar seu caráter avarento, suas motivações mesquinhas ao matar Polidoro, e explorar essas fraquezas para puni-lo. São temíveis as mulheres vingativas, ao menos as representadas por Ovídio: seu ódio parece alimentar a astúcia, e não enfraquecê-la.

185-186. "Quanto": "aos deuses juro que tudo ele possua quanto me tens entregue, e me entregares". Ou ainda: "juro perante os deuses que Polidoro possuirá tudo o que já me entregastes, e também o que me entregares agora". Como era de se esperar, Hécuba não resiste a tanto descaramento, e o ataca em seguida.

197-212. "As gentes": depois de arrancar assim os olhos de Polimestor, atacada pelo povo trácio com paus e pedras, Hécuba se encontra acuada, feroz ainda, e perde os traços humanos: irracionalmente, tenta morder os projéteis, arisca como uma cadela que perdera seus filhotes. E de fato se torna uma. Vive lá por muito tempo, uivando de dor pelos filhos, e até a deusa Juno, inimiga mortal dos troianos, confessou que a pobre Hécuba não merecia tamanha desgraça.

204. "Ao sabido lugar": a transformação deu nome ao local em que ocorreu: Κυνόσσημα, *Kynóssema*, "Monumento da Cadela", famoso promontório da Trácia. Aqui temos uma etiologia, isto é, uma explicação de motivos (gr. ἀιτία, *aitía*, causa ou razão de algo) que justificam algum dado da realidade presente, como nomes de lugares ou características geográficas.

205. "ainda assim": isto é, na forma de cadela.

207. "Sitônia": Sitônios eram um povo trácio, mas seu nome aqui se

refere metonimicamente à Trácia de modo geral.

De Pico et Canente (XIV, 320-434)

Pico, primeiro rei do Lácio, fundador de Laurento, tinha menos de vinte anos, e sua beleza já ensandecia as ninfas de toda a região. Ele, porém, só tinha olhos para Canente, filha de Jano e exímia cantora, com quem se casou enfim. Um dia, Pico saiu para caçar javalis e foi visto na floresta pela feiticeira Circe, que fazendo uso de sua magia conseguiu isolá-lo dos companheiros e declarar-lhe seu amor. Mas ele a recusou, jurando fidelidade à esposa, e ofendendo o orgulho da bruxa, que o transformou num pica-pau. Seus companheiros, tendo-a descoberto, foram também metamorfoseados em feras. Por fim Canente, depois de buscar o esposo, em jejum, por seis dias, de tanto cantar sua tristeza, desfez-se no ar, às margens do rio Tibre, dando seu nome ao local em que morreu.

ARTE: (a seguir) “Pico e Circe”, Luca Giordano, 1655-1660



‘”Picus in Ausoniis, proles Saturnia, terris
rex fuit, utilium bello studiosus equorum;
forma viro, quam cernis, erat: licet ipse decorem
adspicias fictaque probes ab imagine verum;
par animus formae; nec adhuc spectasse per annos
quinquennem poterat Graia quater Elide pugnam.
ille suos dryadas Latiis in montibus ortas
verterat in vultus, illum fontana petebant
numina, naiades, quas Albula, quasque Numici,
quas Anienis aquae cursuque brevissimus Almo
Narve tulit praeceps et opacae Farfarus umbrae,
quaeque colunt Scythicae stagnum nemorale Dianae
finitimosque lacus; spretis tamen omnibus unam
ille colit nymphen, quam quondam in colle Palati
dicitur ancipiti peperisse Venilia Iano.
haec ubi nubilibus primum maturuit annis,
praeposito cunctis Laurenti tradita Pico est,
rara quidem facie, sed rarior arte canendi,
unde Canens dicta est: silvas et saxa movere
et mulcere feras et flumina longa morari
ore suo volucresque vagas retinere solebat.
quae dum feminea modulatur carmina voce,
exierat tecto Laurentes Picus in agros
indigenas fixurus apros tergumque premebat
acris equi laevaque hastilia bina ferebat
poeniceam fulvo chlamydem contractus ab auro.
venerat in silvas et filia Solis easdem,
utque novas legeret fecundis collibus herbas,
nomine dicta suo Circaea reliquerat arva.
quae simul ac iuvenem virgultis abdita vidit,
obstipuit: cecidere manu, quas legerat, herbae,
flammaque per totas visa est errare medullas.
ut primum valido mentem conlegit ab aestu,
quid cuperet, fassura fuit: ne posset adire,
cursus equi fecit circumfususque satelles.
‘non’ ait ‘effugies, vento rapiare licebit,
si modo me novi, si non evanuit omnis
herbarum virtus, nec me mea carmina fallunt.’

dixit et effigiem nullo cum corpore falsi
fingit apri praeterque oculos transcurrere regis
iussit et in densum trabibus nemus ire videri,
plurima qua silva est et equo loca pervia non sunt.
haut mora, continuo praedae petit inscius umbram
Picus equique celer spumantia terga relinquit
spemque sequens vanam silva pedes errat in alta.
concipit illa preces et verba venefica dicit
ignotosque deos ignoto carmine adorat,
quo solet et niveae vultum confundere Lunae
et patrio capiti bibulas subtexere nubes.
tum quoque cantato densetur carmine caelum
et nebulas exhalat humus, caecisque vagantur
limitibus comites, et abest custodia regis.
nacta locum tempusque ‘per o, tua lumina,’ dixit
‘quae mea ceperunt, perque hanc, pulcherrime, formam,
quae facit, ut supplex tibi sim dea, consule nostris
ignibus et socerum, qui pervidet omnia, Solem
accipe nec durus Titanida despice Circen.’
dixerat; ille ferox ipsamque precesque repellit
et ‘quaecumque es,’ ait ‘non sum tuus; altera captum
me tenet et teneat per longum, conprecor, aevum,
nec Venere externa socialia foedera laedam,
dum mihi Ianigenam servabunt fata Canentem.’
saepe retemptatis precibus Titania frustra
‘non inpune feres, neque’ ait ‘reddere Canenti,
laesaque quid faciat, quid amans, quid femina, disces
rebus; at est et amans et laesa et femina Circe!’
tum bis ad occasus, bis se convertit ad ortus,
ter iuvenem baculo tetigit, tria carmina dixit.
ille fugit, sed se solito velocius ipse
currere miratur: pennas in corpore vidit,
seque novam subito Latiis accedere silvis
indignatus avem duro fera robora rostro
figit et iratus longis dat vulnera ramis;
purpureum chlamydis pennae traxere colorem;
fibula quod fuerat vestemque momorderat aurum,
pluma fit, et fulvo cervix praecingitur auro,
nec quicquam antiquum Pico nisi nomina restat.

‘”Interea comites, clamato saepe per agros
nequiquam Pico nullaque in parte reperto,
inveniunt Circen (nam iam tenuaverat auras
passaque erat nebulas ventis ac sole recludi)
criminibusque premunt veris regemque reposcunt
vimque ferunt saevisque parant incessere telis:
illa nocens spargit virus sucosque veneni
et Noctem Noctisque deos Ereboque Chaoque
convocat et longis Hecaten ululatibus orat.
exsiluere loco (dictu mirabile) silvae,
ingemuitque solum, vincinaque palluit arbor,
sparsaque sanguineis maduerunt pabula guttis,
et lapides visi mugitus edere raucos
et latrare canes et humus serpentibus atris
squalere et tenues animae volitare silentum:
attonitum monstris vulgus pavet; illa paventis
ora venenata tetigit mirantia virga,
cuius ab attactu variarum monstra ferarum
in iuvenes veniunt: nulli sua mansit imago.
‘”Sparserat occiduus Tartessia litora Phoebus,
et frustra coniunx oculis animoque Canentis
exspectatus erat: famuli populusque per omnes
discurrunt silvas atque obvia lumina portant;
nec satis est nymphae flere et lacerare capillos
et dare plangorem (facit haec tamen omnia) seque
proripit ac Latios errat vesana per agros.
sex illam noctes, totidem redeuntia solis
lumina viderunt inopem somnique cibique
per iuga, per valles, qua fors ducebat, euntem;
ultimus adspexit Thybris luctuque viaque
fessam et iam longa ponentem corpora ripa.
illic cum lacrimis ipso modulata dolore
verba sono tenui maerens fundebat, ut olim
carmina iam moriens canit exequialia cycnus;
luctibus extremum tenues liquefacta medullas
tabuit inque leves paulatim evanuit auras,
fama tamen signata loco est, quem rite Canentem
nomine de nymphae veteres dixere Camenae.”

* Pico, de Ausônia rei, Satúrnia prole,
Nas graças corporais era estremado,
Do espírito nos dons não menos belo.
* Quarta vez o espetáculo guerreiro,
Que em Élide se usou de lustro em lustro,
Não podendo o mancebo inda ter visto,
Já olhos, já suspiros atraía
* Das Dríades gentis nos Lácios cumes.

Vós o amáveis também, vós o seguíeis,
Cândidas filhas das serenas fontes,
Ó Náiades do Tibre, e do Numício,
Deusas do Nar veloz, do Arno pequeno,
Do Fárfaro sombrio, e do Ânio puro,
Co'as outras, que da Cítica Diana
Moram nos bosques, nos vizinhos lagos.

Mas todas enjeitava, e quis só uma,
Só uma o cativou, penhor mimoso,
Que lá no monte Palatino a Jano
(Segundo é tradição) Venília dera.

Nos anos de himeneu floresce a ninfa;
Preferido entre mil competidores
Eis a Pico em Laurento Amor a entrega.
Rara na gentileza era Canente
Raríssima porém na voz, no canto:
Com ele pedras, árvores movia,
Detinha os rios, amansava as feras,
Tirando às aves o temor, e o vôo.
Ela o seu doce amor cantava um dia,
Quando aos Laurentes campos contra os bravos,
Cerdosos javalis saiu o esposo.

* De alentado ginete o dorso oprime,
Tem na destra e sinistra agudas lanças,
Preso o fenício manto em laço de ouro.
Fora a filha do Sol aos mesmos bosques
Para colher no monte as ervas novas,
* Distante dos Circeus, a quem deu nome.
Duns ramos escondida o moço vendo,
* Se assombra, caem-lhe as ervas que apanhara;

Já lhe lavra a paixão de veia em veia.
Apenas volve a si do vivo assalto
Tenta manifestar o ardor interno,
Mas do ginete a férvida presteza,
E os circunstantes guardas o estorvaram.
“Nem que te roube o vento hás de escapar-me,
Se inda eu sou a que fui, se inda há virtude
* Nas plantas, e meus versos não me enganam.”

* Diz: e eis um javali de aéreo corpo,
Finge-o, perante o rei correr o manda,
* E mostrar que se acolhe aos densos matos
Em parte onde o cavalo entrar não possa.
De imaginária presa alucinado,
* Salta o mancebo das fumantes costas,
Segue esperança vã, falaz objeto,
Discorre aqui e ali pela alta selva.

Já Circe principia as magas preces,
Em verso ignoto adora ignotos deuses,
Verso com que enegrece, esconde a Lua,
* Com que o Sol, com que o pai de sombras mancha.
Assim que os sons do encanto o céu condensam,
Que um vapor tenebroso a terra exala,
E pelo bosque os mais vagueiam cegos,
No escuro as guardas já do rei perdidas,
* Apto o lugar, e o tempo achando a amante:
“Ó tu entre os mortais o mais formoso,
(Suspirando lhe diz) por esse aspecto,
* Por esses que os meus olhos encantaram,
E fazem com que eu deusa te suplique,
Premeia ativo amor, em que me inflamas;
O Sol, que tudo vê, por sogro aceita,
Duro não fujas da Titânia Circe.”

* Disse, porém feroz ele a rejeita,
Ele rogos e afagos lhe repulsa,
Responde: “Não sou teu, quem quer que sejas:
“Outra me tem cativo, e praza aos numes
Que dure longamente o cativeiro.
Os laços conjugais, os puros laços

Não hei de enxovalhar de amor externo
Enquanto amigos fados me guardarem
De Jano a filha, a singular Canente.”

Circe (enfadada de lhe instar sem fruto)
Diz: “Não, não hás de impunemente amá-la,
Nem jamais tornarás a ver a esposa.
* Mulher depois d’amante, e de ofendida
Conhecerás o que é: para teu dano
Sou mulher, ofendida, amante, e Circe.”

* Ao ocaso, ao nascente então se volta,
Duas vezes àquele, a este duas;
Depois no corpo do gentil mancebo
Três toques dá co’a vara, e diz três versos.
Ele foge, e da própria ligeireza,
Da nímia rapidez vai admirado:
Eis que subitamente em si vê asas.
Afrontado, raivoso de sentir-se
Ave nova adejar nos lácios bosques,
Despede o fero bico aos duros troncos,
Com fúria aqui, e ali golpeia os ramos.
Cor do purpúreo manto as penas ficam,
Em penas o áureo nó também se torna,
Listra dourada lhe rodeia o colo,
E a Pico do que foi só resta o nome.
Entretanto, por ele os seus clamavam,
Sem podê-lo encontrar na longa selva.

* Circe enfim lhe aparece (as auras tinha
Adelgaçado já, já permitido
Que o sol e o vento as névoas dissipassem)
Mil crimes exprobrando à vingativa,
Guardas, monteiros o seu rei lhe pedem,
* E dispõem-se a cravar-lhe as férreas lanças.
Sucos de atro veneno a maga entorna,
A noite, os numes dela, o Caos, o Averno
Pelo forçoso encanto ali convoca,
E ora à terrível Hécate, ululando.

Eis salta do lugar (que espanto!) o bosque,
Amarelece a folha, e geme a terra,

Tingem-se as ervas de sangüíneas manchas,
Roucos bramidos saem das rotas penhas,
Ouvem-se cães latir, silvar serpentes,
Vê-se o chão delas negro, e tênues sombras
Nos ares em silêncio andar girando.
Atônitos de horror descoram todos;
Mas co'a vara tremenda e venenosa
Toca-lhes Circe as bocas assombradas.

Pelo tato fatal se tornam monstros
* De improviso os mancebos lastimosos,
Em nenhum permanece a antiga forma.

* Já no ocidente o sol fechara o dia,
E com olhos, com alma em vão Canente
Pelo perdido esposo inda esperava.
Pisam bosques e bosques servos, povo
E com fachos nas mãos exploram tudo.
A ninfa de chorar não se contenta,
Aos ais, aos gritos, e arrancando as tranças,
Quantos extremos há, todos pratica;
Sai, corre, vaga, insana, os lácios campos.

Seis luas (infeliz!) seis sóis a viram
Em contínuo jejum, contínua vela
Por vales, por floresta, por montanhas,
Por onde o desacordo a foi levando.
Do pranto e do caminho enfim cansada,
O Tibre a viu cair na margem sua.
Ali ao desamparo, ali sozinha
A triste, modulando acerbas mágoas,
Soltava um tênue som, qual canta o cisne
O débil verso precursor da morte.
A amante deplorável manso, e manso
Em lágrimas saudosas se liquida,
Vai-se ali pouco a pouco atenuando,
E nas auras sutis se desvanece.

Pelo caso o lugar ficou famoso:
Vós, do nome da ninfa miseranda
Canente, ó priscas Musas, lhe pusestes.

1-30. **“Pico”:** rei da Ausônia, no Lácio, Pico era filho de Saturno,

fundador de Laurento, personagem autenticamente latino. Belíssimo, despertava o amor de muitas ninfas, mas só queria uma: Canente, filha de Jano e Venília, excelsa no canto (seu nome em latim significa "aquela que está cantando"). Consegue casar-se com ela, para a satisfação de ambos. Um dia, Pico sai à caça de javalis, e deixa a esposa em casa, a cantar sua felicidade conjugal. Esta introdução é simples, consistindo em apresentar os personagens, sua filiação e idade, suas qualidades mais notáveis, e fornecer o contexto do mito.

4-6. **"Quarta vez":** os jogos em Élide ocorriam de cinco em cinco anos. Se Pico ainda não os tinha visto quatro vezes, quer dizer que tinha menos de vinte anos.

8-15. **"Dríades":** dríades são ninfas das árvores, e especialmente dos carvalhos; náiades são dos rios (Tibre, Numício, Nar, Arno, Fárfaro e Ânio são exemplos de rios italianos); Diana Cita (ou Táurica, porque vinha de Táuris, na Cítia) era cultuada em Arícia, na Itália, aonde fora trazida por Orestes. Ela era também chamada *Diana Nemorensis* ("Diana do bosque"), e na região do culto havia lagos e bosques que o poeta afirma serem cheios de ninfas apaixonadas por Pico.

20. **"anos de himeneu":** idade casadoira. De fato, ela será entregue a Pico "pelo Amor", em casamento.

31-70. **"De alentado ginete":** enquanto Pico caça javalis, é visto pela deusa-feiticeira Circe, filha do Sol e personagem importante da Odisséia. A bruxa se apaixona pelo jovem rei, e não conseguindo aproximar-se dele, por causa da velocidade de seu cavalo e da multidão de companheiros que o cercam, usa de magia: forma um javali falso, que atrai Pico a um ponto de densa mata, em que é forçado a descer do cavalo para continuar a perseguição.
Resta um obstáculo: os companheiros de caça, que ela dispersa enchendo a floresta de escura névoa. Estando Pico isolado e em lugar seguro, Circe lhe aparece e declara seu amor, pedindo-lhe que se case com ela.

31-33. "De alentado": *oprimir o dorso de alentado ginete* é o mesmo que *montar um cavalo robusto*. *Destra* e *sinistra* são a mão direita e a esquerda, respectivamente. O manto *fenício* é, na verdade, um manto púrpura, pois essa cor era associada aos fenícios. Ele é preso com um cinto dourado, e temos aí o figurino completo de Pico, que será muito relevante no momento da sua transformação.

36. **"Circeus":** *Circeii* é o nome latino do promontório Circeu, que Homero chama de ilha Aiaia, onde vive a feiticeira Circe.

38. **"caem":** pronunciar monossílabo, *cáem*.

46. **"versos":** as plantas, evidentemente, são ervas mágicas, que ela aliás está ali para colher; os versos são feitiços, pois em toda cultura a magia é feita em versos.

47. "aéreo": porque é uma miragem, e não tem corpo físico.

49. "mostrar": Circe manda o javali correr e *mostrar que se acolhe aos densos matos*. É um modo de dizer que o javali não apenas penetra o mato denso, mas ele o faz de modo a ser visto por Pico, que será assim induzido a descer do cavalo e segui-lo.

52. "fumantes": o mesmo que *fumegantes* ou *espumantes*. Não são, evidentemente, as costas do cavalo que fumegam e espumam, mas ele mesmo, por ser forte e bravo.

58. "o pai": Circe está produzindo névoas e escuridão, mas o poeta enfatiza como, ao esconder o Sol, ela de algum modo ofende o próprio pai. Uma maneira interessante de amplificar a aura satânica do feitiço, dando-lhe um ar de parricídio.

63. "Apto": "achando a amante (Circe) o lugar e o tempo apto [para mostrar-se a Pico]".

66-67. "Por esses": "por esses *olhos*, que encantaram os meus olhos e fazem com que eu, mesmo sendo uma deusa, suplique a ti, que és mortal".

70. "Titânia": Circe não é filha de Febo Apolo, mas do Titã Sol, divindade arcaica, chamada pelos gregos de Hélio.

71-102. "Disse": Pico rejeita rudemente as súplicas de Circe, com discurso de esposo leal e apaixonado; mas essa atitude é um tanto ingênua, para quem conhece a natureza feminina e o poder de uma feiticeira. De fato, Circe não pode suportar a humilhação sem vingar-se, e o faz por meio de uma metamorfose. Pico agora é um pica-pau (em latim, *Picus*), e seus ataques às árvores expressam indignação por ter sido tão injuriosamente privado da esposa e da forma humana. Não se pode negar o engenho do poeta ao relacionar as vestimentas de Pico, anteriormente descritas, às cores do pássaro que ele se tornou. Enquanto isso, seus companheiros o procuram, em vão, pela floresta.

83-85. "Mulher": "conhecerás o que é uma mulher, depois de amar, e ser ofendida no seu amor; para teu azar, sou mulher, amante, ofendida, e o que é pior, sou Circe". *Amante* tem o sentido simples de "[mulher] que ama [alguém]". Apreciemos a impactante gradação: *para teu dano, sou mulher, ofendida, amante, e Circe*. Tanto mais impactante porque é dupla, ecoando e ampliando a anterior.

86-89. "Ao ocaso": duas vezes ao ocaso, duas ao nascente formam quatro movimentos; três toques com a vara mágica, acompanhados de um verso cada, completam o número dez, que Pitágoras julgava perfeito. Não há muita profundidade neste simbolismo numérico, em relação ao contexto; são fogos de artifício literários.

103-125. "Circe": transformado o rei, é tempo de seus servos o seguirem. Tendo a névoa se dissipado, Circe é encontrada pelos soldados de Pico, que o procuram. Vendo-a, acusam-na do crime, e

exigem seu rei de volta, ameaçando a bruxa; mas ela, derramando poções mágicas sobre a terra e recitando suas preces diabólicas, produz um cenário terrível no entorno, confundindo os caçadores por tempo suficiente para convertê-los, um a um, em feras.

103. "lhe": o objeto indireto são, evidentemente, os companheiros de Pico, que o procuram. Então por que se encontra no singular? Ou o tradutor se distraiu, e errou, ou quis usar o singular pelo plural, figuradamente. No original o sujeito do verbo nem mesmo é Circe: são os caçadores que a encontram (*inveniunt*), e não ela que "lhes aparece".

108. "dispõem-se": pronunciado em três sílabas, *dis-põem-se*.

110-112. "A noite": Circe invoca entidades mais ou menos aleatórias, tendo em comum apenas a associação com sentimentos de terror e mistério. Assim como os efeitos de seus feitiços, ou o simbolismo numérico dos movimentos ao encantar Pico, aqui também se trata mais de criar uma atmosfera de bruxaria, do que de representar algum conteúdo mágico concreto. A noite e seus numes sugerem Selene, deusa da lua, associada com Diana e Hécate, e invocada por feiticeiras; o Caos é o abismo primordial preexistente ao mundo; o Averno é o Hades, o mundo dos mortos; Hécate, sim, é por excelência a divindade das feiticeiras.

124. "De improviso": "subitamente".

126-151. "Já": depois de mover todo o reino em busca do esposo, e de procurá-lo sozinha por seis dias, sem comer, Canente vai parar às margens do rio Tibre, e chorando cantos tristes, vai-se desvanecendo, desfazendo-se no ar. Esse local, onde morrera, ficou conhecido pelo seu nome: *Canens*.

De Aeneae Deificatione (XIV, 581-608)

ARTE: (a seguir) “Enéias apresenta Cupido a Dido”, Giovanni Battista Tiepolo, 1757



Iamque deos omnes ipsamque Aeneia virtus
Iunonem veteres finire coegerat iras,
cum, bene fundatis opibus crescentis Iuli,
tempestivus erat caelo Cythereius heros.
ambieratque Venus superos colloque parentis
circumfusa sui ‘numquam mihi’ dixerat ‘ullo
tempore dure pater, nunc sis mitissimus, opto,
Aeneaeque meo, qui te de sanguine nostro
fecit avum, quamvis parvum des, optime, numen,
dummodo des aliquod! satis est inamabile regnum
adspexisse semel, Stygios semel isse per amnes.’
adsensere dei, nec coniunx regia vultus
inmotos tenuit placatoque adnuit ore;
tum pater ‘estis’ ait ‘caelesti munere digni,
quaeque petis pro quoque petis: cape, nata, quod optas!’
fatus erat: gaudet gratesque agit illa parenti
perque leves auras iunctis invecta columbis
litus adit Laurens, ubi tectus harundine serpit
in freta flumineis vicina Numicius undis.
hunc iubet Aeneae, quaecumque obnoxia morti,
abluere et tacito deferre sub aequora cursu;
corniger exsequitur Veneris mandata suisque,
quicquid in Aenea fuerat mortale, repurgat
et respersit aquis; pars optima restitit illi.
lustratum genetrix divino corpus odore
unxit et ambrosia cum dulci nectare mixta
contigit os fecitque deum, quem turba Quirini
nuncupat Indigetem temploque arisque recepit.

* Já do piedoso Enéias a virtude
Enternecera os deuses, extinguira
Da própria Juno a malquerença idosa.
E, firme a herança do crescente Ascânio,
Repouso ao pai cabia, era já tempo
De ir lograr-se dos céus o herói troiano.

Vênus por ele interessara os numes,
E de Jove abraçando o colo augusto:
* “Pai, nunca repugnante a meus desejos,

De teu amor (lhe diz) o extremo apura,
Clementíssimo atende às preces minhas.
* Meu caro Enéias, que é por mim teu neto,
Grau de nume inferior alcance ao menos.
De algum modo nos céus meu filho admite.
Bem lhe basta uma vez entrar no reino
Onde é tudo aversão, tristeza tudo,
E haver passado por estígias ondas.”

Soou a aprovação dos deuses todos,
* Nem Satúrnia ficou de aspecto imóvel,
Antes afável anuiu ao rogo.

Então lhe disse o pai. “Sois dignos ambos
Tu, e teu filho da celeste graça.
Cumpre o desejo enfim.” – Calou-se Jove.
Com vozes gratas a exultante deusa
A mercê retribui, e, conduzida
Nas auras leves pelas níveas pombas,
* Desce à margem Laurente, onde serpeia
* O Numício, de canas assombrado,
Levando ao mar vizinho as vítreas águas.

A linda Citeréia ordena ao rio
Que tudo o que é da morte a Enéias lave,
E em silêncio no mar depois esconda.
As ordens o deus úmido executa;
Tudo quanto é mortal extrai de Enéias,
E co’a pura corrente o volve puro:
A parte só que é ótima lhe deixa.
Eis a amorosa mãe o aromatiza,
Unge de óleo divino o corpo amado,
Honra-lhe os lábios de ambrosia e néctar,
Deus o faz, que dos povos de Quirino
Indigete é chamado, e sobe às aras.

1-41. **“Já”:** depois de todos os acontecimentos da *Eneida*, e de muitos outros, chegou a hora de Enéias morrer. Por seus feitos heróicos e profunda devoção, o príncipe troiano conseguira até mesmo o respeito de Juno, antes inimiga feroz de toda a sua raça, e firmara um reino no Lácio, que seu filho Ascânio herdou. A mãe de Enéias, Vênus, solicita a Júpiter permissão para tornar o filho uma divindade, tendo em vista

sua ascendência divina e vida meritória. Todos os deuses apóiam o pedido de Vênus, até mesmo Juno, e o rei dos deuses lhe dá a autorização. A amorosa mãe lava o corpo de seu filho no rio Numício, tirando-lhe tudo o que é mortal, e depois opera nele os divinos ritos, imortalizando-o como Quirino Indigete.

9-17. **"Pai":** o tom do discurso de Vênus é apropriado ao seu caráter, como deusa da Beleza, e à sua posição como filha e súdita. Apela ao amor paternal e generoso de Júpiter, à sua clemência, por fim à compaixão que possa ter do neto. Nenhum de seus argumentos é obrigante; todos são atraentes, convidativos. A eles, corresponde simbolicamente o gesto prévio de abraçar o pescoço do pai.

10. **"De teu amor":** "apura o extremo de teu amor". Ou ainda: "atinge agora o máximo de amor que me podes ter".

12. **"por mim":** "por meio de mim". Como Vênus é filha de Júpiter, Enéias, sendo filho daquela, é neto deste.

15. **"uma vez":** segundo Virgílio, que Ovídio reproduz, Enéias teve de visitar o mundo dos mortos durante sua jornada para fundar seu reino no Lácio.

19. **"Satúrnia":** Juno, que é filha de Saturno.

25. **"retribui":** *retribuir a mercê* quer dizer, apenas, agradecer pela graça que lhe foi dada.

27. **"Laurente":** de Laurento, cidade do Lácio.

28. **"assombrado":** as canas fazem sombra no rio, por isso ele é, literalmente, "assombrado" por elas.

30-41. **"A linda Citeréia":** o rito de deificação de Enéias é em tudo semelhante a um enterro. Sua parte mortal é lavada no rio, e por ele enterrada sob o mar, que simboliza o esquecimento completo e o retorno à matéria primordial. A parte imortal, porém, é embalsamada e misteriosamente divinizada. *Indigete* quer dizer "nativo", numa referência a *Iuppiter Indiges*, o "Júpiter Nacional" dos romanos (*povos de Quirino*). Tito Lívio nos conta que Enéias era adorado com esse nome.

De Romvli Hersiliaeqve Deificatione (XIV, 805-851)

ARTE: (a seguir) “O Rapto das Sabinas”, Giovanni Francesco Romanelli, séc. XVII



Occiderat Tatius, populisque aequata duobus,
Romule, iura dabas: posita cum casside Mavors
talibus adfatur divumque hominumque parentem:
‘tempus adest, genitor, quoniam fundamine magno
res Romana valet nec praeside pendet ab uno,
praemia, (sunt promissa mihi dignoque nepoti)
solvere et ablatum terris inponere caelo.
tu mihi concilio quondam praesente deorum
(nam memoro memorique animo pia verba notavi)
“unus erit, quem tu tolles in caerula caeli”
dixisti: rata sit verborum summa tuorum!’
adnuit omnipotens et nubibus aera caecis
occuluit tonitruque et fulgure terruit orbem.
quae sibi promissae sensit rata signa rapinae,
innixusque hastae pressos temone cruento
inpavidus conscendit equos Gradivus et ictu
verberis increpuit pronusque per aera lapsus
constitit in summo nemorosi colle Palati
reddentemque suo iam regia iura Quiriti
abstulit Iliaden: corpus mortale per auras
dilapsum tenues, ceu lata plumbea funda
missa solet medio glans intabescere caelo;
pulchra subit facies et pulvinaribus altis
dignior, est qualis trabeati forma Quirini.
Flebat ut amissum coniunx, cum regia Iuno
Irin ad Hersilien descendere limite curvo
imperat et vacuae sua sic mandata referre:
‘o et de Latia, o et de gente Sabina
praecipuum, matrona, decus, dignissima tanti
ante fuisse viri coniunx, nunc esse Quirini,
siste tuos fletus, et, si tibi cura videndi
coniugis est, duce me lucum pete, colle Quirini
qui viret et templum Romani regis obumbrat’;
paret et in terram pictos delapsa per arcus,
Hersilien iussis conpellat vocibus Iris;
illa verecundo vix tollens lumina vultu
‘o dea (namque mihi nec, quae sis, dicere promptum est,
et liquet esse deam) duc, o duc’ inquit ‘et offer

coniugis ora mihi, quae si modo posse videre
fata semel dederint, caelum accepisse fatebor!'
nec mora, Romuleos cum virgine Thaumantea
ingreditur colles: ibi sidus ab aethere lapsum
decidit in terras; a cuius lumine flagrans
Hersilie crinis cum sidere cessit in auras:
hanc manibus notis Romanae conditor urbis
excipit et priscum pariter cum corpore nomen
mutat Horamque vocat, quae nunc dea iuncta Quirino est.

* Tácio morrera, e Rômulo aos dois povos
* Equilibrava as leis, quando Mavorte
* Dos mortais e imortais ao rei supremo
(Deposto o morrião) falou destarte:

"O tempo é vindo, ó pai (porquanto Roma
Em robusto alicerce está segura,
E um só braço a modera), é vindo o tempo
Em que alto galardão, promessa antiga
A mim, teu filho, a Rômulo, teu neto,
Credor do grande prêmio, se efeitue,
E o destinado ao céu se roube à terra.
No conselho dos deuses tu outrora
Me disseste, senhor: (e o pio anúncio
Gravei no coração, gravei na mente)
– Erguido aos céus por ti será teu filho: –
Ratifica a palavra sacrossanta."

Ao guerreiro anuiu o onipotente;
Os ares condensou de opacas nuvens,
No raio, no trovão pôs medo à terra.
O impávido Gradivo, à luz, e estrondo,
Vê que é dado o sinal do rapto augusto,
E, firmado na lança, ao carro salta.
* Brutos, opressos de temão sangüento,
O sonoro flagelo açoita, esperta.
Dirigindo-se o deus por entre os ares,
* Pára no Palatino, umbroso cume,
E ao filho, que ali julga os seus Quirites,
Arrebata dali co'a mão nervosa.
* Nas auras se lhe vai quanto é da morte,

Qual a plúmbea porção que sai da funda
Seu ressumante humor perde voando.
Toma o romano herói radiosa face,
Face mais digna da morada eterna,
Tal como a que se vê na purpurada
Imagem de Quirino, imagem sua.

* Por morto o claro esposo Hersília chora:
* Eis dos céus a rainha ordena a Íris
Que baixe ao mundo, e que à viúva excelsa
Estas benignas vozes pronunce:
“Ó da gente sabina e lácia gente
Honra primária, singular matrona,
Já digna esposa dum varão sublime,
Do deus Quirino agora esposa digna!
Não chores: se teu ínclito consorte
Morrendo estás por ver, segue-me os passos,
* Comigo ao bosque vem, que lá verdeja
No cimo Quirinal, e assombra os lares
* Do monarca romano.” – Íris submissa
* Pelo arco imenso de vistosas cores
Desce rapidamente: ei-la na terra,
* E o que ela a Juno ouviu lhe escuta Hersília.

“Ó deusa! (proferiu a alta matrona,
De pejo os olhos elevando apenas)
Qual delas és não sei, mas sei que és deusa:
Não cabe esse esplendor a um ente humano.
Guia, ah! Guia-me a ver o ausente esposo:
Se olhá-lo inda uma vez me dais, ó Fados,
* A presença dos céus terei na sua.”

* Nisto ao Romúleo monte se encaminha,
E leda o sobe co’a Taumântia virgem.

Súbito, das estrelas despegado,
Vem direito à montanha etéreo lume;
Os cabelos de Hersília toca, inflama,
E com ela após si revoa aos astros.

De Roma o fundador nos céus a acolhe;
Muda-lhe o corpo antigo, o antigo nome,
Hora lhe chama, e de Quirino ao lado

Goza com ele dos romanos cultos.

1-68. “Tácio”: o processo de deificação de Rômulo, fundador de Roma, é diverso do de Enéias: arrebatamento, e não funeral. Um foi purificado da mortalidade pela água, e o outro é-o pelo ar, durante uma tempestade de raios. Há também neste caso a promessa antiga do pai, vantagem que Vênus não tinha. Uma última diferença: a esposa Hersília é também arrebatada, por ordem de Juno, e o casamento dos dois é imortalizado nos céus.

1. “Tácio”: rei dos sabinos, que depois de uma guerra com Rômulo, aceitou governar em conjunto com ele. Depois de sua morte, Rômulo permaneceu como rei dos romanos e sabinos simultaneamente.

2. “Mavorte”: outro nome para Marte, deus da guerra e pai de Rômulo.

3-4. “Dos mortais”: “falou destarte ao rei supremo dos mortais e imortais”. O rei em questão é Júpiter. Marte tira o morrião em sinal de respeito, ato muito coerente com o tom que ele adotará em sua fala.

5-16. “O tempo”: Há um argumento de Marte semelhante a outro, de Vênus: sendo Rômulo filho do deus, é neto de Júpiter, e portanto seu destino interessa pessoalmente ao divino rei. Mas enquanto Vênus apelara ao amor paternal, à generosidade constante, à clemência enfim – e acrescentara o parentesco de Enéias dentro desse contexto amoroso e familiar – Marte lembra ao pai Júpiter de uma *promessa* que lhe fora feita e, embora em tom respeitoso, adverte: a palavra do rei é *sacrossanta*. Ele está reivindicando um direito – que é, para Júpiter, uma obrigação.
Portanto, se o discurso de Marte é muito respeitoso, o de Vênus era sedutor, e vai aí enorme diferença. Delicadamente, Vênus atrai para obter o que quer; humildemente, Marte exige o que é seu. Se a delicadeza de Vênus pode ser vista como malícia, a humildade de Marte pode ser rudeza de guerreiro. Há muita riqueza nesta psicologia discursiva de Ovídio, e não por acaso Bocage quis traduzir ambos os mitos. Compará-los minuciosamente é ótimo exercício de retórica.

5-16. “O tempo”: “chegou o tempo, pai, uma vez que Roma está bem firmada, e governada por um rei só, chegou o tempo de dar um grande presente, de cumprir a antiga promessa feita a mim, que sou teu filho, e a Rômulo, que é teu neto e verdadeiro beneficiário dela. Eis a promessa: Rômulo, que fora destinado ao céu, deve ser levado da terra. Tu mesmo me disseste, no conselho dos deuses, há muito tempo (mas eu gravei na memória a piedosa profecia): ‘Marte, teu filho será erguido aos céus por ti.’ Confirma, então, a sagrada promessa que fizeste.”

20. “Gradivo”: literalmente, o “marchador” (do latim *gradus*, passos).

Um dos epítetos de Marte.

23-24. "Brutos": "o sonoro flagelo açoita, esperta os brutos, opressos de temão sanguento". *Brutos* são os cavalos.

26-27. "Palatino": um dos sete montes de Roma. Foi o local que Augusto escolheu para seu palácio, e em referência a isso Ovídio põe ali o primeiro rei romano. Quirites é um nome para o povo de Roma, derivado de Quirino, como se chama Rômulo deificado. O poeta está aqui antecipando, pela escolha dos termos, os efeitos da apoteose.

29-35. "Nas auras": Enéias fora lavado no rio Numício, para perder os traços mortais; Rômulo os perde pela força do vento, como o projétil de chumbo, lançado pela funda vai-se desfazendo na fricção do ar. Aperfeiçoado por esse processo, Rômulo ganha a aparência de Quirino, como os romanos o conhecem.

36-51. "Por morto": Hersília, esposa de Rômulo, pranteia a morte do marido, mas Juno a presenteia com a imortalidade – mais que isso, com um matrimônio imortal. Dom conveniente à deusa que rege os casamentos. Íris, que deu nome ao arco pluvial, faz as vezes de mensageira. Como seu arco liga deuses e homens, ela conecta Hersília ao céu, conduzindo-a ao monte em que será deificada pelo fogo ardente dos astros. A matrona, depois da apoteose, chama-se Hora, e será cultuada ao lado de Quirino.

37. "Eis": "eis que a rainha dos céus ordena a Íris", etc.

45. "Morrendo": *estás morrendo por ver* equivale a "estás ansiosa por ver".

46-48. "Comigo": o monte Quirinal era outro dos sete montes de Roma, consagrado ao deus Quirino. *Os lares do monarca romano* são o templo dedicado ao deus. Para que houvesse tempo de já haver um monte consagrado a ele, dotado ainda de templo, deve ter havido razoável intervalo entre a deificação dos esposos. O bosque *assombra* o templo no sentido literal, de "fazer sombra".

48. "submissa": quer dizer apenas "obediente às ordens de Juno".

49. "Pelo arco": o arco-íris, é claro.

51. "E o que ela": o que Juno lhe ordenou dizer, Íris repete fielmente a Hersília. A próxima fala é a resposta da mortal (*alta matrona*).

55. "Não cabe": esta frase é apenas uma explicação de como Hersília sabe ser Íris uma deusa (pelo esplendor de sua aparência). Hersília *não* está recusando a honra da imortalidade.

58. "A presença": "na sua presença [de Rômulo/Quirino] terei a presença dos céus". Ou ainda: "só de estar com ele, já me sentirei uma deusa".

59-60. "Romúleo": o monte Quirinal. Íris é *Taumântia* por ser filha de Taumante, divindade marinha.

65. **“De Roma”:** “o fundador de Roma”, Rômulo/Quirino.

De Ivlii Caesaris Anima in Stellam Mutata (XV, 782-802; 843-851)

ARTE: (a seguir) “Morte de Júlio César”, Vincenzo Camuccini, 1798



signa tamen luctus dant haut incerta futuri;
arma ferunt inter nigras crepitantia nubes
terribilesque tubas auditaque cornua caelo
praemonuisse nefas; solis quoque tristis imago
lurida sollicitis praebebat lumina terris;
saepe faces visae mediis ardere sub astris,
saepe inter nimbos guttae cecidere cruentae;
caerulus et vultum ferrugine Lucifer atra
sparsus erat, sparsi lunares sanguine currus;
tristia mille locis Stygius dedit omina bubo,
mille locis lacrimavit ebur, cantusque feruntur
auditi sanctis et verba minantia lucis.
victima nulla litat, magnosque instare tumultus
fibra monet, caesumque caput reperitur in extis,
inque foro circumque domos et templa deorum
nocturnos ululasse canes umbrasque silentum
erravisse ferunt motamque tremoribus urbem.
non tamen insidias venturaque vincere fata
praemonitus potuere deum, strictique feruntur
in templum gladii: neque enim locus ullus in urbe
ad facinus diramque placet nisi curia caedem.
...
Vix ea fatus erat, medi cum sede senatus
constitit alma Venus nulli cernenda suique
Caesaris eripuit membris nec in aera solvi
passa recentem animam caelestibus intulit astris
dumque tulit, lumen capere atque ignescere sensit
emisitque sinu: luna volat altius illa
flammiferumque trahens spatioso limite crinem
stella micat natique videns bene facta fatetur
esse suis maiora et vinci gaudet ab illo.

* Da tua morte, ó César, teve o mundo
* Não duvidosos, tétricos presságios.
* É fama que em fulmíneas, atras nuvens
Tubas horrendas, armas estrondosas,
Duros clarins os pólos atroaram,
* Do negro parricídio anúncios dando;
É voz geral também que o Sol tristonho

Um pálido clarão mandava à terra,
Que nos ares arder se viram fachos,
E em chuveiros cair sangüíneas gotas;
De ferrugíneo véu surgir a Aurora,
De sangue o carro teu vir tinto, ó Lua,
* Com dolorosos sons o mocho esquerdo
Lugares mil entristeceu de agouros,
Noutros mil o marfim se viu chorando.
Foram cantos, e vozes de ameaço
Sentidos nas florestas consagradas;
* Aceita aos numes vítima não houve:
Feros tumultos, iminentes males
Vinham na rota fibra aparecendo;
Achou-se nas fatídicas entranhas
Decepada cabeça gotejante;
No foro, em torno aos templos, ante os lares
Os cães noturnos ulular se ouviram,
Roma tremeu, por ela andaram sombras.

Tolher o efeito de vindouros fados,
De medonha traição tolher o efeito
Não puderam do céu contudo avisos.
Entram punhais sacrílegos no templo:
Que teatro de bárbara tragédia,
Da ação nefanda, o teu Senado, ó Roma!

A alma Vênus, porém, baixando à cúria,
Entre os conscritos invisível pára,
Enquanto da perfídia os golpes fervem.

Eis de César o espírito arrebata
Sem dar tempo a que em ar se desvaneça,
Quer apurá-lo nos etéreos lumes.
* Erguendo-o, vê que luz, vê que se inflama:
Ela o solta, ele voa além da Lua.
De acesa grenha, de espaçosa cauda,
No céu girando, resplandece estrela.

1-41. “Da tua morte”: Bocage mutilou e adaptou excepcionalmente este trecho, resumindo-o a uma descrição dos agouros à morte de César, e à sua transformação em cometa. Removeu todas as referências a Augusto, a preocupação de Vênus, etc. Talvez sua

intenção principal tenha sido usar os agouros como exercício de amplificação retórica.

O texto em si não tem grandes complexidades. O assassinato é anunciado por inúmeros presságios, e o espírito de César é salvo por Vênus, que pretende transformá-lo numa estrela; mas sua força própria, seu ardor especial o tiram das mãos da deusa. Em vez de estrela fixa, torna-se um cometa, cuja forma parece mais apropriada à natureza viril e explosiva daquele que destruiu a República.

A admiração de Ovídio por César soa bastante falsa: sua lista de agouros é tão extensa e exagerada, que chega a parecer irônica. Isso, aliás, é um padrão nas tentativas ovidianas de lisonjear Augusto.

2. **“Não duvidosos”:** isto é, presságios exatos, claros.

3. **“É fama que”:** “conta-se que...”. Também é esse o sentido da expressão *é voz geral que (...)*, alguns versos depois.

6. **“parricídio”:** pode ser figurativo, pelo fato de matarem o governante de Roma, que é como um pai; mas também alude ao famoso caso de Bruto, amigo e protegido de César, que o traiu.

13. **“esquerdo”:** de mau agouro.

15. **“marfim”:** estátuas de marfim.

18. **“Aceita”:** os sacrifícios não eram aceitos pelos deuses.

20. **“rota fibra”:** intestinos, referindo-se às adivinhações por meio de entranhas de animais.

38. **“luz”:** do verbo luzir. “César luz, César se inflama”.

Glossário

A FUNDAÇÃO DO MUNDO

abaliza - distingue, marca com balizas. Forma de *abalizar*.
absortos - que se absorveram.
argêntea - da prata.
caterva - multidão.
cauto - cauteloso, prudente.
clarins - instrumentos musicais de sopro, de som estridente.
cingindo - rodeando, cercando, ornando. Forma de *cingir*.
circunfluente - que corre à volta.
embrandecida - que se fez branda.
ênea - feita de bronze.
esbroando - desfazendo, esboroando. Forma de *esbroar*.
escandecer-se - pôr-se em brasa, inflamar-se.
estígia - relativo ao rio infernal Estige.
esparzisse - difundisse, espargisse. Forma de *esparzir*.
éter - céu, fluido cósmico condutor da luz e do calor pelo espaço.
fero - bravio, indômito.
flavo - amarelo, fulvo, dourado, cor de trigo.
grão - redução de grande.
ignotas - desconhecidas, ignoradas, obscuras.
infando - abominável, horrível, inaudito.
infenso - inimigo, hostil, adverso.
inóspitos - que não oferecem hospitalidade.
messes - colheitas, searas maduras.
Nume - o ser divino.
oblíquas - inclinadas.
obstava - opunha.
orbe - esfera.
orbicular - circular, esférico, globular.
pélago - mar alto.
plagas - regiões, países.
priscas - antigas, velhas.

progênie - ascendência, linhagem.
próvido - providente, cuidadoso, acautelado.
pugnavam - lutavam.
salitroso - da natureza do salitre.
searas - campos semeados de cereais.
sibilar - assobiar, silvar.
sotoposto - que está por baixo de.
tropel - turba, balbúrdia.
tubas - instrumentos musicais de sopro da família dos metais.

O CASTIGO DE LICÁON

apraz - agrada, é aprazível. Forma de *aprazer*.
atroz - cruel e desumano, que excede quanto é imaginável.
anguípedes - com pés de dragão.
cãs - cabelos brancos.
catadura - aspecto, aparência, cariz.
celícolas - habitantes do céu.
cerviz - parte posterior do pescoço, nuca, cachaço.
circunsonante - que soa em redor.
ebúrneo - semelhante ao marfim, na cor ou na lisura.
espavorido - que está muito assustado, apavorado.
estígio - relativo ao rio infernal Estige.
freme - estremece, vibra, treme.
fulgentes - brilhantes, luzentes.
grão - redução de *grande*.
infando - abominável, horrível, inaudito.
inóspitos - que não oferecem hospitalidade.
melenas - madeixas.
meneando - movendo de um lado para outro, balançando.
montícolas - que é criado ou vive nas montanhas.
nefanda - torpe, execrável, contrária à natureza.
nímia - desmedida, excessiva.
numes - seres divinos.
sobranceiro - altivo, elevado.
sotopostas - que estão por baixo de.

O DILÚVIO

aferrolha - fechar com ferrolho.

apraz - agrada, é aprazível. Forma de *aprazer*.
aras - altar gentílico onde se faziam os sacrifícios.
assenso - ato de assentir.
atras - funestas, negras, lúgubres.
atroa - faz estremecer, abala, aturde. Forma de *atroar*.
baixel - pequeno navio ou barco.
cérulo - azul-celeste, verde-mar.
cingem - rodeiam, cercam, ornam. Forma de *cingir*.
delfins - golfinhos.
desparzir - espalhar, espargir, derramar um líquido.
destarte - deste modo, desta forma, assim.
encanecida - antiga, envelhecida, experiente.
equóreo - do alto-mar.
escandecida - posta em brasa, inflamada, ardente.
fragor - estrondo medonho, estampido de algo que se deflagra.
franqueia - passa além de, galga.
fulvos - de cor amarelo-torrada, alourados, dourados.
grão - redução de *grande*.
iroso - colérico, furioso.
mádidas - umedecidas, orvalhadas, molhadas.
mancebo - jovem rapaz.
manes - sombras ou almas dos mortos, consideradas como divindades entre os romanos.
melena - madeixa.
núncia - mensageira, precursora.
numes - seres divinos.
ósculo - beijo.
outeiros - montes, colinas.
pego - o ponto mais fundo, num rio, onde não se tem pé.
pélago - mar alto.
pejadas - cheias, carregadas, prenhes.
portento - prodígio, maravilha, coisa rara, insólita.
portentosa - prodigiosa, assombrosa.
procelas - tormentas no mar, tempestades.
procelosas - tempestuosas, tormentosas.
prófugas - errantes, fugitivas, desertoras.

próvida - providente, cuidadosa, cautelosa, prudente.
roçagantes - que se vão arrastando pelo chão.
sanhudo - colérico, furioso, irado, sanhoso. Que tem sanha.
searas - campos semeados de cereais.
sotoposta - que está por baixo de.
torreões - torres largas e com ameias, sobre castelos.
ulmeiro - grande árvore frondosa.
undívago - que vagueia sobre as ondas.
undoso - que tem ondas, ondeante.
vate - aquele que vaticina, profeta. Poeta.

IO

alteia - torna-se mais alto. Forma de *altear*.
alvura - brancura, pureza, candura.
antolha - figura na imaginação, põe-se diante dos olhos.
apascentá-la - pastoreá-la, guiá-la.
aras - altar gentílico onde se faziam os sacrifícios.
arcádicas - da Arcádia.
ataviado - enfeitado, adornado.
avena - antiga flauta pastoril, geralmente feita do talo da aveia.
caduceu - vara de louro, com duas serpentes enroscadas e encimada por duas asas, que era atributo de Mercúrio e insígnia dos antigos emissários e arautos.
canora - harmoniosa quando canta ou soa, suave, sonora.
celebérrima - que muito se distingue por suas qualidades ou feitos.
cerúleas - azuis-celeste.
cinge - rodeia, cerca, orna.
consorte - companheira na sorte.
deprecara - suplicara com instância.
desditosa - quem tem desdita, azar ou infelicidade. Desventurada, infeliz, malfadada.
embrandece - abranda, amolece.
espadanando - jorrando, espalhando.
espavorida - que está muito assustada, apavorada.
fados - conjunto inevitável de acontecimentos, fatalidades.
ferrolhá-la - fechá-la cuidadosamente, prendê-la.

freme - estremece, vibra, treme.
galero - chapéu que só podia ser usado pelos flâmines de Júpiter na Roma Antiga.
hamadríadas - ninfa dos bosques que nascia e morria com uma árvore, que lhe estava votada e na qual a supunham encerrada.
ledas - alegres, contentes.
lutuosos - cobertos de luto, triste, fúnebre.
malfadada - desditosa, mal-agourada.
manes - sombras ou almas dos mortos, consideradas como divindades entre os romanos.
náiade - divindade feminina que presidia aos rios e às fontes.
nonacrinas - relativo à Nonacris (uma montanha da Arcádia).
nume - ser divino.
oculoso - que tem olhos. Oculado.
palustres - pantanosos, lodosos.
pascer - fazer pastar, apascentar.
pejo - acanhamento, vergonha, pudor.
prófuga - errante, fugitiva, desertora.
tálamo - leito conjugal, bodas, núpcias.
talares - asas nos pés com as quais se representa Mercúrio.
torneia - dá a volta a, anda ao redor de.
toro - leito nupcial, tálamo.
transmontando - desaparecendo o sol. Pondo-se, tramontando.
venatório - diz respeito à caça. Cinegético.

O precipício de Faetonte

escandeceram - puseram-se em brasa, inflamaram-se.
incauto - desprevenido, imprudente, ingênuo.
insólito - extraordinário, raro, singular.
nume - ser divino.
pego - o ponto mais fundo de um rio, lago, etc. Sorvedouro.
quadriga - carro puxado por quatro cavalos.
serpe - linha de adorno em forma de serpente. Serpente.

A gruta da Inveja

negreja - mostra-se negro ou escuro, escurece, causa sombra, infunde tristeza.

tartáreos - relativos ao Tártaro ou Inferno.
verdugo - algoz, carrasco.
vipéreas - viperinas. De víboras, ou a elas relativo.

ROUBO DE EUROPA POR JÚPITER

airosamente - de modo elegante.
alteia - torna-se mais alto.
armentio - o mesmo que armento, rebanho (gado de grande porte: vaca ou cavalo).
barbela - papada.
boninas - flores-do-campo, margaridas.
enfuna - enche-se de vento.
grão - redução de *grande*.
nume - ser divino.
pascer - fazer pastar, apascentar.
sestra - sinistra, esquerda.
sidônio - relativo a Sídon, antiga cidade fenícia.
tírias - natural de Tiro, antiga Fenícia. Hoje, Sur, no Líbano.

A MORTE DE PÍRAMO E TISBE

absorta - alheada, distraída. Imersa num pensamento e alheia a quanto a rodeia.
aqueduto - obra de cantaria para dar passagem às águas sobre arcadas, ou por baixo das estradas e caminhos-de-ferro.
baqueia - arruína-se, morre. Prostra-se.
borbotões - golfadas, jorros, lufadas.
cerúleas - azuis-celeste.
contíguas - imediatas, próximas. Que se tocam por um lado.
descorando - perdendo as cores, tornando-se pálido.
ermo - lugar despovoado e solitário.
freme - estremece, vibra, treme. Forma de *fremir*.
frondífera - frondosa, que tem folhas.
ingentes - desmedidos, enormes. De grandes dimensões.
malfadado - desditoso, mal-agourado.
mancebos - jovens rapazes solteiros.
negreja - mostra-se negro ou escuro, escurece, causa sombra, infunde tristeza, forma de *negrejar*.
ósculos - beijos.
penhor - sinal certo, prova.

purpureia - dá cor púrpura.
rociados - orvalhados, umedecidos, cobertos.
rubra - de cor vermelho vivo, cor de sangue, cor de fogo.
tépida - morna, pouco quente, quebrada de friúra.
torvo - sinistro e pavoroso. Terrível.

CADMO E HERMIONE

buliçosa - agitada, irrequieta.
cerúleas - azuis-celeste.
cinge - rodeia, cerca, orna.
consorte - companheira na sorte.
erigido - erguido, levantado.
infensa - que se opõe a. Adversa, hostil, inimiga.
lúbricos - escorregadios, lascivos.
numes - seres divinos.
portentos - prodígios, maravilhas.
prófuga - fugitiva, desertora.
serpe - serpente.
sibila - assobia, silva.

ATLANTE CONVERTIDO EM MONTE

boreais - que vêm do norte.
crestantes - que queimam superficialmente, levemente.
espólio - despojos de um animal.
frisões - naturais de Frísias, ou das Ilhas Frísias.
grão - redução de *grande*.
hespéria - ocidental.
lassos - cansados, fatigados.
líbicas - da Líbia.
melenas - madeixas.
numes - seres divinos.
pascendo - pastando, comendo (pasto).
penedos - rochedos, penhascos.
sinistra - esquerda.
vipéreo - viperino. De víboras, ou a elas relativo.

O ROUBO DE ORÍTIA POR BÓREAS

adeja - esvoaça, voa.
alígero - alado, veloz.

atroa - faz estremecer, abala, aturde.
baixel - pequeno navio ou barco.
carreira - corrida.
destarte - deste modo, desta forma, assim.
egrégio - ilustre, insigne, nobre, notável.
fereza - ferocidade, crueldade.
fulvas - de cor amarelo-torrada, alouradas, douradas.
grão - redução de *grande*.
hórrido - horrível, horrendo.
ínclitos - ilustres, célebres.
manes - sombras ou almas dos mortos, consideradas como divindades entre os romanos.
pulverulento - cheio ou coberto de pó.
quadra - é apropriado ou conveniente. Convém.
saraiva - granizo, pedrisco.

PROGNE, TEREU E FILOMENA

abominosa - merecedora de abominação.
abona - dá por bom.
absorta - alheada, distraída. Imersa num pensamento e alheia a quanto a rodeia.
açor - ave de rapina, do gênero falcão.
adeja - esvoaça, voa.
aferrado - preso com ferro.
afervore - encha-se de fervor.
agoureira - que agoura.
agouro - sinal que pressagia.
anelando - desejando ardentemente. Almejando, ansiando.
aprestam-se - aparelham-se, aprontam-se.
arrojam - precipitam, são lançadas.
artífice - artesão.
assombrada - sombreada.
ateada - posta em fogo.
atroz - cruel e desumano. Que excede quanto é imaginável.
áureo - de ouro, da cor-de-ouro.
baixel - pequeno navio ou barco.
báquicas - relativas ao Baco ou ao vinho.
brama - solta gritos de cólera.

cândida - ingênua, pura, inocente.
clamor - brado, gritos tumultuosos.
cervinas - relativas a veado.
cinge - rodeia, cerca, orna.
consorte - companheira na sorte.
consternado - profundamente triste, muito desalentado.
cruento - cruel, sanguinolento.
declive - inclinado, íngreme.
descora - perde a cor.
desparzido - espargido, difundido, espalhado.
despenhou - precipitou por um despenhadeiro.
dossel - capelo. Cobertura ornamental sobre tronos, liteiras, altares ou camas.
egrégio - ilustre, insigne, nobre, notável.
encanecido - enfraquecido. Cada vez mais decadente.
êneos - feitos de bronze.
enleia - envolve, ata, entrelaça.
equóreo - do alto-mar.
erma - despovoada e solitária.
execrando - abominável, terrível.
facúndia - eloqüência, facundidade.
famulentos - vorazes, ávidos, ansiosos.
fero - bravio, indômito.
férvido - ardente, fervoroso, veemente.
funérea - fúnebre, lutuoso.
furiais - furiosos.
gangética - do rio Ganges, ou a ele relativo.
grangeia - adquire, consegue.
grão - redução de *grande*.
hástea - vara da lança, da haste, etc.
ideei - concebi, criei na mente.
ígneas - que tem fogo ou é de fogo. Ardente.
ímpio - desumano, cruel.
inerme - desarmado, inofensivo.
infamada - infame, desonrada.
infâmia - ato ou dito que revela sentimentos vis.
infando - abominável, terrível, inaudito.

infausta - infeliz, funesta.
insânia - fatuidade, insanidade, loucura.
insígnias - adorno emblemático. Divisas, emblemas, símbolos.
júbilo - grande contentamento, alegria expansiva.
lautas - abundantes, magníficas.
lavor - trabalho manual. Trabalho de agulha.
ledo - alegre, contente.
luziu - brilhou, resplandeceu, refulgiu. Forma de *luzir*.
macerado - mortificado, macilento.
malfadada - desditosa, mal-agourada.
manes - sombras ou almas dos mortos, consideradas como divindades entre os romanos.
mavioso - agradável, suave, doce, terno.
miseranda - digno de dó, lastimável, deplorável.
nefando - torpe, execrável, contrário à natureza.
negrejantes - que escurece, causa sombra, negreja.
níveo - branco como neve.
numes - seres divinos.
oblações - oferenda, oferta.
opróbrio - ignomínia, infâmia, baixeza, degradação.
paços - cortes, palácios.
pâmpanos - ramos tenros de videira com folhas. Parras.
patentear - tornar patente, mostrar.
penhor - penhor de amor: os filhos.
pertinaz - obstinado, teimoso, contumaz.
progênie - ascendência, linhagem.
prônuba - nupcial, casamenteira.
propício - benigno, favorável.
purpúrea - cor de púrpura, vermelha.
quebrantado - abatido, arrasado, quebrado.
rafeiro - diz-se de ou certa raça de cães para guardar o gado.
recôndito - profundo, do âmago. Oculto, ignorado.
régios - próprio do rei, relativo ao rei, real.
rijos - duros. Intensos, fortes.
seara - campo semeado de cereais.
serpe - serpente.
tácito - que não está declarado, mas que se subentende.

Implícito.
tálamo - leito conjugal, bodas, núpcias.
tenções - atos da vontade pelos quais formamos um projeto.
toa - soa fortemente, estrondeia.
tolhe - proíbe, veda, impede.
toro - leito nupcial, tálamo.
torpe - sórdida, infame, ignóbil.
torquês - instrumento de metal formado de duas peças com as quais se pode arrancar ou apertar um objeto.
tragarei - farei desaparecer. Aniquilarei, destruirei.
vergôntea - descendente em tenra idade, prole.
volve - revolve, agita. Dá volta a.

A DESCIDA DE ORFEU AOS INFERNOS A BUSCAR EURÍDICE

acerbo - azedo. Áspero, rigoroso.
agouro - presságio, predição.
artifício - arte, indústria, ardil, artimanha.
áspide - espécie de víbora.
baralhada - perturbação da ordem. Confusão, desordem.
cobiçoso - cheio de cobiça. Ávido.
crepitar - estalar como as faíscas que ressaltam da madeira incendiada, ou como o sal que se deita ao fogo.
crivos - espécie de bordados.
deidades - divindade, nume.
derradeiro - que termina a série de. Último.
desparziu - espalhou, espargiu, derramou um líquido.
domicílio - localidade onde se tem residência.
erriçam - deixam ou ficam (pêlo ou cabelo) espetado ou levantado. Eriçam.
esconso - escondido, oculto.
exangües - débeis, enfraquecidos.
exultai - manifestai grande contentamento.
facho - tocha, archote. Facho de Himeneu, símbolo do matrimônio.
fereza - braveza das feras. Ferocidade.
fugaz - que foge com rapidez.
imoto - que não se mexe. Fixo, imóvel.
ingente - desmedido, enorme. De grandes dimensão.

intenta - tem ou forma o intento de. Projeta.
ledo - alegre, contente.
lira - instrumento de cordas dedilhadas.
logram - desfrutam, fruem, gozam.
lutuoso - coberto de luto.
malfadada - desditosa, mal-agourada.
mesto - triste, lastimoso.
miseranda - digna de dó, lastimável, deplorável.
misérrima - pessoa demasiado infeliz.
nume - ser divino.
paços - cortes, palácios.
prantear - derramar pranto por, lastimar.
rijos - duros, intensos, fortes.
roto - rompido, desbaratado, destruído.
rutilantes - que rutilam, resplandecentes, luzentes, muito brilhantes.
sustidos - parados, pendurados, pendentes, suspensos.
tartáreo - relativo ao Tártaro ou ao inferno.
trifauce - que tem três faces ou goelas.
turba - multidão, populaça, vulgo.
vãmente - de modo vão, inutilmente, sem proveito.
vate - poeta, profeta, aquele que vaticina.
volve (os olhos) - dá uma olhadela, uma mirada.

CINIRAS E MIRRA

abominosa - que pratica abominação.
acerba - azeda. Áspera, rigorosa.
agouro - presságio, predição.
amomo - perfume ou gênero de plantas a que pertence o gengibre, cardamomo, etc.
anoso - velho.
apraz - agrada, é aprazível.
arroja - precipita, é lançada.
atroz - cruel e desumano, que excede quanto é imaginável.
augusto - digno de respeito e veneração. Sagrado, divino.
brandindo - agitando (a arma) antes de descerrar o golpe.
cíprio - natural, habitante ou cidadão de Chipre.
consorte - companheiro na sorte.

contendem - têm contenda, disputam, altercam.
destarte - deste modo, desta forma, assim.
desvelo - cuidado carinhoso, dedicação.
ebúrnea - semelhante ao marfim, na cor ou na lisura.
empeceram - impediram, dificultaram, estorvaram.
enxovalhem - deslustrarem, injuriarem, afrontarem.
equórea - do alto-mar.
estígio - relativo ao rio infernal Estige.
evo - eternidade, perpetuidade.
excelsos - eminentes, excelentes, sublimes.
expire - exale, lance ar soprando.
facho - tocha, archote.
farpões - farpas grandes, dardos, arpões.
flava - amarela, fulva, loura.
frenesi - excitação, impaciência.
frígido - álgido, gelado, regelado.
grenha - juba, trunfa.
indômita - indomado, não vencido.
infâmia - calúnia, desonra, ignomínia. Ato ou dito que revela sentimentos vis.
infausto - infeliz, funesto.
ingente - desmedido, enorme. De grande dimensão.
insta - pede com insistência, urge.
intentas - tens ou formas o intento de. Projetas.
irresoluto - que não sabe resolver-se. Hesitante.
luz - brilha, resplandece, refulge.
magos - encantadores, muito bonitos, fascinadores.
malfadada - desditosa, mal-agourada.
manando - brotando, jorrando, derramando, fluindo.
mancebos - jovens rapazes solteiros.
messes - searas maduras.
minora - abranda, alivia, atenua, suaviza.
mirra - goma resinosa odorífica e balsâmica produzida por uma árvore da Arábia, utilizada em certos cosméticos e farmacêuticos.
misérrima - superlativo de mísera.
nefanda - torpe, execrável, contrária à natureza.

opróbrio - ignomínia, infâmia, baixeza, degradação.
pejo - acanhamento, vergonha, pudor.
pressago - pressagioso.
pretensores - pretendendor.
primícias - conjunto dos primeiros produtos da terra.
recôndito - profundo, do âmago. Oculto, ignorado.
redolente - que tem cheiro, geralmente agradável. Aromático, odorante, odorífero, oloroso.
searas - campos semeados de cereais.
sinistra - esquerda.
sulfúrea - que tem a natureza do enxofre.
tácitos - que não estão declarados, mas que se subentendem. Implícitos.
tálamo - leito conjugal, bodas, núpcias.
tenteando - apalpando, tateando.
tépidas - mornas, pouco quentes, quebradas de friúra.
terrífico - que inspira ou causa terror. Terrificante.
tição - pedaço de lenha acesa ou meio queimada.
tolhei - proibi, vedai, impedi.
toro - leito nupcial, tálamo.
turba - multidão, populaça, vulgo.
vipéria - viperina. De víboras, ou a elas relativo.

MIDAS CONVERTENDO TUDO EM OURO

acerba - azeda. Áspera, rigorosa.
anui - aprova, assente, concorda, consente.
áurea - de ouro, da cor do ouro.
aurífera - que encerra ouro.
coorte - gente armada.
frígios - naturais da Frígia.
funesto - que traz consigo a morte. Sinistro, desgraçado.
grão - redução de *grande*.
lauta - abundante, magnífica.
mádidos - úmidos, orvalhados.
messe - seara madura.
nume - ser divino.
portentoso - prodigioso, assombroso.
séquito - cortejo, seguimento, acompanhamento.

titubante - que titubeia, vacila.
turba - multidão, populaça, vulgo.
undécima - que ou o que ocupa o lugar de número onze numa série. Diz-se de cada uma das onze partes iguais de um todo.
vate - aquele que vaticina, profeta. Poeta.
vides - videiras.

A GRUTA DO SONO

equóreas - do alto-mar.
fragosa - em que há fragas, penhascosa, escabrosa, áspera.
ignavo - preguiçoso, indolente; cobarde.
lânguida - desfalecida, abatida.
locução - modo de falar, de pronunciar.
messes - searas maduras.
umbrosa - que tem ou dá sombra; muito copada.

ÉSACO E HESPÉRIA

açor - ave de rapina, do gênero falcão.
adem - pato-real.
ervoso - em que abunda erva, relvoso.
fados - conjunto inevitável de acontecimentos, fatalidades.
funesta - que traz consigo a morte. Sinistra, desgraçada.
grão - redução de *grande*.
insigne - destacado, distinto, famoso, ilustre, notável.
macera - mortifica, amolece, machuca.
paço - palácio, corte.
peçonha - veneno.
pélago - o mar alto, abismo.
serpe - serpente.
umbroso - que tem ou dá sombra; muito copado.
verdugos - algozes, carrascos.

O SACRIFÍCIO DE POLICENA, E A METAMORFOSE DE HÉCUBA, SUA MÃE

aras - altar gentílico onde se faziam os sacrifícios.
áureos - de ouro, dourados.
cândidos - alvos, muito brancos.
cãs - cabelos brancos.
cerviz - parte posterior do pescoço, nuca, cachaço.

ceva - sacia, regozija.
colóquio - conversação entre duas pessoas.
consorte - companheiro na sorte.
cruento - cruel, sanguinolento.
desarraigada - arrancada, afastada, extirpada.
desterro - exílio, expatriação.
ebúrneo - semelhante ao marfim na cor ou na lisura.
embevecidas - que estão em êxtase, enlevadas.
enleva-se - encanta-se, arrebata-se.
enxovalhada - manchada, suja.
ermo - afastado, isolado, retirado.
espólio - despojos. Conjunto de coisas tomadas ao inimigo durante uma guerra.
estirpe - raça, linhagem.
fado - destino, estrela, fortuna, sorte.
faustos - ditosos, prósperos, felizes.
fementido - perjuro, desleal, falso, traidor.
fereza - braveza das feras, ferocidade.
fraudulento - em que há fraude, enganador, feito com má-fé.
frenesis - excitações (causadas por impaciência, paixão, etc.).
fundeara - deitara ferro ou âncora. Ancorara.
funesto - que traz consigo a morte. Sinistro, desgraçado.
furibundo - cheio de fúria.
grão - redução de *grande*.
indigência - pobreza extrema, penúria. Privação de algo.
infesto - muito nocivo e inimigo. Pernicioso.
iníquo - injusto, malévolo, perverso.
intrépida - audaz, corajoso, resoluto.
intrepidez - coragem que não hesita ante nenhum perigo.
lacera - dilacera, rasga.
lutuoso - coberto de luto.
manes - sombras ou almas dos mortos, consideradas como divindades entre os romanos.
misérrimo - muito mísero. Pessoa muito infeliz.
pérfido - que falta à fé jurada. Infiel, traidor.
perjuro - que perjura, que quebrou o juramento.
plaga - país, região.

progênie - ascendência, origem.
regaço - seio, lugar onde se acha conforto e tranqüilidade.
régia - próprio da rainha.
sanha - fúria, ímpeto de raiva, crueldade, furor.
sanhudos - coléricos, irados, furiosos, raivosos.
trementes - que tremem, tiritantes.
verdugo - algoz, carrasco.

PICO E CANENTE

acerbas - azedas. Ásperas, rigorosas.
adejar - esvoaçar, voar.
adelgaçado - afinado. Tornado fino.
alentado - animado, forte, robusto.
atro - funesto, lúgubre.
auras - aragem, brisa.
áureo - de ouro, dourado.
bramidos - rugidos de feras.
cândidas - ingênuas, puras, inocentes.
cerdosos - que têm cerdas, hirsutos, peludos.
enfadada - aborrecida, agastada, irritada.
enjeitava - recusava, repudiava.
exprobrando - censurando.
fachos - tochas, archotes.
fados - conjunto inevitável de acontecimentos, fatalidades.
fero - bravio, indômito.
férvida - ardente, fervorosa, veemente.
ginete - cavaleiro armado de lança e adarga (escudo).
himeneu - casamento, boda.
ignoto - desconhecido, ignorado, obscuro.
instar - pedir com insistência, urgir.
lustro - período de cinco anos.
magas - mágicas.
mancebo - jovem solteiro.
miseranda - digna de dó, miserável, deplorável.
monteiros - guardas de montado.
nímia - demasiada, desmedida, excessiva, sobeja.
numes - seres divinos.
ocaso - termo, fim, morte.

penhas - rocha, penhasco.
penhor - filha. Penhor de amor: os filhos.
praza - agrada, apraz, compraz. Forma de *prazer*.
presteza - ligeireza, celeridade, agilidade.
purpúreo - de cor púrpura.
rotas - rompidas, desbaratadas, gastas, maltrapilhas.
sinistra - esquerda.
ululando - uivando, ganindo. Forma de *ulular*.

A APOTEOSE DE ENÉIAS

anuiu - aprovou, assentiu, concordou, consentiu.
apoteose - glorificação, homenagem grandiosa.
aras - pedras do altar, altares.
auras - aragens, brisas.
canas - caules das canas às margens de um rio.
estígias - infernais, relativo ao Estige.
lograr - desfrutar, fruir, gozar.
malquerença - má vontade, aversão, inimizade, malevolência.
mercê - graça, benefício, favor.
níveas - brancas como a neve.
numes - seres divinos.
unge - unta com substância oleosa.
vítreas - translúcidas, hialinas.
volve - ergue, volta.

A APOTEOSE DE RÔMULO E HERSÍLIA

apoteose - glorificação, homenagem grandiosa.
arrebata - priva, rouba.
auras - aragens, brisas.
consorte - companheiro na sorte.
destarte - deste modo, desta forma, assim.
efeitue - ponha em prática, realize.
esplendor - fulgor, brilho intenso.
excelsa - eminente, excelente, brilhante.
flagelo - azorrague para açoitar. Castigo, tormento, castigo.
galardão - prêmio, glória, honra.
impávido - destemido, intrépido. Tranqüilo ante o perigo.
ínclito - ilustre, célebre, egrégio.

leda - alegre.
morrião - capacete sem videira usado pelos soldados.
onipotente - que pode tudo.
pejo - pudor, vergonha, acanhamento.
pio - inclinado à piedade; benigno, misericordioso.
plúmbea - feita de chumbo.
ressumante - que se deixa transparecer.
temão - timão, lança da carruagem, leme.
umbroso - que tem ou dá sombra, muito copado.

A ALMA DE JÚLIO CÉSAR MUDADA EM COMETA

agouros - sinais que pressagiam. Predições.
atras - funestas, negras, lúgubres.
atroaram - fizeram estremecer, abalaram, aturdiram.
conscritos - senadores romanos.
cúria - lugar de reunião do senado romano.
fachos - luzeiro, farol. Brandão (grossa vela de cera) aceso.
fados - conjunto inevitável de acontecimentos, fatalidades.
fatídicas - funestas, trágicas; vaticinadoras.
feros - bravios, indômitos.
ferrugíneo - triste, negro, escuro.
fulmíneas - que diz respeito aos raios. Destruidoras, brilhantes.
grenha - juba, trunfa.
mocho - animal a que falta um ou dois chifres.
nefanda - torpe, execrável, contrária à natureza.
numes - seres divinos.
parricídio - homicídio de pai ou mãe.
perfídia - deslealdade, infidelidade, insídia.
presságios - agouros, augúrios.
tétricos - medonhos, tenebrosos, escuros.
tolher - proibir, vedar, impedir.
tubas - instrumentos musicais de sopro da família dos metais.
ulular - uivar, ganir.